

PUNK

ÉRAMOS PERFEITOS
UM PARA O OUTRO.

ATÉ NOS
ENCONTRARMOS.

57

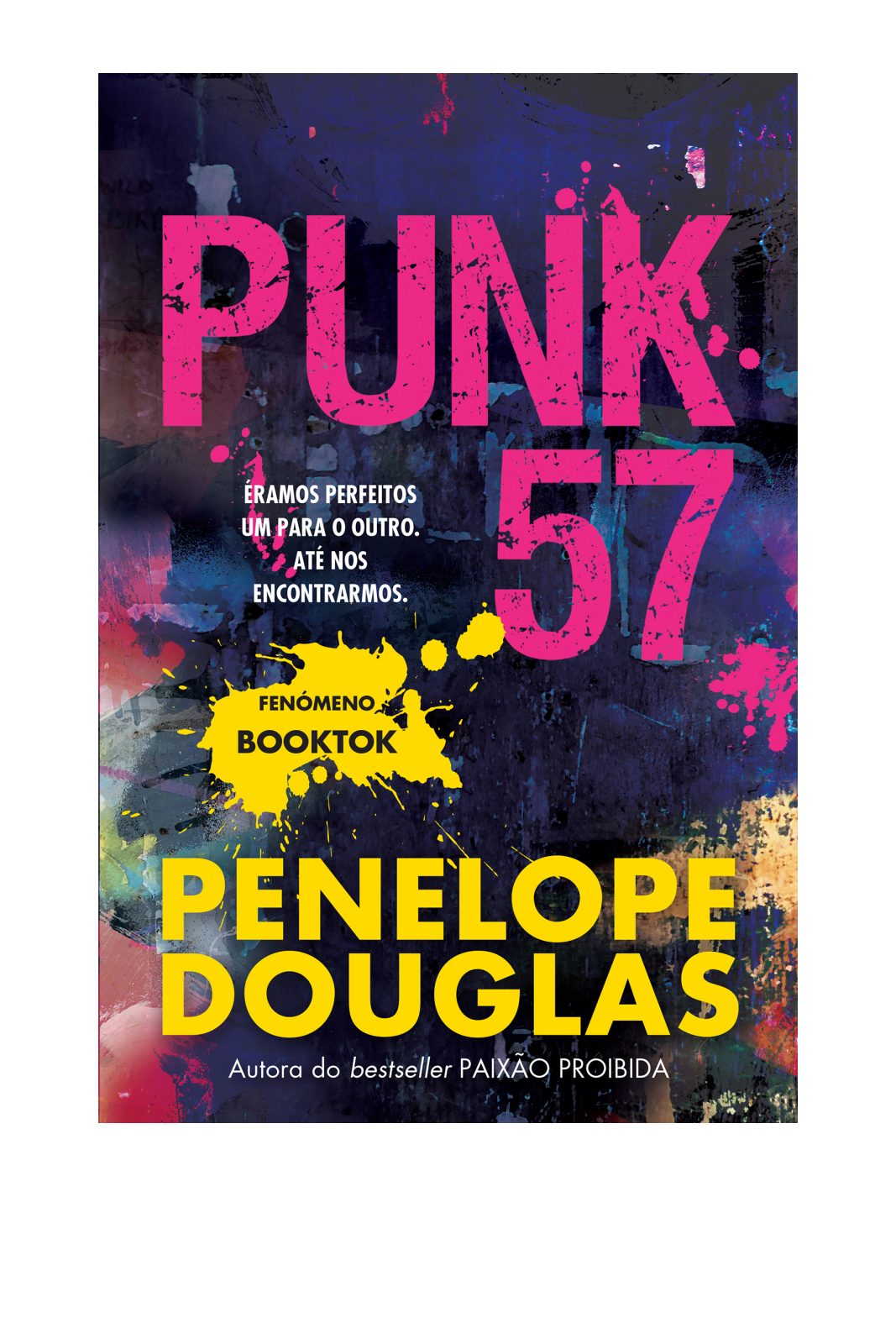
FENÓMENO
BOOKTOK

PENELOPE DOUGLAS

Autora do *bestseller* PAIXÃO PROIBIDA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



PUNK

ERAMOS PERFEITOS
UM PARA O OUTRO.
ATÉ NOS
ENCONTRARMOS.

57

FENÓMENO
BOOKTOK

PENELOPE DOUGLAS

Autora do *bestseller* PAIXÃO PROIBIDA

Ficha Técnica

Título: Punk 57
Título original: Punk 57
Autor: Penelope Douglas
Tradução: Rui Azeredo
Revisão: Isabel Garcia
ISBN: 9789896614072

Direitos reservados para Portugal
QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma chancela da empresa LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Penelope Douglas, 2016
Publicado com o acordo de Dystel, Goderich & Bourret LLC
através de International Editors' Co.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Índice

Capa	
Ficha Técnica	
CAPÍTULO 1	
CAPÍTULO 2	
CAPÍTULO 3	
CAPÍTULO 4	
CAPÍTULO 5	
CAPÍTULO 6	
CAPÍTULO 7	
CAPÍTULO 8	
CAPÍTULO 9	
CAPÍTULO 10	
CAPÍTULO 11	
CAPÍTULO 12	
CAPÍTULO 13	
CAPÍTULO 14	
CAPÍTULO 15	
CAPÍTULO 16	
CAPÍTULO 17	
CAPÍTULO 18	
CAPÍTULO 19	
CAPÍTULO 20	
CAPÍTULO 21	
CAPÍTULO 22	
EPÍLOGO	
NOTA DA AUTORA	
LETRA DE PUNK 57	
LETRA DE PEARLS	
AGRADECIMENTOS	

Penelope Douglas

PUNK 57

Tradução
Rui Azeredo

Para a Claire e Bender
e o que teria acontecido segunda-feira de manhã...

CAPÍTULO 1

MISHA

Querido Misha,

Alguma vez te contei a minha vergonha secreta?

E não, não é ver Teen Mom como tu. Anda lá, tenta negar. Sei que não és obrigado a sentar-te ali com a tua irmã, pá. Ela já tem idade para ver televisão sozinha.

Não, na verdade é bem pior e sinto-me um pouco envergonhada para te contar. Mas acho que as sensações negativas devem ser libertadas. De uma vez só, certo?

Estás a ver, há uma rapariga na escola. Conheces o tipo. Cheerleader, popular, obtém tudo o que quer... Odeio admiti-lo, em especial a ti, mas há muito tempo desejei ser como ela.

Em parte, ainda desejo.

Irias detestá-la por completo. É tudo aquilo que não suportamos. Má, arrogante, superficial... Do tipo que não aguenta um pensamento por muito tempo na cabeça ou tem de dormir uma sesta, percebes? Mas sempre senti um fascínio por ela.

E não me revires os olhos. Estou a senti-lo.

É só que... tendo em conta todos os atributos detestáveis dela, ela nunca está sozinha. Entendes?

Sinto uma certa inveja disso. Okay, sinto muita inveja disso.

É uma merda estar sozinha. Estar num lugar cheio de gente e sentir que não te desejam lá. Sentir que se está numa festa para a qual não se foi convidado. Ninguém sabe o teu nome. Ninguém quer saber. Ninguém se importa.

Estão a rir-se de ti? A falar de ti? Estão a gozar contigo, como se o mundo perfeito deles fosse muito melhor se não estivesse lá, a estragares-lhe a vista?

Estão simplesmente a desejar que percebas a dica e vás embora?

Sinto imenso isso.

Sei que é patético desejar um lugar entre as outras pessoas e sei que vais dizer que mais vale estar só e ter razão do que no meio de uma multidão e estar errado, mas... Ainda sinto isso constantemente. Algumas vez o sentes?

Gostava de saber se a cheerleader também o sente. Quando a música para e toda a gente vai para casa? Quando o dia chega ao fim e não tem ninguém a quem entreter? Quando retira a maquilhagem, descartando-se da expressão corajosa, será que os demónios que mantém encerrados começam a brincar com ela quando não há

mais ninguém com quem brincar?

Acho que não. Os narcisistas não têm inseguranças, certo?

Deve ser agradável.

*

O meu telefone dá sinal desde o centro da consola da minha carrinha e desvio o olhar da carta de Ryen para ver outra mensagem a entrar.

Caramba, estou tão atrasado.

Os tipos estão sem dúvida a pensar onde raio me enfiei e ainda são vinte minutos de carro até ao armazém. Porque é que não sou o baixista do qual ninguém quer saber?

Olho outra vez para as palavras dela, repetindo a frase na minha mente. *Quando retira a maquilhagem, descartando-se da expressão corajosa...*

Aquela frase atingiu-me com força da primeira vez que li esta carta há uns anos. E centena de vezes desde então. Como pode ela dizer tão pouco e ao mesmo tempo tanto?

Volto atrás e termino a última parte, já sabendo como acaba a carta, mas adorando a atitude dela e o modo como me faz sorrir.

*

Okay, desculpa. Tive uma pausa de Facebook, por isso agora sinto-me melhor. Não sei bem quando é que me transformei em tal idiota, mas ainda bem que te aguentas com isso.

Adiante.

Então, só para esclarecer a nossa última discussão, o Kylo Ren NÃO é um bebé. Entendes? É jovem, impulsivo, e está ligado ao Anakin e ao Luke Skywalker. Claro que se queixa! Qual é a surpresa? E ele redime-se. Aposto o que quiseses.

Muito bem, tenho de ir. Mas sim, para responder à tua pergunta, aquela letra que me enviaste da última vez parece espetacular. Força nisso e estou ansiosa por ouvir a canção inteira.

*

Boa-noite. Bom trabalho. Dorme bem.

Provavelmente, vou deixar de te escrever de manhã.

Ryen

*

Rio-me da referência dela ao filme *A Princesa Prometida*. Anda a dizê-lo há sete anos. No início, foi-nos pedido que escrevêssemos um ao outro como parte do projeto do quinto ano, emparelhando alunos da turma dela com os da minha.

Mas depois de terminado o ano letivo, não parámos. Apesar de vivermos a menos de cinquenta quilómetros um do outro e de agora termos o Facebook, continuamos a comunicar desta forma por ser algo especial.

E eu não vejo *Teen Mom*. A minha irmã de dezassete anos vê e eu fui sugado. Não sei porque contei à Ryen. Já sabia que não lhe devia dar munições para me gozar, caramba.

Volto a dobrar a carta, com as dobras gastas do papel preto a ameaçarem rasgar se voltar a desdobrá-la e lê-la uma vez mais que seja. Imensa coisa mudou nas nossas cartas ao longo dos anos. As coisas de que falamos, os assuntos sobre os quais discutimos, a letra dela... Passou de uma escrita grande e pouco refinada de uma rapariga que acabou de aprender cursiva para as penadas firmes e confiantes de uma mulher que sabe quem é.

Mas o papel nunca muda. Nem sequer a tinta prateada que usa. Ver os envelopes pretos dela na pilha de correspondência no balcão da cozinha sempre me deu um belo golpe de adrenalina.

Enfio a folha na minha caixa de luvas, entre umas quantas das minhas outras cartas preferidas da Ryen, e pego na caneta, deixando-a pairar sobre o bloco que tenho no colo.

– Lança a tua coragem, pinta os olhos e os lábios – digo entre dentes enquanto escrevo na folha –, cola as fendas e pinta por cima.

Paro e reflito enquanto mordo o lábio inferior, raspando no *piercing* que lá tenho.

– Um pouco aqui – murmuro, com a letra a dar voltas na minha mente –, para tapar os papos sob os olhos, e um pouco de rosa nas faces para espalhar as mentiras.

Anoto rapidamente as palavras, com os meus sarrabiscos mal visíveis dentro do carro às escuras.

Ouço o meu telefone de novo a dar sinal e hesito.

– Muito bem – resmungo, desejando que as malditas mensagens de texto parassem. Os meus colegas de banda não conseguem dar uma festa sem mim por cinco minutos?

Volto a levar a caneta ao papel, tentando terminar o meu pensamento, mas paro, em busca do meu cérebro. O que raio vinha a seguir. *Um pouco aqui para tapar os papos sob os olhos...*

Semicerro os olhos, repetindo o verso vezes sem conta, tentando recordar o resto.

Expiro. Merda, foi-se.

Raios.

Tapo a caneta, atirando-a e o bloco de notas para o assento do passageiro do meu *Raptor*.

Penso na última frase. *Diz o preço, hah?*

Bem, e que tal um telefonema, Ryen? Deixas-me ouvir a tua voz pela primeira vez?

Mas, não, Ryen gosta de manter o *status quo* da nossa amizade. Afinal, resulta. Porquê arriscar perdê-lo ao mudar tudo?

E ela tem razão, acho. E se ouço a voz dela e as cartas tornam-se menos especiais? Imagino a personalidade dela através das suas palavras. Isso mudará se ouvir o tom de voz dela.

Mas, e se ouvir a voz dela e gostar? E se o riso dela no meu ouvido ou a respiração dela ao telefone me assombram tanto quanto as palavras dela e quero mais?

Já estou suficientemente obcecado com as cartas. Daí estar sentado na minha carrinha num parque de estacionamento vazio, a reler uma das antigas, pois inspiram a minha música.

Ela é a minha musa e a esta altura já tem de o saber. Tenho-a usado como caixa de

ressonância há anos, enviando-lhe letras de canções para ler.

O meu telemóvel toca e vejo o nome de Dane ao olhar para baixo.

Suspiro profundamente e pego-lhe.

– O que é?

– Onde estás?

– Vou a caminho. – Ligo a carrinha e engato primeira.

– Nada disso, estás parado num parque de estacionamento qualquer a escrever letras outra vez, não é?

Reviro os olhos e desligo a chamada, atirando o telefone para o lugar do passageiro.

Conduzir ajuda-me a pensar. Ele não tem de me atormentar porque não tenho como evitar quando me ocorrem ideias.

Saindo para a estrada, acelero e rumo ao velho armazém nos arredores da cidade. A nossa banda está a organizar uma caça ao tesouro para angariar fundos para a digressão de verão daqui a uns meses e, apesar de eu achar que devíamos apenas agendar uns concertos – talvez emparelhar com outras bandas locais –, Dane achou que algo diferente atrairia uma multidão maior.

Acho que vamos ver se ele tem razão.

O cortante frio de fevereiro penetra na minha camisola de capuz e ligo o aquecimento e acendo os máximos, com as amplas luzes a projetarem um brilho na profunda escuridão à frente.

Esta é a estrada para Falcon's Well, onde vive Ryen. Se continuar, passo o armazém, a saída para o Cove – um parque de diversões abandonado – e hei de chegar à cidade dela. Desde que tirei a carta de condução, muitas vezes senti-me tentado a conduzir até lá, subjugado pela curiosidade, mas nunca o fiz. Tal como eu disse, não vale o risco de perder o que temos. A não ser que ela também concorde.

Inclino-me para o lugar do passageiro e afasto o bloco e as outras folhas, em busca do meu relógio. Deixei-o aqui ontem quando lavei a carrinha por fora e é uma das únicas coisas pela qual sou responsável. É uma relíquia de família.

Mais ou menos.

Dou com ele e seguro o volante, apertando a pulseira preta de camurça em redor do pulso com o mostrador inserido entre as duas partes. Pertenceu ao meu avô antes de passar para o meu pai no casamento dos meus pais, para ser dado ao seu primogénito. O meu pai finalmente ofereceu-mo no ano passado, apenas para eu perceber que ele perdera o mostrador original. Um relógio antigo *Jaeger-LeCoultre* que estava nas mãos da família há oitenta anos.

E hei de encontrá-lo. Mas até lá estou preso a um pedaço de lata que ocupa o seu lugar na pulseira do meu avô.

Acabo de prender a correia e ergo o olhar, vendo algo na estrada à frente.

Consoante me aproximo, distingo uma forma a avançar ao longo da estrada, com o rabo de cavalo louro, o casaco preto e as inconfundíveis sapatilhas pretas e azul-néon.

Só podes estar a gozar. Filha da puta.

Os meus faróis incidem nas costas da minha irmã, iluminando-a na noite escura. Baixo o volume da música enquanto ela roda de repente a cabeça sobre o ombro, reparando por fim que está ali alguém.

A expressão dela descontrai quando me vê e sorri, continuando a correr.

E também tem a merda dos auriculares. *Que medidas de segurança fantásticas, Annie.*

Abrando a carrinha, baixo o vidro do lado do passageiro e paro ao lado dela.

– Sabes o que pareces? – grito, com a raiva a levar o meu punho a cerrar-se sobre o volante. – Um docinho para um *serial killer*!

Rindo-se em silêncio, abana a cabeça e acelera, obrigando-me a fazer o mesmo.

– E sabes onde estamos? – contrapõe ela. – Na estrada entre Thunder Bay e Falcon’s Well. Ninguém passa nesta estrada. Não há crise. – Arqueia uma sobrancelha. – E tu pareces o pai.

Faço má cara, com a repulsa.

– Primeiro – digo. – *Eu* estou nesta estrada, por isso não está vazia. Segundo, não me abanes a cabeça lá por seres a única suficientemente pateta para correr no meio do nada à noite, e não quero que sejas violada e assassinada. E terceiro, essa foi desnecessária. Não pareço nada o pai, por isso não me dêes outra vez um pontapé nos tomates como esse. Não é nada simpático. – E então rujo: – Agora, entra lá no raio da carrinha.

Ela volta a abanar a cabeça. Tal como Ryen, adora provocar-me.

Annie é a minha única irmã e, apesar de não termos uma relação espetacular com o nosso pai, eu e ela entendemo-nos muito bem.

Continua a correr, respirando arduamente, e reparo nos papos sob os olhos e nas faces cavadas. Sinto uma grande necessidade de a repreender, mas contenho-me. Ela trabalha demasiado e mal dorme.

– Anda lá – digo-lhe, cada vez mais impaciente. – A sério, não tenho tempo para isto.

– Então, o que fazes aqui?

Olho para a estrada vazia para me assegurar de que não estou a desviar-me.

– Hoje à noite é aquela coisa da caça ao tesouro. Tenho de aparecer. Porque é que não foste para o caminho bem iluminado do parque com a segurança de duas dúzias de corredores à volta? Hum?

– Para de fazer de *babysitter*.

– Para de fazer merdas estúpidas – riposto.

Ora essa, no que raio estava ela a pensar? Já de dia é mau andar por aqui sozinha, então à noite?

Sou um ano mais velho, termino este ano o secundário, mas por norma é ela a responsável.

E isso recorda-me algo.

– Ei – resmoneio. – Esta manhã tiraste sessenta dólares da minha carteira?

Reparei que faltavam e ainda ontem levantei dinheiro. Não o gastei e com esta é a terceira vez que me desaparece dinheiro.

Ela faz a cara de miúda de dez anos que sabe que resulta comigo.

– Ia comprar material para um projeto de ciências e tu nunca gastas dinheiro. Não devia ser para desperdiçar.

Reviro os olhos.

Sabe que podia simplesmente pedir mais ao nosso pai, Annie é o anjinho dele, por

isso ele dá-lhe tudo o que ela quer.

Mas, como é que consigo zangar-me com ela? Ela vai a lugares e é uma miúda feliz. Acho que faço tudo para a fazer feliz.

Ela sorri, provavelmente vendo-me a ceder, e lança-se para a frente, agarrando o caixilho da janela e saltando para o apoio do pé sob a porta.

– Ei, podes trazer-me uma cerveja sem álcool? – pede. – Uma cerveja sem álcool *gelada* quando fores do armazém para casa? Porque ambos sabemos que só lá vais ficar cinco minutos a não ser que encontres uma rapariga gira que te incite a ser sociável, certo?

Rio-me para mim mesmo. Palermo.

– Muito bem – assinto com a cabeça. – Entra na carrinha e podes ir à bomba de gasolina comigo. Que tal?

– E uns caramelos – acrescenta ela, ignorando o meu pedido. – Ou algo para mascar. – A seguir, salta do degrau, afastando-se a correr estrada fora.

– Annie! – Acelero, apanhando-a. – Já.

Olha para mim e ri-se à socapa.

– Misha, o meu carro está já ali! – Aponta para a frente. – Olha.

Olho mais para diante na estrada e confirmo que ela tem razão. O *MINI Cooper* azul está parado na berma direita, à espera dela.

– Encontro-te em casa – diz-me ela.

– Já chega de corrida?

– Ssssssim. – Curva a cabeça num aceno teatral. – Vejo-te em casa, *okay*? Vai buscar a minha cerveja sem álcool e os doces.

Sorrio-lhe no gozo.

– Quem me dera poder, mas fiquei nas lonas.

– Tens dinheiro na consola central – riposta ela. – Não te comportes como se não enfiasses tudo em qualquer lado em vez de guardar nos sítios adequados. Aposto que tens uns cem dólares espalhados por essa carrinha.

Rio-me pelo nariz. Sim, é mesmo típico de mim. O mau irmão mais velho e desleixado que come *sticks* de mozzarella ao pequeno-almoço.

Acelero e percorro a estrada, mas ainda ouço um grito.

– E batatas fritas de aneto!

Vejo-a pelo retrovisor, as mãos em concha na boca enquanto grita. Buzino duas vezes, para que saiba que ouvi, e acelero em frente, parando diante do carro dela.

Vejo-a a abanar a cabeça ao espelho, como se eu fosse arrogante, pois não parto enquanto ela não entra no carro.

Desculpa, mas sim. Não vou deixar a minha linda irmã de dezassete anos numa rua escura às dez da noite.

Retira as chaves do bolso do casaco, destranca a porta e acena-me antes de entrar. Quando vejo que acende os faróis, engato a carrinha e por fim parto.

Carrego no acelerador e recosto-me no meu assento, percorrendo a estrada em direção ao armazém abandonado. Os faróis do carro dela desaparecem da vista no meu retrovisor quando transponho uma pequena colina e sou tomado pela preocupação. Ela não parece estar bem. Não acho que esteja doente, mas parece pálida e cansada.

Vai para casa e mete-te na cama, Annie. Deixa de te levantar às quatro e meia da

manhã e vê se tens uma noite decente de sono.

Ela é a perfeita de nós os dois. Médias altas, estrela da equipa de voleibol, treinadora da equipa de *softbol* das miuditas, já para não referir os clubes e projetos extra em que participa...

As paredes do meu quarto estão cobertas de pósteres e escritos a marcador com letras de canções por todo o lado. As do quarto dela têm prateleiras de troféus, medalhas e prémios.

Se toda a gente dispusesse da energia que ela parece ter.

Viro para a rua de cascalho, contorno umas curvas e vejo uma clareira à frente, rodeada por árvores. O edifício enorme surge alto e imponente diante de mim. A maioria das janelas tem os vidros partidos e já vejo as luzes no interior e as sombras de pessoas em movimento.

Acho que antigamente se fabricavam aqui sapatos, ou algo parecido, mas assim que Thunder Bay se tornou uma comunidade abastada e rica, a produção mudou-se para a cidade, mantendo o ruído e a poluição longe dos ouvidos e narizes frágeis dos seus residentes.

Mas o armazém, apesar de estar a cair aos pedaços, ainda tem utilidade. Fogueiras, festas, a Noite do Diabo... É agora um espaço para destruir e esta noite é nosso.

Depois de estacionar, desço da carrinha e tranco-a, mais empenhado em proteger as cartas de Ryen e o meu maço de notas do que a minha carteira na consola.

Encaminho-me para a entrada, mas assim que estou lá dentro, não paro de olhar em volta. Está a tocar «Square Hammer», de Ghost, enquanto serpenteio por entre a multidão e me encaminho para o canto onde sei que vou encontrar o resto do pessoal. Ficam sempre com os lugares ali quando há aqui festa.

– Misha! – alguém chama.

Ergo o olhar e aceno a um tipo que está com os compinchas junto a uma coluna. Mas sigo em frente. Sinto palmadas nas costas e umas quantas pessoas dizem olá, mas essencialmente vejo toda a gente em movimento, os seus risos a rivalizar com a música enquanto ecrãs de telemóvel iluminam o ar e disparam fotos em meu redor.

Acho que Dane tinha razão. Toda a gente parece adorar o evento.

O pessoal está exatamente onde sei que estaria, sentados em sofás no canto. Dane mexe no *iPad*, provavelmente a gerir o evento *online*. Veste calções *cargo* e uma *T-shirt*, o seu conjunto habitual independentemente da temperatura que se verifique no exterior. Lotus prende o seu cabelo preto num rabo de cavalo enquanto fala com um par de miúdas, enquanto Malcolm leva o seu cachimbo de água à boca e acende o bucal, com o seu encaracolado cabelo castanho a tapar os olhos indubitavelmente raiados.

Espetacular.

– Muito bem, cá estou. – Debruço-me sobre a mesa, pegando nos cabos da guitarra, um deles tombado sobre uma bebida entornada, e atirando-os para o sofá. – Onde é que me querem?

– Onde é que te parece? – dispara Malcolm, o nosso baterista. Sai-lhe fumo pela boca enquanto aponta com a cabeça para a multidão atrás de mim. – Eles querem-te, menino bonito. Vai fazer as rondas.

Espreito por cima do ombro, fazendo uma careta.

– Pois, não. – Subir ao palco e cantar ou tocar guitarra é uma coisa. Tenho uma função e sei o que fazer.

Mas isto? Entreter pessoas que não conheço para angariar dinheiro? Precisamos da pasta, e tenho os meus dons, mas conversar não é um deles. Não sei socializar.

– Eu trato da segurança – digo-lhes.

– Não precisamos de segurança. – Dane levanta-se, com o sempre presente vestígio de um sorriso estampado no rosto. – Olha para este lugar. É tudo espetacular. – Avança na minha direção e viramo-nos ambos para fitar a multidão. – Relaxa e vai conversar com alguém. Não faltam miúdas giras por aqui.

Cruzo os braços sobre o peito. *Talvez*. Mas não me vou demorar muito esta noite. A canção ainda não me saiu da cabeça e quero terminá-la.

Dane e eu observamos a multidão e vejo pessoal com cartões na mão, que recolheram à entrada. Cada um tem várias tarefas a completar para a caça ao tesouro.

*

Tira uma foto de uma pirâmide de seis pessoas.

Tira uma foto de um homem com batom.

Tira uma foto tua onde beijas um desconhecido.

*

E, então, algumas das tarefas tornam-se um pouco mais porcas.

Têm de carregar fotos para o Facebook, identificar a página da nossa banda e nós escolhemos um vencedor à sorte para ganhar... *algo*. Esqueci-me. Não estava a prestar atenção.

Toda a gente tem de comprar bilhete para entrar, mas dado que há bar aberto, nitidamente, ao que parece, não terá sido complicado atrair uma multidão e pôr as pessoas a pagar. É suposto os *barmen* pedirem a identidade de toda a gente, mas sei que é treta. Toda a gente bebe e safa-se nesta cidade.

– Então, como é que andas? – pergunta Dane. – O teu pai anda outra vez a dar em cima de ti?

– Está tudo bem.

Faz uma pausa e sei que quer ir mais fundo, mas acaba por desistir.

– Bem, devias ter trazido a Annie. Ela ia adorar isto.

– Nem pensar. – Rio-me, com o odor a erva a vaguear até ao interior das minhas narinas. – Na minha irmã ninguém toca. Entendido?

– Ei, eu não disse nada. – Finge-se de inocente, um sorriso arrogante no rosto. – Só acho que ela trabalha imenso e devia divertir-se.

– Divertir, sim. Problemas, não – corrijo. – A Annie está num bom caminho e não precisa de distrações. Tem um futuro diante dela.

– E tu não?

Sinto o olhar dele cravado em mim, o desafio a pairar no ar. Não foi isso que eu disse, certo?

Dane mantém-se calado por uns momentos, provavelmente a pensar se vou responder, mas uma vez mais limita-se a mudar de assunto.

– Muito bem, então vê lá esta – diz ele, aproximando-se mais e segurando o *iPad*

diante de nós enquanto vai passando a imagem para cima. – Hoje já entraram 458 pessoas. Há vídeos e fotos a serem publicados, centenas de identificações e as pessoas até estão a transmitir em direto nos seus perfis... Isto resultou melhor do que eu podia ter imaginado. A exposição já está a render. Os nossos vídeos no YouTube quadruplicaram em termos de visualizações.

Espreito para o ecrã, reparando no nome da nossa banda com imensas imagens no *feed*. Bebidas erguidas, raparigas a sorrir e alguns vídeos a reproduzir, enquanto ele vai passando, mostrando o armazém.

– Estiveste bem. – Olho de novo para o armazém. – Parece que a digressão está financiada.

Tenho de reconhecer o mérito dele. Toda a gente se diverte e estamos a fazer dinheiro.

– Aparece amanhã – digo-lhe –, tenho umas letras que quero experimentar.

– Muito bem – responde. – Agora, faz-me um favor e descontraí, por favor. Parece que estás num torneio de xadrez.

Faço-lhe má cara e arranco-lhe o *iPad* das mãos, deixando que ele siga para junto dos rapazes, a rir.

Vagueando por entre a animação, vou passando o *feed* enquanto caminho, reconhecendo imensos nomes de amigos e colegas de turma que apareceram para nos apoiar. O cheiro das pequenas fogueiras flutua até às minhas narinas e observo a foto de um tipo com a palavra *CAVALO* escrita a marcador por cima da braguilha. Uma rapariga aponta para lá, fazendo pose para a câmara com uma mão sobre a boca, surpreendida. Na legenda lê-se, *Encontrei um cavalo!*

Rio-me. Naturalmente, algumas das tarefas, como tirar uma foto nossa com um cavalo, não podem ser feitas sem alguma criatividade. Bom para ela.

Há um zilião de fotos e vídeos e não sei como Dane vai organizar esta merda toda amanhã. Embora, conhecendo-o, o vencedor não será aleatório, nem justo, nem nada disso. Vai simplesmente escolher a rapariga com melhor aspeto nas fotos.

Rodando as imagens para baixo, deteto um vídeo que começa a rolar e vejo uma rapariga a pegar numa espingarda automática, a apontá-la para cima e para longe dela, borrifando água. Dispara para cima e depois a água cai para baixo como uma fonte.

Ela dança brevemente de forma *sexy* e ri-se para a câmara.

– Estou numa fonte! – anuncia ela, com as mamas mal se aguentando dentro do *top*.

Veste um *top* num gelado fevereiro de New England.

Mas, então, um dos *barman* arranca a arma à rapariga e volta a pô-la no seu lugar no balcão, lançando-lhe um olhar irritado.

Ouçó uma gargalhada discreta vinda do outro lado da câmara.

A rapariga de *top* estende o braço para o telefone.

– *Okay*, isto foi embaraçoso. Passa para cá. Tenho de editar antes de publicar.

– Ah, ah – nega uma voz feminina atrás da câmara conforme recua.

Mas a rapariga do *top* lança-se a ela, guinchando:

– Ryen!

E, então, ouço risos e o vídeo termina.

Fico ali parado, a olhar para o *iPad*, com o meu coração a bater lentamente no

peito.

Ryen?

A rapariga atrás da câmara chama-se Ryen?

Não, não é ela. Não pode ser. Há montes de raparigas que, provavelmente, terão o mesmo nome. Ela não pode estar aqui.

Mas olho para o vídeo e o meu olhar é atraído para os nomes no cimo da publicação. Ela assinalou a banda e mais umas quantas pessoas, mas então reparo no nome da pessoa que fez a publicação.

Ryen Trevarrow.

Endireito as costas, o meu peito a subir e descer com a respiração ofegante.

Oh, meu Deus.

Merda! Ergo de imediato o olhar, incapaz de deixar de passar os olhos pela multidão, saltando de cara em cara.

Qualquer uma destas raparigas pode ser ela. Ela está aqui? Que merda é esta?

Volto a baixar os olhos para o *iPad* e deixo o dedo a pairar sobre o nome dela, hesitante.

Já a conheço há sete anos, mas nunca lhe vi a cara. Se a procurar agora, não haverá como voltar atrás.

Mas ela está aqui. Não posso deixar de olhar para ela. Não, podendo estar mesmo à minha frente.

É pedir demasiado a alguém.

E nunca prometemos que não nos procuraríamos no Facebook. Simplesmente, dissemos que não comunicaríamos através de redes sociais. Tanto quanto sei, pode ter-me procurado. Pode andar neste momento à minha procura, sabendo a que banda pertenco e que este é o nosso evento. Talvez tenha sido isso a trazê-la aqui.

Que se foda. Primo o nome dela e fico muito quieto enquanto se abre o perfil dela.

E, então, vejo-a.

A foto dela aparece, sinto o estômago a afundar-se e deixo de respirar.

Caramba.

Ombros esbeltos sob um cabelo castanho-claro comprido. Rosto em forma de coração com lábios grossos e um olhar atrevido com os seus olhos azuis brilhantes. Pele reluzente e um belo corpo.

Pelo menos, tanto quanto vejo.

Deixo a cabeça cair para trás e inspiro fundo. *Vai-te foder, Ryen Trevarrow.*

Ela mentiu-me.

Bem, não foi propriamente mentir, mas fiquei com a impressão pelas cartas dela que não teria este aspeto.

Imaginara uma *geek* de óculos com madeixas roxas no cabelo e vestindo uma *T-shirt* Star Wars.

Volto a olhar para a foto dela, os meus olhos a incidirem nas costas dela onde parte da pele espreita através do *design* da blusa *sexy* enquanto ela olha por cima do ombro para a câmara. Sinto o corpo a aquecer e consulto rapidamente o perfil dela, em busca de uma pista – qualquer pista – de que não se trata dela.

Por favor, que não seja. Que seja, por favor, doce, socialmente desajeitada e tudo o que sempre adorei ao longo de sete anos. Que não se complique tudo sendo *sexy*.

Mas está tudo ali. Todas as pistas confirmam que é Ryen. A minha Ryen.

O *check-in* no Gallo's, a pizaria preferida dela, as canções que ouve, os filmes que vê e tudo publicado no seu *iPhone* de última geração. O seu bem mais estimado no mundo.

Merda.

Desligo o *iPad* de Dane e começo a contornar as pessoas ao enfiar-me na multidão. Os aquecedores aquecem o ar frio e passo por mais fogueiras, sentindo o cheiro dos *marshmallows* assados. Estrondeia música dos altifalantes espalhados por todo o lado e cinjo o maxilar, enquanto tento aplacar o coração.

Dirijo-me ao balcão e pouso o *iPad*, virando-me e cruzando os braços sobre o peito. *Deixa-te estar quieto*. Se ela está aqui para me ver, há de encontrar-me. Se não, então... O quê? Deixo passar?

– Olá.

Ergo o olhar e sinto o meu coração a afundar-se no estômago. À minha frente, a pouco mais de um metro de mim, está a rapariga da fonte do vídeo.

E ao lado dela...

Incido o olhar em Ryen e sei que a amiga dela acabou de falar, mas não quero saber. Ryen permanece discretamente ao seu lado, os olhos levemente semicerrados, olhando hesitante para mim.

O cabelo dela é comprido e liso – não encaracolado como a foto do Facebook – e veste uma camisola preta sem ombros e *jeans* justos rasgados quase em farrapos. Vejo partes das coxas.

Ryen, a minha Ryen. Cerro os punhos abaixo dos meus braços, retesando os músculos.

Ela nada diz. Será que sabe quem eu sou?

Ouçó a amiga dela aclarar a garganta e pestanejo, arrastando o olhar até ela e finalmente respondendo:

– Olá.

A rapariga da fonte inclina a cabeça na minha direção.

– Então, preciso de um beijo – disse ela, num tom muito prático.

Respiro de forma acelerada, tão ciente que estou da presença de Ryen que até dói.

– A sério? – digo, reparando no seu cabelo comprido e escuro a espalhar-se em redor do cachecol que usa sobre o *top* cinzento. Está um frio do caraças, aqui.

Ela aponta para o cartão.

– Sim, é o que diz a minha caça ao tesouro.

E, então, o olhar dela percorre o meu corpo, com um sorriso a bailar-lhe nos lábios. Isto significa que quer um beijo meu?

Dá um passo em frente, mas antes de se aproximar em demasia, retiro-lhe o cartão da mão e dou-lhe uma olhadela rápida.

– Tem piada, não vejo nada disso aqui – digo, devolvendo-o.

– Estou a fazer isto por ela – explica, lançando um olhar à amiga. – Ela é tímida.

– Sou exigente – corrige Ryen e depressa volto a incidir o olhar nela, espicaçado com a sua reação impertinente.

Ela inclina a cabeça, numa atitude provocadora, olhando-me bem nos olhos.

Então, isso significa que eu não valho a pena? Ora, ora... disfarço o meu sorriso.

– Lyla! – grita alguém ali perto. – Oh, meu Deus, vem cá!

A amiga de Ryen roda a cabeça na direção de um grupo de pessoas à esquerda dela e ri-se do que quer que estejam a fazer. Então, ela deve chamar-se Lyla.

Ela volta-se de novo para mim.

– Volto já. – *Como se isso me interessasse.* – Mas, por favor, beija-a. Ela está a precisar. – E então ela repara que Ryen lhe lança um olhar fulminante e volta-se de novo para mim, esclarecendo:

– Para a caça ao tesouro, é claro.

Afasta-se, a rir. Estou quase certo de que Ryen a segue, mas não é assim.

Agora, estamos só os dois.

Sinto um suor frio a escorrer-me pela nuca e olho para Ryen, ambos a entreolharmo-nos num silêncio embaraçoso.

Porque é que não diz nada? Só pode saber quem eu sou. Claro, não sabe que recentemente formei uma banda, pois queria surpreendê-la com uma *demo* à moda antiga para a nossa graduação daqui a uns meses, mas hoje em dia é praticamente impossível ser-se invisível. Os nossos nomes e fotos aparecem nos nossos Facebooks e panfletos à entrada. Ela está a dar-me tanga?

Muda de posição e vejo o peito dela a erguer-se com a respiração pesada, como se esperasse que eu dissesse algo. Vendo que não o faço, suspira e olha para o seu cartão.

– Também preciso de uma foto onde apareça com alguém a comer algo, ao estilo *A Dama e Vagabundo*.

Mantenho os braços cruzados e estreito os olhos na direção dela. Vai continuar com esta charada?

– Ou... – prossegue, parecendo aborrecida, provavelmente devido à minha ausência de reação –, preciso de uma foto de uma foto. Seja lá o que isso queira dizer.

Permaneço calado, um pouco irritado por se comportar como se não fizesse ideia. *Sete anos e é assim que queres que nos conheçamos, Anjo?*

Ela abana a cabeça, como se fosse eu a comportar-me de forma grosseira.

– Okay, esquece.

E vira-se para ir embora.

– Espera! – alguém grita.

Dane aparece a correr atrás de Ryen, detendo-a, e depois avança na minha direção, repreendendo-me entre dentes.

– Meu, porque é que estás a olhar para ela como se tivesse dado uma estalada à tua avó? Caramba.

Ele vira-se para Ryen e sorri.

– Olá, como vai isso?

Baixo o olhar, mas só por um instante. Ela não sabe mesmo quem eu sou?

Calculo que haja aqui muita gente que nunca ouviu falar de nós. Não somos muito conhecidos e isto é provavelmente a única coisa a acontecer num raio de oitenta quilómetros, por isso, porque é que ela não haveria de cá estar, quanto mais não fosse por não ter mais nada para fazer?

Talvez não faça a mínima ideia de que se encontra neste preciso momento diante de Misha Lare. O rapaz com quem se corresponde desde os onze anos.

– Como é que te chamas? – pergunta Dane.

Ela volta-se para trás, lançando-me um olhar fulminante, indicando claramente que está de pé atrás. Graças a mim.

– Ryen – responde. – E tu?

– Dane. – E então ele vira-se para mim. – E este é o...

Mas eu dou-lhe um leve soco na barriga.

Não, assim não.

Ryen apercebe-se do gesto e une as sobrancelhas, provavelmente a tentar perceber que tipo de problema me afeta.

– Então, vives em Falcon's Well? – continua Dane, percebendo a minha deixa e mudando de assunto.

– Sim.

Ele assente com a cabeça e ficam ambos ali parados, em silêncio.

– Okay, então... – Dane une as mãos com força. – Ouvi-te dizer que precisas de comer alguma coisa ao estilo *A Dama e o Vagabundo*?

Sem esperar pela resposta, ele estende a mão para o balcão e enfia-a no recipiente com ingredientes.

Retira de lá uma fatia de limão e Ryen retrai-se.

– Um limão?

– É um desafio que não podes recusar – frisa ele.

Mas ela abana a cabeça.

– Está bem, espera – diz ele, e eu continuo a olhar para ela, incapaz de desviar o olhar enquanto tento processar que esta é Ryen.

Os dedos esguios dela escreveram-me 582 cartas. O queixo onde sei que usa maquilhagem para disfarçar uma pequena cicatriz que fez numa queda ao patinar no gelo quando tinha oito anos. O cabelo que me contou que prendia atrás todas as noites, pois não havia nada pior do que acordar com ele enfiado na boca.

Eu tive meia dúzia de namoradas e nunca conheci tão bem nenhuma delas como conheço esta rapariga.

E ela não faz a mínima ideia...

Dane regressa com um pauzinho de madeira, a ponta a suster um *marshmallow* assado vindo de uma das fogueiras.

Aproxima-se e põe-me aquilo nas mãos.

– Coopera, por favor.

E, então, vira-se para ela e pega-lhe no telefone.

– Força. Eu fotografo.

O olhar divertido de Ryen incide em mim, ficando de pronto sombrio, pois ela visivelmente não quer comer nada comigo ao estilo *A Dama e o Vagabundo*.

Mas não recua, nem se mostra recatada. Dando um passo em frente, agarra um banquinho de balcão e sobe pelo apoio para ganhar altura. Não é baixa, mas sem dúvida que fica abaixo do meu metro e oitenta e dois. Inclinando-se para a frente com os lábios abertos, olha-me nos olhos e o raio do meu coração bate desalmadamente. Tenho de recorrer a todas as minhas forças para não abrir os braços e tocar-lhe.

Mas ela detém-se.

– Vou avançar para ti de boca aberta – realça –, tens de me mostrar que o queres.

E não consigo controlar. Os cantos da minha boca soerguem-se num grande

sorriso.

Foda-se, ela é *sexy*.

Com essa não estava a contar.

E curvo-me. Ergo o *marshmallow* e abro a boca, sustendo o olhar dela enquanto ambos nos inclinamos e mordemos, detendo-nos por um momento para Dane tirar a fotografia. O olhar dela prende-se no meu e sinto a sua respiração nos meus lábios consoante o peito dela sobe e desce.

Sinto o meu corpo em chamas e quando ela se curva um pouco mais para uma trincadela extra, os lábios dela roçam nos meus, e gemo.

Recuo, engolindo o pedaço inteiro. *Raios*.

Ela mastiga o pedaço de *marshmallow*, lambendo os lábios e descendo do banquinho.

– Obrigada.

Assinto com a cabeça. Sinto o olhar de Dane e tenho a certeza de que ele percebe que se passa algo de errado. Atiro o pauzinho para o balcão e olho para ele. O sorriso dele é reservado.

Grande idiota.

Pois, está bem. Gostei do marshmallow, Dane. Gostaria de comer uma dúzia deles com ela. Se calhar não vou já a correr para casa, okay?

Sinto o telefone a vibrar no bolso e pego-lhe, vendo o nome de Annie. Primo em Ignorar. Deve estar a pensar onde me meti com os *snacks* dela. Ligo-lhe já daqui a um minuto.

– Entã... – diz Dane. – Todas aquelas fotos que estás a publicar na página... não tens um namorado que vai perseguir-nos, pois não?

Reteso-me. Ryen não tem namorado. Ter-me-ia dito.

– *Nah* – responde ela. – Ele sabe que não vale a pena amarrar-me.

Dane ri-se e eu fico a olhar para ela, à escuta.

– Não, não tenho namorado – responde ela por fim, falando a sério.

– Custa-me a acreditar...

– E também não ando à procura de ninguém – vinca, interrompendo Dane. – Já tive um em tempos, e é preciso dar-lhes banho, dar-lhes de comer, levá-los a passear...

– Então, o que é que aconteceu? – quer saber Dane.

Ela encolhe os ombros.

– Baixei os meus padrões de exigência. Ao que parece, demasiado. Depois disso, tornei-me mais exigente.

– Há algum homem à altura?

– Um. – O olhar dela incide em mim e depois regressa a Dane. – Mas nunca o conheci.

Um. Há apenas um tipo à altura. Será que se refere a mim?

Sinto o meu telefone outra vez a vibrar e enfio a mão no bolso, para o silenciar.

Espreito para cima e vejo flashes a disparar por todo o lado e dou com gente a tirar uma foto diante da parede de *graffiti* à direita.

Avanço e pego-lhe no telemóvel, apanhando-a de surpresa. Contornando-a para me pôr atrás dela, ativo a câmara, mudando para o modo *selfie*, e aponto para baixo, captando os nossos rostos no ecrã. Mas ajusto para incluir também o tipo atrás de nós

que tira uma foto a duas raparigas diante das imagens em *graffiti*.

– Uma imagem – falo baixo ao ouvido dela, apontando para a nossa *selfie* – de uma imagem – aponto para o tipo atrás de nós no ecrã a captar uma foto – de uma imagem. – E aponto para a parede de *graffiti* diante da qual se encontram.

Por fim, irrompe um sorriso no rosto dela.

– Isso foi inteligente. Obrigada.

E tiro a foto, registando o momento para a eternidade.

Antes de me afastar e despedir, inalo o odor dela, paralisando por um momento ao sorrir para mim próprio.

Vais mesmo odiar-me, Angel, quando um dia finalmente nos conhecermos e juntares as peças todas.

Ryen pega no telefone e afasta-se vagarosamente, espreitando para trás por cima do ombro antes de desaparecer no meio da multidão.

E já a quero de volta.

Enfio a mão no bolso e saco do meu telemóvel, marcando o número da minha irmã. Será que vai odiar-me imenso se lhe pedir que vá ela própria buscar os *snacks*? Mas a verdade é que ainda não sei se estou preparado para ir embora.

Mas, quando devolvo a chamada, ninguém atende.

CAPÍTULO 2

RYEN

Três meses mais tarde...

Querido Misha,

O. Que. Raio?

Isso mesmo, ouviste bem? Está dito. Até podia dizer também que esta é a minha última carta, mas sei que não é verdade. Não vou desistir de ti. Fizeste-me prometer que eu não o faria, por isso, aqui estou. Sempre a Miss Fiável como a Merda ao fim de três meses sem novidades tuas. Espero que andes a divertir-te, onde quer que estejas, seu parvalhão.

(Mas, a sério, por favor não estejas morto, okay?)

Tens as notas sobre as letras que te enviei nas minhas cartas anteriores. Agora, até que desejava ter feito cópias, pois acho que partiste de vez, mas qual é o interesse? Aquelas palavras eram destinadas a ti, e só a ti, e mesmo que não estejas a ler as cartas, ou sequer a recebê-las, preciso de tas enviar. Gosto de saber que te procuram.

Quanto a novidades, entrei na universidade. Bem, na verdade, numas quantas. É engraçado. Há tanto tempo que queria que tudo mudasse na minha vida e quando isso, por fim, está prestes a acontecer, a minha necessidade de fuga abranda. Acho que é por isso que as pessoas se mantêm infelizes por tanto tempo, sabes? Miseráveis ou não, é mais fácil ficarmos junto do que nos é familiar.

Também reparas nisso? Como todos nós só queremos seguir em frente na vida do modo mais rápido e simples possível? E apesar de sabermos que sem risco não há recompensa, ainda assim tememos tanto arriscar?

Sinceramente, tenho receio. Não paro de pensar que nada vai mudar na universidade. Ainda não sei o que quero fazer. Não vou sentir-me mais confiante ou segura das minhas decisões. Continuo a escolher as amizades erradas e a sair com os rapazes errados.

Portanto, sim, adoraria receber notícias tuas. Diz-me que estás demasiado ocupado para manter isto ou que estamos demasiado velhos para trocar correspondência, mas diz-me uma derradeira vez que acreditas em mim e que vai correr tudo bem. As merdas soam sempre melhor quando vêm da tua parte.

Não Sinto Saudades Tuas, Nem Um Bocadinho,
Ryen

P.S. Se descobro que me estás a trocar por um carro, uma miúda ou pela última versão do jogo Grand Theft Auto, vou sabotar os quadros de mensagens de Walking Dead em teu nome.

Pondo a tampa da minha caneta de tinta permanente prateada, pego nas duas folhas de papel preto e aliso-as na minha secretária antes de as dobrar ao meio. Enfiando-as num envelope a combinar, pego no pau de cera preto e sustento-o sobre a vela pousada na mesinha de cabeceira, acendendo o pavio.

Três meses.

Franzo o sobrolho. Ele nunca se manteve tanto tempo em silêncio. Misha com frequência precisa do seu espaço, por isso estou habituada a períodos sem novidades dele, mas passa-se algo.

A cera começa a derreter e seguro-a sobre o envelope, deixando-a pingar. Depois de apagar a chama com um sopro, pego no selo e pressiono a cera, selando a carta, e dou com o crânio preto e extravagante da imagem a olhar para mim.

Uma prenda de Misha. Fartou-se de eu usar o que eu recebi aos onze anos com um selo de Gryffindor de Harry Potter. A irmã dele, Annie, estava sempre a gozar com ele, gritando que tinham chegado as cartas dele de Hogwarts.

Assim, ele enviou-me um selo mais «à homem», dizendo-me para usar isso ou nada.

Ri-me. Então, está bem.

Quando começámos a escrever um ao outro há uns anos, foi um erro crasso. Os nossos professores do quinto ano tentaram emparelhar as nossas turmas com correspondentes de acordo com o género para que fosse mais confortável, mas o nome dele é Misha e o meu nome é Ryen, por isso a professora dele achou que eu era um rapaz e a minha professora achou que ele era uma rapariga, etc.

De início, não nos entendemos, mas depressa descobrimos que tínhamos uma coisa em comum. Ambos tínhamos pais que se separaram cedo. A mãe dele saiu de casa quando ele tinha dois anos e eu já não sei do meu pai desde os meus quatro anos. Na realidade, nenhum de nós se lembra sequer deles.

E agora, ao fim de sete anos e com o secundário quase a acabar, tornou-se o meu melhor amigo.

Descendo da cama, aplico um selo à carta e deixo-a na minha secretária para a enviar pela manhã por correio. Volto para trás, guardando o material de papelaria de volta na mesinha de cabeceira.

Endireitando-me, ponho as mãos nas ancas e expiro, com desconforto.

Misha, onde raio andas? Estou aqui a afogar-me.

Acho que poderia procurá-lo no Google, se me sinto assim tão preocupada. Ou procurá-lo no Facebook ou ir a casa dele. Vive apenas a uns cinquenta quilómetros e, afinal de contas, tenho a morada dele.

Mas prometemos um ao outro. Ou melhor, eu obriguei-o a prometer. Vemo-nos um ao outro, onde vivemos, conhecer pessoas de quem o outro fala nas nossas cartas iria arruinar o mundo que criámos.

Neste preciso momento, Misha Lare, com todas as suas imperfeições, é perfeito na minha mente. Ouve-me, anima-me, afasta a pressão e nada espera de mim. Diz a verdade e é o único lugar onde não tenho de me esconder.

Quantas pessoas contam com algo assim?

E por muito que queira respostas, ainda não posso abdicar disso. Há sete anos que trocamos correspondência. Isto faz parte de mim e não sei bem o que fazer sem isto. Se o procurar, tudo mudará.

Não. Vou esperar um pouco mais.

Olho para o relógio e noto que está quase na hora. Os meus amigos chegam daqui a uns minutos.

Pegando num pedaço de giz do tabuleiro na minha secretária, avanço até à parede junto à porta do meu quarto e continuo a desenhar pequenas molduras em redor das fotografias que coleí com fita-cola. São quatro.

O meu último outono na claque, rodeada por raparigas exatamente iguais a mim. O meu último verão no meu *jeep*, com os amigos empilhados atrás. Eu no oitavo ano a festejar o Dia dos Anos Oitenta, a sorrir e a posar com toda a turma.

Em cada foto, estou à frente. A líder. Com um ar feliz.

E, depois, há a foto do quarto ano. Anos antes. Sentada sozinha no banco do recreio, com um sorriso forçado para a minha mãe que me levou à Noite de Cinema na minha escola. Todas as outras crianças correm em redor e sempre que corro e tento juntar-me a elas, comportam-se como se eu não estivesse lá. Vão sempre embora sem mim e nunca esperam. Nunca me incluíam nas suas conversas.

Começam a surgir-me lágrimas nos olhos e estendo a mão para tocar no rosto na foto. Recordo aquela sensação como se tivesse sido ontem. Como se tivesse ido a uma festa para a qual não fui convidada.

Meu Deus, como eu mudei.

– Ryen! – ouço alguém do corredor.

Fungo e limpo prontamente uma lágrima quando a minha irmã abre a porta do quarto e entra a valsar sem bater. Pigarreio, fingindo trabalhar na parede enquanto ela espreita pela porta.

– Hora de dormir – diz ela.

– Tenho dezoito anos – vinco, como se isso bastasse à laia de explicação.

Não olho para ela enquanto pinto a mesma secção que terminei ontem. Quer dizer, a sério? São dez horas e ela é apenas um ano mais velha. Sou mais responsável do que ela.

Sinto o cheiro do perfume dela e pelo canto do olho vejo que tem o seu cabelo louro solto. *Fantástico.* Isso significa, provavelmente, que vem aí algum tipo e vai estar bastante distraída quando me esgueirar de casa daqui a pouco.

– A mãe enviou uma mensagem – diz. – Acabaste os trabalhos de matemática?

– Sim.

– Governo.

– Já acabei o meu resumo – respondo. – Vou trabalhar no artigo este fim de

semana.

– Inglês?

– Publiquei a minha apreciação do *Admirável Mundo Novo* no Goodreads e enviei o link à mãe.

– Que livro escolheste para ler a seguir? – pergunta.

Franzo o sobrolho ao olhar para a parede enquanto as lascas brancas tombam no chão.

– *Fahrenheit 451*.

Ela troca.

– *A Selva*, *Admirável Mundo Novo*, *Fahrenheit 451*... – diz, enumerando os meus últimos livros extra escola que leio para a mãe me aumentar a mesada. – Céus, tens um gosto mesmo de seca para a leitura.

– A mãe disse para escolher clássicos modernos – argumento. – Sinclair, Huxley, Orwell...

– Acho que ela se referia a algo tipo *O Grande Gatsby*.

Fecho os olhos e deixo cair a cabeça para trás, libertando um ressonar antes de voltar a endireitá-la, gozando com ela.

Ela revira os olhos.

– És cá uma fedelha.

– Em Roma...

A minha irmã terminou o secundário no ano passado e vai para a universidade local continuando a viver em casa. É de grande jeito para a nossa mãe, que é coordenadora de eventos e tem de sair com frequência da cidade para ir a festivais, concertos e exposições. Não quer deixar-me sozinha.

Mas, sinceramente, não faço ideia de como é que ela deixa Carson responsável. Tenho notas melhores e sou bem melhor a evitar apuros – tanto quanto elas saibam.

Além disso, a minha irmã só me quer na cama e fora da vista para se enrolar com o tipo que há de estar neste momento a caminho de cá.

Como se eu fosse contar à mãe.

Como se eu quisesse saber.

– Estou só a dizer – diz ela, apoiando uma mão na anca – que esses livros são demais para a tua cabeça.

– Não precisas de me dizer isso – alinho. – Todos aqueles conceitos dentro do meu cérebro pequenino. É suficiente para eu me sentir tão pateta como um punhado de cabelo molhado. – E depois asseguro-lhe: – Mas não te preocupes. Se precisar de ajuda, logo te aviso. Agora posso ir dormir as minhas nove horas? A treinadora amanhã vai levar-nos a fazer um circuito.

Brinda-me com um pequeno grunhido e espreita para a minha parede.

– Nem acredito que a mãe te deixou fazer isto ao quarto.

E a seguir rodopia e sai, fechando a porta.

Fito a minha parede. Decorei-a há cerca de um ano com tinta de quadro preto e uso-a para sarrabiscar, desenhar e escrever por todo o lado. As letras de Misha estão espalhadas pelo amplo espaço, assim como as minhas próprias ideias, e pequenos rabiscos.

Há fotos e pósteres e imensas palavras, tudo com um significado especial para

mim. Todo o quarto se encontra assim e eu adoro. É um lugar para onde não convido ninguém. Em especial os meus amigos. Só iriam gozar imenso com a minha arte de má qualidade que eu adoro e com as palavras de Misha e as minhas.

Aprendi há muito que não é necessário revelar tudo o que vai dentro de nós a quem nos rodeia. Gostam de julgar e sinto-me mais feliz quando não o fazem. Há coisas que permanecem escondidas.

O meu telemóvel vibra em cima da cama e viro-me para lhe pegar.

*

Lá fora, lê-se na mensagem.

*

Tocando com o dedo no meio no ecrã tátil, respondo, *Saio num minuto.*

Finalmente. Tenho de sair daqui.

Pousando o telefone, dispo o meu *top* e baixo os meus calções de pijama, largando tudo no chão. Corro para a minha poltrona e pego nos meus calções de ganga.

Depois de os vestir, enfio pela cabeça uma *T-shirt* branca, seguida por uma camisola de capuz cinzenta.

O telefone volta a vibrar, mas ignoro-o.

Já vou, já vou.

Enfio algum dinheiro e o telemóvel no bolso, deito a mão aos chinelos de dedo e levanto a janela, atirando-os para o exterior por cima do telhado do alpendre, até caírem no chão.

Prendo o cabelo em cima num rabo de cavalo e trepo à janela. Com cuidado, volto a baixá-la, deixando o meu quarto em silêncio e às escuras, como se dormisse. Com passos cautelosos sobre o telhado, avanço até ao escadote na lateral da casa, descendo até ao solo, e pego nas sandálias, correndo pelo relvado até à rua em frente, onde me aguarda a minha boleia.

Abro a porta do carro.

– Olá – cumprimenta-me Lyla ao volante enquanto eu entro. Espreito para trás e vejo Ten no assento traseiro, acenando-lhe com a cabeça.

Batendo a porta para a fechar, curvo-me e calço as sandálias, a tremer.

– Merda. Nem acredito que está este frio. O treino de amanhã vai ser horrível.

É abril, por isso aquece durante o dia, mas ao início da manhã e à noite a temperatura cai abaixo dos dez graus. Devia ter vindo de calças.

– Chinelos? – questiona Lyla, baralhada.

– Sim, vamos à praia.

– Nem pensar – interrompe Ten, no banco de trás. – Vamos ao Cove. O Trey não te mandou mensagem?

Espreito para ele por cima do ombro. *O Cove?*

– Pensei que tivessem lá posto um vigilante para afastar o pessoal?

Encolhe os ombros, com um olhar travesso.

Ooooookay.

– Bem, se formos apanhados, vocês os dois são os primeiros que empurro para baixo de um autocarro.

– Só se não te empurrarmos primeiro – cantarola Lyla, com os olhos na estrada.

Ten ri-se atrás de mim e abano a cabeça, pouco divertida. O problema de ser uma líder é haver sempre alguém a querer o nosso posto. Estava a brincar com o meu comentário. Acho que ela não estava.

Lyla e Ten – também conhecido por Theodore Edward Neilson – são, para todos os efeitos, meus amigos. Já nos conhecemos desde o início do secundário, a Lyla e eu somos da mesma claque, e eles são tipo a minha armadura.

Sim, podem mostrar-se incómodos, fazem demasiado ruído e nem sempre são boa companhia, mas necessito deles. Não queremos passar o secundário sozinhos e quando se tem amigos – bons ou não – detemos algum poder.

A escola secundária é, nessa medida, como uma prisão. Não nos safamos sozinhos.

– Tenho umas *Chucks* no chão aí atrás – diz Lyla a Ten. – Dá-lhas, está bem?

Ele mergulha, remexendo no que será provavelmente um monte de entulho no chão do *BMW* dos anos noventa que a mãe de Lyla lhe passou.

Ten larga uma sapatilha sobre o assento e depois passa-me a outra assim que dá com ela.

– Obrigada. – Pegó no calçado, descalço as sandálias e começou a calçar as sapatilhas.

Sinto-me grata pelas sapatilhas. O Cove vai estar sujo e húmido.

– Quem me dera ter sabido antes – digo, pensando em voz alta. – Teria trazido a câmara.

– Quem quer tirar fotos? – riposta Lyla. – Procura um carrossel escuro quando lá chegarmos e mostra ao Trey o que é ser homem.

Recosto-me no meu assento, com um sorriso conhecedor.

– Acho que já muitas raparigas fizeram isso.

Trey Burrowes não é meu namorado, mas sem dúvida que quer as regalias de ser. Há meses que o tenho mantido ao largo.

Tal como nós, em vias de terminar o secundário, Trey tem tudo o que é preciso. Amigos, popularidade, o mundo a curvar-se aos seus preciosos pés... Mas, ao contrário de mim, ele adora. É o que o define.

É um idiota arrogante com um cérebro em forma de *marshmallow* e um ego tão grande como as suas mamas de homem. Oh, peço desculpa. Diz-se *peitorais*.

Fecho os olhos por um segundo e expiro. *Misha, onde raio te meteste?* Só com ele consigo abrir-me.

– Bem – diz Lyla falando devagar e olhando pela janela. – Ele não te teve e é isso que ele quer. Mas não vai esperar a vida toda, Ryen. Não tarda nada passa à seguinte.

Isto será um aviso? Espreito na direção dela pelo canto do olho, sentindo o coração a começar a acelerar.

O que vais fazer, Lyla? Entrar em cena e levá-lo de debaixo de mim se eu não alinhar? Desfrutar da minha perda quando ele se fartar de esperar e foder outra? Ele já anda neste momento com outra pessoa? Talvez contigo?

Cruzo os braços sobre o peito.

– Não te preocupes comigo – digo, alinhando no jogo. – Quando eu estiver preparada, ele há de vir a correr. Independentemente de com quem andar a matar o tempo.

Ten ri-se discretamente no banco de trás, sempre no canto do meu olho e sem imaginar que me refiro a Lyla.

Não é que me importe se Trey virá ou não a correr. Mas ela está a tentar lançar-me o isco e já devia saber que não ganha nada em ir por aí.

Eu e Lyla somos as duas danadas, mas muito diferentes. Ela necessita das atenções dos homens e quase sempre dá-lhes o que querem, confundindo atenções supérfluas com verdadeiros sentimentos. Sim, ela namora com o amigo de Trey, J.D., mas não me surpreenderia se a visse a ir também atrás de Trey.

Conquistar um rapaz faz com que se sinta superior. Eles têm namoradas, mas *desejam-na* a ela. Faz com que se sinta forte.

Até perceber que eles desejam qualquer uma e então regressa ao ponto de partida.

Eu, por outro lado? Sou fraca. Só quero chegar ao fim do dia sem grandes complicações. Independentemente de quem pise para lá chegar. Algo que aprendi depois de ter sido tirada aquela fotografia minha sentada sozinha no banco na Noite de Cinema.

Já não estou só, mas sinto-me mais feliz? O júri ainda delibera sobre isso.

Colhe, colhe, colhe, nem sequer sabes, tudo o que sofreste foi o que semeaste!

Sorrio ao de leve face às letras de Misha. Enviou-mas um dia numa carta para ver o que eu achava e fazem imenso sentido. Eu estava a pedi-las, não estava?

– Detesto esta estrada – intromete-se Ten. A sua voz soa claramente incomodada e pestanejo, afastando os meus pensamentos.

Desvio a cabeça da janela para ver ao que ele se refere.

Os faróis do carro de Lyla perfuram a noite conforme a leve brisa agita as folhas das árvores, mostrando o único sinal de vida nesta via tipo túnel. Escura, vazia, silenciosa.

Seguimos pela Old Pointe Road entre Thunder Bay e Falcon's Well.

Espreito por cima do ombro, dirigindo-me a Ten.

– Morre gente em todo o lado.

– Mas não tão jovem – frisa ele, remexendo-se com desconforto no seu assento. – Pobre miúda.

Uns meses antes, uma corredora chamada Anastasia Grayson, apenas um ano mais nova do que nós, foi encontrada morta na beira desta mesma estrada. Sofreu um ataque do coração, embora eu não saiba ao certo porquê. Tal como referiu Ten, é invulgar morrer alguém assim tão jovem.

Escrevi sobre o assunto a Misha, para saber se ele a conhecia, dado que viviam na mesma cidade, mas foi uma das muitas cartas que deixou sem resposta.

Virando à direita para Badger Road, Lyla mergulha a mão na sua consola e retira de lá um tubinho de *gloss* para os lábios. Baixo o vidro, inspirando o ar puro e frio do mar.

O oceano Atlântico fica logo a seguir às colinas, mas já sinto o cheiro a sal no ar. Dado que vivo vários quilómetros para o interior, por norma mal dou por ele, mas ao vir para a praia – ou ao Cove, o velho parque temático junto à praia onde vamos agora – até me parece outro mundo. Sou varrida pelo vento e é como se sentisse a areia debaixo dos pés.

Quem me dera que ainda estivéssemos todos a ir para a praia.

– O J.D. já chegou – realça Lyla, estacionando num velho e quase vazio parque de estacionamento. Os faróis dela incidem numa *GMC Denali* azul-escura parada ao calhas fora de qualquer lugar assinalado. Calculo que as marcações de estacionamento há muito se tenham apagado.

Ervá a dar pela cintura balança ao sabor da brisa de onde brotou por entre as rachas no piso e apenas a lua projeta luz suficiente para revelar o que jaz por detrás das cabinas destroçadas da bilheteira e das entradas. Impondo-se imóveis e sombrias, veem-se torres e construções ao longe e avisto várias estruturas enormes, uma delas circular – provavelmente uma roda-gigante.

Ao rodar a minha cabeça cento e oitenta graus, vejo construções similares espalhadas por ali, observando o esqueleto de velhas montanhas-russas ali paradas e assustadoras.

Lyla desliga o motor e pega no telemóvel e chaves enquanto saímos do carro. Tento espreitar pelos portões e em redor para as bilheteiras dilapidadas para ver o que há por detrás no vasto parque de diversões, mas só distingo entradas às escuras, dezenas de esquinas e passeios que seguem por ali fora. O vento que corre pelas janelas partidas soa como sussurros.

Demasiados cantos e recantos. Demasiados esconderijos.

Arregaço as mangas da minha camisola, pois de repente já não sinto tanto frio. Que diabo fazemos aqui?

Olhando para a minha direita, reparo num *Ford Raptor* preto estacionado sob um aglomerado de árvores no limite do parque de estacionamento, e tem os vidros fumados. Estará lá dentro alguém?

Sinto um arrepio na espinha e esfrego os braços.

Talvez esta noite algum dos amigos de Trey ou J.D. tenha trazido o seu próprio carro.

– Huu, huu, huu – chama uma voz, imitando um mocho. Desvio o olhar do *Raptor* e todos olhamos na direção do ruído.

– Oh, meu Deus! – irrompe de repente Lyla, rindo-se. – Vocês são loucos!

Abano a cabeça enquanto Ten e Lyla guincham e gritam, correndo para a roda-gigante logo a seguir ao portão. Escalando os postes amarelos estragados cerca de quinze metros acima de nós, entre os cestos da antiga diversão, está o namorado de Lyla, J.D., e o seu compincha, Bryce.

– Vamos lá – diz Lyla, trepando a cerca na direção da roda-gigante. – Vamos ver.

– Ver o quê? – questiono. – Diversões paradas?

Ela sai a correr, ignorando-me, e Ten ri-se.

– Vamos. – Dá-me a mão e puxa-me para longe da diversão.

Sigo-o conforme mergulhamos mais profundamente no parque, ambos vagueando pelas amplas passagens que em tempos eram percorridas por multidões. Olho para a esquerda e para a direita, com tanto de fascínio como de pavor.

Portas penduradas pelas dobradiças, a ranger ao sabor da brisa, e reflexos de luar no vidro caído no chão sob janelas partidas. O vento sopra através de carrinhos em forma de elefante e de balões de ar no carrossel infantil e tudo é oco e escuro. Passamos pelo carrossel e vejo poças de água da chuva na plataforma e pó a revestir a tinta lascada dos cavalos.

Lembro-me de montar aquilo quando era pequena. É uma das memórias que tenho do meu pai antes de ele partir.

Os gritos e os guinchos dos nossos amigos esmorecem conforme avançamos mais no parque, a nossa passada a abrandar enquanto interiorizo o que ainda resta.

Este lugar costumava estar repleto de risos e gritos de prazer e agora está abandonado e a decompor-se, esquecida toda a alegria que já conteve.

Poucos anos. O tempo que passeou desde que Adventure Cove fechou portas.

Mas, ainda assim, deserto e abandonado, ainda aqui está. Inspiro fundo, inalando o aroma a madeira velha, humidade e sal. *Deserto e abandonado, ainda aqui estou, ainda aqui estou, sempre estarei...*

Rio-me sozinha. *Uma letra de uma canção para ti, Misha.*

Sigo devagar atrás de Ten, a pensar em todos as reflexões que enviei ao meu correspondente ao longo dos anos que ele transformou em canções. Se alguma vez tiver sucesso, deve-me *royalties*.

– É um bocado triste – diz Ten, vagueando diante de cabinas de jogos e deslizando a mão por caixilhos de madeira. – Lembro-me de vir aqui. Parece que ainda tem vida, não é?

O vento noturno varre os caminhos vazios entre cabinas e bancas de comida, fazendo o meu cabelo esvoaçar à minha volta. O ar envolve as minhas pernas e sopra contra a minha camisola, colando-a ao meu corpo como uma segunda pele quando o frio começa a subir-me pelo pescoço.

De repente, sinto-me cercada.

Como se estivesse no olho imóvel de um violento tornado.

Como se estivesse a ser observada.

Cruzo os braços sobre o peito e apresso-me para junto de Ten.

– O que estás a fazer? – pergunto, tentando disfarçar as minhas tremuras com aborrecimento.

Puxa as grades de uma das cabinas de jogos em madeira, que apesar de ceder um pouco não levanta por completo por causa do cadeado.

– Vou arranjar-te um ursinho de peluche – responde, como se eu já devesse ter percebido.

– Achas mesmo que ainda há prémios aí depois de todos estes anos?

– Bem, está trancado, não está?

Rio-me e continuo a olhar enquanto ele agarra a lateral com ambas as mãos e puxa para trás.

– J.D., para! – ouve-se a voz de Lyla ao longe, e ergo o olhar e vejo as silhuetas escuras deles ainda a trepar a roda-gigante.

– Ah! Ah! – Ouve-se mais alguém a rir.

Ten desiste de puxar e começa a inspecionar a fechadura, como se conseguisse abri-la, quando baixo o olhar e reparo na toalha de mesa de plástico vermelha e branca, velha e rasgada, por baixo das grades na metade inferior da cabina.

Aponto ao de leve com o pé, vendo o plástico a sacudir para a frente e para trás, indicando o caminho a Ten.

Ele para, esquecendo a grade, e franze o sobrolho ao olhar para a toalha.

– Eu bem sabia.

– Então, arranja-me lá um peluche – exijo, sorrindo ao de leve.

Baixa-se apoiado nas mãos e joelhos, murmurando ao gatinhar através da toalha de mesa.

– Sim, Sua Alteza.

– Usa o telemóvel para teres luz! – grito quando ele desaparece no interior.

– *Dah.*

Rio-me do desdém dele. De entre todos os que considero amigos na escola, Ten é o que tenho de mais próximo do desejado. Não tanto como Misha, é claro, mas está perto disso. Junto dele, não tenho de fingir muito.

A única coisa que me impede de me ligar demasiado a ele é a sua amizade com Lyla. Se eu abandonasse a segurança do meu pequeno e frágil círculo, ele viria comigo?

Sinceramente, não sei.

– Nada de peluches! – grita ele. – Mas há insufláveis!

Tipo bolas de praia?

– Ainda dão para encher? – brinco.

Mas ele não responde

Aproximo-me mais da grade, esforçando-me por ouvir.

– Ten?

Não ouço nada.

Sinto os pelos dos braços a eriçarem-se e endireito-me, voltando a chamar, desta vez mais alto.

– Ten? Está tudo bem?

Mas, então, algo me envolve a cintura e assusto-me, sustendo a respiração quando uma voz ruge profundamente junto ao meu ouvido:

– Bem-vinda à feira, minha menina!

Sinto o coração a ribombar nos ouvidos e afasto-me de repente, rodopiando e dando com Trey a segurar uma lanterna por baixo do queixo. O brilho ilumina-lhe o rosto, enfatizando o seu sorriso demoníaco.

Idiota.

Sorri de orelha a orelha, com o seu cabelo castanho-claro e olhos cor de cacau a brilhar. Baixando a lanterna, lança-se a mim e mal tenho tempo para recuperar o fôlego antes de ele se baixar, erguer-me no ar e me pôr ao ombro.

– Trey! – resmungo, com o osso do ombro a cravar-se no meu estômago. – Para com isso!

Ele ri-se, dando-me uma palmada no rabo enquanto me encolho, sentindo a mão dele a roçar-me na coxa.

– Já, parvalhão! – grito, dando-lhe palmadas nas costas.

Não para de rir enquanto me pouso, mantendo o braço em volta da minha cintura.

– Mmmm, vem cá – diz enquanto me fez recuar até à parede da cabina. – Então, andas a brincar comigo, hã? – Os nós dos dedos dele roçam na parte da frente da minha coxa destapada. – Usas aquela saíinha da claque na escola, onde não te posso tocar, e agora que posso usas calções.

– O quê? – brinco com ele. – As minhas pernas são diferentes numa saia?

– Não, de uma maneira ou de outra têm um aspeto fantástico. – Inclina-se e o

cheiro a cerveja no hálito dele faz-me recuar um pouco. – A questão é que não consigo enfiar a minha mão por uns calções acima.

E tenta, como que para provar o seu ponto de vista.

Dou-lhe uma palmada nas mãos.

– Pois, a questão é esta... – digo. – Um *rapaz* choraminga. Um homem não deixa que nada se achesse no seu caminho. Sejam ou não calções.

Olha-me de cima a baixo e volta a erguer o olhar, cravando-o no meu.

– Quero levar-te a sair.

– Pois, o que tu queres sei eu.

Trey já anda há algum tempo a fazer-se a mim e sei exatamente o que tem em mente e não é propriamente jantar e cinema. Se lhe der a mão, quer logo o braço. Posso não precisar de uma aliança para me divertir com alguém, mas também não quero ser apenas só mais uma das conquistas dele.

Por isso não cedo. Mas também não o rejeito. Sei o que aconteceu à última rapariga que o fez.

– Tu também o queres – riposta, os seus ombros largos e o peito duro impondo-se diante de mim. – Não há melhor do que eu e obtenho sempre o que quero. É só uma questão de tempo.

Olho diretamente através do seu ego, vendo um tipo a gabar-se, porque ou teme que os outros não o façam por ele ou por necessitar de recordar a si mesmo o quanto é espetacular. Trey Burrowes vive num equilíbrio precário.

Algo roça na barriga da minha perna e olho para baixo a tempo de ver Ten a rastejar de debaixo da cabina de jogo. Afasto-me e empurro Trey para trás, reparando que Ten segura algo na mão.

– Tenho uma espada – diz, acenando o plástico insuflável diante de nós.

Trey dá uma risadinha.

– Pois, eu também.

Engulo o sabor azedo que se forma na minha boca com a piada foleira dele.

Vira-se para o outro lado, calando-se, a sua atenção atraída pela roda-gigante.

Distrai-se tão facilmente. Aborrece-se tão facilmente.

– Digo-te uma coisa – digo, falando para Trey enquanto me aproximo e encaixo um braço no de Ten. – Deixo-te levar o Ten a casa.

Trey roda a cabeça por cima do ombro, fitando-me como se eu estivesse louca.

– E depois podes levar-me a casa – termino, vendo a sua sobranceira arquear com interesse.

A escola termina daqui a seis semanas. Posso fingir isto por mais uns tempos. Não quero sair com ele, mas também não quero acordar amanhã para ver um rumor nojento e falso espalhado por todo o Facebook. Trey Burrowes sabe ser simpático, mas também sabe ser um verdadeiro imbecil.

Forma-se um sorriso no canto da sua boca e volta-se para trás.

– Só tens de me apanhar – digo-lhe, dando a mão a Ten. – Por isso, conta até vinte.

– Que seja antes cinco – brinca Ten, recuando comigo. – Ele não sabe contar até vinte.

Sinto o estômago a agitar-se com uma gargalhada, mas contenho-me.

Trey exhibe um sorriso de escárnio, fitando-me como se eu fosse uma refeição que

deseja e nada pudesse detê-lo. E, então, abre a boca, avançando lentamente na nossa direção.

– Um...

E com aquele aviso, Ten e eu rodopiamos e partimos a correr para a parte de trás do parque.

Ambos rimos ao percorrer a grande velocidade carreiros cheios de folhas molhadas e ramos caídos, e contornando cabinas. Passámos pelo Orbitador, Splash e Tornado, que, tanto quanto me lembro, passava imensas vezes os Def Leppard.

O Zíper ainda se aguenta de pé, escuro e enferrujado, e serpenteamos por entre antigos baloiços, com as correntes velhas a roçar-me nos braços. Chiam, provavelmente revelando a nossa posição conforme corro atrás de Ten.

– Aqui! – grita ele.

Sustenho a respiração e sigo-o quando mergulha numa pequena construção que terá sido destinada aos funcionários. Ao entrar na escuridão, fecho a porta atrás de mim e retraio-me face ao ar húmido que me açoita o nariz.

Ten pega no seu telemóvel, iluminando a divisão com a lanterna, e eu faço o mesmo. O chão está pejado de detritos e ouço algo a pingar.

Mas não paramos para explorar. Ten avança para o que parece ser uma escadaria, contornado o corrimão e pisando um degrau.

É estranho. As escadas dão para baixo, para o subsolo.

– Lá em baixo? – Expiro com força, espreitando por cima das barras verde-aço e vendo apenas uma escuridão preta com breu. O medo apossa-se de mim e sinto um arrepio na espinha.

– Vamos. – Ten começa a descer os degraus. – É só um túnel de serviço. Existem em muitos parques temáticos.

Paro por uns momentos, sabendo muito bem que poderia haver algo ali em baixo escondido. Animais, sem-abrigo... pessoas mortas.

– Eles controlavam a animatrónica e tudo a partir daqui de baixo – diz-me ao descer com a sua lanterna. – É uma forma de o pessoal se movimentar depressa pelo parque. Vamos!

Caramba, como é que ele pode saber isso tudo? Eu não sabia que os parques temáticos tinham subterrâneos.

Mas sinto a ameaça de Trey nas minhas costas, pelo que solto a respiração e contorno o corrimão, para descer atrás de Ten.

– Há luzes aqui em baixo – diz ao chegar ao fundo, e surjo logo atrás dele, espreitando por cima do ombro de Ten para ver o que há adiante.

Sinto o estômago às voltas. O longo caminho subterrâneo é construído unicamente em cimento, um túnel quadrado com uns três metros de largo e outros tantos de altura. Veem-se umas poças, provavelmente de chuva drenada, uma fuga de um cano, ou talvez fendas nas paredes que deixam entrar água do mar. Cintilam com a iluminação no alto.

Um vazio negro impõe-se ao fundo do túnel e esfrego os braços, de repente frios, com as mãos.

– As luzes devem estar ligadas à cidade – digo. – Se calhar, estão sempre acesas.

Claro, não faço ideia – e por que razão haveriam de estar sempre acesas? Mas

sinto-me melhor ao mentir a mim mesma.

Ouçó uma porta a bater lá em cima e assusto-me, espreitando num instante para o alto pelas escadas antes de pousar uma mão nas costas de Ten e forçá-lo a avançar.

– Merda – sussurro. – Anda, anda, anda!

Percorremos rapidamente o túnel e sinto o coração a bater nas paredes do peito ao passarmos portas ao calhas e mais passagens que dão para as laterais da principal, onde seguimos em passo de corrida. Mas mantenho-me firme, sentindo um sorriso de entusiasmo a tomar-me apesar do meu medo.

Não consigo evitar pensar que se fosse Misha a perseguir-nos, ele não correria atrás de mim. Mas também não perderia. Encontraria uma forma de me passar a perna.

Ouçó passadas atrás de nós e espreito por cima do ombro para ver uma lâmpada a abanar na escadaria. Sustendo a respiração, agarro a parte de trás da *T-shirt* de Ten e puxo-o para uma sala à direita. Falta-lhe a porta, pelo que viramos para lá e escondemo-nos atrás da parede, respirando com dificuldade enquanto tentamos permanecer imóveis.

– Tem cuidado, amor – diz Ten. – Assim até parece que *não* queres ser apanhada.

Pois, não quero ser apanhada. Mais valia ser encerada. Antes de um banho de sal a escaldar de quente.

Não é que não me sinta atraída por Trey. Ele é giro e bem constituído, por isso, qual é o espanto?

Mas não. Não serei uma das suas raparigas de nariz empinado no átrio da escola com a minha saia justa enquanto ele me dá uma palmada no traseiro e os amigos lhe dão palmadinhas nas costas, graças à conquista de mais uma boazona.

Rodar a cabeça, fazer o cabelo voar e dar risinhos.

Foda-se, mas nem pensar.

Encostando ainda mais a cabeça à parede, apuro os ouvidos, tentando perceber a que distância ele se encontra.

Será que voltou para trás? Seguiu por um túnel lateral?

Mas, então, semicerro os olhos, reparando antes num leve zumbido. Como se houvesse um mosquito às voltas na sala.

– Estás a ouvir aquilo? – sussurro a Ten.

Não distingo a cara dele, mas a sua silhueta imobiliza-se, como se estivesse à escuta. E, então, vejo-o à procura de algo nos *jeans*. Decorre um momento e a seguir o telemóvel dele projeta um pequeno brilho na sala, e viro-me, arregalando os olhos ao ver uma cama, lençóis brancos desalinhados e uma pequena mesa.

O que diabo?

Ten avança mais na divisão, abeirando-se da cama.

– Então, *há* um vigilante no local. Merda.

– Bem, se há – digo em voz baixa, aproximando-me dele enquanto observo os artigos em cima dos lençóis –, porque é que não nos expulsou quando aqui chegámos?

Ten ergue o telemóvel, olhando em redor pela divisão, enquanto eu vasculho as coisas na mesinha de cabeceira e cama. Há um relógio com uma pulseira velha de camurça preta pousado sobre uma imagem do que parece ser um relógio quase idêntico. Há também alguns livros de capa mole sobre uma almofada, um *iPod* com auscultadores presos e um bloco de notas com uma caneta ao lado. Pego no bloco e

folheio-o, vendo o que parece ser uma escrita masculina.

*Tudo vale quando todos sabem
Onde te escondes quando os altos deles são os teus baixos?
Tanto, tão difícil, tão demorado, tão cansado,
Eles que devorem até seres reduzido a nada.*

*Não lamentos os teus pequenos lábios brilhantes,
O que saboreiam acaba por perder o seu sabor
Quero lamber, enquanto ainda sabes a ti.*

Sinto o peito a subir e a descer com a respiração ofegante, e as coxas a apertarem.
Quero lamber...

Raios. Um suor frio espalha-se pelas minhas costas ao imaginar lábios a sussurrar aquelas palavras aos meus ouvidos. Nunca fui muito dada a poesia, mas não me importaria de conhecer mais da autoria deste tipo.

No entanto, uma sensação familiar apossa-se de mim, ao analisar as caudas dos *f* e o aspeto cortante dos *s*, muito semelhantes a relâmpagos.

Que estranho.

Mas não, o papel está repleto de escritos em cima de escritos e rabiscos e riscos. É um caos. O resto não se parece nada com as cartas de Misha.

– Bem – ouço a voz de Ten a murmurar ao meu lado –, é assustador.

– O quê? – pergunto, desviando o olhar do resto do poema e rodando a cabeça para olhar para ele.

Mas ele não está a olhar para mim. Olho para onde aponta a sua lanterna e finalmente vejo a parede. Largando o bloco na cama, espreito para lá conforme Ten passa a luz sobre toda a superfície.

SOZINHO.

Está escrito em letras pretas gordas, pintado a *spray* e de forma irregular, cada letra quase tão alta como eu.

– *Muito* assustador – repete Ten.

Recuo um pouco, olhando em volta para interiorizar tudo.

Sim. Fotos na parede com rostos riscados, poesia ambígua, letras misteriosas e deprimentes escritas nas paredes...

Já para não mencionar que alguém dorme aqui, neste túnel abandonado e sombrio.

O zumbido distante de repente prende-me de novo a atenção e acompanho-o, debruçando-me mais sobre a cama. Pego nos auscultadores e levo-os ao ouvido, ouvindo a tocar «Bleed it Out».

Merda. Largo de imediato os auscultadores, sentindo a respiração presa na garganta.

– O *iPod* está ligado – digo, endireitando-me de repente. – Seja lá quem for, esteve aqui há pouco. Temos de ir. Já.

Ten avança para a porta e viro costas à cama, mas então estaco.

Girando de novo para trás, baixo-me e arranco a folha do bloco. Não sei o que me levou a fazê-lo, mas faço-o.

Se vive aqui um tipo, provavelmente não vai dar pela falta, e se der, não saberá para onde foi.

– Vamos – digo a Ten, dando-lhe um toque nas costas.

E dobro página e enfio-a no bolso de trás.

Erguendo os nossos telemóveis, saímos da divisão e viramos à esquerda. Mas nesse preciso momento alguém me apanha nos seus braços e grito ao ser apertada sem conseguir respirar.

– Apanhada! – gaba-se uma voz masculina. – E que tal agora o tal passeio?

Trey.

Contorcendo-me, liberto-me do seu aperto e dou a volta. Lyla, J.D. e Bryce estão atrás dele a rir-se.

– Raios! – grita Ten, arquejando. Também fora sem dúvida apanhado desprevenido pela presença deles.

– Podiam ter desligado as lanternas – goza Lyla com um sorriso sarcástico. – Vimo-las assim que descemos.

Passo por eles, de volta às escadas, ignorando-a. Se não estivéssemos a investigar aquele quarto, as lanternas dos nossos telemóveis *teriam estado* desligadas.

– Mas, afinal, o que fazem vocês aqui? – pergunta J.D.

– Vamos embora – ordeno, sem paciência. – Vamos pôr-nos a milhas.

Toda a gente segue caminho, percorrendo o túnel de volta, e espreito por cima do ombro, observando a escuridão quase absoluta e a entrada do quarto de onde acabámos de sair.

Nada.

Cantos escuros, sombras, brilhos húmidos da luz fluorescente a incidir nas poças de água... nada vejo.

Mas respiro com dificuldade, incapaz de afastar a sensação de medo. Está aqui alguém.

– Não estava a pensar neste tipo de diversão quando vocês sugeriram o Cove – queixa-se Lyla, desviando-se das pequenas poças de água.

Volto-me para trás, ignorando o meu medo ao subir apressadamente os degraus.

– Pois, bem, deixa lá – murmuro suficientemente alto para ela ouvir. – O banco traseiro do carro do J.D. não está longe.

– Pois não – ri-se J.D.

E resisto à tentação de espreitar uma vez mais para o túnel escuro.

Subo os degraus, ainda a sentir olhos postos em mim.

CAPÍTULO 3

RYEN

– Vamos lá, meninas. – Ao passar, a treinadora bate duas vezes com os punhos nos cacifos. As raparigas começam aos risinhos e sussurram à minha volta, e eu passo os dedos pelo cabelo, prendendo-o num rabo de cavalo desordenado.

– Pois, ouvi dizer que vão instalar câmaras – diz Katelyn Stephens a um grupo ao sentar-se no banco. – Estão a contar apanhá-lo com a mão na massa.

Passo algum desodorizante e atiro-o de novo para o meu saco de ginástica antes de verificar o meu *gloss* nos lábios no espelho da porta do cacifo.

Câmaras, hein? Na escola?

É bom saber.

Enfio a parte de cima do meu uniforme da claque pela cabeça, tapando o meu sutiã, e endireito a blusa e a saia. Estamos a recrutar novos elementos para a equipa, dado que muita gente em breve vai terminar o secundário, pelo que a treinadora nos tem pedido para usarmos o uniforme na escola em alguns dias na esperança de cativar as caloiras.

– Estava aqui a pensar em qual será o próximo passo – intromete-se outra rapariga. – Ele safa-se sempre.

– E eu, por exemplo, espero que ele continue – acrescenta Lyla. – Viram o que escreveu esta manhã?

Toda a gente se cala e sei exatamente para onde olham. Rodo a cabeça para a parede, mesmo sobre a entrada dos gabinetes dos professores no ginásio. Levemente sacudido pelo ar condicionado que sopra pela abertura vê-se um pedaço grande de papel pardo esbranquiçado colado descuidadamente na parede.

Sorrio para mim mesma, com a batida do meu coração a acelerar, e volto-me de novo para acabar de me preparar.

– Não critiquem a masturbação – diz Mel Long, recitando a mensagem que todas vimos atrás do papel pardo há uns momentos, antes do treino da manhã –, trata-se de sexo com alguém que amo.

E toda a gente desata a rir. Aposto que nem sabem que se trata de uma citação de Woody Allen.

O *graffiti* foi descoberto esta manhã, desta vez aqui no balneário das raparigas, e apesar de os professores o terem tapado com papel, toda a gente viu o que se encontrava por trás.

A escola foi vandalizada vinte e duas vezes no último mês e hoje é a vigésima terceira.

De início, foi devagar – uma ocorrência de vez em quando –, mas agora é mais frequente, quase todos os dias, e por vezes mais do que uma vez ao dia. Como se o «pequeno *punk*», como ele ou ela veio a ficar conhecido, tivesse desenvolvido um gosto por invadir a escola à noite para deixar mensagens aleatórias nas paredes.

– Bem – digo, pendurando o meu saco ao ombro e batendo a porta do meu cacifo. – Com as câmaras em breve a apanhar todos os corredores e a cobrir todas as entradas, tenho a certeza de que ele, ou ela, é esperto e desiste, ou é apanhado. Tem os dias contados.

– Espero que seja apanhado – diz Katelyn, visivelmente entusiasmada. – Quero saber quem é.

– Buu – apupa Lyla. – Isso não tem graça.

Giro em volta e saio do balneário. Sim, claro que não tem piada se Punk for apanhado. Ninguém sabe com o que contar quando se chega de manhã à escola, e chegou ao ponto em que a primeira coisa na agenda de toda a gente é procurar alguma mensagem deixada pelo vândalo. Açam divertida a intriga e, apesar da curiosidade, Falcon's Well será um pouco mais entediante sem o mistério.

Às vezes, as mensagens são sérias.

*

*Dou polimento ao meu brilho,
mas não há como dar brilho à merda.*

Punk

*

E então todos ficam em silêncio, visivelmente descartando a mensagem enigmática, como se nada fosse, mas sabe-se que fica todo o dia nas suas cabeças, um pensamento à solta.

E, por vezes, são cómicas.

*

*Para vossa informação, se pudesse voltar a escolher, a vossa mãe não namoraria com
o vosso pai.*

Punk

*

E todos se riem.

Mas, no dia seguinte, pelo que soube, vários pais telefonaram para a escola, porque os filhos e filhas deles interrogaram-os demoradamente para saber se era verdade.

As mensagens nunca são assinadas, nem dirigidas a ninguém em particular, mas começaram a gerar expectativa. Quem é ele? O que irá escrever a seguir? Como é que não é apanhado?

E todos assumem que se trata de um «ele» e não de uma «ela», embora não haja provas de que seja um ou uma.

Mas o mistério ferve por toda a escola e tenho a certeza absoluta de que está de tal maneira presente a ponto de ninguém querer perder o que virá a seguir.

Avançando lentamente para o meu cacifo, largo o meu saco no chão e inspiro fundo. O súbito peso que sinto no peito leva a que seja complicado inspirar enquanto rodo o botão do fecho, introduzindo a combinação.

A minha cabeça tomba para a frente, mas ergo-a de repente.

Merda.

Abrindo a porta, ocultando-me de todos os olhares em redor, enfio a mão por baixo da saia, sob o elástico cingido dos meus *shorts* de *spandex*, e agarro o meu inalador.

– Ei, podes emprestar-me hoje a tua saia de camurça?

Sobressalto-me, largando o meu inalador e estendendo a mão.

Lyla está à minha esquerda, enquanto Katelyn e Mel pairam à minha direita.

Pegando na minha mochila, procuro os meus livros da noite passada e enfio-os no cacifo.

– Referes-te à saia por causa da qual tive de vender metade do meu guarda-roupa a uma loja de artigos à consignação? – pergunto, enfiando os livros na prateleira. – Nem pensar.

– Vou contar à tua mãe de todas as roupas que escondes no teu cacifo.

– E eu conto à tua mãe de todas as vezes que não foste dormir a minha casa – riposto, sorrindo enquanto penduro o meu saco no gancho, pegando no meu bloco de Arte e no manual de Inglês para as minhas duas primeiras aulas.

– Por favor? – implora. – As minhas pernas ficam tão bem com essa saia.

Inspiro com toda a minha força, o esforço para encher os meus pulmões cada vez mais intenso, como se tivesse quinhentos quilos a pesar-me no peito.

Muito bem. Quero lá saber. Tudo para me ver livre dela. Enfio a mão no cacifo e retiro a saia pendurada no cabide de plástico que tinha posto ao fundo.

Atiro-lhe o tecido macio e curtido.

– Nada de sexo com ela.

Ela sorri, alegremente, desdobrando a saia para a apreciar melhor.

– Obrigada.

Pego no meu saco pequeno, cheio de lápis de desenho, e no meu telemóvel.

– O que vais ter agora? – pergunta Lyla, dobrando a saia no braço. – Educação Visual?

Assinto com a cabeça.

– Não sei como não despachas isso. Sei que detestas.

Fecho o meu cacifo, ouvindo o toque da campainha e vendo toda a gente à nossa volta a começar a apressar-se.

– Já estamos quase no fim do ano. Hei de sobreviver.

– Mmm – reage ela, alheadamente, provavelmente não me tendo ouvido.

– Muito bem, vamos lá. – Espeta o queixo na direção de Mel e Katelyn e ao sair olha para mim. – Vemo-nos ao almoço, *okay*? E obrigada.

As três desaparecem no corredor, perdidas na multidão de corpos a caminho da aula de Espanhol, a primeira do dia. Há gente a andar por todo o lado, subindo apressadamente escadas, fechando cacifos com força e entrando em salas de aulas... e sinto a dor no peito a começar a espalhar-se. O meu estômago arde devido à força de

tentar respirar e avanço pelo corredor, com o meu ombro a roçar nos cacifos para me apoiar.

Ao passar, lanço um sorriso fugaz a Brandon Hewitt, um dos amigos de Trey, e todas as portas começam a fechar-se e o som dos passos e conversas desvanece. Um minúsculo assobio escapa-se dos meus pulmões enquanto a minha respiração se agita no interior como se houvesse pequenas cordas a agitar-se na garganta.

Pestanejo com força, com o mundo a começar a rodopiar à minha volta por detrás das pálpebras.

Inspiro tanto ar quanto consigo, consciente que não veem os meus nós dos dedos brancos, eu a agarrar os livros com força, ou as agulhas que se movem na minha garganta como um palito de mexer bebidas enquanto me esforço por não tossir.

Sou boa a fingir.

Fecha-se a última porta e depressa enfio a mão por baixo da saia e retiro o inalador que por norma lá escondo. Levando-o à boca, carrego e inspiro com força quando o *spray* é libertado, dando-me o meu medicamento. O químico amargo, que me recorda sempre o desinfetante *Lysol* que apanhei na boca em criança quando a minha mãe o pulverizava pela casa, atinge o fundo da minha garganta e desce pelo esófago. Apoiando-me na parede, volto a carregar, inspirando mais *spray*, e fecho os olhos, já a sentir o peso a erguer-se do meu peito.

Inspirando e expirando, sinto a pulsação nos ouvidos e os pulmões a expandirem-se cada vez mais, com as mãos invisíveis que os apertavam lentamente a libertarem-nos.

Este veio depressa.

Por norma, acontece quando ando lá fora a fazer esforço. Sempre que o ar se torna denso, peço para ir à casa de banho e faço o que tenho a fazer. Detesto quando acontece assim de repente. Demasiada gente em volta, até nas casas de banho. Agora, estou atrasada para a aula.

Enfiando de novo o inalador por baixo dos meus calções de *spandex*, inspiro fundo com agrado e liberto o ar, reajustando os livros que levo debaixo do braço.

Dando a volta, viro à direita e apanho o corredor seguinte, subindo as escadas até à sala de Educação Visual. É a única das minhas aulas diárias que aprecio, mas os meus amigos acham que detesto. Arte, desenho, teatro... tudo isso são alvos para ridiculizar, e não quero receber isso da parte deles.

Abrindo cuidadosamente a porta da sala, entro e olho em volta em busca da professora Till, mas não a vejo. Deverá estar no armário do material.

E como não estou a precisar de me atrasar ainda mais...

Atravesso velozmente a sala e rumo ao corredor, erguendo o olhar e detendo-me ao ver Trey. Ele repousa na minha mesa, no lugar ao meu lado.

Sinto-me tomada pela irritação. *Fantástico*.

Deve estar a faltar a Química – em que já chumbou e à qual tem de passar para concluir o secundário. Esta é a minha hora de felicidade e vai dar cabo dela.

Suspiro ao de leve e forço um sorriso.

– Olá.

Puxa a minha cadeira com uma mão, recostando-se no seu assento e olhando fixamente para mim enquanto me sento. A professora Till provavelmente nem vai

reparar que não é um dos alunos dela.

– Então, estava aqui a pensar... – começa a dizer Trey, enquanto toda a gente conversa à nossa volta. – Vais fazer alguma coisa no sete de maio?

– Hmmm... – Finjo desdém enquanto me recosto na minha cadeira, cruzo os braços sobre o peito e cruzo as pernas. – Acho que ia haver qualquer coisa nessa noite, mas esqueci-me.

Assenta uma mão nas costas da minha cadeira, inclinando a cabeça na minha direção.

– Bem, será que arranjias um vestido?

– Eu... – Mas então calo-me, ao ver alguém entrar na sala.

Entra um tipo alto, que atravessa calmamente a sala até ao corredor na nossa direção. Sustenho a respiração.

Parece-me familiar. De onde o conheço?

Não traz nada com ele – nem mochila, nem livros, nem sequer um lápis – e instala-se numa mesa vazia do outro lado do corredor ao lado da minha.

Olho em redor em busca da professora Till, tentando perceber o que se passa. Seja lá quem ele for, não é desta aula, só que entrou como se sempre tivesse sido.

Será novo aqui?

Espreito para a esquerda, avaliando-o. Ele relaxa na sua cadeira, uma mão pousada na mesa e o olhar focado em algo à sua frente. Manchas negras revestem o exterior da sua mão, desde o pulso à ponta do mindinho, como fica a minha quando desenho e pouse a mão no papel, esfregando-a na tinta.

– Está aí alguém? – ouço Trey a falar para mim.

Desvio o olhar, pigarreando.

– Ah, sim, devo conseguir arranjar.

Ele quer que eu compre um vestido. O baile de finalistas é a 7 de maio e ninguém me convidou, pois corria o rumor de que Trey ia convidar-me. Estava a demorar-se e comecei a ficar preocupada. Quero ir ao baile de finalistas, mesmo sendo na companhia dele.

Deixo o meu olhar incidir novamente no tipo novo, espreitando para ele pelo canto do olho. Os *jeans* azul-escuros dele estão manchados com terra, assim como os dedos e o cotovelo, mas a sua *T-shirt* cinzento-ardósia está limpa e os sapatos parecem estar decentes. Os seus olhos estão praticamente escondidos sob pestanas grossas e o seu cabelo curto castanho-escuro fica apenas um pouco acima da testa. Há uma argola de prata de lado no lábio inferior, a refletir a luz. Cinjo os lábios entre os dentes ao olhar para ele, imaginando como será ter ali um *piercing*.

– E que tal arranjares o teu cabelo? – prossegue Trey à minha direita. – Mas deixa-o caído, gosto dele solto.

Viro-me para trás, desviando o olhar da boca do rapaz, e endireito-me enquanto volto a concentrar-me.

Baile de finalistas. Estávamos a falar do baile de finalistas.

– Na boa – respondo.

– Ótimo. – Ele sorri e recosta-se no assento. – Porque conheço um sítio espetacular de *tacos*...

Desata a rir, com o tipo ao lado dele a alinhar na piada, e sinto-me quente devido

ao momento de embaraço.

– Oh, achaste que estava a convidar-te para o baile de finalistas? Que estúpida.

Mas não amuo face à tentativa dele de fazer-me passar por idiota. A minha armadura rechaça-a e sigo em frente.

– Bem, diverte-te. Eu vou ao baile de finalistas com o Manny. Não é assim, Manny? – chamo, dando uma série de pontapés na perna da cadeira do rapaz da frente, chamando a atenção do rapaz *emo*2.

Manny Cortez move-se de repente, mas continua virado para a frente, tentando ignorar-nos.

Trey e o amigo continuam a rir, mas agora focados no pobre miúdo e não tenho como evitar uma certa satisfação.

Os outros sentimentos também lá estão. A culpa, a repulsa por mim mesma, a pena por Manny e por o ter usado agora mesmo...

Mas diverti Trey e agora Manny e qualquer vergonha que possa sentir está muito distante. Olho do alto para o meu lugar. Sei que está lá, mas é como ver formigas a partir de um avião. Sinto-me nas nuvens, demasiado alto para que o que se passa no solo possa ser de grande preocupação.

– Sim, Manny. Vais ao baile com a minha miúda? – brinca Trey, dando pontapés na cadeira dele, tal como eu fizera. – Hã? – E então vira-se. – *Nãh*, acho que ele nem gosta de raparigas.

Forço um sorriso, abanando a cabeça na direção dele e esperando que agora se cale. Manny teve a sua utilidade. Não desejo torturá-lo.

Manny pesa quarenta quilos, no máximo, e tem um cabelo tão preto que parece azul, e um rosto tão pálido e macio que, com as roupas certas, poderia passar sem dificuldade por uma rapariga. *Eyeliner*, verniz das unhas preto, *jeans* justos, sapatilhas *Converse* estaladas e sujas... Confere tudo.

Eu e ele andamos juntos na escola desde o jardim infantil e ainda guardo a borracha em forma de coração que me ofereceu com um postal no Dia de São Valentim no segundo ano. Fui a única a receber algo da parte dele. Ninguém sabe disso e nem sequer o Misha sabe porque a guardei.

Ergo o olhar, vendo-o ali sentado sossegado. Os ossos sob a *T-shirt* tensos e a cabeça curvada, provavelmente na esperança de que não digamos mais nada. Provavelmente na esperança de que, caso se mantenha imóvel e calado, volte a tornar-se invisível. Conheço tal sensação.

Mas algo me atrai à minha esquerda e espreiro para o novo aluno, ainda concentrado em algo à sua frente, mas com a testa rígida e tensa, parecendo zangado.

– Não, a sério – prossegue Trey e, com relutância, volto-me para ele quando se dirige a mim. – Baile de finalistas. Apanho-te às seis. Limusina, jantar, aparecemos na festa... És minha toda a noite.

Assinto com a cabeça, mal ouvindo o que diz.

– *Okay*, vamos lá começar – anuncia a professora Till, saindo do armário e pousando na mesa uma caixa com material de pintura.

Baixa a sua tela, apaga as luzes e espreiro de novo para a minha esquerda, vendo o rapaz novo ali sentado, carrancudo, virado para a frente. Será que tem uma licença especial para assistir à aula? Será que assiste a aulas específicas? Será que vai sequer

apresentar-se à professora? Começo a pensar se será sequer real e sinto-me até tentada a estender o braço para lhe tocar. Será que só eu reparei nele a atravessar a sala?

A professora Till começa por demonstrar alguns exemplos de como traçar uma linha reta enquanto eu reparo que Trey rasga um pedaço de papel do meu bloco.

– Manny? – sussurra ele, formando uma bola de papel do tamanho de uma ervilha e atirando-a à cabeça de Manny. – Ei, Manny? – O estilo *emo* já era, meu. Ou o teu namorado gosta?

Trey e o amigo riem-se discretamente, mas Manny é uma estátua.

Trey forma outra bola e agora a minha culpa – mais intensa do que antes – instala-se.

– Ei, pá. – Trey lança a bola de papel a Manny. Atinge-lhe o cabelo antes de tombar no chão. – Gosto do teu *eyeliner*. E que tal emprestá-lo aqui à minha miúda?

Um movimento à minha direita chama-me a atenção e vejo a mão do tipo novo – pousada na mesa – a cingir-se num punho.

Trey atira outro papel, desta vez com mais força.

– Consegues sequer encontrar a tua pila, paneleiro?

Retraio-me. *Credo*.

E, então, num movimento repentino, o rapaz novo chega-se à mesa, agarra as costas da cadeira de Manny e vejo, espantada, como puxa para trás para a sua mesa a cadeira com Manny sentado e posiciona-se a ele próprio entre o miúdo *emo* e nós. A seguir, estende rapidamente o braço, agarra o caderno de desenho e o estojo de lápis de Manny e despeja tudo na sua mesa, diante do seu novo colega de carteira.

Sinto o coração a acelerar, mas cinjo o maxilar, tentando parecer menos abalada do que estou. *Oh, meu Deus*.

Outros alunos rodam as cabeças para ver o que se passa quando o novo aluno se senta pesadamente no seu lugar, sem dizer uma palavra ou olhar para alguém, e volta a assumir o seu ar compenetrado. A respiração de Manny é intensa, tem o corpo tenso e rígido face ao que acabou de acontecer e Trey e o amigo de repente calam-se, de olhar fixo no novo tipo.

– Os maricas juntam-se, parece-me – diz Trey entre dentes.

Espreito para o tipo novo pelo canto do olho, ciente de que ele terá ouvido. Mas mantém-se imóvel como uma pedra de gelo. Só que agora os músculos do seu braço dilatam e flete os maxilares.

Está zangado e faz questão de não disfarçar. Nunca ninguém o faz. Ninguém me chama a atenção.

Trey não diz mais nada e o resto dos alunos acabam por se voltar de novo para a frente enquanto a professora começa a aula. Tento concentrar-me nas instruções, mas não consigo. Sinto-o junto a mim e quero olhar. Quem raio é ele?

E, então, de repente percebo. O armazém. *Oh, merda*.

Pestanejo e volto a olhar para ele. É o tipo da caça ao tesouro de há uns meses. Ainda tenho as nossas fotos no telemóvel.

Será que se lembra de mim?

É tão estranho. Na realidade, nunca publiquei as nossas fotografias na página onde era suposto publicarmos. Depois de ter saído de junto dele e do amigo, fiquei muito ensimesmada o resto da noite, incapaz de parar de o procurar de novo, a ponto de nem

sequer ter terminado a caçada.

Mas nunca o encontrei. Depois de me ter afastado dele, pareceu ter desaparecido.

A professora Till conclui as suas breves instruções e passo o resto da hora a espreitar às escondidas para ele e a fazer à toa desenhos sem sentido. Ando há uma semana a trabalhar num projeto, mas hoje ignoro tudo, pois não quero que Trey o veja.

E apesar de esta ser a aula de que mais aprecio, é também aquela em que me sinto menos segura. Arte não é a minha vocação, mas gosto de fazer coisas com as mãos e ser criativa, por isso ou era isto ou mecânica de automóveis. E não ia passar cinco meses numa sala com vinte tipos a tentarem espreitar por baixo da minha saia da claque.

Assim, em vez disso, estou aqui, a fazer um desenho para Misha. A desenhar a capa do seu primeiro álbum como prenda de final de curso. Não que ele a vá usar – não conto com isso –, mas acho que vai adorar. Algo para o motivar.

Como é evidente, não quero que Trey o veja e pergunte do que se trata. Serviria apenas para troçar de algo que adoro.

Ninguém sabe da existência de Misha Lare. Nem sequer Lyla. Ele é meu e muito difícil de descrever. Nem quero tentar.

Já para não referir que, se não contar a ninguém, ele não será tão real. E não vai doer tanto quando um dia tiver de o perder.

O que vai acontecer, se é que não o perdi já. Tudo o que é bom acaba.

– É ele – segreda-me Ten ao ouvido antes de se sentar à mesa do almoço comigo, com Lyla e com Mel. – É o tipo que anda a vandalizar a escola.

Ele gira a cabeça, espetando o queixo atrás de nós, e ergo os olhos dos meus trabalhos de casa de matemática e volto-me, acompanhando o olhar dele.

O rapaz novo senta-se sozinho numa mesa redonda, as pernas estendidas por baixo e cruzadas nos tornozelos, de braços cruzados sobre o peito. Tem uns cabos pretos sobre o peito, ligados a auriculares enfiados nos ouvidos, e a mesma expressão séria desta manhã está concentrada no tampo da mesa diante dele.

Contenho um sorriso. Então, ele é real. Ten também o vê.

E, então, o meu olhar incide no braço direito dele, vendo as tatuagens a percorrer a extensão. Sinto uma agitação na barriga.

Não as vira hoje de manhã.

Provavelmente, por não me encontrar sentada ao seu lado. Não conseguia perceber o significado das imagens, mas dava para ver que havia lá alguns escritos misturados. Olhando em redor pela sala, reparo noutros a olhar também para ele. Olhares de esguelha curiosos, sussurros discretos...

Voltando para trás, assento de novo o meu lápis no papel, terminando o trabalho que me foi atribuído esta manhã, para não ter de o fazer à noite.

– Achas que anda a entrar às escondidas na escola? O que te leva a dizer isso?

– Olha bem para ele. Vê-se uma prisão no seu futuro.

– Pois, isso é uma bela prova – murmuro com sarcasmo, ainda a escrever.

Sinceramente, ele não tem assim tão mau aspeto. Um pouco sujo, um pouco zangado, mas isso não implica que seja um criminoso.

Volto a espreitar para as minhas costas, observando por momentos o rosto dele... os músculos do maxilar, o olhar forte e sombrio, a inclinação do nariz e das sobrancelhas como se vivesse constantemente desagradado... Parece mais do tipo que nos daria um soco só por o cumprimentarmos e não de quem anda a escrever a *spray* letras de músicas nas paredes de uma escola.

O olhar dele de súbito ergue-se e olha para cima. Sigo o olhar dele.

Trey avança nesta direção, dizendo algo à diretora Burrowes ao passar e o tipo novo observa-os.

– Ele é novo cá? – pergunta Lyla, à minha frente, e vejo-a a avaliar o tipo novo. – Não tem nada mau aspeto. Como é que se chama?

– Masen Laurent – responde Ten.

Não consigo controlar. Profiro mentalmente o nome, deixando-o percorrer a minha mente. Então, é esse o nome que ele tentava evitar que o amigo me dissesse no armazém?

– Hoje de manhã, estive na minha aula de Física – explica Ten.

– Também estive na minha primeira aula – acrescento, virando a página do meu manual e anotando o problema seguinte. – Ele não fala.

– O que sabes em relação a ele? – questiona Lyla.

Encolho os ombros, sem levantar o olhar.

– Nada. Não me interessa.

Trey e J.D. sentam-se, um de cada lado de Lyla, e começam a comer as suas sanduíches.

– Ei, amor. – Trey enfia uma batata frita na minha boca. Agarro-a e atiro-a por cima do ombro e ouço-o a ele e a J.D. a rirem-se, enquanto prossigo com os meus trabalhos de casa.

– Acho que ele ainda não disse nada a ninguém – comenta Ten. – O professor Kline fez-lhe uma pergunta em Física e ele limitou-se a ficar ali sentado.

– Quem? – pergunta J.D.

– Masen Laurent. – Ten aponta para o rapaz novo atrás de nós. – Hoje é o primeiro dia dele.

– Gostava de saber como é que ele entra à noite – diz Lyla, em voz baixa.

Largo o lápis em cima da mesa e ergo o olhar, fitando-a com intensidade.

– Não digas «ele» como se soubesses que é ele o autor dos atos de vandalismo. Nós não sabemos. E além disso ele só começou hoje a vir às aulas. O vandalismo já começou há mais de um mês.

Não quero que leve com as culpas de algo que não anda a fazer.

– Muito bem – atira ela, revirando os olhos e pegando na sua salada embalada. – Gostava de saber como é que «o tipo» entra à noite?

– Bem, não faço ideia – diz Ten. – Acho que nem sequer sai da escola. O autor dos atos de vandalismo, quero eu dizer. Acho que passa a noite na escola.

J.D. trinca de novo o seu hambúrguer.

– E porque é que haveria de fazer isso?

– Se assim não for, como é que contorna os alarmes? – argumenta Ten. – Pensa lá nisso. A escola fica aberta até tarde... aulas de natação, aulas de desenvolvimento geral, as equipas que usam a sala de pesos, explicações... Ele pode sair depois das

aulas, comer e fazer o que seja, e regressar antes de as portas serem trancadas por volta das nove. E depois tem a noite toda por conta dele. Se calhar até vive aqui. Afinal, parece que agora há ataques todas as noites.

Termino a minha derradeira equação, com o meu lápis a cravar-se lentamente no papel. É bem visto. De contrário, como é que alguém contornaria os alarmes, a não ser que se escondesse e esperasse que as portas fossem trancadas?

A não ser que tenha as chaves e o código de acesso do alarme.

– Não há miúdos sem-abrigo nesta escola – realço. – Acho que já saberíamos.

Afinal de contas, não se trata de uma escola secundária muito grande.

– Bem, tal como disseste – riposta Lyla. – *Ele* acabou de chegar, por isso ainda nada sabemos dele. – Vejo-a a espreitar por cima da minha cabeça e sei exatamente quem observa. – Ele já podia cá estar no mês passado antes de começar as aulas sem que ninguém percebesse.

– Então, toca a acusar o rapaz novo sem amigos? – retruco. – Que motivos poderia ele ter para vandalizar a escola? Oh, espera. Esqueci-me. Não quero saber.

E debruço-me sobre o meu trabalho, preenchendo o cabeçalho, prosseguindo:

– Masen Lauter não vive na escola. Não vandaliza as paredes, os cacifos, nem nada. É novo, isso são intrigas e estou farta desta conversa.

– Podemos sacar a verdade – intromete-se Trey. – Posso ir às escondidas ao gabinete da minha madrastra e ler a ficha dele. Ver onde vive.

– Isso mesmo – concorda J.D.

O tom sinistro das vozes deles perturba-me. Trey safa-se com tudo, em especial desde que a madrastra dele é a diretora.

Fecho o meu manual e o meu caderno, pondo um em cima do outro.

– E o que teria isso de divertido para mim?

Trey sorri.

– O que tens em mente? Desembucha.

Assento os antebraços na mesa e rodo a cabeça sobre o ombro, observando Masen Laurent. A sua expressão estoica é confusa. Como se ninguém existisse à sua volta.

As pessoas fazem barulho à sua volta, passam por ele, as vozes cruzando a sua mesa, risos à esquerda e uma bandeja a cair à direita, mas está envolvido numa bolha. A vida segue o seu caminho no exterior, mas nada a invade.

Mas sinto, apesar de ele não reagir a nada que se passe à sua volta, que está consciente daquilo. Está consciente de tudo e isso provoca-me um arrepio nos braços.

Regressando a Trey, inspiro fundo e afasto aqueles pensamentos.

– Confias em mim?

– Não, mas seria capaz de te dar rédea solta.

J.D. ri-se e levanto-me da mesa, empurrando para trás a minha cadeira.

– Aonde vais? – pergunta Lyla.

Dou a volta e avanço na direção de Masen, respondendo por cima do meu ombro:

– Quero ouvi-lo falar.

Dirijo-me à mesa dele, pequena e redonda com quatro lugares na parte mais afastada da sala, e sento-me na beira, agarrando-me às bordas.

Os olhos do rapaz veem as minhas coxas e sobem lentamente pelo meu corpo, detendo-se no rosto.

Ouçõ bateria e guitarras a bombar nos auscultadores dele, mas ele limita-se a ficar ali sentado, com os vincos entre as sobrancelhas a tornarem-se mais fundos.

Estendendo a mão, puxo gentilmente os auscultadores e espreito por cima do ombro para os meus amigos, todos eles a olharem para nós.

– Eles acham que és sem-abrigo – digo-lhe, virando-me de novo e vendo o seu olhar a desviar-se deles na minha direção. – Mas como não estás a comer, acho que és um fantasma.

Mostro-lhe um sorriso malicioso e largo os auscultadores, pousando a minha mão sobre o seu coração. O calor dele percorre de imediato a minha mão, agitando um pouco o meu estômago.

– Não, toca a riscar isso – acrescento, fazendo mais força. – Sinto uma batida. E está a acelerar.

Masen limita-se a olhar para mim, como se aguardasse algo. Talvez deseje que eu desapareça, mas ainda não me afastou.

Afasto a mão do peito dele e inclino-me para trás.

– Lembro-me de ti, sabes? Estavas na caça ao tesouro em fevereiro. No armazém em Thunder Bay.

Ele continua sem responder e começo a achar que poderei ter-me enganado. O tipo daquela noite era de poucas palavras, mas, pelo menos, acabou por se revelar simpático. Como é que se brinca com alguém que não alinha?

– Gostas de ir ao *drive-in*, Masen? – pergunto. – É esse o teu nome, certo? – Baixo o olhar e mexo na caneta dele, tentando mostrar-me tímida. – O tempo está a ficar bom para isso. Gostarias de ir comigo e com os meus amigos um dia destes? Queres dar-me o teu número?

O peito dele afunda-se de cada vez que expira e sinto a minha pele a começar a agitar-se enquanto sustém o olhar em mim. Os seus olhos de um verde intenso brilham com um fogo que não consigo entender. Ira? Medo? Desejo? O que raio lhe vai na cabeça e porque é que não fala? Engulo em seco, com a sensação de que estou à espera que salte um boneco de mola de dentro de uma caixa.

– Não gostas de pessoas? – pressiono, debruçando-me e segredando: – Ou não gostas de raparigas?

– Menina Trevarrow? – ouço a chamar uma voz firme feminina que reconheço como pertencendo à diretora Burrowes. – Desça já da mesa.

Rodo a cabeça para olhar para ela, mas então, de repente, uma mão agarra-me a cintura e puxa-me.

Arquejo, em choque, ao aterrar no colo de Masen, com uma perna de cada lado.

– Eu gosto de raparigas – segreda-me ao ouvido, e o meu coração bate tão intensamente que até dói.

Então, a ponta da língua dele desliza pelo meu pescoço acima e paraliso, respirando a todo o gás ao sentir o calor a percorrer o meu sangue.

Foda-se.

– Mas tu? – A voz profunda e o hálito quente desabam sobre a pele do meu pescoço. – Tu parece que sabes a merda.

O quê?!

E, então, levanta-se e eu caio do colo dele, desabando no chão. Estendo a mão para

me tentar agarrar.

O que raio?

Ecoam risadas à minha volta e giro repentinamente a cabeça, vendo algumas pessoas em mesas próximas aos risinhos a olhar para mim.

As paredes cercam-me e ardo com a vergonha.

Não preciso de me virar para perceber que, provavelmente, Lyla sorri.

Filho da puta.

E então vejo Masen Lauren pegar no seu caderno e caneta, enrolar os auriculares ao pescoço e contornar-me para sair da cantina sem dizer mais nada.

Idiota. Qual é o teu problema?

Levanto-me, sacudindo a saia, e regresso à minha mesa.

Não foi a primeira vez que alguém se riu às minhas custas, mas será a última.

1 *Punk* em Portugal é uma designação estritamente ligada à cultura *punk*, mas em inglês significa também «marginal», por exemplo. (*N. do T.*)

2 *Emo* é um estilo de música *rock* parecido com *punk*, com arranjos e letras mais complexos e temas mais emotivos. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 4

RYEN

– Vou à República das Bananas. – Ten avança depressa e envolve-me o pescoço com um braço. – Queres vir?

Abano a cabeça, virando à esquerda no corredor.

– Tenho de ir para casa. Hoje é a minha vez de fazer o jantar.

A escola está vazia e acabámos agora o treino, mas enquanto toda a gente toma um duche e prepara-se para o que seja que as apresse, eu ainda estou de calções, sutiã desportivo e *top*. Só quero ir embora daqui. Este dia deixou-me de rastos e preciso de me recompor.

Aquele novo miúdo, o Masen, é um belo bico de obra e depois do almoço tive de desligar o meu telemóvel para ignorar as notificações do Facebook. Graças a Deus que ninguém tirou uma foto dele a deixar-me cair de rabo no chão da cantina, mas isso não impediu Lyla de publicar um *meme online*, brincando com a situação e identificando-me.

Claro, ela estava «só a brincar».

Quero lá saber. Seja como for, tenho de ir para casa.

Consegui fazer os trabalhos de Matemática ao almoço, mas esta noite ainda tenho de responder a umas questões para Formação Cívica.

– Uau. Aquele é o teu cacifo? – ouço Ten dizer.

Olho para o fundo do corredor e vejo uma série objetos espalhados pelo chão. Precisamente onde fica o meu cacifo.

Ten larga-me e corremos ambos na direção do caos, vendo a porta do meu cacifo aberta e parte dela amolgada, como se tivesse sido forçada com um pé de cabra.

O que diabo?

Ajoelho-me, os meus pulmões esvaziando-se enquanto remexo nas minhas roupas, *iPod* e num monte de folhas caídas das pastas onde tinham estado muito bem organizadas.

– O que raio se passou aqui? – diz de repente Ten. – Falta alguma coisa?

Abro completamente para trás a porta do cacifo e observo o que resta no interior. As pequenas prateleiras cor-de-rosa e a lâmpada no alto que instalei ainda lá se encontram, assim como o meu guarda-chuva e o casaco polar que lá guardo para uma eventualidade. Volto a ajoelhar-me para verificar os objetos espalhados no chão e vejo que também lá estão todos os meus livros, assim como os sapatos *Louboutin* e as

blusas que escondo da minha mãe.

– Acho que não – respondo, arquejando, ainda baralhada.

Porquê arrombar o meu cacifo e não levar nada?

Olho em volta, nervosa, reparando que não há mais nenhum cacifo vandalizado à vista.

– Não sei o que significará isto – comenta Ten.

– O quê? – Levanto os olhos, seguindo o olhar dele.

Segura a porta do meu cacifo para a manter fechada, mostrando-me a palavra escrita a marcador preto na frente.

Vazia.

Olho para lá, baralhada. *O quê?*

Sinto um peso imenso nos pulmões e vasculho o meu cérebro, a tentar perceber o que raio se passa.

Vazia? E porquê apenas o meu cacifo?

Apanho todos os meus pertences e enfio-os no meu saco desportivo, completamente passada por alguém ter feito isto enquanto eu estava no treino. O gabinete neste momento está fechado, mas sem dúvida que logo pela manhã vou reportar isto.

Vestindo o meu casaco polar, dirijo-me ao parque de estacionamento com Ten e entro no meu carro e ele no dele. Tranco de imediato as portas.

Amanhã, tenho de arranjar um cacifo novo. Não posso passar os dias com esta merda de um lado para o outro. Mesmo faltando pouco mais de um mês para acabarem as aulas.

Raios. Quem terá andado a mexer nas minhas coisas? Nem toda a gente gosta de mim – na verdade, Ten é a única pessoa que provavelmente não terá motivos para me irritar –, mas não se destaca ninguém em particular. E se voltar a acontecer?

Sigo rapidamente para casa e viro para a rampa de entrada, estacionando na garagem, não há ainda outros carros em casa. A minha irmã ainda deve estar nas aulas e o carro da minha mãe está estacionado no aeroporto, à espera que ela regresse amanhã de manhã.

Olho para o ecrã do meu telemóvel, enviando uma resposta rápida à mensagem que ela mandou mais cedo.

*

Vou chegar mais tarde a casa. Claque... natação..., escrevo.

*

K. Tens jantar pronto, responde. *Não te esqueças de guardar comida para amanhã.*

*

Pois, está bem. Enfio o meu telefone no saco desportivo. Um par de noites por semana fico até mais tarde na escola para o treino da claque e depois para dar aulas de natação por umas horitas. Tenho uma pequena pausa para comer algo, já que não vou estar em casa à hora do jantar, e para fazer alguns trabalhos de casa.

Fechando a porta da garagem, pego nos meus sacos e acedo à cozinha pela porta da garagem, retirando uma garrafa de água do frigorífico antes de correr pelas escadas acima.

Vou sentir-me melhor depois de um duche.

Com o que aconteceu hoje ao meu cacifo e o episódio na cantina, regressou uma sensação que já não tinha há muito. As pessoas não se riem de mim e tipos como ele não me põem no meu lugar. Não vou permitir que ele se aloje na minha cabeça como deixei aos outros há tantos anos. Agora, sou mais forte.

Abro a porta do meu quarto e entro, largando os meus sacos.

Que merda é esta?

– O que raio estás a fazer? – grito.

Masen, o tipo novo, está sentado à minha secretária, recostado para trás e com as mãos encaixadas atrás da cabeça. Ouço música e espreito para a base do meu *iPod*, reparando que toca «Stupid Girl», dos Garbage.

Ele mostra um sorriso sarcástico e olha-me nos olhos, relaxando como se não tivesse invadido a minha casa e assentado o seu traseiro num lugar que não lhe pertence.

– Como é? – rujo. – O que fazes no meu quarto, imbecil?

Expirando vagarosamente, aponta o queixo para mim.

– Fui primeiro ao que será, calculo, o quarto da tua irmã. Tem mais que ver contigo. Tretas de princesa cor-de-rosa e com roupa de cama com estampado zebra.

Fecho rapidamente a porta, não desejando que a minha irmã chegue a casa e o veja aqui.

– Como é que entraste?

Mas ignora-me e prossegue.

– No entanto, não me pareceu que fosse o teu nome em luzes de néon roxas por cima da cama. – Desata a rir, provavelmente da estúpida decoração narcisista da minha irmã, e levanta-se. – Ryen, certo? – questiona, olhando em redor pelo meu quarto. – Tenho de reconhecer, não estava nada a contar com isto.

Não sou nada do que possas esperar, parvalhão.

– Fora daqui.

– Obrigá-me.

Cerro os punhos.

– Como é que entraste?

– Pela porta da frente. – Avança na minha direção. – Então, onde estão?

Uno as sobranceiras, baralhada.

– Onde estão o quê?

– As minhas merdas. – Mostra os dentes, o sorriso sumiu.

As merdas dele? Está a falar de quê?

– Sai! – grito. – Não faço ideia do que estás a falar.

– Pareces nervosa.

– Achas? – retruco. – Não gosto de estranhos em minha casa e não gosto mesmo nada que alguém entre no meu quarto.

– Não me interessa – reage, parecendo aborrecido. – Levaste algo que me pertencia. Duas coisas minhas, na verdade, e quero-as de volta.

– Não levei nada. E agora sai daqui!

Ele leva a mão atrás das costas e retira algo que tinha guardado nas calças de ganga, mostrando-me. Fico parva e sinto um nó no estômago.

Merda. O meu caderno.

Um grande diário de pele branca repleto de lamúrias com pena de mim mesma que despejei ao longo dos três últimos anos e algo que não quero que alguém veja. Nunca. Todos os maus pensamentos e emoções que já senti por mim própria, pela minha família e amigos, aos quais não posso dar voz, estão naquele diário.

Como é que ele o encontrou?

– Debaixo do colchão não é propriamente muito original, sabes? – diz ele. – E, sim, li essa parte. E a outra. E a outra.

Sinto a batida do coração nos ouvidos e um grito a subir-me pela garganta.

Lança-me a ele.

Agarro o diário, mas empurra-me para trás, e caio na cama, com o corpo dele a abater-se sobre mim.

Gemo e grito, tentando apanhar o diário.

Ele deita a mão a algo e então dou com a tesoura que estava pousada na secretária apontada à minha cara. Paraliso, a olhar para a ponta.

– Não te preocupes – goza ele numa voz sombria. – Não vou fazer com que isto caia nas mãos da tua mãe. Vou arrancar a merda das páginas todas e colá-las por toda a escola, por isso, ouve bem, minha puta estúpida. Estou farto de falar contigo e estou farto de olhar para ti. Quero o medalhão e o papel que levaste do Cove.

– Do Cove? – Arquejo face ao peso do corpo dele. – O que...

Do que raio está ele a falar?

E, então, quando de repente percebo, paraliso. O Cove. Ontem à noite. O papel.

Quero lambe-lo, enquanto ainda sabes a ti.

E depois hoje... *Sabes a merda.*

Olho para ele, aparvalhada.

– Oh, meu Deus.

Era o quarto dele?

Eu tinha razão. Havia alguém naquele túnel. Ele viu-nos.

E, então, arregalo os olhos. Foi ele quem arrombou o meu cacifo! Daí não faltar nada. Não encontrou o que procurava.

Move-se rapidamente para o meu lado e abre e fecha a tesoura, e retraio-me quando ele volta a erguer a tesoura, fazendo flutuar no alguns dos meus cabelos castanho-claros.

– Para! – berro. – Eu não... Eu...

Os seus olhos verde-escuros incidem em mim, ameaçadores e perfurantes.

Rosno, tentando apanhar a minha almofada e enfiando lá a mão, retirando uma folha gasta dobrada. Encosto-a ao peito dele.

Ele agarra a folha.

– Falta o colar.

– Eu não peguei no colar! – grito. – Só na folha.

Volta a abrir e fechar a tesoura no meu cabelo e berro.

– Caramba! Já te disse! Não lhe peguei. Foi...

Ten. Ten estava comigo. Foi ele que o levou.

Merda.

– O quê? – rosna Masen, provavelmente ao aperceber-se da minha expressão de compreensão.

Inspiro fundo, fletindo o maxilar.

– Um amigo meu estava comigo. Eu trago-to. Está bem? Eu trago-to? Agora sai de cima de mim!

Ele para, a olhar para baixo para mim. Mas acaba por sair da cama e atira a tesoura para a secretária, enfiando o poema no bolso de trás das calças.

Levanto-me de um pulo, agarrando o meu rabo de cavalo, e procuro o pedaço de cabelo que foi cortado. Apenas um centímetro de uns poucos fios.

Faço-lhe uma careta.

– Idiota.

– Amanhã – ordena, ignorando o meu insulto. – Parque de estacionamento, depois das aulas. – E, então, mostra o meu diário. – Isto fica a servir de garantia.

– Não. Eu não confio em ti.

– Sabes que mais, Portas? – sorri ele. – É algo que temos em comum. Eu também não confio em ti. – Enrola o caderno, cingindo-o no punho. – Ora bem, já chega de desperdiçar tempo. Amanhã.

Cerro os dentes, vendo-o a encaminhar-se para a porta. Para na soleira e volta-se para trás, olhando uma derradeira vez para o quarto.

– Sabes que mais... gosto mesmo do teu quarto – reflete ele. – Talvez se fosses mais como isto na escola as pessoas não falassem tanto de ti nas tuas costas.

Sai, batendo com a porta, e fico de rastos.

Olho para a palavras escrita na minha porta do lado de dentro, em letras grandes a giz que não foram escritas por mim.

Fraude.

.

Na manhã seguinte, dirijo-me ao cacifo de Ten, mas só depois de parar junto à secretária da escola para reportar que o meu foi vandalizado e para que me atribuam outro. Os corredores estão repletos de alunos e seguro os meus livros no braço e olho para o chão, para tentar evitar chamar a atenção.

– Tem-lo contigo? – pergunto sem sequer o cumprimentar.

Ele ergue o olhar do cacifo e suspira, parecendo um pouco embaraçado. Tinha-lhe enviado uma mensagem na noite passada, a exigir que trouxesse hoje o medalhão.

Enfiando a mão no bolso dos seus calções pelo joelho, retira de lá um corrente comprida com um medalhão circular dependurado.

Agarro-a, sentindo-me de imediato um pouco aliviada por ter o aquele imbecil deseja. Agora, posso recuperar o meu diário.

– Porque é que pegaste nisto? – pergunto de pronto. Terá achado que ficava bem com a sua *T-shirt J. Crew*?

Mas Ten limita-se a encolher os ombros.

– Parecia uma peça antiga. Pensei que pudesse valer alguma coisa.

Enfio o colar no bolso.

– Cleptomaniaco.

– E como é que percebeste que o trouxe?

Porque o tipo novo giro, que calha estar a viver às escondidas num parque de diversões abandonado, invadiu o meu quarto na noite passada, cortou-me cabelo e ameaçou expor os meus mais horríveis pensamentos íntimos relativos a todos os meus amigos, caso eu não o devolvesse.

Pois, não pode ser.

– Vemo-nos ao almoço – digo, ignorando a pergunta dele e dando a volta para ir à aula de Educação Visual.

Retirando o colar do bolso enquanto caminho, rodo-o, observando com atenção a prata envelhecida e os detalhes intrincados em volta da pedra da lua encaixada ao centro. Ten tem razão. Parece uma antiguidade. Tem vários riscos e o metal parece mais grosso, mais sólido, do que as bijutarias típicas da Target.

Mas, que significado tem o colar para Masen Laurent? Abro o medalhão ao subir lentamente as escadas, com o pessoal a correr e a rir à minha volta soando como um eco distante.

Mas assim que o abro, uno as sobranceiras ao ver, não fotografias, como esperava, mas um pedacinho de papel dobrado.

Retirando-o, desdobro-o e rodo-o, lendo as palavras.

*

Fecha os olhos. Não há nada para ver lá fora.

*

Abrando e paro, fitando o bilhete e dizendo de novo as palavras a mim mesma.

Soa-me familiar, como se já as tivesse ouvido. Ou dito, ou algo...

Assim que toca a campainha, o nosso aviso de um minuto, dobro papel, enfiando-o de novo no medalhão, e fecho-o.

Toda a gente à minha volta se apressa a subir ou descer as escadas e corro para a minha sala de aula, devolvendo o colar aos meus calções de ganga.

A quem pertencerá o medalhão? A alguém da família? A uma namorada? Talvez ele o tenha roubado. Afinal de contas, vive no Cove, e a julgar pelo estado das mãos e dos *jeans*, não parece que haja um pai ou uma mãe a tomar conta dele. Provavelmente, não terá qualquer dinheiro, e se é capaz de arrombar a minha casa sem deixar vestígios, é porque sem dúvida já o terá feito antes.

Sinto-me tentada a procurá-lo já e recuperar o meu caderno, mas deve estar no cacifo ou no carro dele, e não confio nele para fazer uma troca rápida sem que os outros reparem que estou a falar com o *esquisitoide* que ontem me fez cair de cu. Não quero voltar a ser vista com ele.

E, por sorte, hoje não o vejo na aula de Educação Visual. Talvez tenha deixado a disciplina.

Ou – e o meu coração afunda-se – talvez hoje não tenha vindo à escola. Sinto uma agitação a percorrer-me o corpo. Se tiver de voltar àquele ferro-velho para o procurar, vou ficar chateada. Vou recuperar aquele caderno.

Depois da aula de Educação Visual, sigo para Inglês IV, levando o meu manual,

caderno e exemplar de *Lolita*. Mas assim que entro na sala, dou com ele sentado na fila à esquerda da minha, uma secretária atrás.

Sinto-me ao mesmo tempo aliviada e irritada. Ele ontem não estava nesta aula. Será que vai aparecer em todas as minhas aulas?

Mas aparentemente não me vê. Tal como ontem em Educação Visual, limita-se a ficar ali sentado, a olhar para a frente com um leve franzir de sobrolho como se tudo isto lhe fosse inconveniente.

Ocupo o meu lugar, reparando que hoje as calças de ganga e a *T-shirt* preta dele estão na verdade lavadas.

O professor Foster acende o projetor, com o ecrã do seu computador portátil a aparecer no grande quadro branco diante da turma, e começa a dar as suas voltas, entregando os nossos últimos trabalhos. Soa o último toque de entrada e os alunos baixam o tom de voz, conversando discretamente enquanto o professor percorre os corredores.

– Então, sinto-me um pouco perdido – diz Foster, detendo-se junto à minha secretária e segurando o meu trabalho enquanto espreita para baixo para mim. – Leu mesmo o livro ou leu apenas resumos?

Ouçoo um resfolegar atrás de mim – de J.D., sem dúvida – e sorrio.

– Pediu uma análise da história, por isso vi o filme – explico, arrancando o meu ensaio sobre *Anna Karenina* da mão dele. – *Spoiler alert*, continha imenso sexo.

Desata toda a gente a rir e sinto as minhas veias em ebulição, animando-me depois da pequena humilhação de ontem.

O professor Foster e eu estamos sempre a pegarmo-nos e, apesar de Educação Visual poder ser a aula que mais aprecio, Foster é o meu professor preferido. Encorajamos a usar a nossa voz e é um dos poucos adultos a falar aos alunos enquanto adultos.

– Pedi uma análise ao *romance*, Ryan.

– Eu tentei – digo-lhe. – A sério que sim. Mas era deprimente e inútil. O que era suposto aprender? Mulheres, não traíam os vossos maridos na Rússia do século dezanove ou serão banidas da sociedade e obrigadas a atirarem-se para baixo de um comboio? – Endireito-me na minha cadeira. – Entendido. Para a próxima vez que for à Rússia do século dezanove, não vou esquecer.

Ouçoo J.D. de novo a rir-se atrás de mim e irrompem risadinhas pela sala.

Mas Foster baixa o tom de voz, olhando-me bem nos olhos.

– Vale mais do que isto – sussurra-me.

Fito-o por um momento, apercebendo-me da súplica na sua expressão. Percebo o quanto tem em conta o meu intelecto e como se zanga por não tirar o melhor proveito dele.

Recua, passando ao aluno seguinte, mas ainda a falar comigo.

– Leia *Jane Eyre* e volte a fazer o trabalho – ordena.

Devia aceitar o meu castigo e dar-me por grata por me dar outra oportunidade em vez de aceitar o C escrito neste momento no meu trabalho sobre *Anna Karenina*. Mas não resisto uma vez mais a armar-me em esperta.

– Será que não posso, pelo menos, ler algo escrito nos últimos cem anos? – questiono. – Algo onde não haja um homem de meia-idade a enganar uma rapariga de dezoito anos para cometer bigamia?

Ele roda a cabeça, com uma expressão severa.

– Acho que já dominou as atenções da aula o tempo suficiente, menina Trevarrow.

– Na verdade – prossigo –, estou a reparar numa tendência neste semestre. *Anna Karenina*, *Lolita*, *A Rapariga do Brinco de Pérola*, *Jane Eyre*... tudo histórias com homens mais velhos e mulheres mais jovens. Alguma mensagem que nos queira passar, professor Foster? – Pisco duas vezes o olho, provocando o velhote.

Desta vez os risos da turma são mais sonoros e vejo o peito de Foster a dilatar com a respiração exacerbada.

– Quero o relatório amanhã – diz ele. – Entendido?

– Absolutamente – respondo, baixando depois a voz para um murmúrio. – Há montes de filmes *Jane Eyre*.

Os alunos à minha volta riem-se disfarçadamente, pois é evidente que não dá para ler todo um romance e escrever um relatório tendo o treino da claqué e a natação esta noite. Ponho fim à minha brincadeira, satisfeita por ter vencido a discussão. Pelo menos, aos olhos deles.

Sinto o ar fresco e puro ao encher-me os pulmões.

– E se for o *Crepúsculo*? – alguém questiona.

Detenho-me face à voz profunda atrás de mim. O professor está parado diante da secretária dele e ergue o olhar, focando para lá da minha cabeça.

– *Crepúsculo*? – questiona.

– Sim, Portas? – Masen vira-se para mim. – Gostas do *Crepúsculo*?

O meu coração começa a bater com mais força. O que está ele a fazer?

Mas giro a cabeça para o lado, cravando o olhar dele com uma expressão de aborrecimento.

– Gostei, claro. Quando tinha doze anos. E tu?

Ergue o canto da boca e uma vez mais a minha atenção é atraída pelo *piercing* que tem no lábio.

– Aposto que adoraste – diz ele, e toda a turma está a ouvir. – Aposto que foi isso que te fez interessar pela leitura. E até aposto que foste à noite de estreia dos filmes. Também tinhas uma *T-shirt* do Edward?

Mais uns risinhos a ecoar à minha volta e se há pouco me sentia nas nuvens, a sensação desapareceu ao ver os olhos arrogantes dele. Como é que pode saber isso?

Arranjei um livro do *Crepúsculo* quando era mais nova, porque Robert Pattinson aparecia na capa, e eu tinha doze anos, por isso...

Mas logo depois de o ter lido, pedi à minha mãe para comprar todos os livros e passei as duas semanas seguintes a lê-los em todos os meus tempos livres.

Arqueio uma sobrancelha, olhando para o professor.

– Apesar de ser fascinante por ele finalmente estar a falar, e isso, não estou a perceber qual é a ideia.

– A ideia é... – responde Masen –, o Edward não era tipo uns cem anos mais velho do que a Bella?

Oitenta e seis.

– Vês – prossegue ele –, estás a julgar histórias sobre homens mais velhos e mulheres mais novas como sendo uma perversão doentia e superficial por parte dos homens, quando na verdade era bastante comum na época os homens esperarem até

concluírem a sua formação e estabelecerem uma carreira antes de conseguirem suportar uma esposa.

Faz uma pausa, e depois prossegue.

– Uma esposa, que era quase sempre mais nova, pois precisava de dar à luz muitos filhos. Como ditava a sociedade. E, no entanto, o teu querido Edward Cullen tinha mais de cem anos, andava no secundário, vivia com os pais e tentava enfiar-se nas cuecas de uma menor no século vinte e um.

Toda a turma desata aos risos e sinto uma forte impressão no estômago.

Apanho Masen pelo canto do olho, debruçando-se sobre a secretária, para mais perto da minha, e a sussurrar:

– Mas ele era giro, por isso acho que nada mais importava, certo?

Continuo a olhar em frente, com os nós do meu estômago cada vez mais enredados. Claro, Edward era décadas mais velho do que Bella. Mas o facto de ser atraente nada tinha que ver com o facto de ela o amar.

Masen prossegue a sua investida.

– Ora bem, se ele tivesse o aspeto que tem a maioria dos homens com cem anos – frisa, e vejo-o a levantar-se –, não teria sido romântico, pois não? Não haveria Bella e Edward. – Avança até à frente da sala e contorna a secretária do professor, apontando para o portátil. – Dá-me licença?

O professor assente com a cabeça, com um ar receoso, mas permitindo.

Masen debruça-se para a frente e recuso-me a olhar enquanto escreve algo no motor busca. Mas quando irrompem mais gargalhadas, desta vez mais alto, não tenho como me conter.

Ergo o olhar para o ecrã e de pronto sinto a fúria a levar-me a cerrar os punhos.

Uma imagem enorme de um velhote, carregado de rugas, com dentes em falta, e careca, mas com pelos grisalhos grossos a saírem-lhe da parte de cima do nariz, sorri-nos a todos, e lanço um olhar fulminante a Masen, que reage com um sorriso.

– O velho Edwards é um gajo feliz – vangloria-se –, pois está prestes a despir-se com a Bel-la.

– Oh, *yeah!* – grita J.D., e mais ninguém se controla. Os alunos contorcem-se de riso e o seu divertimento rodeia-me como uma parede a encerrar-se. Tudo se torna mais pequeno e começo a sentir o espaço nos meus pulmões a encolher conforme me esforço cada vez mais para respirar.

Cerro os dentes. *Filho da mãe.*

Masen cruza os braços sobre o peito, olhando para mim como se eu fosse uma refeição que está desejoso por devorar de novo.

– Agita os teus pompons, Portas – diz ele. – Acabaste de nos recordar a todos que no amor *só* interessa a aparência.

.

Caminho o mais depressa que consigo, com um suor frio a escorrer-me da nuca para as costas enquanto me enfo no balneário das raparigas. O peso que sinto no peito intensifica-se e passo por raparigas que se equipam para Educação Física enquanto me enfo numa das cabinas de duche, corro a cortina e ligo a água.

Desvio-me para a esquerda para não ser apanhada pelo jato. O ruído da água abafa

os meus ouvidos atentos e pego no inalador que tenho no bolso e aplico duas bombadas rápidas, apoiando-me na parede do chuveiro e cerrando os olhos.

Quatro anos. Foda-se, há quatro anos que não tinha um ataque de pânico. É sempre induzido pelo exercício. Os meus pulmões começam a abrir-se e inspiro e expiro lentamente, obrigando-me a acalmar-me.

O que raio se passa comigo? O tipo não é uma ameaça. Eu consigo lidar com isto. Então, ele estava a desafiar-me. E depois? Vou passar-me sempre que isso acontecer? Mais cedo ou mais tarde sairei em segurança de Falcon's Well e deixarei de ser a abelha-mestra. Estou a comportar-me como uma criança.

Mas, por momentos, está tudo às escuras. Aos poucos o mundo na minha visão torna-se cada vez mais pequeno como se eu estivesse num túnel a andar para trás. A luz à minha frente – Masen, o professor Foster, os outros alunos – torna-se pequena consoante a escuridão sorve a sala e sinto-me completamente sozinha.

Tal como antes.

«Muito bem, pessoal!» A professora Wilkens, do quarto ano, chama enquanto nos alinhamos junto à porta do lado de dentro da sala. «Se ficam cá dentro para o intervalo, nada de conversa. Estão a trabalhar.» A seguir, olha para nós. «Os outros... toca a caminhar, por favor.»

A líder da fila transpõe a porta e toda a gente sai disparada, correndo para o recreio. Alguns alunos correm para as bolas penduradas, outros para as barras e alguns passeiam em volta pelo alcatrão, a pensar no que hão de fazer.

Passa toda a gente por mim e abrando até ao passo de caminhar, inquieta e a olhar para eles enquanto encontram os seus grupos e começam a brincar. O sol está quente e, aos poucos, entro no caos, olhando em volta sem saber ao certo para onde ir ou com quem falar.

Isto acontece todos os dias.

Raparigas correm para junto de outras raparigas, a sorrir e a falar. Os rapazes brincam com outros rapazes, lançando bolas para um lado e para o outro e trepando ao equipamento. Alguns dos meus colegas de turma sentam-se na relva e brincam com coisinhas que levaram às escondidas para a escola, e todos se encontraram uns aos outros, emparelhando.

Mas ninguém me procura.

Arrasto os pés, sentindo o meu estômago em convulsão. Odeio o intervalo. Devia ter ficado na sala a pintar ou a escrever no meu diário ou isso.

Mas quero que saibam que estou aqui. Quero que me vejam.

Não gosto de ser esquecida.

Olho para Shannon Bell e outras raparigas da turma, com o cabelo e roupas sempre tão fixes e bonitos. Porque é que não posso ter aquele aspeto? Passo as mãos pela minha saia pelo joelho e pelo meu polo, parecendo tão boa menina. A minha mãe prende-me sempre o cabelo num rabo de cavalo, mas quero-o ondulado como o delas.

Lambo os lábios, engolindo em seco com força, e aproximo-me delas.

– Olá – digo, sentindo como se não conseguisse respirar.

Param de falar e olham para mim, sem sorrirem. Aponto para a mão de Shannon.

– Gosto do teu verniz das unhas.

Na verdade, não gosto. Acho o amarelo nojento, mas a minha mãe diz que elogiar as pessoas é uma boa forma de fazer amigos, portanto...

Shannon tossica um pouco, parecendo envergonhada por as amigas dela a verem a falar comigo. Lança um olhar na direção delas.

Sinto uma mão invisível a puxar-me para longe. Querem que eu vá embora, não é?

Mas forço um sorriso e esforço-me mais.

– Ei – digo a outra rapariga, vendo os sapatos Mary Jane dela. – Temos sapatos iguais. – Olho para baixo, para os meus, mostrando-lhos.

Ela ri-se, revirando os olhos.

– Ui.

– Vocês... – diz outra rapariga, repreendendo-as, mas não param de rir.

– O que é isso? – Shannon aponta para o volume no bolso da minha saia.

Sinto um leve aperto no coração. Não há mais ninguém na turma que tenha um inalador e isso agora torna-me ainda mais diferente.

– É só o meu inalador – respondo, falando baixo. – Tenho alergias e asma, e isso. Não é nada de especial.

Mantenho o olhar baixado. Não quero ver os olhares que trocam. Contorço os lábios para o lado, sentindo as lágrimas a formarem-se. Porque é que não posso ser fixe?

– Então, achas que o Cory Schultz é giro? – pergunta a Shannon.

Pestanejo, erguendo as guardas.

– Não – respondo de pronto.

Cory Schultz é da nossa turma e é mesmo giro, mas não quero que ninguém saiba que essa é a minha opinião.

– Bem, eu acho que é giro – comenta. – Achamos todas. Tens algum problema com ele?

Ergo o olhar, abanando a cabeça.

– Não. É só que... sim. Até é giro.

Uma rapariga atrás de Shannon desata às gargalhadas e Shannon de repente afasta-se, na direção do campo de basquetebol.

Sinto o meu coração a acelerar. Ela vai ter com Cory e segreda-lhe algo ao ouvido e ele olha para mim, fazendo uma careta de nojo.

Não.

Toda a gente desata a rir e eu viro costas e fujo, ouvindo atrás de mim:

– A Ryen gosta do Cory. A Ryen gosta do Cory.

Começo a chorar, com as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto e a tremer com os soluços. Corro para trás do edifício e escondo-me enquanto desabo.

– O que é que se passa agora contigo? – pergunta a minha irmã, que anda no quinto ano, ao chegar junto de mim. Deve ter-me visto a fugir.

– Nada – choro. – Vai-te embora.

Ela resmoneia entre dentes, parecendo zangada comigo.

– Vê se arranjas umas amigas para eu poder brincar com as minhas e a mãe deixar de me obrigar a brincar contigo. És capaz disso?

Choro ainda mais quando se afasta intempestivamente. Sente vergonha de mim. Não sei o que se passa de errado comigo.

Seco as lágrimas e dirijo-me para a sala de aulas. Tenho a certeza de que a minha cara está vermelha, mas posso esconder-me atrás das minhas capas e pousar a cabeça na secretária.

Entro discretamente na sala, vendo uns quantos alunos sentados nas suas mesas que quiseram trabalhar nos seus projetos, enquanto a professora Wilkens se encontra sentada ao computador na sua secretária de costas para mim. Enfio-me na minha mesa e pego em duas capas, levantando-as para erigir uma muralha à minha volta. Baixo a cabeça e escondo-me.

– Queres ajudar-me? – ouço uma voz.

Olho para a minha direita e vejo Delilah a trabalhar em papel pardo no chão. Tem um marcador na mão, as unhas sujas e a franja loura a tapar-lhe os olhos. Fica sempre na sala durante o intervalo. Ao contrário de mim, há muito que desistiu de tentar integrar-se.

Pego no marcador, baixando-me junto dela.

– Obrigada – digo, olhando para a Torre Eiffel que desenhou à mão quase da minha altura.

Ela sorri e começamos a trabalhar, pintando, ao mesmo tempo que sinto o peso no peito a diminuir.

Ela é sempre simpática. Porque é que me interessa tanto o que pensam as outras raparigas? Porque é que quero ser amiga delas?

Tento ser simpática, mas nunca basta.

Mas elas são más e todas as adoram.

Porquê?

.

Curvo-me na cabina do chuveiro, apoiando as mãos nos joelhos e afastando as recordações. Já não sou assim. Estou bem. Está controlado. Ele pressionou, eles riram e sufoquei. Fui complacente. Para a próxima, basta-me pressionar em resposta. Sou boa nisso.

Ou, simplesmente, ignorá-lo. De qualquer das formas, não é nada de especial. Daqui a uns meses, nenhuma destas pessoas será algo de especial.

Maldito Crepúsculo. Como é que ele pode ter adivinhado? Inspiro e expiro, com os músculos por fim a relaxar. Masen Laurent segue sempre um passo à frente.

Volto a enfiar o inalador no bolso, desligo a água e saio da cabina, abandonando o balneário. Estou atrasada para a aula de Matemática, e sigo em frente como se o episódio na aula de Inglês nunca tivesse ocorrido.

Ninguém fala do assunto. Ninguém envia mensagens sobre o que aconteceu. Masen Laurent ainda não está no radar de ninguém e não há quem acredite que sou a fedelha superficial que me acusa de ser.

Ninguém.

.

O resto do dia de aulas decorre impiedosamente devagar enquanto enfrento o almoço e

todas as aulas, sentindo que vou levar outra pancada a qualquer momento. Mas assim que soa o toque de saída, largo os meus manuais e pego no meu saco desportivo para o treino da claqué e para a natação, abandonando apressadamente a escola em direção do parque de estacionamento.

– Ryen? – ouço Lyla a chamar por mim.

Mas não paro.

– Volto já! – grito por cima do ombro.

Ela sabe que temos treino e estará provavelmente a pensar porque é que estou a sair da escola.

Avançando pelo parque de estacionamento, vendo estudantes a entrar nos seus carros e ouvindo motores a ligar, vasculho a multidão em busca do tipo novo. Por fim, vejo-o, a subir para uma carrinha preta e sem levar nada nas mãos. Nem manuais, nem pastas, nada.

Ao encaminhar-me para ele, reparo num par de tipos a cumprimentá-lo enquanto a minha amiga Katelyn se abeira dele, roçando recatadamente a mão na lateral da carrinha dele e comportando-se de forma muito envergonhada e cheia de merdas.

As minhas esperanças foram por água abaixo. Sem dúvida que ele já está no radar das pessoas.

Hesito, vendo-a abraçada aos livros e a falar, aos risinhos com algo que disse, enquanto ele olha para ela, calmo e descontraído, não parecendo mais amistoso do que comigo.

Porque é que isso me agrada?

Acho que é um alívio saber que eu talvez não seja especial. Ele é grosseiro com toda a gente, exceto com os tipos que vieram ter com ele há pouco.

Ou talvez eu não tivesse gostado de o ver sorrir a ela e não a mim ou...

Inspiro fundo, cada vez mais impaciente. Não quero que ela me veja com ele, mas preciso do meu diário.

Avanço na direção deles, erguendo o queixo e assentindo com a cabeça para Katelyn.

– Vemo-nos no treino.

Ela detém-se, parecendo surpreendida. Agarro a tira do meu saco desportivo ao ombro e olho fixamente para ela, à espera que parta.

Acaba por revirar ligeiramente os olhos e afasta-se, deixando-nos a sós.

Sem dúvida para ir trocar intrigas com Lyla.

Enfio a mão na bolsa do saco, retirando o medalhão e entregando-lhe.

Ele pega no colar, de uma forma quase gentil, e fita-o por momentos antes de o guardar no bolso. Ergue os olhos para mim e algo cede. Por uma fração de segundo, vejo algo diferente. Como se... estivesse dececionado, ou isso.

– Agora, devolve-me o caderno – exijo.

– Desculpa – diz ele, com o olhar preso no meu. – Lamento, mas não o tenho.

– Não me irrites – rosno num tom sussurrado. – Trouxe-te o que querias.

– O que eu quero... – Ri-se discretamente para si mesmo como se houvesse algo que não entendo.

Abre a porta do lado do condutor e sobe para a carrinha. Mas antes de ele fechar a porta, estendo o braço e agarro-a.

– Tínhamos um acordo.

Ele assente com a cabeça.

– Tínhamos. Mas agora não há nada que me dê mais gozo do que irritar-te. – E arranca a porta da minha mão e fecha-a com força.

Ligando o motor, acelera, e passo a mão pelo cabelo, com o desespero a apossar-se de mim. Mas hesito apenas um momento antes de largar o meu saco e correr atrás, subindo para o degrau da cabina.

– Imbecil – digo entre dentes, e ele pisa o travão e lança-me um olhar fulminante.

Provavelmente, estou a atrair as atenções, mas não vou aguentar mais merdas.

– Sai da carrinha.

Abano a cabeça.

– Não sei quem és, nem de onde vens – rosno –, mas a mim ninguém me dá tangas. Caso não saibas.

Ele ergue o queixo de repente, indicando algo atrás de mim enquanto sorri.

– Acho que logo veremos.

Viro-me e vejo Lyla e Katelyn sentadas na beira, ao cimo dos degraus, a observar-nos. Fantástico. Como é que vou explicar isto?

– Cuidado. Estás a ser julgada – goza Masen. – Não sufoques.

Desço da cabina e ele volta a engatar a carrinha, mas antes de conseguir arrancar, grito:

– Vives num parque de diversões abandonado.

Ele volta a parar a viatura e ergue o queixo. Avanço até à janela dele, sentindo um pouco do meu poder a regressar enquanto lhe sorrio ao de leve.

– Eu só estaria a fazer o que é indicado – digo-lhe –, avisando um adulto responsável que vives como um sem-abrigo.

Imobiliza-se face à minha ameaça e suspiro compassivamente.

– Os serviços sociais iriam lá, descobririam de onde vens e se alguém te procura... – prossigo, levando um dedo ao queixo fingindo-me pensativa. – Estou aqui a pensar se Masen Laurent terá registo criminal. Será por isso que te escondes? Estava capaz de apostar nisso.

O franzir de sobrolho dele é intenso e vejo o maxilar a retesar-se. Sim, até pode ter dezoito anos e pode ocupar qualquer espaço abandonado, mas isso não significa que queira ser alvo de atenções. Talvez os pais o procurem. Talvez uma família de acolhimento.

Talvez a polícia.

A verdade é que não há muita gente a ser transferida de escola a seis semanas do fim das aulas do último ano do secundário. Ele foge de algo.

Volta a mexer nas mudanças e finalmente fala.

– Trago-o logo à noite.

– Vais trazê-lo já.

Vira-se para mim.

– Se me estás a forçar, nunca mais o vês – vinca. – Tenho umas merdas para tratar. Procuro-te logo à noite.

CAPÍTULO 5

MISHA

Querida Ryen,

Sustenho a caneta sobre a folha, paralisado, os milhões de coisas que quero dizer-lhe todos os dias perdidos assim que me sento para escrever. O que me diz sempre ela? *Começa e pronto.* Não me preocupo com o que vou dizer. É só começar e pronto, tudo se há de revelar.

Antes de Ryen, não era capaz de escrever letras para canções. E, agora, desde aquela noite há três meses, não consigo escrever nada.

Observo o armazém vazio, fuligem preta de fogueiras passadas reveste as paredes, e a brisa quente a soprar pelas janelas partidas e atingir-me as costas.

Uma corrente pendurada algures no espaço amplo acima de mim é sacudida pelas rajadas e choca contra uma viga enquanto um arrepio me percorre a espinha.

Parece diferente, aqui. À noite, este lugar está a abarrotar, mas durante o dia é sossegado e vazio. O meu lugar preferido para vir quando é precisamente disso que preciso.

Olho para baixo para o nome dela, tentando recordar como sempre foi fácil abrir-me com ela.

.

Detesto isto, digo-lhe. Dói tudo como a merda. Não era suposto que eles a enterrassem. Eu não deveria ter permitido que ele o fizesse. Ela viu um filme em criança, sobre uma mulher enterrada viva, e assustou-a como o caraças. Ela não queria ir para debaixo de terra, mas o meu pai disse que precisávamos de um lugar onde a visitar, como se os desejos dela não fossem o mais importante.

.

Fecho os olhos, com a humidade a cobrir o rebordo das minhas pálpebras. A raiva arde dentro de mim e desce-me pelos braços consoante entalho as palavras no papel.

.

Não consigo escrever-te. E quando consigo, não consigo enviar o raio das cartas.

Quero magoar-te. Não sei porquê. Provavelmente, por seres a única pessoa que resta para eu magoar. Todas as cartas que enviaste a que não respondi é a única coisa que ainda me faz sentir bem. Queres a verdade? É essa. Sabe bem brincar contigo desta maneira. Dá-me gozo, saber que estás a pensar em mim, mas a tentar adivinhar se estarei a pensar em ti.

Não estou. Nunca.

Continuo a escrever, vertendo todas as coisas horríveis, porque ela me adora, quer que eu seja feliz e quer que eu sorria e faças merdas mundanas como falar de *Star Wars* e música e o que vou fazer para a universidade. Quem é ela, caramba, para achar que não há coisas mais importantes do que ela no mundo?

Todas as tuas cartas, ao longo dos anos, foram imediatamente para o lixo depois de as ter lido. Nunca percebeste como eras patética? Enviar cinco cartas por cada uma das minhas? Aposto que também te enganaste a ti própria. Imaginaste que eu as guardava? Se calhar com um lacinho vermelho muito bem atado em redor da pilha enquanto batia uma com elas, por adorar imenso as tuas palavras?

Não. Porque depois de, a dada altura, te foder, iria aborrecer-me. A questão era só essa.

Inspiro ar pelo nariz, cingindo os maxilares consoante pressiono a caneta no papel. A culpa apodera-se de mim.

Ryen.

A mentirosa. A impostora. A puta superficial igualzinha a todas as outras.

Mas, depois, baixo os olhos, recordando...

Ryen.

A miúda que enfiou cinco dólares numa carta no quinto ano quando lhe contei que o meu pai me tirou a minha semanada.

A rapariga que me faz sorrir quando argumenta que a salsicha se sobrepõe ao sabor da piza e me envia uma *Veggie Lovers* no meu aniversário para provar que estou errado. Não consegui. A *Meat Lovers* é bem melhor.

A rapariga que percebe todas as minhas referências a filmes, que sabe quando estou errado, que me diz tudo o que preciso ouvir e que faz com que o mundo pare de rodar à minha volta.

Ryen. A rapariga maravilhosa e perfeita que é tão diferente de todas as outras.

Passo a mão pela testa e pelo cabelo, sentindo a garganta cingir-se e os olhos a arder.

Foda-se. Pouso a caneta e arranco a folha do meu caderno. Retiro uma carteira de fósforos do bolso dos *jeans*, aquela que uso para acender o candeeiro no meu quarto no Cove, e raspo um fósforo, observando a ponta a ficar cor de laranja e amarela. Aproximo-o da carta, pegando fogo ao canto. As pontas depressa enegrecem conforme a chama alastra pela folha, devorando cada palavra enquanto as linhas azuis

desaparecem lentamente.

Suspiro, prendendo a argola que tenho no lábio entre os dentes. A rapariga que vi ontem na sala de aulas... desiludiu-me. A minha Ryen, que em tempos conheci, nunca trataria ninguém como ela tratou aquele miúdo, Cortez. A forma como se deixou ficar, permitindo que aquele filho da mãe se metesse com ele. Esperei por ela. Fiquei ali sentado à espera que levantasse o traseiro e o defendesse, que dissesse algo, que fizesse algo, mas...

Nada.

Agora, tudo faz sentido. A *cheerleader* de que ela falou nas cartas e tudo o que detestava – referia-se a si própria.

Largo o pequeno fogo da minha mão para o chão de cimento, esfregando o meu sapato na poeira, pisando-o.

Espreito para o relógio e vejo que já passa das sete. Passei por minha casa depois das aulas, antes de o meu pai chegar, para ver o meu correio e trazer algumas coisas, e então peguei em comida e vim para aqui. Recordo-me de Ryen dizer nas cartas que dá aulas de natação à noite, de terça a quinta-feira na piscina da escola. Deve ser lá que a poderei encontrar agora.

Devia ter-lhe devolvido o caderno. Ela encontrou o medalhão de Annie e não quero meter-me me merdas com ela, em especial não sendo a razão para eu aqui estar, e vou-me embora da cidade assim que tiver aquilo que vim buscar.

E os nossos caminhos nunca mais se cruzarão.

Mas, tenho de admitir, tramá-la hoje na aula foi a primeira vez que sorri em muito tempo. É difícil resistir.

Saio do armazém em direção à minha carrinha e subo para a cabina, fechando a porta com força.

Mas, então, assusto-me ao ver a porta do lado do passageiro ser aberta.

Dane entra na carrinha e lança-me um leve sorriso ao recostar-se, parecendo descontraído.

– Netflix e gajas?

Mostro desprezo e rodo a chave na ignição.

– Sai.

O motor ganha vida com um ronronar suave que me deu trabalho a manter. O meu primo deixou-me esta carrinha quando esteve «indisponível» por três anos, mas agora que voltou ainda não a veio reclamar, por isso calculo que seja minha. Fiquei agradecido quando me entregou as chaves há anos. Quando surgisse o momento, não queria ter de pedir um carro ao meu pai.

– Então, ontem à noite tive um encontro – prossegue Dane, ignorando a minha ordem. – Lembras-te daquela rapariga da Sigma Kappa qualquer coisa? Estava ontem à noite no concerto e estava tudo a correr na maior, ambos a foder-nos um aos outros com os olhos durante horas... – Faz uma pausa e vira-se para mim, a sua voz a assumir um tom urgente. – Ela leva-me para casa, meu, e estou sentado na sala de estar enquanto ela está na casa de banho e estou tão pronto, porque ela é tão *sexy*, certo? E quem entra?

– Dane. – Fecho os olhos, desejando que feche o raio da boca.

– A mãe dela, meu! – despeja ele. – A mãe dela com a camisa de noite rosa com

um belo par de pernas. E deixa-me que te diga, pá... A mãe da Stacy ainda tem tudo no sítio.

Não consigo conter-me. Desato a rir face à referência à canção e belisco a ponta do nariz, cansado, mas um bocadinho mais descontraído, embora nunca o viesse a admitir.

Que idiota.

Dane tem vinte e um anos, mas depois de terminar o secundário ainda não se encontrou. Ainda vive em casa dos pais, adora compor música, mas não tem pressa em ser alguém em determinada idade. Quem me dera poder levar as coisas de uma forma tão descontraída como ele.

Expiro calmamente e olho para ele, culpado por ainda ser um bom amigo, apesar de eu ultimamente me comportar como um merdas.

– Lamento pela banda.

Depois de Annie ter morrido, eu não via nada mais além disso. Comecei a faltar às aulas, deixei a banda, desisti de tentar ter um relacionamento com o meu pai...

Ele ficou de rastos ao perder Annie e eu durante uns meses deixei-me andar sem rumo, ainda por ali, mas não conseguíamos fazer o luto juntos, e não consegui ficar para ver. Ele sentia-se triste. Eu sentia-me zangado. Perdê-la quebrou de vez qualquer pequeno laço que ainda nos unisse.

E a merdosa da minha mãe nem sequer apareceu para o funeral. Sempre que penso nisso, sinto-me ainda mais enfurecido.

Mas Dane limita-se a encolher os ombros.

– Vamos esperando até te sentires preparado para regressar – diz-me. – Sabes que sem ti não valemos nada.

– Pois, bem... há meses que não escrevo. Foi-se, por isso não esperem por mim.

Depois de ter deixado a banda, eles prosseguiram com três elementos. Ainda atuam aqui e acolá e a digressão de verão continua na agenda. Sei que Dane espera que na altura eu já tenha atinado, mas o meu interesse é nulo. Quando perdi Annie, perdi também Ryen, e agora não há nada que me interesse. Não sei se algum dia voltarei a ter algo a escrever ou a dizer.

– O que é isto?

Espreito para Dane, que segura no caderno branco de Ryen, folheando-o e observando o interior.

– Afinal, andas a escrever? – pergunta, detendo-se então numa página. – Não. Isto é letra de miúda. – Continua a ler e então solta uma pequena gargalhada. – Uma péssima letra de miúda. Quem é ela?

Arranco-lhe o caderno das mãos e largo-o no assento.

– A minha musa.

– Ela quere-o de volta?

Sorrio para mim mesmo.

– Mais do que tudo.

E ele agarra o cinto de segurança dele, prendendo-o.

– Bem, então toca a andar.

Ao entrar na escola, ouço o zumbido distante de um aspirador, provavelmente proveniente da biblioteca, dado que é a única divisão da escola, tanto quanto repare, com alcatifa.

Espreito para a esquerda. Deve andar lá um zelador. Não sei quantos são ao todo, mas numa escola desta dimensão deve haver mais do que um.

A minha escola, a Thunder Bay Prep, é um pouco mais pequena, mas, de muitas maneiras, bem mais agradável. Falcon's Well quase não tem segurança – espreito para as câmaras que estão a ser instaladas, mas que ainda não funcionam – e o atletismo aqui é uma nódoa.

Os corredores são sombrios, as portas das salas de aulas estão fechadas e pelo que reparei o parque de estacionamento estava quase vazio, o que quer dizer que os treinos de lacrosse, claque e corridas já devem ter terminado.

Talvez haja uns quantos professores no segundo e terceiro piso, mas além dos zeladores resta apenas Ryen, a dar aulas na piscina.

Avanço até às portas do gabinete de entrada, espreitando em redor para assegurar que estamos sozinhos, e entrego o caderno a Dane.

– Segura aqui.

– O que estamos a fazer? – Puxa para cima o capuz da sua camisola preta, olhando nervoso para uma das câmaras desligadas.

Retiro um busca-pólos do bolso das calças e volto de imediato a enfiar lá a mão, tateando em busca do clipe que arranquei de uma das folhas do caderno de Ryen. Abro o clipe e endireito-o, curvando apenas um pouco a ponta.

Dane observa enquanto introduzo o busca-pólos, aplicando pressão e verificando que lado tem mais resistência, antes de enfiar o clipe de papel na fechadura e mexer nos pinos, pressionando os cinco até ouvir um clique. Exerço pressão no busca-pólos e então...

Clic.

A fechadura roda e a porta abre-se.

– Onde aprendeste a fazer isso? – sussurra ele, parecendo surpreendido.

– YouTube. Cala-te.

Entramos ambos no gabinete às escuras, observando rapidamente o espaço para assegurar que está vazio. As secretárias atrás do balcão estão vazias e espreito para a esquerda, vendo escrito *Professora Burrowes* numa porta. Aproximo-me e remexo na maçaneta, dando com esta também trancada. Inserindo o busca-pólos, trabalho depressa e sinto alívio quando a maçaneta por fim cede, abrindo a porta para trás.

Olho para o gabinete, espantado por efetivamente ter resultado. Nunca tinha forçado uma fechadura, até ver no Google esta tarde como fazê-lo e ter treinado numas portas enferrujadas no Cove.

– O gabinete da diretora. – Dane também se aproxima, e os dois ocupamos por completo a entrada. – Passei muito tempo em sítios destes. Acho que me deixaram acabar os estudos só para se livrarem de mim.

O tom de voz dele é carregado de humor e volto a enfiar as ferramentas no bolso.

– Chiu.

Entrando, avanço de imediato para os armários e começo a abrir gavetas, procurando algo minimamente parecido com o que busco.

Vasculho as pastas dos alunos, orçamentos, faturas, registos de professores, registos disciplinares...

– O que procuras?

Abro gavetas consecutivas, passando os dedos sobre as pastas enquanto as observo rapidamente. Annie contou-me certa vez que enviou o material para aqui.

– Meu, é melhor irmos embora – incita Dane, parecendo nervoso.

E, então, vejo-a. Uma grossa pasta de documentos castanha com uma etiqueta *Privado* e uma borracha à volta.

Pego-lhe, abrindo-a rapidamente e espreitando para o conteúdo. Está cheio de envelopes cor-de-rosa e um pequeno álbum de fotografias, e um arrepiro percorre-me o peito ao engolir em seco.

Annie.

Fecho a pasta e volto a envolvê-la no elástico, fechando as gavetas e saindo do gabinete. Ainda há gente no edifício e não pretendo ser apanhado.

Dane segue na minha esteira quando dou a volta e pressiono o botão, trancando e fechando a porta ao sairmos.

Infelizmente, as portas duplas da frente estão trancadas à chave, pelo que aí não tenho como disfarçar o rasto. Com alguma sorte, o pessoal do gabinete vai achar que se esqueceram de as trancar quando saíram ao final da tarde.

Dane olha para baixo para a pasta que levo na mão.

– O que tem isso que ver com o caderno? – Mostra o diário de Ryen.

– Nada. – Percorro o corredor rumo ao balneário nas traseiras da escola, retirando-lhe o caderno das mãos. – Nada de nada.

Ryen não é a razão da minha presença na Falcon's Well, mas sabia que iria cruzar-me aqui com ela. Algo que temi.

Ela não é merecedora da minha atenção. Só Annie interessa. Mas ao fim de meses a marimbar-me para tudo – família, amigos ou música – ter Ryen por perto é uma espécie de distração. De uma forma quase agradável.

Mas não interessa. Tenho a pasta de arquivo e assim que tiver o que mais vim buscar, está feito. Já tenho créditos suficientes para terminar os estudos em janeiro e não vou regressar a casa. Vou pegar no meu nome falso e na minha identificação falsa e vou tentar esquecer.

Esquecer que naquela noite estava a tirar *selfies* com Ryen, ignorando os meus instintos e as minhas responsabilidades, enquanto a minha irmã morria sozinha numa estrada escura e fria.

Entramos no balneário, sabendo que a piscina é acessível por lá. Passando pelos gabinetes e pela área central, deteto algo pelo canto do olho e avisto dois corpos no duche.

Entro no corredor e abrando até me deter. Acabei de ver...?

Faço sinal com o queixo a Dane e aponto para a frente.

– A piscina é por ali. Dá-me um segundo.

Ele assente preguiçosamente e abandona o balneário. Volto-me outra vez para trás e, mantendo o corpo encostado à parede, espreito uma vez mais pela esquina, com cautela.

Divertido, sinto os cantos da boca a soerguerem-se. Bem, afinal parece que nem

toda a gente da claque e do lacrosse foi hoje para casa.

Trey Burrowes, o tipo que acha que Ryen lhe pertence, está de pé no chuveiro, segurando a melhor amiga dela – Lyla, certo? – contra a parede, ambos nus, molhados, e a foder sob o jorro do chuveiro.

Clássico.

O cabelo negro dela está preso num rabo de cavalo molhado, e tem os braços e pernas a envolvê-lo, segurando-se com força enquanto ele lhe agarra o rabo e investe contra ela, ambos ofegantes e gemendo baixinho.

É este o tipo que Ryen quer que a leve ao baile de finalistas? Ela escolhe companhias quase tão bem como amizades. Questiono-me há quanto tempo andarão a foder nas costas dela?

Mas, com alguma sorte, se ele está a foder esta rapariga, se calhar não vai consegui-lo com Ryen.

Sinto um certo prazer.

Dou a volta e volto a percorrer o corredor, transpondo a porta do balneário e dando com a impressionante piscina coberta de dez pistas.

Há pais sentados nas bancadas, a observar e a tirar fotos, enquanto Dane está encostado à parede. Aproximo-me e ponho-me ao lado dele, acompanhando o seu olhar.

Ryen encontra-se na piscina com quatro alunos – todos, provavelmente, com menos de dez anos – e move os braços em amplos círculos enquanto mergulha a cara na água.

Os alunos contam.

– Um, dois, três, respira! – gritam e Ryen gira a cabeça para o lado, inspirando antes de voltar a mergulhá-la. Volta a traçar círculos com os braços, fingindo que se impulsiona pela água, dando três braçadas enquanto eles contam.

– Um, dois, três, respira!

Ergue a cabeça e endireita-se enquanto afasta o cabelo da testa.

– *Okay*, agora é a vossa vez!

Todas as crianças começar a imitar os gestos dela enquanto conta.

E fico simplesmente a olhar para ela. Ela sorri abertamente, visivelmente orgulhosa conforme se sincronizam, dando as suas braçadas e respirando no momento indicado, e tenho de me controlar para não rir quando um dos rapazes a salpica sem querer. Ela finge um resmungo e também o molha.

– Muito bem, outra vez! – grita ela. – Um, dois... – E então para, com o olhar dela a incidir em mim.

Estreita os olhos e sustenho o olhar dela, reconhecendo a irritação de Ryen quando o sorriso esmorece.

– Outra vez! – ruge às crianças, com o olhar a baixar para o caderno que seguro na mão.

– A água parece estar fria – comenta Dane, rindo-se discretamente a seguir, e percebo onde quer chegar.

O meu olhar incide nos seios dela, vendo as pontas rijas dos mamilos a pressionarem a proteção de mangas compridas. Um feito notável, tendo em conta que o material molhado lhe está colado à pele e vejo que ela também usa a parte de cima

de um biquíni por baixo da camisola, fazendo ainda mais volume.

Algo que agradeço. Olho para as bancadas e vejo uns quanto pais de olhar fixo lá em baixo e apesar de provavelmente estarem a olhar para os filhos, não me agrada que *possam* estar a apreciá-la. Ela não precisa de lhes dar um espetáculo.

Volto a olhar para ela, vendo-a sorrir às crianças.

– Muito bem, pessoal! – Percorre a fila, batendo mais cinco a todos, antes de se deter diante da última, questionando: – Máquina de lavar ou bomba?

– Máquina de lavar – guincha a miudita sardenta.

Ryen pega-lhe, aconchega-a nos braços e rodopia na piscina, rodando para a esquerda e depois para a direita enquanto a miúda fecha os olhos e se ri.

– Xuu, xuu, xuu – diz Ryen, imitando o som de uma máquina de lavar.

Remexo-me e inspiro fundo, percebendo que por momentos me esqueci de respirar.

– Eu, eu! – acena o miúdo seguinte com a mão, gritando: – Bomba!

Ryen pega-lhe. A este miúdo ela lança no ar e ele voa um pouco sobre a água e depois mergulha até abaixo da superfície, salpicando água para todos os lados.

Desvio o olhar, recordando a mim mesmo que não quero saber. Fico com Dane e espero que ela termine com as crianças, e assim que os entrega aos pais, avanço para o banco onde ela se seca.

– E eu a pensar que comias criancinhas – gozo, entregando-lhe o caderno.

Ela larga a toalha e pega no caderno, abrindo-o de imediato e vasculhando o interior.

– Bem, gosto de brincar um bocadinho com a comida antes de a comer.

Passa as páginas do diário, provavelmente para ver se falta algo.

– Não arranquei páginas – garanto-lhe.

– Como é que sei que não fizeste cópias?

– Porque eu *não* brinco com a comida antes de a comer.

Dane aclara a garganta ao meu lado, falando baixo.

– Eu espero no parque de estacionamento. Sem pressas.

Ele segue os pais e as crianças para o exterior da piscina através de uma porta lateral. Ryen enfia o diário no saco dela e pega na toalha, continuando a secar as pernas. A parte de baixo do biquíni preto, ao contrário da proteção superior, não é tão conservadora como eu gostaria. As suas pernas bronzeadas parecem rijas e macias e os pingos de água nas coxas fizeram acelerar o meu coração.

Ela percebe que ainda aqui estou e franze a testa.

– E então? – atira. – Já podes ir embora.

Enfio as mãos nos bolsos.

– Porque é que haveria de o fazer, Portas? Quando é tão caloroso estar na tua presença.

– Porque é que me chamas sempre Portas?

Ignoro a pergunta, mantendo o meu olhar preso no dela. Mas, então, reparo que ela se arrepia e, inconscientemente, espreito para baixo, vendo os seus mamilos mais rijos do que nunca. Visivelmente, sente frio, e visões dela num duche quente invadem-me a mente. Nua, vapor, calor...

Espera...

Chuveiro. Espreito para trás de mim para a porta do balneário masculino. A amiga dela e aquele merdas ainda podem lá estar. E se ela ouve algo? Ou os vê a sair juntos?

Volto-me de novo para ela. E depois? Bem pode saber que aquela gente a quem dá tanta importância são umas ricas peças. Pode descobrir que era mesmo um péssimo investimento. Bem o merece.

Só que, por algum motivo, não quero que se confronte com isso. Não sem estar preparada. Se vê o seu par para o baile de finalistas e a sua melhor amiga juntos, ninguém vai ficar do lado dela quando a bomba cair.

Provavelmente, ninguém há de ficar surpreendido com o comportamento de Lyla, e Trey será sempre o homem.

Ryen será apenas a rapariga estúpida que foi enganada.

E não sei ao certo porque isso me importa.

– Vamos – digo. – Está escuro lá fora. Acompanho-te.

– Vai-te lixar.

Veste uns calções, aperta o pequeno cordel, e depois enfia na cabeça um boné de basebol, nem se dando ao incómodo de olhar para mim.

– Anda alguém a invadir a escola à noite – vinco, com o meu tom de voz a soar irritado. – Não devias andar aqui sozinha.

Ela ri-se, curvando-se para fechar o saco.

– Pois, se calhar és tu, e só queres que me vá embora daqui para continuares a escrever parvoíces nas paredes.

Hesito.

Okay, está bem, já invadi a escola uma outra vez. Nisso, ela tem razão. Mas não sou eu que ando a invadi-la para vandalizar o espaço. Sem dúvida que não sou eu.

Não me arriscaria a vir aqui para ser apanhado por causa de uma estupidez de merda.

Ela endireita-se e vira-se para me olhar fixamente.

– Chamaste-me puta e cortaste-me o cabelo. Achas mesmo que confiaria em ti para me protegeres? Não pestanejes com tanta força, miolos de merda. Podes perder as poucas células cinzentas que te restam.

Arregalo os olhos e todos os músculos do meu corpo retesam-se de tal forma que até queima. O que raio é que ela acabou de dizer?

Antes sequer de perceber que o faço, puxo-a para os meus braços e levo-a para a beira da piscina.

– Bomba ou máquina de lavar?

Ela arregala os olhos.

– O que...?

– Bomba, certo? – berro. E atiro-o à piscina, ouvindo-a gritar quando o seu corpo embate na água e ela submerge por completo.

Abandono intempestivamente o edifício da piscina sem olhar para trás. Espero que a professora de natação saiba nadar.

Retiro as chaves do bolso e encaminho-me para a minha carrinha. *Miolos de merda? Pestanejar com tanta força?*

Ela é muito malcriada e tem resposta para tudo. Será que nunca se cala?

Entro na carrinha, fechando a porta com força.

– Raios! – resmungo. – Que merda...! – Mas controlo-me, ofegante. Sinto-me tão irritado que gostava que tivéssemos hoje um concerto. Ou um ensaio. Quero despejar sobre algo aquilo que vai dentro de mim.

Ouçó uma fungadela ao meu lado e de repente lembro-me da presença de Dane.

– Eu disse-te – frisa ele. – Ela parecia fria. Mas aposto que sabe bem quando aquece.

– Não me interessa nadinha.

Enfio a chave na ignição, ponho a alavanca na posição de arranque e piso no acelerador.

– Pois, é mesmo o que parece – comenta secamente Dane.

CAPÍTULO 6

RYEN

Querida Ryen,

O que achas desta frase para concluir o coro de Titan? Estás a ver, aquela canção que te enviei da última vez?

Não sustenhas a respiração, não foste o primeiro! Alguém teve de construir os degraus que sobes.

Estive no armazém na noite passada e veio-me assim à cabeça. Acho que encaixa muito melhor na canção e no ritmo. Acho que gosto do modo como se desenvolve. O que achas?

E, sim. Antes que venhas com merdas, estive ontem à noite numa festa sentado sozinho a compor música. E depois? Acho que ajuda à minha credibilidade urbana, sinceramente. Entendes... o solitário discreto? O rebelde misterioso e giro? Algo do género? Talvez?

Quero lá saber. Que se foda. Bem sabes que não gosto de pessoas.

Seja como for, na última carta perguntaste-me qual era o meu lugar preferido. O armazém é um deles. Durante o dia, quando não está lá ninguém, dá para ouvir os pombos a esvoaçar entre as vigas e para observar todos os graffiti sem ninguém à volta. Alguns são mesmo incríveis.

Mas acho que o meu lugar verdadeiramente preferido, além de estar contigo, é claro, é a minha casa. Já sei, já sei, o meu pai está lá, por isso porque é que eu haveria de querer lá estar? Mas a verdade... Depois de o meu pai e a minha irmã irem para a cama à noite, quando está tudo às escuras, saio pela janela para o telhado. Há um pequeno vale escondido entre os cumes onde me encosto à chaminé, às vezes ao longo de horas, a mexer no telemóvel, a ver as vistas, ou às vezes a escrever-te. Adoro estar lá em cima. Vejo a copa das árvores, a balançar ao sabor do vento, o brilho dos candeeiros e das estrelas, o frufu das folhas... Acho que leva a que sintas que tudo é possível.

O mundo nem sempre é o que está exatamente à nossa frente, sabes? Está abaixo, está acima, está por aí algures. Cada ardor de cada luz dentro de cada casa que vejo quando olho do alto do meu telhado tem uma história. Às vezes, só precisamos de mudar a nossa perspetiva.

Quando olho para para tudo lá em baixo, recordo de que há mais lá fora do que aquilo que se passa apenas na minha casa – as tretas com o meu pai, a escola, o meu

futuro. Olho para todas aquelas casas cheias e recordo, sou apenas um entre muitos. Não significa que não sejamos especiais ou importantes, mas acho que é reconfortante. Não nos sentimos tão sós.

*

Misha

*

Seguro a carta dele na mão, a última que me enviou, em fevereiro, antes de deixar de escrever, e olho para a letra que provavelmente apenas eu consigo ler. Os golpes rudes e traços abruptos e cruzar os «t» e a pontuar os «i», e a forma como nunca deixa o espaço adequado entre as palavras, pelo que as frases dele acabam por parecer um grande e extenso *hashtag*.

Sinto-me tomada por uma certa diversão. Nunca tive problemas em interpretar a letra dele. Afinal, cresci com ela.

Tantas vezes li esta carta. Em busca de pistas – quaisquer pistas – para descobrir porque é que depois desta ele deixou de escrever. Não há qualquer sinal de que se trate de uma despedida, nenhuma indicação de que irá estar mais ocupado do que o habitual ou que se aborreceu ou fartou de mim...

O vazio torna-se cada vez maior, mais amplo e mais profundo e sento-me na cama. «Happy Song» toca no meu *iPod* e analiso as palavras dele que iluminam sempre tudo na perfeição.

Não me sinto preparada para começar o meu dia.

Porque é que não me apetece levantar ou até reunir forças para me preocupar com o que vou vestir?

Ele é a única coisa por que anseio. A única razão para eu correr para casa no final das aulas, para ver se há correio para mim.

Ergo o olhar e fito as palavras que escrevi a giz na parede na noite passada.

*

Sozinha

Vazia

Fraude

*

As palavras de Masen agora não me saem da cabeça. Não as de Misha.

– Ryen – chama a minha mãe, batendo à porta do meu quarto. – Estás a pé?

Deixo descair um pouco os ombros e obrigo-me a responder.

– Sim.

Não é completamente mentira. Estou acordada e sentada na cama, de pernas cruzadas e a ler.

Mas ao ouvir os passos dela a afastarem-se pelo corredor rumo às escadas, espreito para o relógio e percebo que já procrastinei o tempo suficiente. Voltando a dobrar a carta, enfio-a no envelope branco e guardo-a na gaveta da mesinha de cabeceira. As restantes cartas de Misha estão debaixo da cama, todas ali perto caso necessite delas.

Levanto-me, faço a cama e preparo a pasta da escola antes de ir ao armário pegar num par de calções brancos e num *top* preto. Posso já ter vestido este conjunto esta semana. Não sei ao certo. De repente, não é algo que me interesse.

Depois de me vestir, vou à casa de banho arranjar o cabelo e maquilhar-me, dado que já tomei um duche depois das aulas de natação da noite passada.

Não posso acreditar que aquele imbecil me atirou para a piscina. Era a minha vez de lhe fazer frente e estava a sair-me bem, mas, como qualquer rapaz, se não dá para vencer pela inteligência, vai pela força.

Palmas para Masen.

A última palavra pode ter sido dele, mas teve de ir mais longe do que pretendia. Sinto um certo orgulho e sorrio ao entrar na casa de banho.

Ajeito o meu cabelo, desfazendo o emaranhado de estar na cama, e começo a maquilhar-me, disfarçando os círculos escuros de ter ficado acordada até tarde a fazer trabalhos de casa. E acrescento ainda algum *blush* para me fazer parecer saudável e feliz.

Alguém entra e atira algo para a minha frente. Baixo o olhar e vejo o meu envelope preto endereçado a Misha. Pego-lhe.

É a carta que lhe enviei há uns dias. Dá para perceber, pois tem os selos com os planetas que comprei na semana passada nos correios.

Olho para a minha irmã, vendo o cabelo dela preso num coque sem estar arranjado e reparo que usa um vestido de verão com os meus chinelos de dedo que não me pediu emprestados.

Faço má cara.

– Como é que tens a minha carta?

– Tirei-a da caixa do correio há dias quando saí para a escola.

– Porquê?

– Porque ele não te escreve há meses – diz, num tom cortante. – Tens de esquecer isso.

Sinto a raiva a ferver por baixo da pele ao vê-la virar-se para o espelho para dar um jeito ao cabelo.

– Explica-me lá o que tens que ver com o assunto – disparo, sem querer saber se a nossa mãe ouviu.

– Ryen, é patético – diz, fitando-me como se eu fosse uma criança. – Parece que andas a persegui-lo. Quando ele resolver as merdas dele, pode procurar-te.

Largo a carta e pego no batom, virando-me de novo para o espelho.

– Ele não é meu namorado para eu ter de ver o que anda a fazer e não tenho de te dar explicações. Não voltes a mexer no meu correio.

– Muito bem. – Vira-se e avança para a porta, mas para e roda a cabeça para mim.

– Oh, e a mãe está à tua espera à mesa da cozinha. Viu a avaliação do teu ensaio *online*.

Sai e fecho os olhos, ponderando na ideia de aproveitar uma deixa de Masen durante uma maravilhosa fração de segundo.

Bomba ou máquina de lavar, Carson? Talvez um corte de cabelo?

Saio de casa e passo pelo meu *jeep*, segurando a tira da minha pasta da escola sobre o ombro enquanto levo a carta de Misha para a caixa do correio. Enfio-a lá dentro e levanto a bandeirola para que o carteiro saiba que tem de a recolher.

Mas, então, o meu olhar incide nos caixotes de lixo junto à caixa do correio e detenho-me.

Parece que andas a persegui-lo. É patético.

Patético.

Engulo em seco com força.

Se calhar, tem razão. Talvez eu já não seja prioritária. Talvez ele tenha arranjado uma namorada que o obrigou a deixar de me escrever. Se calhar, fartou-se. Afinal, as cartas dele ao longo dos anos iam chegando a um ritmo cada vez mais espaçado. Não me importei, porque também andava mais ocupada com as aulas, mas ainda assim...

Misha *nunca* me escreveu tanto quanto eu lhe escrevia. Até agora, nunca tinha refletido bem sobre isso.

Retiro a carta da caixa do correio, amasso-a nas mãos e atiro-a para cima da pilha de lixo. Ele que se lixe.

Com passadas firmes, volto para trás para o meu *jeep*, com o coração acelerado ao mesmo tempo que o orvalho fresco da relva me molha os pés através das sandálias.

Mas, então, paro, assolada por uma vaga de perda. *Não*. Não é nada de patético. Misha não queria que deixasse de lhe escrever. Ele fez-me prometer. *Preciso de ti, sabes disso, certo?*, dissera ele. *Diz-me que teremos sempre isto. Diz-me que não hás de parar*. Foi numa das raras cartas dele onde obtive um vislumbre de tudo o que mantém escondido. Pareceu-me receoso e vulnerável, pelo que lhe prometi. Porque é que haveria de parar? Nunca o quis perder.

Misha.

Dou a volta e corro para o caixote do lixo, retirando o envelope amarrado e voltando a alisá-lo. Endireito-o, o mais que posso e volto a pô-lo na caixa do correio, fechando depois a tampa.

Sem me permitir cismar mais no assunto, entro no carro e sigo para a escola. É quase maio e, apesar de estar um pouco fresco, enfrento o dia de calções e blusa fina, sabendo que a tarde será mais quente. Ainda com dez minutos para entrar, estaciono no parque, vendo multidões de estudantes às voltas enquanto percorro o passeio até à entrada principal.

Ouve-se música a tocar nos telemóveis, as pessoas enviam mensagens de texto e sinto um braço a enroscar-me, com um aroma familiar a atingir-me as narinas. Ten usa todos os dias água de colónia Jean Paul Gaultier e eu adoro. O meu estômago remexe-se

– O que é isto? – questiona, erguendo a minha mão direita.

Olho para baixo, vendo tinta azul no meu indicador e um pouco sob a unha.

Merda.

Afasto a minha mão, com o coração a bater mais depressa.

– Não é nada. A minha mãe está a pintar a casa de banho e eu ajudei – conto-lhe.

Cerrando os dedos num punho, escondo o indicador sob a alça da pasta. Acho que à noite tenho de me lavar muito melhor no duche.

– Olha. – Ele aponta para a minha direita.

Rodo a cabeça, vendo as pessoas a circular em redor do relvado, e ambos nos movemos para a beira do passeio, lendo a enorme mensagem em letras grandes prateadas pintadas a *spray* na relva.

*

*Lyla está perdida, tiraram-lhe ao cu a medida
No balneário dos homens na noite passada.
Alguém a teve sem luta, fodendo-a à bruta,
Quem foi não se vê. Não era o J.D.*

*

– Oh, merda – sussurra Ten, com a surpresa estampada na voz.

Olho fixamente para as palavras no relvado, com a boca a secar-me devido a uma súbita necessidade de rir.

Hum, okay. Quem raio...?

Os alunos amontoam-se em redor, de boca aberta e a rir, alguns a tirar fotos, enquanto Ten e eu recuamos.

– É a primeira vez que ele se torna pessoal, dando nomes – comenta Ten.

– Quem?

– O Punk – responde ele, como se eu devesse ter percebido. – Agora sabemos que é alguém que anda cá na escola. Alguém que nos conhece.

Gemo só para mim. *Pois, está muito bem, mas o «Punk» assina sempre as mensagens.* Isto está a descontrolar-se.

Ouço um ruído e olho para cima e vejo um dos zeladores a trazer para o exterior uma lavadora de pressão e a tentar manobrá-la nos degraus.

– Vamos embora – digo a Ten.

*

*Beijaste-me o cabelo enquanto me perfuravas o coração.
Mas a tua casa há de ceder antes de eu desabar no chão.
Punk*

*

Vejo duas raparigas a pegar em canetas e a acrescentar algo mais sob as frases, maldizendo ex-namorados e escrevendo coisas tipo, *Isso, Jake.*

Contenho o meu riso.

– Isto está a deixar-me louco – exclama Ten enquanto seguimos para os cacifos. – Quero saber quem é o Punk e quero alinhar.

Rio pelo nariz. Ten que fique na dele. É evidente que Lyla é nossa amiga, mas Ten sabe tão bem quanto eu que o que está escrito no relvado não é mentira e tenho a certeza de que está entusiasmado por ver o confronto com J.D.

– Tenho de apanhar aquela vaca e descobrir com quem ela estava no balneário na noite passada na marmelada – diz Ten ao parar diante do seu cacifo.

Continuo a andar, falando por cima do ombro.

– Vemo-nos ao almoço.

Tenho a certeza de que ninguém descobrirá com quem Lyla estava envolvida na noite passada. Provavelmente, nem vai admitir que é verdade.

Ao parar diante do meu cacifo novo, introduzo o código e abro-o, espreitando para a esquerda e reparando noutro zelador a esfregar uma outra mensagem na parede. Já apagou as primeiras palavras, mas eu sei o que diz.

Adoraste-me, era grande a amizade, emprestei-te maquilhagem.

Mas um dia nada mais serás do que uma ténue imagem.

Punk

E por baixo vê-se uma colagem de fotos arrancada de um anuário do ano passado, mostrando equipas desportivas e grupos de estudantes sorridentes em ajuntamentos e jogos, abraçando-se e rindo-se uns para os outros.

Penduro a minha pasta no cacifo e retiro da prateleira o removedor de verniz das unhas. Espreitando em volta para assegurar que ninguém vê, avanço e seguro-o diante do zelador, o senhor Thompson.

– Acetona apaga tudo – sugiro, vendo o seu rosto suado e vermelho do esforço de esfregar com tanto vigor.

Une as sobrancelhas, provavelmente espantado por ser simpática com ele. Nunca falei com ele, mas posso ter falhado umas vezes a lata do lixo ao atirar os meus copos Starbucks. Mas aceita o frasquinho, assentindo em agradecimento.

Felizmente, nada do que se usa para escrever nas paredes é permanente, mas não deixa de dar um trabalhão ao pessoal da limpeza. Não que me importe, mas...

Viro costas para regressar ao cacifo, mas o meu olhar prende-se de pronto no de Masen, e detenho-me. Está apoiado nos cacifos do outro lado do *hall*, observando-me de braços cruzados sobre o peito e uma expressão de curiosidade.

Esteve ali o tempo todo?

Obrigo-me a ignorá-lo e começo a retirar os meus manuais do cacifo para a primeira aula.

– Cá estás tu.

Viro-me e vejo Lyla, com um ar demasiado abatido. Tem suor na testa e as faces rosadas. Ouço o zumbido do telemóvel dela.

– O que aconteceu ao teu outro cacifo? – pergunta ela.

Ergo as sobrancelhas na direção dela. Vai mesmo comportar-se como se não houvesse uma enorme e ardente chapada na cara dela neste preciso momento no relvado da entrada?

Ooooookay.

– Alguém o arrombou – respondo, virando costas ao cacifo. – Foste tu? Atrás do meu *top* Bebe preto?

Lança-me um olhar malicioso.

– Como se me servisse. As minhas são bem maiores do que as tuas, querida.

Controlo um revirar de olhos enquanto enfito aquilo de que preciso na minha pasta, não esquecendo a garrafa de água. Espreito fugazmente para trás de mim e vejo que

Masen desapareceu.

O telemóvel de Lyla não para de dar sinal e não sei se serão notificações do Facebook ou o J.D. a insultá-la, mas sinceramente não me interessa.

Passam algumas raparigas, tapando a boca com a mão, e Lyla lança-lhes um olhar malicioso.

– Mordam aqui, putas – resmoneia. E desviam o olhar, levando com elas os seus risinhos sarcásticos enquanto atravessam o *hall*.

Aparece Manny Cortez atrás dela e tenta abrir o seu cacifo, mas ela volta-se, olhando para nós os dois.

– Ora, ora, ora, se calhar foi o Manny que arrombou o teu cacifo. Precisas de batom a combinar com esse *eyeliner*?

Vejo a expressão dele a endurecer enquanto se mantém de costas para ela sem reagir.

– Não – intrometo-me, fechando o meu cacifo. – Duas paletas de cores diferentes. O meu é Pôr do Sol da Montanha. Ele é Noite Sombria.

Lyla ri-se, mas depois para quando ouvimos um berro.

– Atenção!

Ambos levantamos de repente o olhar para cima e vemos uma bola de futebol americano a voar exatamente na nossa direção. Recuamos a correr, mas não teria sido necessário. A bola choca no lado esquerdo da cabeça de Manny e ele é derrubado para a direita, cobrindo de imediato a orelha com a mão enquanto geme de dor.

– Oh, merda. – Trey corre na nossa direção, a rir-se. – Desculpa lá, pá. Sinceramente, não foi de propósito. Desta vez – acrescenta.

Vejo Manny a respirar com dificuldade, as suas sobrancelhas negras enrugadas com a dor. Afasta a mão da orelha e vejo sangue. Arregalo os olhos e sustenho a respiração.

Oh, meu Deus. Aquilo vem da orelha ou do interior do ouvido? Mas, antes de eu descobrir, Manny fecha a porta do cacifo com força e sai disparado, desaparecendo nas cascas de banho, enquanto soa a campainha.

– Estiveste em grande, imbecil – repreendo-o.

– Ei, foi um acidente.

Vejo-o a olhar para Lyle e a seguir vejo J.D. a aparecer atrás dele enquanto todos os outros estudantes se apressam para as aulas.

– Já para a aula – diz J.D. a Lyla, fletindo o maxilar.

– Desculpa?

– Tu ouviste bem. Mais logo acabamos a conversa.

Ela fica ali, parecendo zangada, mas não me deixa ficar para ver no que dá.

Passando por eles, avanço para a aula de Educação Visual, mas não vejo Masen no seu lugar. E quando a campainha para de tocar, ainda não está lá.

Acabei de o ver no *hall*. Como é que vem e vai conforme lhe apetece e falta às aulas?

Mas, felizmente, Trey também não aparece, pelo que passo a concluir o trabalho na capa de Misha, sendo deixada completamente em paz.

Até o Manny faltou, provavelmente foi à enfermaria para ver o ouvido. Espero que esteja bem. Deve ter doído.

No final da aula, sigo para Inglês, passando por entre alunos ao entrar na sala. Masen está sentado no seu lugar e eu paro, apanhada de surpresa.

Credo. O que é que ele faz? Aparece quando bem lhe apetece?

Mais uma vez sem livros, nem sequer um lápis à vista, e até parece que apareceu só por não ter nada melhor para fazer. Não lhe interessa terminar o secundário?

– Muito bem, peguem nos vossos questionários e tratem de pousar o resto das vossas coisas – indica o professor Foster enquanto entramos em fila na sala e ele entrega folhas. – E não se esqueçam de pegar num lápis. Assim que chamar pelo vosso nome, podem emparelhar, levar as coisas para a biblioteca e começar a trabalhar.

Oh, é isso. É o Dia da Pesquisa.

Ocasionalmente, Foster envia-nos à biblioteca para nos deixar aplicar as nossas competências. Organiza-nos em grupos, entrega uma ficha de trabalho com informação a procurar e deixa-nos à nossa mercê ao longo de toda a aula. É um motivo para sair da sala. Nunca me queixo.

– Lane, Rodney e Cooper – chama Foster a partir da sua lista.

Três alunos levantam-se, pegam no seu material e saem da sala.

– Jess, Carmen e Riley.

Prossegue, grupo atrás de grupo, com a sala aos poucos a esvaziar-se e começo a sentir-me ansiosa ao perceber que só resta um punhado de gente, incluindo eu e Masen.

Por favor, ele não.

Mas Foster chama o grupo seguinte.

– Ryen, J.D. e Trey.

Suspiro de alívio.

– Boa – diz J.D. satisfeito, e vejo-o a bater mais cinco com Trey, junto dele. Começo a levantar-me, pegando no que é preciso.

– E os dois últimos... – anuncia Foster. – Lyla e Masen.

Vacilo por um momento e depois penduro a pasta ao ombro, saindo apressadamente da sala.

Lyla e Masen. *Fantástico.* Ela não vai conseguir concentrar-se.

Saio da sala de aulas, com uma expressão tensa. Porque é que me importa? Não gosto dele. Quero lá saber se ela dá em cima dele, o que sem dúvida vai acontecer, por isso ela que avance. Tudo bem.

Seja como for, Lyla é problema de J.D.

Não tem importância. Alguém já é dono do meu coração e não se trata de Masen Laurent. Ele nunca será Misha.

– Os meus pais vão estar umas semanas fora. – Trey avança em passo rápido na minha direção e assenta a mão na minha cintura conforme avançamos. – Vou dar uma festa e quero-te lá.

– A piscina é aquecida – acrescenta J.D. atrás de nós.

Olho para trás, vendo Lyla e Masen a seguirem-nos, ele com os olhos postos em mim.

– Pois, eu sei – digo a J.D. – Já lá estive, lembras-te?

– Ótimo – intromete-se Trey. – Assim sendo, traz fato de banho. Ou não. Como queiras.

Sinto um calor nas costas e de repente sinto-me cercada. Rapidamente, espreito de novo para trás e vejo Masen a desviar o olhar enquanto Lyla conversa sobre algo, mas então ele deve ter sentido o meu olhar, porque volta a incidir os olhos nos meus.

Trey segue o meu olhar, reparando que a minha atenção não incide nele. Antes sequer de me aperceber do meu erro, vira-se de repente e agarra Masen pelo colarinho, empurrando-o contra os cacifos.

– Ei – diz ele num tom exageradamente amistoso. – Acho que não nos conhecemos. Sou o Trey Burrowes. Tu és o Masen Laurent.

J. D., Lyla e eu ficamos parados a olhar para Masen, que permanece absolutamente imóvel, simplesmente a olhar para Trey.

– Agora que isso está feito – prossegue Trey, aproximando-se mais e colando a cara à dele. – Vamos esclarecer umas coisas.

– O que raio estás a fazer? – Aproximo-me.

– Sim, Trey, vá lá – diz J.D. – Ele é um tipo porreiro.

Mas Trey limita-se a levantar as mãos.

– Calma. Estamos só a conversar. Juro.

Baixo o olhar e vejo Masen a cerrar os punhos, mas não se move enquanto ele e Trey estão ali cara a cara.

– Ora bem, tens andado a divertir-te com a minha miúda nas aulas e também ouvi dizer que a incomodaste ontem no parque de estacionamento – declara Trey. – Sejam quais forem as tuas tretas, isso acaba agora. Deixa-a em paz.

O olhar de Masen incide em mim e sinto uma pressão no peito. O olhar dele começa por revelar-se penetrante e zangado, mas parece alterar-se para desilusão a par de algo mais. Tristeza, quiçá?

O que irá na cabeça dele? Porque me fita assim?

– Não olhes para ela – resmunga Trey, colado a Masen. – Qual é problema? Não sabes falar?

– O que se passa?

Viramo-nos todos e damos com a diretora Burrowes parada a meio do corredor, com o seu fato preto e blusa cor de vinho muito bem engomada.

Trey endireita-se e afasta Masen.

– Nada, Gillian – diz num tom trocista à madrasta, para depois olhar de novo para Masen. – Tudo fixe, certo?

Masen olha para o chão e não responde.

– Onde é que devias estar? – pergunta Burrowes a Trey.

Mas sou eu quem responde.

– O professor Foster mandou-nos para a biblioteca fazer pesquisas.

– Então, toca a andar.

Assinto com a cabeça e depressa tratamos de percorrer o *hall*.

– Você também – ouço-a dizer atrás de nós, provavelmente dirigindo-se a Masen.

Porque é que ele não fez nada? Não que Trey seja um tipo pequeno fácil de dominar, mas tenho a impressão de que não seria a primeira luta de Masen. Ele é volátil e impulsivo, por isso, porque é que se conteve?

Subimos as escadas em passada rápida e entramos na biblioteca. Todos os outros alunos já lá se encontram, a sussurrar, a andar de um lado para o outro, e a reunir os

materiais de que necessitam. Alguns estão ao computador e outros nas estantes. A nossa biblioteca é composta por dois pisos e tem uma bela vista sobre o piso principal desde a varanda lá em cima. Largo a minha pasta numa mesa mais ao fundo e vejo Lyla e Masen a sentarem-se a uma mesa duas filas mais à frente.

J.D. e Trey deixam-se cair nos assentos à nossa mesa e Trey põe os pés para cima.

Pois, não vai acontecer.

– Vocês vão ao computador e procurem «Bibliografias Anotadas» – digo-lhes. – Imprimam uns exemplos e eu procuro outros em fontes secundárias.

Não vou fazer sozinha esta ficha de trabalho.

Trey solta um suspiro e J.D. ri-se para si mesmo, ambos levantando os respetivos traseiros.

Dou a volta e dirijo-me à secção de não-ficção.

As estantes impõem-se lá no alto e contorno um escadote com rodinhas e viro à esquerda, avançando mais para as traseiras da biblioteca, longe das mesas de estudantes e dos seus sussurros.

Estendo o braço e passo a mão pelas lombadas dos livros. A minha mãe vai pensar porque é que ainda não comecei a ler *Fahrenheit 451*. Não que me vá meter em apuros, mas há de pensar no que me anda a distrair.

– Tu sabes, aquele miúdo – ouço alguém dizer, e levanto a cabeça para olhar para trás.

Masen aproxima-se e o meu coração acelera.

– O que anda a escrever nas paredes à noite? – prossegue ele. – Temos algo em comum. Também gosto de escrever em coisas. – Para diante de mim e pega-me na mão. – Mas já sabes disso, não é?

A minha pele aquece ao toque dele e tento libertar a mão, mas ele aperta com força.

Também gosta de escrever em coisas? O quê? E, então, recordo a parede no Cove, a minha parede de giz no quarto, o meu cacifo naquele primeiro dia...

Puxo a minha mão com mais força, libertando-a.

– O quê? Achaste o Trey demasiado grande e assustador, por isso vais antes lutar comigo?

Lança-me um olhar descontraído e volta a agarrar-me a mão, retirando um marcador do bolso com a outra mão.

– Larga.

Enfia o marcador na boca, arranca a tampa com os dentes e roda o marcador, para enfiá-lo atrás.

– Pensei que querias o meu número de telefone. Para o *drive-in*, lembras-te?

Olha para baixo para mim com uma expressão inocente e não sei o que está a fazer, mas desta vez tenho medo de o enfrentar. Atirar-me para a piscina quando não está ninguém a ver não é muito embaraçoso, mas duvido imenso que se importe que não estejamos sós neste momento se achar necessário voltar a pôr-me na linha. Não quero a merda do número dele.

Pega no meu indicador esquerdo e começa a escrever no lado de dentro do mesmo, enquanto cerro os dentes e lhe lanço um olhar fulminante.

– Sabes, recordo-me de tanta coisa que estava naquele diário – reflete enquanto

escreve. – Posso dizer o que quiser. Não preciso de provas. Com eles, não. – Aponta com o queixo, indicando todos os estudantes sentados na zona de mesas que não conseguimos ver.

Volto a tentar libertar a mão, mas aperta ainda mais.

– Não te preocupes. – Sorri para o meu dedo enquanto desenha. A ponta aveludada faz-me cócegas na pele. – Não tenho qualquer interesse em atormentar-te. Pelo menos, dessa forma. Só tenho uma pergunta. – Então, para de desenhar e ergue o olhar, fitando-me. – Quem é a Delilah?

Paraliso e olho fixamente para ele, esquecendo de que me segura a mão enquanto se eriçam os pelos da minha nuca.

– O quê?

– Tinhas o nome dela sarrabiscado por todo o teu diário – diz-me. – Quem é ela? Namorada secreta? Vergonha secreta? – Baixa o olhar e continua a escrever. – Um arrependimento?

– Leste o meu diário. Já devias saber.

– Não li nada – replica ele.

Lanço-lhe um olhar fulminante. Ele não o leu? Mas...

– Passei as páginas e vi o nome dela na parte de dentro da capa – explica. – Achas que me interessa o que te vai na cabeça? Tenho coisas melhores para fazer.

Então, se não te interessa, porque perguntas?

Puxo a minha mão, rosnando entre dentes.

– És um idiota.

Mantenho um tom de voz baixo, apesar de não estar ninguém em volta.

Mas, antes de conseguir afastar-me, ele pousa as mãos nas estantes de livros, impedindo-me a passagem.

– Sabes que tinha dado cabo dele e do amigo num abrir e fechar de olhos. Do que é que eu estava à espera?

Olha-me nos olhos, em busca de algo.

– Talvez do mesmo que o miúdo Cortez espera quando o teu namorado anda a atormentá-lo – diz em voz baixa, os lábios dele a centímetros dos meus. – Talvez que alguém com o seu rabinho de cavalo todo catita – sacode-me o cabelo – e calções «anda foder-me» ganhe tomates e faça frente ao imbecil.

Afasto o braço dele com uma pancada e sinto o estômago revoltado com a fúria. Mas volta a prender-me, empurrando-me para baixo.

– Era isso também que a Delilah esperava? – pressiona. – Esperou por ti? E nunca apareceste?

Agarra-me a mão e roda o meu dedo, mostrando-me o que escreveu.

Olho para baixo para as letras pretas grossas na parte de dentro do dedo.

Vergonha.

– Não te preocupes – diz ele. – Não vou dizer nada. Os teus segredos são nossos. Vais ter de viver com eles.

E, então, leva o meu dedo aos lábios, fazendo o sinal de *chui*.

Afasto a minha mão e bato com as mãos no peito dele, empurrando-o.

– Da próxima vez que ele me tocar, acabo com ele – avisa, torcendo o lábio num esgar de escárnio. – E depois levo a companhia dele do baile de finalistas.

CAPÍTULO 7

MISHA

– Estava a começar a sentir-me sozinha – ronrona Lyla, recostada na sua cadeira com os braços cruzados sobre o peito e pernas cruzadas. – Demoraste tanto tempo.

Sozinha? Duvido que ela conheça sequer o significado da palavra. Não que eu tenha uma opinião sobre uma miúda que engana o namorado – a não ser que o namorado seja eu ou um dos meus amigos –, mas é por outros motivos que não gosto dela. Ela é tipo uma Ryen alimentada a *crack*.

Pelo menos a minha Ryen ainda está ali alegres. Percebo-o na forma como se sente desconfortável quando aquele miúdo Cortez é maltratado. Vi-o esta manhã quando deu a acetona ao zelador para o ajudar a apagar os *graffiti*.

E vejo-o por todo o quarto dela. As colagens, a poesia, as letras que lhe enviei para análise, as citações e cores por todo o lado... Essa é a Ryen que eu conheço.

Mas em dez anos ela pode tornar-se Lyla. Autocentrada, egoísta e fodendo quem apareça à frente para esquecer o quanto se odeia.

E tudo aquilo que sempre achei incrível nela terá desaparecido.

Puxo a minha cadeira e sento-me, sabendo muito bem que não tenho qualquer intenção de fazer este trabalho. Misha Lare já tem o secundário resolvido, não é isso que me traz aqui.

– Toma. – Ela endireita-se, empurrando alguns livros na minha direção. – Encontrei algumas fontes primárias, pelo que podemos começar o questionário.

Mas antes de conseguir dizer a esta miúda que está por sua conta, sou empurrado nas costas para a frente, um corpo a chocar comigo e um braço a pressionar-me o pescoço.

– Que diabo? – Estendo os braços para a frente para não bater com a cabeça na mesa e então sinto alguém a respirar-me ao ouvido.

– Ryen! – ouço alguém dizer. Acho que se trata de Lyla.

– Não te mexas – sussurra-me Ryen ao ouvido, e sinto algo afiado a cravar-se na nuca. – Ia odiar que esta caneta escorregasse.

Sacudo-me com um riso de choque. Ela não gostou de ser encurralada nas estantes e agora perdeu a cabeça. Excelente.

Faço exatamente o que pede, apesar de ter o coração a mil e a virilha a pulsar com calor.

Sinto a caneta a deslizar pela pele em longos e lentos movimentos e na verdade

isto diverte-me. Sei que as pessoas estão a ver. De repente, toda a gente se calou. Até Lyla.

A caneta crava mais fundo e encolho-me ao sentir uma picada. Ela termina e endireita-se, retirando o seu peso e largando a caneta. Sinto-a a afastar-se e endireito-me na cadeira. Toda a gente olha para mim e vejo Ryen a passar junto à minha mesa com a pasta ao ombro, saindo intempestivamente da biblioteca.

– Estás bem? – pergunta Lyla.

– Sim. – Assinto com a cabeça e espreito para trás, vendo J.D. a sorrir e a abanar a cabeça, enquanto Trey se debruça para a frente e me lança um olhar intenso.

Ela fez aquilo à frente dele. Linda menina.

Volto-me para a minha parceira.

– O que é que ela escreveu?

Lyla ergue-se da sua cadeira e deita uma olhadela. Ouço um resfolegar.

– Hum, tens a certeza de que queres saber?

Fantástico.

Assinto com a cabeça.

– Hum... – começa ela, lendo lentamente as sílabas. – Imbecil Idiota Piça de Agulha.

Desato a rir à gargalhada. Espetáculo. A espicaçada Ryen Trevarrow está a aprender a brincar na lama e sinto um certo entusiasmo a correr-me nas veias.

– Queres que te vá buscar uns guardanapos de papel ou toalhetes húmidos? – Lyla põe uma mão na anca, ficando ali parada.

Mas indico-lhe que não é preciso.

– Foda-se. Deixa ficar.

Quero lá saber.

– Masen Laurent? – alguém chama.

Deixo-me ficar ali sentado por uns momentos antes de pestanejar e erguer o olhar, recordando que se trata do meu nome. A bibliotecária segura o auscultador do telefone na secretária central e olha em redor.

– Sim?

Segue a minha voz e olha-me nos olhos, desligando o telefone.

– A diretora gostaria de falar consigo. Leve as suas coisas, nunca se sabe.

Só que não me mexo. A diretora? Sinto as veias a aquecer e um peso enorme prende-me ao assento.

Porque diabo quererá falar comigo? Será que sabe?

A minha respiração intensifica-se e levanto-me, nada levando, porque nada trouxe, e avanço para as portas. Ignoro os olhares curiosos e os resmoneares, provavelmente porque, ao passar por eles, percebem a merda que Ryen escreveu na minha nuca.

Devia simplesmente sair. Sair neste preciso momento porta fora. Mas ao chegar ao gabinete dela dou por mim a abrir as portas, com a minha determinação a reforçar-se. Ainda não obtive tudo o que aqui vim buscar. Não vou fugir, por isso vamos lá ver o que tem ela a dizer.

Se sabe, sabe. Ou se percebeu que os meus registos são falsos, facultados por um dos conhecimentos manhosos do meu primo, que Masen Laurent é um nome inventado e que vivo numa cave dilapidada e que me enfio na escola às escondidas à noite para

tomar um duche, lidarei com isso.

Seja como for, não vou partir. Ainda não.

Entrando no gabinete da entrada, aceno com a cabeça a uma das rececionistas.

– Masen Laurent – digo-lhe.

– Pode entrar. – Aponta para a minha esquerda, mas já sei onde me dirigir.

Avançando até à porta, bato duas vezes, sentindo a mão a tremer ao de leve ao empurrá-la.

– Olá, Masen – cumprimenta-me a diretora, erguendo os olhos da secretária e sorrindo-me.

Forma uma pilha de pastas, libertando um espaço na secretária, e levanta-se, estendendo a mão para me cumprimentar.

Cerro os maxilares e endireito as costas. Tem um olhar caloroso e de repente perco a vontade de aqui estar.

Obrigo-me a avançar, levantando lentamente a mão e aceitando a dela, mas largando quase de imediato.

Desvio o olhar para o lado.

Permaneço por uns momentos calada e percebo que me observa.

– Por favor, sente-se – diz ela por fim.

Sento-me diante da secretária dela sem a olhar diretamente, estabelecendo contacto ocular apenas fugazmente.

– Não se preocupe – diz-me ela, num tom bem-humorado. – Não está em apuros. Só gosto de tentar conhecer toda a gente quando se matriculam, mas escapou ao meu radar.

Okay. Isso é bom, acho.

– E então, até agora tem gostado da Falcon's Well?

Descerro os maxilares, respondendo num tom seco:

– Parece-me bem.

– E as suas aulas? – prossegue. – Está a achar fácil a transição?

O olhar dela não se desvia de mim e remexo-me na cadeira, assentindo ao olhar para fotografias emolduradas pousadas sobre a escrivaninha. Recordo-me de as ter visto na outra noite. Fotos da família.

– Bem – continua, começando a sentir-se desconfortável. – Falta tão pouco tempo para terminar o ano escolar, mas a ver pelos seus registos e notas, não deve ter dificuldade em passar nos exames finais. – Folheia registos e formulários, saídos do meu ficheiro falso, sem dúvida. – Anda à procura de universidades?

Abano a cabeça.

– Bem, temos aqui um excelente centro de carreira universitária. O conselheiro pode ajudá-lo a decidir sobre para onde ir depois de terminar o secundário e tratar das candidaturas.

Assinto com a cabeça e ficamos simplesmente ali sentados, com o silêncio a tornar-se cada vez mais embaraçoso. Nitidamente quer ser atenciosa, mas estará provavelmente a tentar perceber se valho, ou não, o esforço, tendo em conta que daqui a seis semanas deixo a sua escola. Mais cedo, até, mas isso ela não sabe.

Inspira fundo e adota um tom mais brando.

– O Trey Burrowes é meu enteado – vinca ela. – Ele pode ser problemático, mas...

é o meu problemático. Se tiver mais problemas, avise-me, está bem?

Ele é o meu *problemático*. Cerro os punhos, finalmente o meu olhar ao nível do dela. *Não se preocupe, minha senhora. Sei exatamente como lidar com o meu problema. O seu filho que não se achesse à minha frente, ou sou eu que o afasto da minha frente.*

Ela sorri e eu levanto-me, não querendo ser dispensado. Abandono o gabinete dela, sentindo o meu estômago a desenredar-se e inspirando rapidamente de forma acelerada quando a adrenalina finalmente me bate, percorrendo os meus braços e pernas. Assim que transponho as portas do gabinete, parado no corredor vazio, paro e sorrio para mim mesmo.

Ela não me descobriu. Não só posso sair quando quiser, como posso ficar enquanto me apetecer.

Ninguém sabe.

CAPÍTULO 8

MISHA

– Estás só a borrar isto – diz uma voz divertida atrás de mim.

Rodo a cabeça e vejo Ryen de costas para o cacifo aberto dela, com um sorriso trocista. Afasto a mão da nuca e atiro o lenço de papel para o caixote do lixo junto ao bebedouro. Apesar de ter achado que não me importaria de ter *Idiota Imbecil Piça de Agulha* escrito na nuca para que toda a gente visse, enganei-me. Sinto-me um idiota.

Ela vira-se e enfia a mão no cacifo, retirando de lá um pano comprido.

– Queres que te empreste um cachecol?

Ela ri-se e arqueio uma sobrancelha, não achando graça. Espreitando para o seu cacifo, vejo o frasco que emprestou ao zelador esta manhã já guardado de novo na prateleira, e aproximo-me.

– Removedor de verniz das unhas. Já.

Mas ela limita-se a cruzar os braços sobre o peito e posiciona-se diante do cacifo, inamovível.

– Não brinques comigo. – Estendo a mão. – Temos mantido as nossas merdas num nível moderado. Se quiseres, posso tornar isto interdito a menores de dezoito.

Ela retorce os lábios e solta um suspiro.

– Muito bem. Acho que sou capaz de poupar as minhas forças.

Ela dá a volta e pega no frasco, atirando-o na minha direção. Apanho-o e retiro a tampa, arrancando também rapidamente o cachecol das mãos dela.

– Ei!

Mas já é tarde. Despejo alguma acetona no tecido bege macio e uso-o para limpar os escritos do marcador da minha nuca.

– Filho da mãe! – grita. – Isso é caxemira!

Afasto o cachecol do pescoço e vejo lá agora a tinta preta, removida do meu pescoço. Pelo menos, a maior parte dela.

– Boa. – Atiro-lhe de volta o cachecol e fecho o frasco. – Funciona bem. Obrigado.

Guardo o frasco de novo na estante dela e afasto-me antes de termos a possibilidade de voltarmos ao mesmo. Ouço-a a resmonear atrás de mim e a bater com a porta do cacifo enquanto avanço para a entrada da escola.

Tenho de parar de a provocar, apesar de isso me divertir. Envolver-me com ela é demasiado fácil. Porque é que assim que entro neste edifício ela é a primeira coisa que me vem à cabeça e não o verdadeiro motivo que aqui me traz?

Se não tivesse aparecido no meu sítio no Cove e roubado as minhas merdas naquela noite, poderia nunca me ter cruzado com ela aqui. Se calhar nem estaríamos nas mesmas aulas, enquanto eu andava sorrateiramente por aí, à espera de tratar dos meus assuntos, mas nunca pretendi...

Não. Isso não está correto. Sei bem que não é assim. Eu já sabia que isto poderia acontecer e sabia que a tentação seria forte. Sabia que Ryen estaria aqui, sabia que a veria e ouviria e sabia que a minha atenção seria atraída por ela, porque apesar de tudo o mais que vai na minha cabeça, seria incapaz de controlar a curiosidade.

E quando descobri que ela era popular, não uma excluída, e uma imitação foleira, nada original, senti-me zangado. Levou-me a acreditar naquelas coisas e a minha musa era uma mentira.

Até que ontem no parque de estacionamento eu mordi e ela mordeu de volta.

Essa é a minha Ryen.

E quero ver mais.

Pego nas chaves e espreito em volta, verificando as janelas da casa principal. Não vi o carro do meu pai na rampa de entrada, mas também pode estar na garagem. Dado que lida com antiguidades e arte, sendo dono de umas quantas lojas na costa, a agenda dele é flexível. Pode passar o dia todo fora ou estar em casa a qualquer hora.

Destranco a porta da casa de hóspedes e entro, fechando-a atrás de mim. Ainda nem é meio-dia, pelo que há luz lá fora, mas enegreci a maior parte das janelas quando me mudei para aqui após a morte de Annie. Pego na minha pequena lanterna e acendo-a. Não quero acender a luz principal, na eventualidade de o meu pai a ver.

A maioria das minhas roupas e pertences ainda aqui estão, e dado que Dane me enche de perguntas sempre que lhe cravo a máquina de lavar e secar, decidi regressar aqui para recolher mais coisas e evitar desta vez o interrogatório.

Saí da escola após a situação do cachecol com Ryen, deixando a carrinha no parque de estacionamento e apanhando o *ferry* para Thunder Bay. Não queria que o meu pai ou alguém que conhecêssemos visse o meu carro.

Ele não sabe onde eu ando e gostaria que assim se mantivesse. Não é que ele tenha ligado, na realidade.

Retirando um saco de desporto do armário, esvazio gavetas e enfito a roupa no saco, levando uma *T-shirt* dobrada ao nariz. O aroma afeta-me profundamente.

O amaciador de roupa de Annie. Ela era boa a tratar da roupa, dado que o meu pai era muito ocupado e eu fazia sempre tudo mal. Queixei-me dos cheiros a flores que ela usava para a minha roupa, mas agora fecho os olhos e sinto-me em casa. Tratei de continuar a utilizá-lo depois de ela ter morrido. Nada iria mudar. Nunca mudaríamos nada que ela fizesse.

Annie. Pestanejo ao sentir as lágrimas a formarem-se. Acabo de reunir a roupa de que necessito e levo um par de calçado extra, assim como as fotos de Annie comigo que coleei à parede por cima da minha secretária.

Passo pela minha guitarra, pousada no suporte, e por uma pilha de cartazes da nossa banda que nunca chegaram a ser usados. Há três meses eu tinha três coisas de que gostava. A minha música, a minha irmã e...

Sinto os pulmões a esvaziarem-se por completo e desvio-me da guitarra, incapaz de olhar para aquela merda. Não interessa o que eu tinha. Annie já cá não está. As minhas palavras já cá não estão, e Ryen... Não sei o que ela é.

E é então que me ocorre. Recebi uma carta dela na semana passada. Por esta altura, já me deverá ter enviado outra, dado que escreve ao mesmo ritmo que eu respiro. Isso nunca representou um problema para mim. Eram o melhor motivo para regressar a casa.

Saio da casa de hóspedes, transportando o saco de desporto e trancando a porta. Reparo que tudo parece mais escuro e ergo os olhos e vejo a pairar baixo nuvens de trovoadas. *Merda*. Será que deixei as janelas da carrinha abertas? É melhor regressar à escola. Falcon's Well pode não ser atingida pela chuva, mas não deixa de ser uma possibilidade.

Despacho-me em direção à porta das traseiras da casa principal e destranco-a, entrando a correr. A cozinha está às escuras, pelo que o meu pai deve ter saído. Avançando para o balcão, dou com a pilha de correio, todo ele meu, e procuro de imediato um envelope preto fumado com um selo de uma caveira.

Mas não encontro nenhum. Não há ali nada a não ser folhetos e formulários para pedir cartões de crédito. Então, ela deixou de me escrever?

Calma, meu. Vieste a casa na semana passada e verificaste, e havia uma carta. Só passaram seis dias.

Mas tenho curiosidade em saber se ela escreve sobre Masen. O que dirá em relação a ele?

É raro Ryen referir outros rapazes nas cartas. Depois daquele sobre quem me falou quando tinha dezasseis anos – aquele que a levou a baixar os padrões de exigência – parece ter mantido os rapazes ao largo. Na verdade, é quase como se tivesse perdido o interesse, porque em tempos numa carta disse-me que os preliminares são sobrestimados.

Eu disse-lhe que poderia considerar isso um desafio. Afinal, sete anos a escrever cartas é um preliminar épico, e ela é viciada.

Seis dias. A última carta que recebi dela foi há seis dias. A última que ela recebeu da minha parte foi há mais de três meses. Obriguei-a a prometer que nunca deixaria de me escrever, e cumpriu. Mantém-se constante, apesar da falta de fé que neste momento deve sentir em relação a algum dia eu voltar a escrever-lhe.

Os meus ombros abatem um pouco, ao pensar como estive sempre presente por mim. As tretas dela irritam-me, mas para Misha ela tem sido uma amiga. E das boas.

Annie sentir-se-ia desiludida comigo se eu tratasse mal a única pessoa restante que adorava tudo em mim.

Caramba. Foda-se.

Suspiro com força e entro no corredor, contornando o corrimão e subindo as escadas em passo acelerado. Aproximo-me do quarto da minha irmã, rodo lentamente a maçaneta da porta e entro, e de repente vogam na minha direção o cheiro dela e do que resta do ambientador da carpete dela.

Sinto um aperto no coração ao ver tudo tal como ela deixou. Arrumado e pronto para ela chegar a casa após a sua corrida naquela noite. Uma cama onde não voltaria a dormir, maquilhagem em que não voltaria a tocar, trabalhos de casa na secretária por

terminar...

Um aperto aloja-se na minha garganta e sinto vontade de gritar. *Annie, o que te passou pela cabeça?* Mas, então, sinto-me também zangado comigo mesmo. E com o meu pai. Como é que nós não percebemos? Porque é que não tomámos melhor conta dela?

Encaminho-me lentamente para a cómoda e, com cuidado e silenciosamente, abro gavetas, como se ela a qualquer momento pudesse irromper porta dentro, repreendendo-me por estar no quarto dela. Ao abrir a gaveta de cima da cómoda, vejo os cachecóis dela, muito bem dobrados em duas pilhas. Cheiro o perfume dela e o meu peito agita-se com um soluço que contenho enquanto vasculho os cachecóis, encontrando um parecido com o de Ryen. Não é bege, mas é de caxemira. Sinto uma certa culpa, mas a minha irmã preferiria que Ryen o usasse em vez de ficar pousado no seu quarto vazio, esquecido.

Retiro o cachecol azul-claro da gaveta e fecho-a, enfiando-o no meu saco de desporto.

– Olá? – ouço uma voz abafada vinda do corredor.

Viro de repente a cabeça para a porta, reconhecendo a voz.

O meu pai.

– Merda.

Olho em volta, consciente de que o quarto não tem outra saída. Enfio-me atrás do biombo decorativo que a minha irmã pôs junto à parede e cerro os dentes para apaziguar a minha respiração.

Apercebo-me de uma sombra a tapar a luz do corredor que jorra pela porta e desaba na carpete.

– Misha? – chama o meu pai, hesitante. – Estás aí?

Sabe que me encontro aqui. Deixei aberta a porta do quarto de Annie ao entrar e está sempre fechada.

Mas não me movo. Não posso falar com ele.

Espreito pelos orifícios do biombo, tentando vê-lo, mas não consigo. Não está no meu campo de visão.

Ele nada mais diz, mas observo enquanto a sua sombra se estende mais pelo quarto, com a pulsação a bombar nos meus ouvidos.

Entra no meu campo de visão e senta-se ao fundo da cama, usando a sua habitual camisa, gravata e colete. Ele costumava vestir-me assim quando eu era miúdo. Até eu fazer nove anos e começar a ter opinião própria. Foi o início da nossa luta.

– Sempre foste muito diferente – diz, olhando para o vazio.

Mal consigo respirar.

– *T-shirts* e calças de ganga para reuniões familiares, aulas de guitarra em vez de violino ou piano, era sempre tão complicado motivar-te para algo que não quisesses fazer... sempre tão difícil. Ponto final.

Sinto os olhos a marejar, mas não me mexo. Ele tem razão. Na sua cabeça, contrariei tudo. Arranjei discussões onde não as havia.

Na minha cabeça desejava apenas que me aceitasse. Por isso mantive-me tanto tempo agarrado a Ryen.

– Deixei de ser capaz de conversar contigo – quase sussurra. E, então, baixa os

olhos, corrigindo: – Deixei de procurar uma forma de conversar contigo.

Pega no cobertor da minha irmã na ponta da cama e vagarosamente leva-o ao nariz e o seu corpo treme de imediato enquanto soluça.

Prendo a argola do lábio entre os dentes e puxo até sentir uma picada. Tudo dói e odeio isto. Odeio o facto de o quarto de Annie estar vazio. Odeio que a nossa casa esteja às escuras. Odeio não saber qual é o meu lugar – não pertenço a nenhum lugar. Odeio odiar o facto de ele estar sozinho. Não me confortou após a morte de Annie. Porque é que haveria de querer estar aqui por ele?

E porque sinto uma súbita necessidade de contar tudo a Ryen? Para que saiba o que eu não contei e me diga as palavras certas, tal como faz nas cartas. Para esquecer Falcon's Well e o que faço aqui.

Para voltar atrás, pura e simplesmente por ser onde ela se encontra.

*

Chego à escola no preciso momento em que toca para o final das aulas. Começara a chover em Thunder Bay precisamente no momento em que entrei no *ferry*, mas aqui ainda se aguenta, com nuvens ameaçadoras, mas ainda contidas.

O meu pai saiu do quarto de Annie assim que começou a chorar e assim que ouvi o murmúrio de Brahms vindo do seu escritório, percebi que era seguro sair de casa. Passaria ali o resto da noite, a beber uísque e a trabalhar no seu modelo de um campo de batalha da Segunda Guerra Mundial.

Vejo a equipa de futebol a treinar no campo à minha direita e passo a alça do saco de desporto sobre a cabeça, pendurando-a ao peito. Retiro o cachecol do saco, avanço para o *jeep* de Ryen e pouso-o no lugar do condutor. Pego no meu marcador do bolso e olho em volta, pegando numa pequena folha de papel que vejo num suporte de copo. Deixo um bilhete nas costas do recibo.

*

Vais ficar melhor de azul. (E não, não o roubei.)

*

Deixo-o sobre o cachecol enquanto os alunos invadem o parque e entram nos seus carros. É sexta-feira à tarde, por isso duvido que Ryen tenha algum treino, mas de qualquer modo estou atento ao *jeep* dela enquanto me dirijo à minha carrinha, assegurando que ninguém tenta tirá-lo do habitáculo aberto.

Atiro o meu saco de desporto para a caixa da carrinha, mas de repente levanto os olhos, reparando que se concentra gente em redor do meu capô. Olham fixamente para algo e sinto um desconforto a apoderar-se do meu corpo. O que foi agora?

Há arquejos e sussurros e mais pessoas a aproximarem-se. Corro para a frente da carrinha e paro, deparando-me com uma confusão do caralho.

Grandes círculos de tinta branca no capô, saindo em todas as direções e espalhando-se até às laterais, como se alguém tivesse pegado numa arma de *paintball* e usado o veículo como alvo de treino. Parte da tinta já secou, o que significa que já foi feito há algum tempo, provavelmente logo depois de eu abandonar o *campus*.

E bem ao centro, no alto do capô, em grandes letras brancas, está escrito

MARICAS, ali reluzente à minha frente.

Sinto a raiva a apossar-se de todos os meus músculos. *Filho da puta.*

Ergo o olhar, a ferver, furioso e a postos, enquanto o meu olhar desliza pelo parque de estacionamento. Vejo Trevor Burrowes junto ao que, assumo eu, seja o seu carro – um *Camaro* azul provavelmente oferecido pela sua adorável madrastazinha. Ignoro as pessoas reunidas em volta e semicerro os olhos, vendo-o a caminhar com um ar arrogante, a mascar uma palhinha e a lançar a Lyla um olhar lascivo que provavelmente passa despercebido ao seu melhor amigo.

Avanço. Seguindo atrás dele, estugo o passo, pronto para lhe enfiar aquela cara de merda no capô do *seu* próprio carro. Até me sinto grato por ele estar a desafiar-me neste momento. Passei o dia a querer bater em algo.

Ouçó alguém a chamar «Masen», mas não paro para ver quem é. Lanço-me diretamente a ele e agarro-o pelo colarinho, rodando-o e atirando-o contra o carro dele.

Ele rosna, agarrando-me pelo queixo e tentando empurrar-me, mas desvio-me e lanço primeiro o meu punho, socando-o na barriga.

Ouçó gritos e berros à minha volta, sentindo a multidão a aproximar-se, e depressa volto a agarrá-lo, empurrando-o de novo contra o carro.

– Vai-te foder, paneleiro – despeja ele, puxando o punho atrás e acertando-me na cara. O sabor metálico a sangue infiltra-se na minha boca a partir do interior da bochecha, mas ainda não o larguei.

– Não aguentas uma piada? – grita ele.

Levanto o joelho, golpeando-o na barriga. Encolhe-se e ergo bem alto o punho, dando-lhe dois socos na parte de trás da cabeça.

– Masen, para! – ouçó alguém gritar, e penso que se trata de Ryen.

Volto a agarrá-lo pelo colarinho e atiro-o ao chão, com o suor a cobrir-me as costas e os pulmões a implorar por ar. Mas antes de conseguir chegar a ele e aplicar-lhe outro soco, agarram-me o antebraço e puxam-me para trás. Debato-me para me libertar e o tipo que me agarra tropeça para a frente, tentando conter-me enquanto olho com fúria para Trey.

– O que se passa? – ruge uma mulher.

– Demoraste imenso! – rosna Trey ao tipo atrás de mim, e percebo que deverá tratar-se de J.D., o seu amigo, a segurar-me.

A diretora aparece entre nós, olhando para mim enquanto Trey se levanta do chão.

– Calma – ordena-me ela.

Respiro sofregamente, inspirando o ar pelo nariz. Todos os músculos do meu corpo estão tensos e não desvio o olhar de Trey quando os braços que me sustêm finalmente me largam.

– O que é que aconteceu? – exige saber Burrowes, olhando de um para o outro.

– Eu não fiz nada! – grita Trey. – Este imbecil aparece e atira-se a mim!

Ela olha para mim à espera de uma resposta, mas nada digo. Está toda a gente à nossa volta, com extrema atenção, umas quantas pessoas a guardarem os telemóveis agora que a diretora apareceu, e não tenho como evitar um sorriso ao ver uma pinga de sangue no canto da boca de Trey.

– De quem é aquele carro? – questiona a diretora, apontando para a minha carrinha à direita.

Mas eu e Trey estamos com o olhar fixo um no outro, ambos recusando dizer o que seja.

Mas ela parece tirar as suas próprias conclusões, pois olha para Trey, e diz num tom de voz firme:

– Vais buscar um balde e uma mangueira e limpar tudinho. Ambos! É bom que não seja tinta permanente.

– Mas...

– Já! – interrompe-o ela. – E eu avisei-te o que iria acontecer se armasses mais alguma...

– Não foi ele, professora Burrowes.

Pestanejo, ao ouvir a voz de Ryen. A diretora para e vira-se para ela.

– O Trey está só a proteger-me – diz Ryen. Ouço a sua voz ao lado, algures, mas recuso-me a olhar para ela.

O que raio está ela a fazer? Até poderia acreditar que vandalizou o meu carro, mas escrever *MARICAS* no capô? Nem pensem.

– Desculpe? – diz-lhe Burrowes.

– Sim – prossegue Ryen. – Foi uma partida estúpida. Lamento.

Ouvem-se vozes em redor com toda a gente a cochichar e pestanejo de forma ainda mais prolongada e intensa. O par dela para o baile de finalistas estava prestes a meter-se em apuros e ela não podia permitir que isso acontecesse, certo? Seria demasiado humilhante aparecer sozinha no baile.

Rapariga estúpida.

– Fez aquilo ao carro dele?

– Foi uma brincadeira. – A voz de Ryen soa calma e convincente. – Eu trato disso. Levo-o a uma lavagem de carros e pago. Já.

– Nem pensar – interrompe Trey.

– Cala-te lá – dispara Ryen para ele, e depois baixa o tom de voz. – Volto já.

Não espero que me mandem embora. Lanço um derradeiro olhar maldoso a Trey e afasto-me, com a multidão de alunos a dispersar conforme me dirijo à minha carrinha. Tiro as chaves do bolso e abro a porta com força, entrando.

Isto ainda não acabou.

Ryen sobe para o lugar do passageiro, largando a pasta dela no chão, e sinto o olhar dela cravado em mim.

Mordo a língua, demasiado zangado para lidar agora com ela.

Ligo o motor e buzino, quase não esperando que os paspalhos coscuvilheiros afastem o raio do traseiro da frente antes de carregar no acelerador. Os alunos guincham e saem a correr conforme saio do parque a grande velocidade, afastando-me o mais possível de toda a gente.

Toda a gente exceto Ryen.

Entro na estrada enquanto um leve chuveiro embate no para-brisas e fito a tinta e toda a merda sobre o capô, agarrando com força o volante. Vou matá-lo.

– Toma – diz Ryen. – Não quero isto.

Estou a olhar furioso para a frente, mas espreiro, vendo que segura o cachecol azul de Annie. Deve tê-lo visto no seu *jeep* antes do início da luta.

– Fica lá com ele – digo entre dentes. – Foi uma idiotice estragar o teu. Estava a

dever-te.

– Não o quero – insiste, atirando-o para mim. – Tem perfume de outra rapariga, por isso devias avisar a vadia que o deixou no banco de trás.

Abano a cabeça.

Putá.

Pego no cachecol e enfio-o na consola central.

– Muito bem – grito.

Estava na ponta da língua dizer-lhe. Contar-lhe que era da minha irmã e que não sei bem como me agradava a ideia de que Ryen ficasse com uma parte dela e que ideia estúpida que foi, porque na verdade como haveria de querer que uma fedelha irritante pusesse as mãos em algo que tivesse pertencido a Annie?

Mas nunca demonstraria fraqueza diante dela. Nunca hei de desejar a pena dela.

Viro à esquerda na Whitney e percorro a estrada, escassamente povoada por estações de serviço e árvores, até parar numa lavagem de carros *self-service*, entrando num dos lugares vazios.

Na verdade, estão todos vazios, dado que chove. O leve chuvisco agora ganhou intensidade e no céu pairam nuvens sombrias, rolando umas sobre as outras e descarregando um chuveiro forte. O ruído branco na verdade sabe bem. A batida do meu coração e a minha respiração começam a acalmar e fecho a janela e desligo o motor, embora mantendo os Mudshovel a tocar no rádio.

Permanecemos ali em silêncio, sem nos movermos.

Olho para Ryen.

– Então?

– Então, o quê?

Recosto-me, prendendo as mãos atrás da cabeça e relaxando.

– Tu é que fodeste o carro.

Ela franze o sobrolho.

– Sabes bem que não fui eu.

– Sim, eu sei – reajo, num tom de voz onde se nota a diversão. – E tudo isso é muito comovente, assumires a culpa pelo teu homem, mas vais lavá-lo.

Contorce os lábios num pequeno resmonear e deteto uma sugestão de revirar de olhos. Empurra a porta, sai e bate-a ao fechá-la, avançando para os comandos na parede e enfiando a mão no bolso. Fecho os olhos, recostando a cabeça para trás, e tento acalmar a mente.

De repente, sinto-me muito fatigado.

Desde que tenho memória, ouço vozes na minha cabeça, a tentarem dizer-me o que fazer. Dou luta, defendo-me e orgulho-me das decisões tomadas, mas isso não significa que não tenha dúvidas. O meu pai e a razão para ele não conseguir amar-me tanto quanto à minha irmã. Os tipos na minha escola que me ensinaram que era mais fixe praticar desporto e comer cinco raparigas num fim de semana. A minha mãe e o modo como partiu quando eu tinha dois anos e Annie um ano, e que talvez o motivo para ela ter partido tenha sido não nos querer.

Ainda bem que nunca prestei atenção às outras vozes na minha cabeça, mas... ainda as ouço. Ainda são ruidosas e ainda caminho contra o vento.

Não mudes, escreveu Ryen certa vez numa carta. Não há ninguém como tu e não posso amar-te se deixares de ser quem és. Acho que não o devia dizer, mas estou ligeiramente bêbeda – acabei de chegar de uma festa quando vi a tua carta – mas, que diabo? Sabias que te amava, certo? És o meu melhor amigo.

Portanto, nunca mudes. Isto é um mundo grande como o caraças e quando sairmos das nossas cidadezinhas, vamos descobrir a nossa tribo. Se nos mantivermos fiéis a nós próprios, como é que hão de reconhecer-nos? (Ambos, porque sabes que fazemos parte da mesma tribo, certo?)

E mesmo que sejamos apenas os dois, será o melhor.

*

Céus, eu adorava-a. Sempre que era tomado pelas minhas preocupações ou fúria, ela tinha as palavras certas para pôr tudo em perspetiva. Houve alturas, ao longo do meu crescimento, em que me senti irritado ou torturado pelas cartas dela, em especial quando referiu *Crepúsculo* ou como Matt Walsh era tão bom vocalista como Adam Gontier para os Three Days Grace – quer dizer, que raio? –, mas nunca me senti mal depois de ler uma carta dela.

Nunca.

Ouçó o jorro a atingir o veículo e abro os olhos, dando com ela diante da carrinha, desfocada através da água que projeta contra o para-brisas.

Porque é que nunca segue o conselho que sempre se mostrou disposta a dar-me?

Mantenho as mãos entrelaçadas atrás da cabeça e observo-a, movimentando-se em redor do capô e dando mangueiradas para um lado e para o outro, borrifando todas as superfícies. Reparo em alguma tinta a levantar e a escorrer pela carrinha enquanto ela tenta remover tanta porcaria quanto possível com a mangueira.

A seguir, larga o manípulo, cortando o jorro, e larga a mangueira no chão. Agarrando a bainha da blusa preta larga, puxa-a por cima da cabeça, revelando um *top* branco fino com vislumbres de um sutiã cor-de-rosa a espreitar por baixo. Sinto a virilha a aquecer, e começa a dilatar. *Merda.*

Avança para a porta do passageiro, abre-a e mal olha para mim antes de atirar a blusa para o interior e voltar a fechá-la. Retirando da parede a escova com a pega comprida, remexe os pés, como se estivesse a descalçar as sandálias, e ruma à dianteira da carrinha, subindo ao para-choques.

Aquilo não me ocorrera. É provável que seja demasiado baixa para esfregar a parte central do capô estando de pé no chão. Se calhar, devia ajudá-la.

Mas olho para o para-brisas, listrado com água, e vejo o seu belo corpo a inclinar-se para a frente sobre o capô, esfregando com tal força que os seios dela abanam o suficiente para me abalar. Isto foi péssima ideia.

E não consigo desviar o olhar dela. As suas coxas bronzeadas roçam na grelha enquanto o seu *top* sobe devido ao esforço e vejo uns centímetros da barriga tonificada, o cabelo solto em volta e uma vista perfeita do peito. O meu membro começa a endurecer e quero-a aqui dentro, e não ali fora. Quero-a de pernas abertas no meu colo, perto e nas minhas mãos.

Salta para baixo e contorna o carro pelo meu lado, voltando a subir, desta vez sobre o pneu. Debruçando-se sobre o capô, mesmo à minha frente, esfrega a tinta, com

os pequenos músculos dos braços a fletirem e a franzir ainda mais o sobrolho enquanto trabalha. O meu olhar incide de novo na barriga dela e as minhas mãos imploram para lhe tocar ali na pele.

Que espada de dois gumes. Sinto-me zangado por ser uma mentirosa falsa e fraca? Sim. Mas sinto-me feliz por ter o corpo de uma estrela porno? Sim, caramba. Ela não tem de falar para eu olhar.

De repente, vejo-a a rodar a cabeça e os nossos olhares cruzam-se, sendo que ela está com ar de quem gostaria de me dar um pontapé nos tomates. Mostra-me o dedo do meio, ao ver que a aprecio, e desato a rir sozinho.

Trey está praticamente esquecido. Por ora.

Salta para o chão e devolve a escova ao seu lugar na parede e a seguir volta a apanhar a mangueira. Borrifando a carrinha, afasta toda a tinta, com a água esbranquiçada a escorrer pelo capô até ao chão. Volto a fechar os olhos, apreciando o som da chuva e da água a cobrir a carrinha.

Mas, de repente, algo frio e húmido atinge-me a cara e endireito-me de repente, abrindo os olhos. Ryen está do lado do passageiro, a borrifar a lateral e acertando na frincha de dois centímetros deixada aberta na janela.

Raios!

Sacode a mangueira, borrifando mais, e resmungo conforme a água molha o interior do habitáculo e os assentos de couro.

– Merda! – grito, abrindo a porta e saltando para o exterior. – Para com isso!

A minha *T-shirt* preta está húmida e contorno a carrinha, lançando-lhe um olhar fulminante. Descontraidamente borrfia o capô da viatura, fingindo que assobia.

– O que foi? O que fiz?

– Passa-me a mangueira. – Estendo a mão.

Encolhe os ombros, fingindo inocência.

– Não sabia que a janela estava aberta. A água seca. Relaxa.

Avanço na direção dela, pois é ela que tem a pistola.

– Passa-me... a mangueira.

Contraí os lábios, visivelmente a tentar disfarçar um sorriso.

– Anda cá buscá-la.

Aproximo-me um pouco dela, sabendo que vai molhar-me, mas talvez sendo rápido eu consiga...

Subitamente, aponta a pistola na minha direção e borrfia, com a água fria a atingir-me os braços, mãos e levando a minha *T-shirt* a colar-se ao peito.

Resmoneio, lançando-me a ela, e ela guincha, atirando-me a pistola e abrindo de repente a porta de trás. Apanho a pistola onde ela a largou e contorno a porta, vendo-a estendida no assento traseiro, a cabeça curvada para cima, ofegante, e de mãos estendidas de forma defensiva enquanto olha para mim.

Lambe os lábios, sem fôlego e com um vestígio de um sorriso.

– Não, por favor – implora. – Desculpa.

O seu corpo agita-se com uma risada silenciosa e nervosa, mas sou incapaz de me mover. Ao vê-la ali no assento, os seios dela a subir e a descer, e as coxas ligeiramente abertas com um pé apoiado no chão e a outra perna levantada, o meu corpo fica em choque.

Credo.

Suor – ou água, não sei ao certo – cintila no peito dela, e ela cora.

Avanço e pouso a mangueira, ainda ligada, sobre o tejadilho. A água jorra numa torrente ampla e constante pelo para-brisas.

Olho-a nos olhos.

– Molhaste-me – vinco. – É justo.

A respiração dela vacila e olha fixamente para mim, paralisada. Irá fugir?

Baixo-me, curvando a cabeça para dentro da cabina e pairando sobre o corpo dela, contendo-me com as mãos. O olhar dela incide no para-brisas; provavelmente, está nervosa com a possibilidade de alguém nos ver. Mas a água distorce a vista, gerando uma mancha difusa.

Arqueia-se apoiada nas mãos, encontrando-se comigo a meio caminho enquanto a sua respiração quente e rápida cruza os meus lábios. O olhar dela incide na minha boca.

– Qual é a sensação? – pergunta, baixinho, erguendo um dedo tímido para tocar no *piercing* do meu lábio.

Gemo, desafiando-a.

– Diz-me tu.

Prende o olhar no meu como se estivesse assustada, mas a seguir volta a incidir no *piercing*. Abrindo ao de leve a boca, lança a língua para fora e toca na argola.

Volto a gemer, incapaz de impedir que os meus olhos se fechem. O calor húmido daquele pequeno ponto percorre o meu rosto, desce pelo pescoço e passa rente ao meu estômago, levando os meus dedos a cravarem-se nos assentos de couro.

A respiração dela volta a atingir-me a pele e abro os olhos para ver os dela a observarem-me com atenção enquanto parte para mais. A língua dela percorre a argola antes de sair de repente e me morder o lábio em volta, puxando tudo para a sua boca.

Sinto a pele a arder e um formigueiro em todo o corpo e quase perco a merda da força para me aguentar. Os olhos dela permanecem abertos, vendo-me arquejar e gemer face a tudo o que faz. Chupa a morde e lambe e puxa enquanto permaneço ali a pairar, sem me mover, nem a beijar de volta enquanto permito que ela explore.

Ouve-se uma buzina, mas mal dou por ela.

– Masen – sussurra ela, passando os lábios sobre a argola, uma e outra vez, e pondo uma mão atrás do meu pescoço.

Masen.

Estendo o braço e pouso a mão sobre a barriga dela, finalmente agarrando-a. Quero que diga o meu nome, caramba. Quero ouvir neste preciso momento o meu nome a sair dos lábios dela.

– Ei, idiota! – Um carro volta a buzinar e pestanejo ao perceber que está ali alguém. – Onde está a minha miúda?

Oh, merda.

Ryen afasta-se, ao escutar também a voz de Trey, e ergue o olhar para mim, com um vestígio de medo nos olhos.

Espreito pela janela, vendo o borrão azul do *Camaro* dele em frente ao nosso espaço. Mas não consigo vê-lo, por isso ele não nos vê através da água. Se conseguisse, por certo que o teria sentido antes sequer de o ver.

Baixo o olhar para Ryen, ainda a senti-la tomada pelo desejo.

– Ela está aqui, Burrowes. – A minha voz soa baixo para que apenas Ryen me ouça enquanto passo a mão pela barriga dela. – E sabe mesmo bem.

Ryen morde o lábio inferior e abana a cabeça, implorante.

– Então! Acorda, imbecil! – ruge de novo Trey.

Olho para baixo para Ryen.

– Estás molhada? – Saio de cima dela e desço da carrinha, lançando-lhe um sorriso insolente. – Deixa-te estar.

Fechando a porta com força, vejo Trey no seu carro com a janela aberta. A chuva ainda tomba com força e as nuvens escureceram ainda mais.

Agarro a mangueira e desligo-a, pendurando-a.

– Ela pagou a fiança – rujo. – Foi a pé para casa. Agora, vai-te foder.

Ele ri-se, abanando a cabeça.

– Não te preocupes, pá. Podes tê-la toda depois do nosso jogo com a Thunder Bay para a semana. Gosto de uma ratinha depois de ganhar, por isso até lá espera pela tua vez.

O que raio acabou ele de dizer? Fico a vê-lo acelerar e desaparecer ao fundo da rua, enquanto cerro os punhos.

Não vou esperar pela minha vez.

Ele não pode tê-la.

CAPÍTULO 9

RYEN

Lambo os lábios, sentindo o toque metálico quente a roçar-me a boca.

Misha.

Mas, depois, pestanejo, surgindo-me à vista o meu quarto enquanto a névoa na minha cabeça aos poucos desvanece. Misha? No meu sonho beijava Masen. O que me levou a chamar-lhe Misha?

Raios. Retiro a almofada de debaixo da minha cabeça e tapo a cara com ela. Estou um caco. Já antes fantasiara com Misha, numa das minhas realidades alternativas pervertidas onde ele me escreve cartas porcas e acaba por se esgueirar no meu quarto, e é a primeira vez que o vejo, e ele está a enfiar-se dentro de mim.

Mas nunca teve um rosto. Sempre tive a impressão de que era alto e escuro, mas nunca tive a certeza. Acho que depois de tudo o que se passou na noite passada, e com o modo como este tipo novo está agora na minha cabeça, o meu cérebro estabeleceu uma ligação.

As minhas fantasias finalmente encontraram um rosto para Misha.

Retirando a almofada de cima da cara, largo-a ao lado, com os acontecimentos de ontem a circularem na minha mente. Levanto a mão, rodando-a para ver os restos do seu marcador no lado de dentro do meu indicador. Espreito para a minha parede de giz em frente e vejo onde acrescentei *Vergonha* no fundo da lista.

.

Sozinha

Vazia

Fraude

Vergonha

.

As palavras magoam, mas na noite passada percebi algo. Há algo mais que não vejo. A primeira palavra, *Sozinha*, foi escrita no seu beliche no Cove. Não é relativa a mim. Tem que ver com outra coisa. Estas palavras significam outra coisa.

E depois o carro e a luta... Saí para o parque de estacionamento depois das aulas, vendo de pronto Masen a pôr algo no meu *jeep*. Desci os degraus a correr, pronta para o mandar embora, em especial depois do que fez ao meu cachecol, mas parei ao ver o

que estava pousado no assento do meu carro.

É claro que foi foleiro dar-me o cachecol de outra mulher, mas logo à partida senti-me um pouco desconcertada por se ter sentido culpado a ponto de querer compensar. Era lindo e macio, e gostava de ter ficado com ele.

E depois a lavagem do carro. Como fiquei excitada quando me perseguiu como se eu fosse uma presa. A sensação da curva suave do *piercing* quando passei pela argola a ponta da minha língua. Como ele foi paciente e nada ansioso, nem egoísta, deixando-me explorar à vontade.

O modo como a sua mão avançou de forma lenta e possessiva sob a minha blusa, deixando-me zozna.

Levo os dedos à boca, roçando a ponta de um com a língua. Faz um pouco de cócegas, mas também é sedutor. Será que gostou quando eu o fiz? Quis dar-lhe boas saudades, embora só a mim mesma eu o admita.

Passo a mão pela minha bochecha e pelo pescoço, desejando que fossem as mãos dele. Desejando poder voltar à noite passada e não o interromper, obrigando-o a levar-me de volta à escola para pegar no carro e fugir.

Mas a verdade é que... começo a pensar nele, imenso, e não sei porquê. Em especial, tendo em conta que não me larga, sempre a dizer-me o que faço de errado.

Nunca corri o perigo de me apaixonar por tipos como Trey, mas com Masen, dou por ele a consumir toda a minha atenção. Estou sempre consciente da existência dele.

E quanto mais me aproximo dele, mais afastada me sinto de Misha. É quase como se estivesse a traí-lo. Não que haja romantismo entre nós, mas o meu coração pertence-lhe, e não quero dá-lo a mais ninguém. Sinto que Masen ameaça isso.

Eu disse que daria uns dias a Misha, mas tenho de saber. Ele estará em segurança? Estará vivo? Terá simplesmente mudado de casa?

Afastando a roupa da cama, sento-me e balanço as pernas para o lado da cama. Olho para o relógio e vejo que já passa das nove.

É sábado, tenho todo o dia livre. Podia simplesmente passar de carro por lá.

Não como uma perseguidora obcecada incapaz de levar uma nega. Não, posso simplesmente passar por lá de carro. Verificar se a casa não ardeu ou se não está vazia, por o pai dele ter cometido algum homicídio horrível e abandonado a cidade a meio da noite, levando Misha e a irmã.

Quem sabe? Talvez veja um jovem a estacionar na rampa de casa e a entrar e consiga perceber que é ele, e então saberei que está vivo e bem de saúde. Não necessito de mais respostas do que essa, pois não?

Levantando-me, visto uns calções de treino, uma *T-shirt* e um casaco polar. Prendo o cabelo num rabo de cavalo desajeitado, não vou preocupar-me com o meu aspeto. Se for tomar um duche, arranjar o cabelo e maquilhar-me, sentir-me-ei tentada a bater-lhe à porta. Se estiver com um aspeto merdoso, então nem sequer saio do carro.

Depois de escovar os dentes, desço as escadas em passo apressado e contorno o corredor, rumando à cozinha.

– Bom-dia – diz a minha mãe.

Olho e vejo que está sentada à mesa com Carson, ambas a ver uma revista juntas. Provavelmente, algo sobre remodelações de casas, porque a mãe quer expandir a garagem. Abro o frigorífico e pego numa garrafa de água.

– Bom-dia – respondo.

– A diretora ligou ontem à noite – ouve-se a voz da minha irmã.

Vacilo, fechando lentamente a porta do frigorífico sem olhar para ela. *Merda*. É verdade.

Será que lhes falou do que fiz à carrinha de Masen? Ou do que eu disse que fiz?

Raios!

Mas, não. A minha mãe já me teria dado uma descasca na noite passada quando cheguei a casa. Não teria esperado até hoje de manhã.

Além do mais, duvido que a diretora tivesse efetivamente acreditado em mim, mas pouco poderia fazer em relação a isso.

– Ela disse que vais ao baile com o Trey – diz a minha mãe, avançando na minha direção com o seu roupão de banho e o cabelo arranjado num coque. Despeja o café no lavatório. – Ela queria saber qual é a tua cor preferida para a pulseira. Porque não nos contaste que ele te convidou?

– Esqueci-me – respondo, encolhendo os ombros e relaxando um pouco. – Estavas fora e eu tenho andado ocupada.

Na verdade, não achei que fosse digno de referência. Rapariga popular vai ao baile com rapaz popular. O meu lugar no anuário está garantido.

Mas, de repente, tudo aquilo me interessa tão pouco. Questiono-me como terá acontecido.

Ela assente com a cabeça, os seus olhos azuis sorrindo-me enquanto me beija levemente na bochecha.

– Tu és *demasiado* ocupada. Em breve vais para a universidade. Quero ver-te.

Beijo-a na bochecha e deito a mão a uma maçã na taça ao centro da ilha.

– Volto mais logo.

– Onde vais agora?

– Visitar um amigo – respondo-lhe, virando-me e encaminhando-me para a entrada. – Eu volto.

– Ryen? – protesta a minha mãe.

– Oh, deixa-a ir – resmunga a minha irmã, levantando-se e levando o seu prato para a banca. – A Ryen agora é uma pessoa tão ocupada e importante. Devíamos dar graças quando nos agracia com a sua presença.

Pego na carteira e nas chaves pousadas na mesinha da entrada, cerrando os maxilares. Não me recordo da última vez que a minha irmã me disse algo simpático. Ou, já agora, eu a ela.

– Carson – avisa a minha mãe.

– O que foi? – diz a minha irmã. – Estou feliz por ela. Pelo menos, já não é como na preparatória, quando não tinha amigos e tinha de a levar para todo o lado para não andar sozinha.

Engulo o sabor amargo que sinto na boca, sem olhar para ela. Tem sempre as palavras certas para me fazer sentir outra vez minúscula. O sorriso que por norma forço para descansar a minha mãe é pressionado até ao fundo do meu estômago, contido sob uma pilha de tijolos, e as palavras simpáticas que consigo sempre soltar desta vez não querem alinhar. Sinto-me cansada.

Saio pela porta da frente e entro no meu *jeep* antes que ela diga algo mais. Não

quero saber se é apenas a cidade dele, ou a casa, ou o que seja. Preciso de ver algo que seja de Misha.

Percorro de carro as ruas tranquilas e encantadoras de Thunder Bay, com o vento a soprar pela cabina aberta do meu *jeep* enquanto fios soltos do meu cabelo esvoaçam selvaticamente à minha volta. O sol cintila através das folhas lá em cima nas árvores e o ar marítimo flutua a toda a volta, enchendo os meus pulmões com o seu aroma puro.

«Sk8er Boi» de Avril Lavigne toca na rádio, mas não acompanho a letra como por norma faço. E mal reparo no ligeiro chiado que me sai do peito enquanto olho de boca aberta para as casas e relvados que me ladeiam.

Caramba. Isto não é mesmo do meu campeonato.

Vejo diante de mim casas com dois e três pisos com portões e hectares e rampas de acesso circulares maiores do que a minha casa, e os carros que passam provavelmente custam o mesmo.

Credo, Misha.

Não que a minha casa não preste, é evidente. É mais do que o suficiente e a minha mãe fez um belo trabalho a decorá-la, mas estas casas são de topo. Por uma vez que seja, sinto-me contente por conduzir um *jeep*, pois assim sinto-me integrada. É a única viatura no mercado que não revela quanto valemos, se muito ou pouco. Há entusiastas do *jeep* ricos e pobres.

Continuo a conduzir, espregando para o mapa no meu GPS e virando à direita na Birch e depois à esquerda na Girard.

248 *Girard*. Sei esta morada de cor desde os meus onze anos. Inicialmente achámos que, estando apenas a meia hora de distância um do outro, é evidente que acabaríamos por nos encontrar. Quanto tirássemos a carta de condução e tivéssemos mais liberdade de movimentos.

Mas quando esse dia chegou, tínhamos vidas, amigos e obrigações e pareceu bastar saber que *podíamos* encontrarmo-nos assim que o desejássemos.

Se o desejássemos.

Passo pelas casas e leio os números escritos nas colunas, paredes e portões nas entradas. 212, 224, 236, e então...

Vejo-a. À esquerda, com uma sebe de árvores e duas pequenas colunas em pedra com um portão de entrada para pessoas e outro para carros, que de momento está aberto. Trata-se de uma casa de três pisos ao estilo Tudor, num perfeito equilíbrio entre madeira e pedra, e paro do outro lado da rua para ficar por uns momentos a observar.

É ao estilo antigo e pitoresca, mas não tão grande ou pretensiosa como tantas outras residências que vi a caminho daqui.

Mas tem uma fonte na frente.

Ele cresceu aqui. Foi aqui que as minhas cartas chegaram.

Não admira que se queixe tanto, rio-me para mim mesma. É uma grande casa, mas não tem nada que ver com ele. Misha, que foi suspenso duas vezes por se envolver em brigas, toca guitarra e acha que carne desidratada e bebidas energéticas constituem um pequeno-almoço saudável, vive numa casa com ar de poder ter um mordomo.

Sinto os meus pulmões a ficarem pesados e densos e pego no inalador extra que guardo num compartimento secreto na consola. A primavera está aqui e as minhas alergias vão enlouquecer.

Bombo duas vezes, sentindo aos poucos os pulmões a abrirem-se de novo.

Consulto o telemóvel, vendo que são quase dez horas. Posso ficar aqui parada o dia inteiro, não posso? Ergo o olhar e reparo num par de mulheres a correr na minha direção no passeio e ouço uma criança a gritar algures nas redondezas. Bato com o pé no pedal... de repente a sentir-me despedaçada.

Eu disse que não ia sair do carro, mas... Estar assim tão perto, possivelmente a poucos metros dele, leva-me a sentir imenso a sua falta. Tenho de saber o que se passa.

Se for até à porta, o nosso relacionamento tal como o conhecemos está acabado. Talvez siga por um caminho diferente, quando descobrir o que se passa de errado com ele, mas assim que lhe vir a cara nunca mais será o mesmo. Tudo irá mudar e terei estragado o que funcionava. Será embaraçoso e ele não estaria preparado para que eu aparecesse assim sem mais nem menos. E se simplesmente nos sentarmos ali os dois, a girar os polegares, sem dizermos nada, por eu ser a perseguidora louca que o seguiu e agora ele sente-se estranho?

– Que se lixe – digo de repente, percebendo que falo sozinha, mas sem me importar.

Conto com ele. Tenho esse direito. Há sete anos que temos esse compromisso. Se não queria que eu aparecesse, então que me tivesse respondido às cartas a dizer-me que estava acabado. Tenho o direito de saber o que se passa.

Abrindo a porta, desço do *jeep* e fecho-a com força. Com as pernas bambas e respiração ofegante atravesso apressadamente a rua, afastando o medo da minha cabeça.

Não penses. Vai e pronto. Ele está a enlouquecer-me e tenho de pôr um fim a isso. Só preciso de saber.

Subindo a rampa da entrada, olho em volta, fitando janelas para ver se alguém me vê a aproximar-se. Aliso o cabelo para trás, reajustando o rabo de cavalo quando chego à porta.

Devia ter-me vestido em condições. Devia ter posto maquilhagem. E se ele está em casa e me vê e desata a rir? Estou um caco.

Não, Misha conhece-me. É o único que conhece o meu verdadeiro eu. Não se vai importar com o meu aspeto.

Puxo para o lado a gola da minha blusa e enfio lá o nariz, para cheirar. Tomo dois duches por dia – à noite, porque por norma transpiro nos treinos da claqué e na natação, e de manhã depois de fazer exercício –, mas hoje ainda não tomei nenhum.

Cheira bem, parece-me. Apesar de uma vez a minha irmã ter dito que não conseguimos cheirar-nos a nós próprios.

Ergo a mão a bato várias vezes à porta. Então, vejo uma campainha à direita. Bolas, devia ter tocado lá.

Não interessa. Cruzo os braços sobre o peito, preparando-me, e remexo os pés enquanto curvo a cabeça e fecho os olhos.

Misha, Misha, Misha, onde estás?

Ouçó a porta a abrir e o meu coração falha uma batida.

– Sim? – alguém diz.

Pestanejo e de imediato descontraio um pouco, inspirando um pouco mais de ar. É um homem, muito mais velho do que será Misha, com cabelo negro a ficar grisalho e olhos verdes. O pai?

Veste um roupão azul-escuro, atado sobre um pijama, e sinto as faces a ruborizar com a vergonha. É sábado de manhã. Se calhar, acordei-o.

– Ah, olá – digo por fim, descruzando e voltando a cruzar os braços. – O, ah... Misha está? Por caso?

Reparo que endireita um pouco as costas, algo defensivo.

– Não, lamento, não está – responde calmamente.

Não está. Então, vive aqui. Esta é a sua casa. Não entendo porque tal confirmação me leva a sentir ao mesmo tempo medo e entusiasmo.

E este tipo deve ser o pai dele.

– Sabe quando volta? – pergunto o mais educadamente possível. – Sou amiga dele.

O peito dele sobe um pouco com uma respiração pesada e o seu olhar vacila. Reparo que as faces parecem encovadas e tem papos sob os olhos, como se estivesse doente, cansado, ou algo assim.

– Se é amiga, por certo que poderá ligar-lhe e saber – frisa.

Vacilo. Pois, se era amiga, porque é que não haveria de ter o número de telemóvel dele?

Talvez ele saiba quem é Ryen. Talvez deva dizer-lhe quem sou.

– Quer deixar algum recado? – questiona, começando a recuar e preparando-se para fechar a porta.

– Não – respondo de pronto. – Obrigada, meu senhor.

Assente com a cabeça e fecha a porta

Mas eu encosto a mão, detendo-o.

– Desculpe? – Ergue o olhar, detendo-se. – Ele está bem? – pergunto. – Eu... já não sei dele há muito tempo.

O pai dele permanece em silêncio por um momento, antes de responder num tom firme.

– Ele está bem.

E, então, fecha a porta, e fico no degrau de entrada, paralisada e confusa.

O que significa isso?

Acho que deveria sentir-me contente, certo? Ele está bem, não é?

Vive aqui. O pai diz que de momento não está em casa, o que significa que por vezes está, pelo que não se mudou, nem morreu ou se alistou no exército.

Mas não me sinto contente.

Ele está bem. Ele vive aqui. De momento não está em casa. Tudo está normal. Nada mudou.

Então, se não se mudou, não morreu nem se alistou no exército, porque raio deixou de me escrever?

Dou a volta para trás e caminho em passo rápido para o meu *jeep*, sabendo o que Ryen, amiga de Misha, faria. Nunca desistiria. Continuará a escrever com uma lealdade eterna, confiando que ele teria alguma boa razão.

Mas a Ryen que Misha não conhece, a sobrevivente, está neste momento a assumir

o comando e não gosta que brinquem com ela.

Sabes a minha morada, imbecil. Usa-a ou não.

Vou deixar de prender a respiração.

– Já viste o Masen Laurent? – comenta Lyla com escárnio, parada junto ao meu cacifo enquanto Ten escreve mensagens no telemóvel ao lado dela. Ela espreita por cima do ombro para Masen e um grupo de rapazes do outro lado do *hall*. – Provavelmente, foi expulso da última escola onde andou por andar à pancada e o Trey está a receber montes de merdas no Facebook por causa da luta. – Semicerra os olhos na direção de Masen. – Sem dúvida giro, mas que anormal. Devia ser preso.

Trey está a receber merdas por causa da luta? Disfarço o sorriso sarcástico. *O que queres dizer é que está a levar pontapés no traseiro.*

Espreito para Masen, que está rodeado por quatro rapazes, todos a rir e a brincar como se fossem desde sempre grandes amigos. Masen sorri a um deles e abana a cabeça, sugando uma palhinha entre os lábios ao beber de um copo da 7-Eleven.

Sinto as faces a ruborizar. Aqueles lábios. Não tive o suficiente deles na sexta-feira à noite e ele nem sequer me beijou.

E se Lyla e Ten descobrissem agora mesmo que me teve no banco de trás do carro dele e eu não quis que parasse?

Parece pressentir que o observo, pois roda a cabeça na minha direção, com ambos a prender o olhar um no outro através do átrio repleto de gente. Os olhos verdes dele fixam-me no meu olhar, com algo quente a cintilar neles, e de repente sou incapaz de me mover um passo. Rodo para trás e atiro os meus livros para o cacifo.

– Pois – reajo, forçando uma voz simples e entediada. – Parece que começa a conhecer gente.

– Sim, a ralé – brinca Lyla, olhando para os tipos que estão junto de Masen. – Todo aquele pessoal há de acabar na cadeia.

Parecem enquadrar no perfil. Masen está cá há menos de uma semana e já tem uma multidão de amigos, todos parecendo enquadrar no seu estilo. Uns *piercings* aqui, umas tatuagens ali, e provavelmente todos eles bons conhecedores dos processos de fiança.

– Ouvi dizer que o largaste na lavagem de carros? – Ten atira a sua chiclete para o balde do lixo cinzento encostado à parede entre o meu cacifo e a porta de uma sala de aulas. – És tão má.

– Pois, está bem. – Saco do meu telemóvel, para o levar para o almoço. – O meu tempo é precioso. De qualquer forma, é bom que se habitue aos trabalhos manuais.

Lyle e Ten fungam, todos nós lançando olhares de gozo aos delinquentes.

Na sexta-feira, Masen não contava com nenhum amigo e agora... Apostaria tudo que foram eles a ir ter com ele. Nunca o contrário.

Agora, toda a gente o conhece.

– Ele não para de olhar para ti – comenta Ten.

Finjo desinteresse enquanto espreito rapidamente para Masen.

A minha pulsação acelera.

Ele fica ali e encosta-se ao cacifo, com os olhos postos em mim. Desafiador,

divertido, *sexy*... como se não tivesse esquecido o ponto onde ficámos.

– Ele pode olhar o que quiser – digo, batendo a porta do meu cacifo e enfrentando o seu olhar enquanto converso com os meus amigos. – Nunca há de pôr aqui a mão.

O canto da boca de Masen soergue-se num sorriso do outro lado do átrio, como se soubesse que digo tretas sobre ele.

– Mas se puser – intromete-se Ten –, assegura que sou o primeiro a saber, *okay*? Quero pormenores.

– Vou ao baile de finalistas com o Trey. – Semicerro os olhos na direção de Ten. – Masen Laurent pode admirar de longe e apreciar a vista.

Os meus amigos desatam a rir, mas nesse momento algo atinge o caixote do lixo e jorra de lá um jato de líquido na nossa direção. Espalha-se refrigerante pelo chão, arquejo quando me atinge as pernas e leva Lyle e Ten a saltarem para trás quando o fluido pegajoso lhes atinge tornozelos e calçado.

– Idiota! – grita Lyla pelo corredor.

Masen desencosta-se dos cacifos, ainda a mascar a palhinha, e sorri sarcasticamente. Os amigos dele seguem-no, todos a rir.

Deve ter atirado o refrigerante desde ali para o caixote do lixo.

Idiota.

– Desculpa lá, Portas. – Masen retira a palhinha da boca, fitando-me com um olhar arrogante. – Não queria ver-te porca.

As palavras dele estão carregadas de insinuações e os amigos riem ainda mais alto em volta dele. Reteso o maxilar, morta por lhe arrancar aquele sorriso da cara à estalada enquanto ele e os novos amigos se afastam, pelo *hall*, na direção do refeitório.

Ele tem sempre de deixar a sua marca, não é?

– Paspalho – grita Lyla. – Vou limpar-me à casa de banho.

Roça em mim ao passar, seguida por Ten, que abana a cabeça com um sorriso de diversão.

– Encontramo-nos no refeitório – diz ele ao passar.

Viro-me e volto a abrir o cacifo, tirando de lá o cachecol de caxemira que Masen arruinou. Já está sujo e, por isso que interesse tem? Seco as pernas e tornozelos e volto a enfiá-lo no cacifo, anotando na minha cabeça que logo à noite tenho de o levar para casa para o lavar.

Toca a campainha e rumo à cantina, na verdade já com fome suficiente para deixar os livros no cacifo e comer algo.

Mas ao passar à porta do laboratório de Física, reparo em algo escuro a avançar na minha direção pela esquerda e mal tenho tempo para perceber que se trata de Masen antes de ele me enfiar pela porta. Entro aos tropeções na sala de aulas vazia, inspirando ar conforme ele tranca a porta e avança para mim, encurralando-me contra a parede.

Sinto o coração aos saltos no peito e uma impressão no estômago. Mas controlo-o. Olho para ele com as mãos nas ancas e o queixo levantado, obrigando-me a mostrar um ar calmo.

Olha de alto para mim, nada dizendo enquanto o seu peito toca no meu. A sala está às escuras, com a exceção da luz ténue que entra pelas janelas, e sons abafados de risos e conversas vagueiam através da parede desde o refeitório.

Ele está perto.

Tudo aquece sob a minha pele e sinto a respiração dele sobre os meus lábios.

– Este fato da claqué é muito pobrezinho – comenta.

Inclino a cabeça.

– Que engraçado, é que ainda há uns minutos parecia que não conseguias tirar os olhos de mim.

O olhar dele desce até aos meus lábios e a seguir inclina-se para a frente, com a respiração de ambos a ficar fraca, e quase lhe sinto o sabor.

Lambo os lábios.

E ele perde-se.

Baixa o braço, agarra as minhas coxas por trás e puxa-me para cima, e envolvo-o com braços e pernas, soltando um leve gemido. *Sim*.

Entreabro os lábios, passando-os sobre a argola do lábio e saboreando enquanto ele geme e crava os dedos nas minhas coxas. Cinjo as pernas em redor dele, necessitando de o sentir.

– Puta – sussurra.

– Falhado.

E quando lanço a minha língua para lamber de novo a peça metálica, esgota-se a paciência dele.

Masen Laurent choca com os lábios dele nos meus, movendo-se com força sobre a minha boca e roçando a língua na minha, com o calor e o sabor a deixarem a minha mente em parafuso. Paro de respirar. Não quero saber. Só quero mais e mais.

Morde o meu lábio inferior, movendo as mãos até ao meu rabo e apertando, e solto um gritinho, levada à loucura ao senti-lo. Não quero gente a ouvir-nos, mas neste momento nada me interessa.

Os meus lábios fecham-se conforme os seus dentes passam pelo meu pescoço, provocando-me arrepios na espinha. Sinto um calorzinho na barriga ao cingir as minhas coxas em redor dele.

Quero estar mais perto.

Encosta a mim a virilha e volto a baixar-me, tomando os seus lábios e mergulhando a minha língua, provocando-o dessa forma sempre que me aproximo para um beijo.

– Continua com isso – arqueja.

Ouçõ risos do lado de fora e sobressalto-me, girando a cabeça para a porta.

Mas ele não permite que a minha cabeça abandone a brincadeira. Estende o braço e roda a chave e então leva-me para uma cadeira da mesa do laboratório e senta-se, mantendo-me no colo com uma perna de cada lado.

Agarrando-me as ancas, une os nossos peitos.

– Pensaste em mim este fim de semana? – Morde o meu lábio e larga. – Hmm?

A sensação dos dentes dele deixa o meu estômago às voltas, mas nem por isso deixo de morder.

– Quem te dera.

Colo ainda mais o meu corpo ao dele e afundo os meus lábios nos dele quando volta a puxar as minhas ancas.

– Estavas com tretas com os teus amigos, não estavas? – arqueja, entre beijos e mordidas fugazes e provocadoras. – Nunca quis tanto dar uma lição a alguém como

quero dar-te agora. – Volta a puxar-me, com o meu clitóris a roçar na dilatação dos seus *jeans*. – Devia ter ido ter contigo, levantar-te a saia e saltar para cima de ti ali mesmo, para que soubessem aquilo do que verdadeiramente gostas.

Começo a rolar as minhas ancas, de forma lenta e provocadora, mas quando volta rapidamente a tentar apanhar-me os lábios, afasto-me e provoco-o.

– Sabes lá do que eu gosto.

– Acho que não te vou desiludir.

A ameaça dele paira entre nós e olhos para baixo, vendo a ponta de uma tatuagem a espreitar pela camisa desde o ombro e subindo uns dois centímetros pelo pescoço. Não percebo do que se trata, mas inclino-me e beijo-a, passando lentamente os lábios pela orelha dele.

– Desculpa lá comer e andar – sussurro –, mas os meus amigos estão à minha espera.

Não quero ir embora, mas tem de ser.

Preparo-me para me levantar, mas puxa-me de volta para baixo.

– Princesa, não é assim que as coisas funcionam,

Desafia-me com o olhar e sinto os dedos a cingirem-me as coxas.

A batida do meu coração intensifica-se.

– Pode entrar alguém – alerta.

– E depois? Descobre que sou o teu segredinho imundo?

– Masen... – Mas inclina-se para cima e apanha os meus lábios, calando-me. Beija-me profundamente e de repente só me apetece voltar a envolvê-lo com os braços.

– Não me chames isso quando estamos assim – sussurra-me contra os lábios.

Não lhe chamo Masen?

– Porquê? – interrogo.

– Não o faças e pronto. – Afasta-me e levanta-se, obrigando-me a descer do colo. – Agora, faz-me um favor e vai para o refeitório e senta-te no colo do Trey, está bem? Quero ver enquanto o filho da puta do teu par para o baile não faz a mínima ideia que acabei roçar o meu pénis no teu rabo nem há um minuto.

Brinda-me com um sorriso cruel e inspiro fundo, erguendo o queixo e tentando mostrar-me imperturbada.

Mas o meu coração bate como uma britadeira. Que parvalhão.

Antes de conseguir responder com um comentário espirituoso, sarcástico e tremendamente infantil, passa por mim e sai porta fora ao mesmo tempo que entra o som dos alunos no refeitório.

Sinto uma pressão ao fundo da garganta, mas recuso-me a gritar. Virando-me, olho para a janela e vejo o meu reflexo no vidro. Pisco os olhos para afastar as lágrimas e verifico o rosto para ver se o rímel e os lábios não estão esborratados. Trato também de voltar a pôr o meu cabelo alinhado e perfeito.

Asseguro-me de que a rapariga que veio à tona há uns minutos está de novo enfiada bem dentro, nas profundezas.

Inspiro fundo e saio porta fora, juntando-me aos meus amigos na cantina.

CAPÍTULO 10

MISHA

Sentado num cesto vazio da montanha-russa, deixo descair a cabeça para trás e fecho os olhos, permitindo que o vento noturno me sopre no rosto.

As ondas do mar ao longe enrolam e desabam na costa, preenchendo a escuridão com uma presença firme nas minhas costas conforme um carrinho acima de mim range ao sabor do vento, tendo os restantes enferrujado até se silenciarem há muito tempo.

O candeeiro de campismo que tenho usado no quarto está pousado sobre as minhas pernas puxadas para cima e seguro uma caneta nas mãos e um bloco no colo.

*

Cinquenta e sete vezes que não liguei

Cinquenta e sete cartas que não enviei,

Cinquenta e sete pontos para respirar de novo, e então finjo, foda-se.

*

Abro os olhos e anoto os dois últimos versos, mal conseguindo ver o que escrevo na quase escuridão. Mas não interessa. Posso escrever esta noite e ler amanhã.

Ando há dois anos a escrever esta canção, desde que Ryen começou a falar da «líder de claque» em algumas das cartas. Paralisei a meio, pois não sabia que rumo tomaria a história, apenas que precisava de contá-la. Através das palavras de Ryen, tinha a perceção dela da situação, mas não podia ir mais além.

Mas ao sair da escola há dois dias, depois de por fim a ter tido nos meus braços, necessitei de escrever. Estava a sentir coisas.

Ela sabe como usar-me. Como me levar à loucura, comportando-se em público como se eu fosse terra sob o sapato dela, mas como se nada lhe bastasse quando em privado. A língua e a boca dela, a pequena obsessão que tem com a argola do meu lábio, o modo como se roçou em mim, e senão fosse por um par de camadas de roupa, teria entrado nela...

Sim, aquela atinada dissimulada desaparece num abrir e fechar de olhos, e revelase tão excitante que só me apetece despir tudo *exceto* aquela saia desadequada e senti-la por completo.

Se o grupo aperaltado dela soubesse como a princesinha deles se derrete toda comigo...

Mas ergo os olhos, fitando o parque temático e compreendendo.

Não, não é *comigo*.

É com Masen.

Raios, não consigo continuar com isto. Tenho de partir, ou tenho de lhe contar. Nunca me perdoará por a ter traído desta forma. Por estar mesmo debaixo do nariz dela e quase a seduzi-la.

– Sinto uma certa vergonha por não ter adivinhado logo que estavas aqui! – ouço uma voz gritar, e movo-me bruscamente, olhando para o chão.

Dane está lá em baixo com uma lanterna na mão.

Vejo-o a começar a trepar as vigas até onde me encontro sentado, a cerca de cinco cestos do solo, e suspiro. Estou a trabalhar. Pela primeira vez em meses, escrevo. Que sorte a minha.

– Tu e o teu primo em miúdos adoravam este sítio – berra. – Devia ter adivinhado que estavas aqui escondido.

Trepa, passa pelos cestos vazios e iça-se para cima da trave onde se encontra o meu cesto. A roda range com o peso extra, mas não cede. Anos de chuva e ar marítimo trataram disso.

Senta-se e reparo que veste a *T-shirt* preta da nossa banda. O nosso nome, Cipher Core, com uns efeitos artísticos desenhados por Dane, encontra-se do lado esquerdo do peito. Tenho umas quantas em casa. Até Annie tinha algumas, com as quais costumava dormir.

Vejo o olhar de Dane a incidir no meu bloco e depois ergue-o na minha direção, provavelmente com a mente a carburar.

– Tens aí alguma coisa para mim? – tenta saber, referindo-se a letras de canções.

Rio-me para mim mesmo, atirando-lhe o bloco. Que diabo importa? Ele que diga que é uma porcaria, para eu desistir, e podermos antes ir ao Stick apanhar uma bebedeira.

Só que mal olha para o bloco. Fita-me com hesitação, como se buscasse as palavras certas.

– O teu pai não anda com muito bom ar, meu – diz, mantendo um tom uniforme. – As lojas estão fechadas e já ninguém o vê. Sente saudades tuas.

– Sente saudades da Annie.

– Depois da Annie, continuou a ir trabalhar – vinca. – Foi quando foste embora que se afastou.

Ponho o braço para cima nas costas do assento e coço a testa. Ele não vai às lojas? Não as abre nem nada?

Dane tem razão. O meu pai estava a sofrer após a morte de Annie, mas não abandonou as suas responsabilidades. A não ser, claro, em relação a mim. Não, deu-me todo o espaço que eu disse que queria.

Mas continuou a tomar conta da casa, a gerir as lojas, a tratar das burocracias e a dar as suas corridas matinais.

Mas não me ligou.

Se está a sofrer – se necessita de mim – será que me diria?

Deixei de ser capaz de conversar contigo. Deixei de procurar uma forma de conversar contigo.

A culpa toma o lugar de parte da minha ira. Annie adorava-o. Não iria querer que ele estivesse sozinho.

Olho para Dane e vejo-o a segurar a lanterna e a ler as letras que escrevi. O olhar movimenta-se de forma atenta e lenta sobre a folha e percebo que lê palavra a palavra.

Ergue o olhar e fita-me, assentindo com a cabeça.

– Estamos prontos para voltar ao trabalho. Vens para casa?

Não sei. Houve motivos para eu sair, mas agora temo que haja motivos para ficar. E não os motivos pelos quais vim e é esse o problema.

Nunca me deveria ter-me aproximado tanto de Ryen. Agora, é complicado. Partir e manter a minha amiga ou ficar e perdê-la para sempre.

– Ainda preciso de fazer mais uma coisa – digo-lhe. – E depois vou para casa.

Aproximando-me da casa, abrando e vejo as horas no tabliê. Já passa de meia-noite e impera o silêncio na rua, com todas as casas às escuras.

Exceto uma.

Olho para a casa de tijolo com dois pisos, com uma única luz a vir do refúgio e um vulto a mover-se no interior. Todos os carros estão na rampa da entrada, com o *Camaro* de Trey ao meio.

O que preciso está naquela casa.

Algo meu – algo da minha família – e vou recuperá-lo. O merdas tem um jogo de basebol na sexta-feira à noite e toda a família estará presente. Posso fazê-lo na altura e depois pôr-me a andar daqui.

A sombra passa de novo diante da grande janela do refúgio e acompanho-a com o olhar, a luz quente do interior tão convidativa, cingindo-me o peito. Que agradável achar que os nossos filhos estão seguros sob o nosso teto, abrigados e a dormir em sossego, rodeados por amor no seu mundo perfeito.

Isso está prestes a mudar.

Engato a carrinha e acelero, dobrando a esquina rumo à escola. A casa de Ryen fica a caminho e de repente sinto vontade de a ver.

Já há dois dias que queria falar com ela, mas, pois... Enfie-me num buraco maior, já que parece que não sei fazer mais nada. Quero trepar pela janela dela e tocar-lhe e conversar e ver se ela consegue levar-me a ver o fim disto. Levar-me a perceber como rebobinar e começar de novo, até antes de a ter abandonado há tantos meses quando me deveria ter agarrado a ela e dizer-lhe o quanto precisava dela.

Mas se pudesse voltar atrás – até antes de a ter conhecido pessoalmente – será que iria mesmo querer?

Não. Não trocaria por nada aqueles minutos no laboratório. Ou os outros no assento traseiro da minha carrinha.

A dada altura todos temos de sopesar o que mais desejamos: querer de volta o que tivemos ou querer o que pode vir a ser. Ficar ou arriscar tudo para seguir em frente.

Passo por casa dela. Ela tem mau feitio e hoje sinto-me cansado.

Além disso, preciso de tomar um duche antes de tentar enfiar-me na cama dela.

Estacionando do outro lado da rua, em frente à escola, pego no meu saco de desporto com uma muda de roupa lavada e atravesso em passo apressado, de olho em

alguém que passe. Não que não reine uma calma absoluta a esta hora, mas nunca se sabe.

Atravesso a correr o parque de estacionamento da escola, não vendo quaisquer carros, mas de todo o modo olho em volta. Ouvi dizer que iam contratar uma empresa de segurança para passar de vez em quando, para tentar apanhar o pequeno vândalo que anda a pintar as paredes, mas não vejo qualquer viatura de segurança. E ainda estão em pleno processo de pôr as câmaras a funcionar, por isso por agora é seguro.

Saltando a vedação para o campo de treinos, passo por cima de equipamento de futebol americano antigo e levanto a tela solta que dá para o balneário masculino. Subindo a janela, salto e assento o traseiro no parapeito e passo as pernas. Atiro o meu saco para o chão e salto para baixo, virando-me para voltar a fechar a janela.

Só me arrisquei a fazer isto umas vezes nas últimas semanas, mas também estou farto de cravar o chuveiro a Dane. E além disso podia passar a noite aqui, se quisesse. Até os sofás da biblioteca são mais confortáveis do que o Cove.

Pego numa toalha e dispo-me, entrando num cubículo e ligando a água. O jorro quente provoca-me arrepios no corpo e, caramba, quase gemo de prazer. Esta é sem dúvida uma vantagem de não viver no Cove. Sinto a falta do meu chuveiro em casa com o meu marcador de tinta de apagar que usava na parede e todo o tempo do mundo para estar sozinho.

Lavo o cabelo e corpo, saboreando a temperatura calmante da água provavelmente por mais tempo do que deveria. Assim que termino, seco-me e visto um par de *jeans* lavado e uma camisola térmica preta, enfiando a roupa suja no saco de desporto.

Mas, de repente, ouço um bipe e uns ruídos entrecortados. Paraliso, apurando os ouvidos.

– Sim – diz uma voz masculina. – Passo os olhos cá em baixo e encontro-me contigo lá em cima.

– Merda! – sussurro. Enfio o resto da roupa no saco e salto para trás de uma fila de cacifos no preciso momento em que a porta se abre.

Foda-se. Okay, o meu carro não está no parque da escola, fechei a janela ao entrar, recolhi as minhas merdas todas e... O meu olhar incide no vapor que ainda paira junto ao teto.

Filho da puta.

Espreito pelo canto e vejo o segurança a apontar a lanterna ao duche. O raio do meu coração bate ruidosamente no meu peito e espreito para a janela, consciente de que não há forma de escapar por ali. Incidindo de novo o olhar nele, vejo-o a observar o vapor a pairar alto e de repente a apontar a lanterna em volta, à minha procura. Sabe que está aqui alguém.

Saio disparado. Rodando sobre o calcanhar, corro na direção de fileiras de cacifos e abro a porta, com um sonoro rangido a quebrar o silêncio.

– Ei! – grita ele. E então ouço-o a pegar no rádio, alertando o outro.

Contorno o poço da escada mais próximo e corro para o seguinte, saltando degraus conforme carrego para cima para o nível principal, levando o meu saco. Entro no corredor e espreito em ambas as direções, seguindo para a esquerda e percorrendo apressadamente o corredor seguinte, sempre de olhos e ouvidos atentos.

Passo por saídas trancadas com correntes e continuo a correr, em busca de uma

saída.

Mas, então, passo pelo refeitório e vejo algo escrito nas janelas que espreitam para o interior.

Leio a mensagem.

*

*Vejo-te, como imagens numa moldura,
Mas não posso tocar e não posso manter-me igual.*

Punk

*

Sorrio para mim mesmo. Parece que o pequeno Punk atacou de novo.

A mensagem está escrita a *spray* azul-escuro em duas linhas ao longo das quatro grandes janelas. Ele entrará da mesma forma que eu? E, melhor ainda, como é que transpõe as correntes sem acionar os alarmes?

Olho em volta, tentando descobrir por que janela devo tentar escapular-me, mas então escuto outra porta a abrir-se, e avanço. Percorro o corredor de porta em porta, rodando maçanetas para ver se há alguma sala de aulas aberta.

A porta do laboratório de Física onde Ryen e eu estivemos há dois dias abre e corro para o interior no preciso momento em que vejo o brilho de uma lanterna a saltitar no chão vindo do outro corredor.

Fecho cuidadosamente a porta, passo um olhar atento pela sala, vendo o armário do material. Dirijo-me para lá, abro-o e enfio-me lá dentro.

Ouçó um leve arquejo.

Vindo de detrás de mim.

Todos os pelos dos meus braços se eriçam e volto-me, com a boca subitamente seca.

Não estou sozinho neste lugar.

Levantando o braço, agarro a corrente para o fio da luz, mas uma mão macia agarra a minha e puxa-a para baixo.

– Não – diz uma voz feminina. – Eles veem a luz.

Ryen?

Pestanejo, tentando ajustar os olhos à escuridão, e ela puxa-me para trás, levando-me para lá da divisória de prateleiras para o outro lado, junto à janela. O luar penetra no espaço e vejo que veste os mesmos calções pretos e camisola justa. Deve ter estado a dar aulas esta noite. Tem o cabelo solto e encaracolado por ter secado ao ar e agarra a alça de uma mochila preta.

– O que fazes aqui? – pergunto-lhe.

Está perto, com a respiração tremida e nervosa.

– Nada.

– Ryen...

– Chiu! – Agarra os meus pulsos e puxa-me para baixo, e estamos a agachar-nos quando reparo no som abafado de uma conversa a vir do laboratório.

– Não, ouvi uma porta a fechar-se – diz um dos seguranças.

– Esta era a única porta aberta – diz o outro. – Verifica. Vou procurar na cantina.

Ouço a respiração rasa dela enquanto ambos olhamos pela frincha sob a porta, vendo o brilho da lanterna. *Merda.*

Olho de novo para Ryen e de repente baixo os olhos, detendo-me. Tem algo nas mãos.

Volto a olhar para cima para ela e de novo para baixo, pegando-lhe numa das mãos e rodando-a.

Tinta azul.

Ou tinta azul de... *spray.*

Observo as manchas espalhadas pelos dedos e pela palma quando começo a perceber.

Caraças.

Volto a olhar para cima, prendendo o olhar no dela. Ora, ora, ora...

– Tornaste tudo isto um pouco mais interessante.

Vejo o medo no olhar dela e puxa a mão com força, a sua respiração a soar como se fosse chorar.

Mostro um sorriso escarninho e ela espreita para a porta e depois de novo para mim.

– Por favor, não digas nada – implora, sussurrando.

Porque haveria de dizer algo? Isto é hilariante. Ryen Trevarrow, Rainha Boa Menina, entra sorrateiramente na escola à noite, violando mais do que uma lei, para anonimamente deixar mensagens e segredinhos sujos para o corpo estudantil mesmo debaixo do nariz de toda a gente.

Excelente.

Ouço mais bipes e conversas abafadas no rádio do segurança e escuto, ouvindo-o falar, com a voz a afastar-se da porta.

Pego no meu saco e avanço lentamente para a porta, de novo à escuta.

A voz dele encontra-se agora mais longe e entreabro a porta apenas uma frincha e espreito. Se ficarmos aqui, seremos apanhados. Não é a primeira vez que fujo às autoridades e não se escolhe um esconderijo sem uma saída.

– O que estás a fazer? – quer saber Ryen.

Espreito para fora, vendo o raio da lanterna dele no exterior da sala de aulas enquanto fala para o rádio. Espreito pelo laboratório, para lá da secretária do professor, e vejo a porta que liga esta sala ao laboratório. Agarrando a mão dela, puxo-a rapidamente pela sala, ouvindo-a travar a respiração enquanto avançamos silenciosa e apressadamente até à divisão seguinte.

Puxando-a pela entrada, contorno um conjunto alto de arquivos e encosto-a a um canto escuro, agachando-nos e escondendo-nos.

Ouvimo-lo de novo a entrar na outra sala, uma porta a ranger ao abrir e depois a fechar, e um resmungo «puto de merda» antes de falar de novo com o outro tipo via rádio.

Olho fixamente para Ryen.

Ela é a Punk.

Oh, meu Deus. Tem andado aqui às escondidas debaixo do nariz de toda a gente, vivendo a sua vida secreta à noite. E depois, de manhã, observando a reação de todos, enquanto andam apressadamente de um lado para o outro a tentar perceber de quem se

trata, nunca suspeitando dela.

E porque haveriam de fazê-lo? Ela nunca transmitiu a ideia de ser mais profunda do que uma colher de chá. O disfarce perfeito.

Há quanto tempo andará a fazer isto?

– Para de olhar para mim – sussurra, com o seu tom de voz finalmente de novo agressivo.

– Vou ao andar de baixo – ouço o tipo dizer para o rádio.

– Vou acabar de verificar aqui e encontro-me contigo lá em baixo – reage o outro.

Mantenho-me imóvel, com os corpos chegados quando olho para ela.

– Porque é que fazes isto?

Ergue de repente o olhar, os lábios entreabertos a milímetros dos meus.

– Não podes contar a ninguém. Ninguém vai entender.

– Quero lá saber – riposto. – Os teus amigos são uns falhados.

– Também os teus.

– Pelo menos, não tenho de andar com fingimentos ao pé deles – digo, alto. Mas, depois, percebo que não é verdade. Os tipos com quem tenho andado nem sequer conhecem o meu verdadeiro nome, certo?

Forço mais.

– Porque é que há duas pessoas diferentes em ti, Ryen?

– O que te interessa? Não me conheces.

– Ei, quem é que está aí? – berra um dos guardas.

Merda! Agarro Ryen pela mão e corremos para a porta da sala.

– Ei! – berra ele.

Ryen grita enquanto se esforça por me acompanhar e entramos a grande velocidade no corredor, virando à esquerda.

– Para! – ouço-o dizer e vejo o brilho da lanterna a incidir em nós.

O rádio estrepita e ouço-o a falar, mas já dobrámos a esquina. Ao passar por uma das saídas reparo que não está acorrentada e empurro para abri-la, ouvindo o alarme a disparar. Mas não saímos. Puxo Ryan na outra direção e disparamos escadas acima.

– Masen – arqueja ela, respirando com dificuldade.

Se calhar, podíamos ter fugido, mas a minha carrinha está do outro lado da escola e não sei onde ela deixou o *jeep*. Poderíamos ser reconhecidos. Com alguma sorte, dado que o alarme disparou, pode ser que achem que saímos disparados.

Puxo-a para a biblioteca e deixo a porta fechar devagarinho antes de correr escadas acima, ouvindo-a em grande esforço atrás de mim. Corremos para as traseiras, escondidos atrás de estantes e filas de livros, junto aos sofás e cadeiras. A biblioteca está às escuras, entra apenas um ténue luar pelas janelas lá no alto. Os nossos passos são suaves, graças à alcatifa, e puxo-a para trás de uma estante, bem acima e longe das portas da entrada.

Estamos isolados.

O alarme ainda soa, mas fraco.

Ela desaba sobre mim.

– Masen...

Respira depressa e com dificuldade, nada mais conseguindo do que uma respiração rasa, e envolvo-a com os braços, sentindo-a a desfalecer.

Foda-se, o que se passa?

Sinto-me tomado por uma vaga de preocupação e seguro-lhe o rosto enquanto ela se debate por ar. Tem as pálpebras fechadas e parece em sofrimento.

– O meu saco – diz a custo.

O quê? E, então, arregalo os olhos, ao recordar. Oh, foda-se. Ela sofre de asma. É isso.

Lanço-me à mochila dela pousada no chão a procuro na bolsa da frente, retirando de lá um inalador vermelho.

Volto a erguer-me, amparando-a e segurando-a em pé.

– Toma.

Inclina-se para mim, com a cabeça pousada no meu peito enquanto bombeia uma vez e espera um momento antes de inalar de novo.

O peito dela sobe e desce depressa e baixo um braço, envolvendo-a pela cintura enquanto a seguro junto a mim.

O corpo fraco dela afunda-se no meu ao mesmo tempo que a sua respiração começa a abrandar e inspira mais fundo.

Raios. Ela tentou contar-me enquanto corríamos ao longo da escola e não lhe prestei atenção.

O que teria feito se ela tivesse largado a mochila algures e eu não desse com o medicamento dela?

Abraço-a com força, sentindo, pela primeira vez, como ela é pequena nos meus braços. Ryen impõe-se sempre tanto à minha volta. Sem nunca recuar, com uma confiança maior do que o mundo.

Com a outra mão, seguro a cabeça dela junto ao meu peito e enterro o nariz no seu cabelo.

– Tu estás bem – digo suavemente. – Eu trato de ti.

– O meu coração bate como louco – diz ela, com a sua voz frágil a começar a regressar.

– Eu sei. – Sorrio. – Sinto-o.

Sinto a batida do coração dela contra o meu peito e o corpo dela a estabilizar aos poucos consoante a respiração estabiliza.

O que hei de fazer com esta rapariga? Quando pensava que tinha percebido, ela puxa-me um pouco mais para si.

Precisamente quando acho que já não a aguento e posso partir sem olhar para trás, viro-me e quero garantir que nada a magoa.

Os braços dela, a cingirem bem o seu corpo enquanto a agarro, começam a baixar conforme se afasta de mim.

Ergue os olhos, parecendo um pouco envergonhada e não dizendo nada enquanto se ajoelha para pegar na sua mochila.

Levantando-se, contrai os lábios e olha em redor.

O alarme para e não faço ideia do que se passa lá fora – se acham que saímos porta fora, ou isso –, mas ela para e já não vai embora.

– Não contas a ninguém o que se passou esta noite e eu não conto a ninguém que tu estavas cá – diz ela. – Entendido?

Vira-se para ir embora, só que eu agarro-lhe a mão.

– Acho que as pessoas adorariam esta versão de ti.

– Os meus amigos iriam odiar-me.

– Eles já te odeiam. Tal como toda a gente.

Por uma fração de segundo, vejo o semblante dela a franzir, mas depressa desaparece. Enfrenta-me, com uma sobrancelha castanho-clara levemente arqueada numa expressão de desafio.

– Porque fingir? – insisto. – Porquê competir com as pessoas e alinhar nos joguinhos?

– Não tens nada com isso! – grita num tom sussurrado, libertando a mão com um puxão forte e fazendo má cara. – Tu não me conheces.

– E alguém conhece?

Desvia o olhar, com os olhos de repente a cintilar. Após um breve momento, fala num tom de voz baixo.

– Não quero estar sozinha – admite. – Podem odiar-me, mas respeitam-me. Não posso ser invisível, nem quero que se riam de mim ou... – Interrompe-se e a seguir prossegue. – Não sei porquê. Nunca tive a coragem de me manter à margem. Sempre quis encaixar.

– Ryen, toda a gente quer ser aceite. – Será que achas que há alguém que nunca sentiu isso? – Porque é que escreves nas paredes?

Fica ali parada, a olhar para o vazio, aparentemente com dificuldade em encontrar as palavras certas.

– Misha... – diz ela, voltando a calar-se.

Reteso-me, com o meu coração a acelerar.

Mas, então, abana a cabeça, deixando escapar o pensamento.

– Não interessa. É que antes eu tinha com quem desabafar e agora não tenho. Só comecei a fazê-lo há um ou dois meses.

Um ou dois meses. Pouco depois de eu ter deixado de lhe escrever.

Pestanejo longa e intensamente.

Os falsos amigos, a mãe superprotetora, a preocupação e o stresse de querer encaixar tal como a maioria das pessoas... Eu era a caixa de ressonância dela.

Embrenhei-me de tal forma na minha perda e raiva que nunca parei para pensar como a iria magoar ao abandoná-la de repente ao fim de sete anos. Não que eu seja responsável pelos atos dela, mas sou responsável pelo meus. Ela apoiava-se em mim.

– O que fazes aqui? – pergunta, incidindo a conversa em mim.

Olho para o saco desportivo que seguro na mão, sem sentir vergonha por precisar de um duche, só que tal resposta levaria a mais perguntas. Porque vivo eu no Cove? Onde estão os meus pais?

– Mmmm – vangloria-se ela, com um sorriso falso naquele belo rosto. – Então, os outros devem-te satisfações, mas já não se aplica ao contrário, é? – Recua na direção das escadas. – Basta ligar à minha mãe e ela vem buscar-me. Sou levada diretamente para casa com uma palmada no pulso. Espero que aprecies a tua longa e dura noite numa cela fria – troça, chamando depois por cima do ombro. – Oh, senhor segurança? Socorro!

Rodopio, estico o braço e agarro-a, puxando-a para mim.

– Cala-te! – rosno, tapando-lhe a boca com uma mão.

Mas aplica-me imediatamente uma cotovelada no estômago, tentando escapar, e tropeço para trás, puxando-a comigo. Desequilibra-se, cai por cima de mim e ambos tombamos no chão.

Resmungo, com as costas a bater no chão e os braços ainda em volta do corpo dela em contorção. Fica por cima de mim, de costas encostadas ao meu peito.

Contorce-se, tentando libertar-se, com a fricção do rabo dela a pressionar-me a virilha. Reteso-me, tomado por uma vaga de calor.

Foda-se.

Afasta a minha mão, gritando entre dentes.

– Larga-me.

– Então, para de te mexer.

– Não podes julgar-me – prossegue, rodando o rosto na minha direção, a respiração a incidir na minha bochecha. – Nem andar por aí a gozar-me ou a fazer exigências. Não tens nada que ver com a minha vida.

O corpo dela debate-se no meu braço e o rabo dela volta a roçar em mim, levando-me a gemer.

Mas, então, escuto algo.

Agarro-lhe o queixo, obrigando-a imobilizar-se enquanto lhe sussurro ao ouvido.

– Chiu.

De repente aquieta-se e ambos paramos de respirar quando os seguranças entram na biblioteca.

Deteto um clarão entre as estantes de livros e ouço chaves a tilintar. Conversam, só que não ouço o que dizem.

Ryen lança-me um olhar de preocupação e fito-a com inquietação.

– O que vamos fazer? – sussurro, para apenas nós ouvirmos enquanto a fito. – Vais entregar-me?

Fica ali parada, a inspirar e expirar, mas sem se mover. O meu braço em volta da cintura dela apertada mais e não consigo evitar mover o meu polegar sobre a pele do queixo dela.

Os olhos dela – aqueles olhos azuis – revelam uma dúzia de sentimentos diferentes ao mirarem-me. Pode dizer as coisas mais horríveis, mas se vejo medo ou tristeza no olhar dela, vou-me abaixo.

A camisola de proteção dela subiu com a refrega e veem-se uns centímetros de pele. Lentamente, deslizo os meus dedos sobre a barriga dela, vendo as pálpebras tremer e fechar.

– Bem te disse, pá – diz alto um dos seguranças. – Saíram a correr pela porta. Vamos procurar lá fora.

Roço os lábios na bochecha dela, com o pescoço dela a arquear cada vez mais até os lábios ficarem a milímetros dos meus. Foda-se, até sinto o sabor do fôlego dela.

– Puxa a camisola para cima.

Ela abre os olhos e abana a cabeça, parecendo assustada.

Inclino-me para ela, sussurrando-lhe ao ouvido.

– Vá lá. Acho que gostas do perigo.

O meu dedo está apoiado no pescoço dela e sinto a pulsação, apercebendo-me de que acelera quando lhe mordo o lábio inferior e o puxo suavemente.

O rabo dela roça lentamente em mim e mantenho o meu gemido só para mim ao aperceber-me da retirada das lanternas, que abandonam por fim a biblioteca.

Assim que vejo os dois pares de botas a desaparecerem e as portas fecharem-se ao saírem, deslizo a mão pela parte da frente dos calções dela e tapo-lhe a boca com a minha, libertando o gemido que estava a suster.

O sexo dela é macio e liso e arrepio-me com o calor ao enfiar os dedos dentro dela, sentindo como é apertada.

– Não tens nada que ver comigo, hein? – provoco. – Estás toda molhada. Isso tem tudo que ver comigo. – Enfio um segundo dedo.

– Oh, meu Deus – geme ela. – Masen, não.

– Porque não? – Seguro o maxilar dela, depositando beijos ao longo da bochecha dela enquanto remexo os dedos dentro dela. – Achas que os teus amigos vão odiar-te quando descobrirem que és uma puta que adora que a fodam no chão com os dedos.

Enfio bem os dedos até ao fundo e para fora umas quantas vezes em gestos longos, antes de os subir e massajar-lhe o clitóris.

Geme, arqueando as costas, e o meu membro retesa-se contra os *jeans*, implorando por crescer.

– Sim. – Lambe a argola do meu lábio, esfregando o rabo no meu pénis. – Tenho medo que descubram que gosto.

Sim. Beijo-a depressa, passando sobre a boca dela com força e vigor, pois tenho fome e ela é o único alimento que quero.

– O teu segredo está seguro comigo – digo-lhe. – Esperei demasiado por isto.

– Hã?

Mas mergulho de novo nela, ignorando-a e beijando-lhe pescoço e maxilar e puxando com os dentes o lóbulo da orelha. Provo todos os pedaços de pele a que chego, sem nunca abrandar os dedos lá em baixo. É evidente que não entende o meu comentário e não vou explicar. Não faz ideia que anda na minha mente e corpo há anos, e não apenas há dias.

Os meus dedos não param, bem fundo e firmes, saindo para rodar no clitóris de vez em quando e sentindo-a a estremecer encostada a mim. Abre mais as pernas e retiro os dedos, cobrindo-lhe todo o sexo com a mão, porque quero simplesmente saborear a sensação. Toda ela nas minhas mãos.

– Masen. – O arquejo é libertino e carregado de desejo.

Masen. Quero que diga o meu nome. Não o de outra pessoa.

– Sinto como te deixo teso – sussurra-me, beijando-me o maxilar. – O que raio está a acontecer.

Não faças ideia, mas tal como tu não consegues travá-lo.

– Sobe a camisola – volto a exigir.

Mas abana a cabeça.

– Já – rosno, debruçando-me sobre a bochecha dela. – Quero olhar para ti.

O sussurro dela faz-me cócegas no queixo.

– Mas não vais só olhar. Vais tocar.

Então não vou.

– Tens algum problema com isso? – questiono. – Porque a verdade é que a tua rata já está na minha mão.

Beija-me ao de leve e suavemente, mordendo e provocando.

– Mas se eu despir a parte de cima – insinua –, vais querer que tire também a parte de baixo.

Gemo, com o meu pénis a dilatar dolorosamente. A ideia de a ver nua faz com que a sala comece a rodopiar.

Por favor.

Cobre a minha mão com a dela sobre o sexo e pressiona, fazendo-a roçar.

– E depois as tuas mãos não vão bastar e vais querer foder. – Geme, com o corpo a roçar no meu. – E o meu par para o baile não vai gostar nada.

Aperto a cintura dela, mostrando os dentes. Céus, sabe mesmo foder comigo.

– Ele não precisa de saber – digo-lhe. – Desde que faças como te mando.

Ergo a mão vagarosamente até ao pescoço dela e um sorriso excitado impõe-se na sua cara ao baixar a mão para levantar a camisola. Largo-a por uns momentos enquanto a puxa por cima da cabeça, revelando por baixo a parte de cima de um biquíni, cor de pêssego. Os seios dela erguem-se bem acima do peito, as curvas da sua pele macia cor de azeitona parecendo colinas diante de mim, e os mamilos rijos espream pelo tecido. Sinto a boca tremendamente seca. Quero saborear todos os pedaços dela.

– Linda menina – sussurro. – Agora, despe o sutiã.

Inspira sofregamente e olha para cima, sustendo o meu olhar enquanto timidamente leva a mão atrás do pescoço e puxa o cordão num único e fluido movimento.

A tira cai solta ao lado dela e ergo a mão, despidendo vagarosamente um triângulo de tecido, expondo a sua bela carne.

Céus. Mais do que uma mão-cheia.

Ela retira o outro triângulo e olho espantado para ela. Que espanto. E nem tanto o corpo, mas mais o modo como brinca comigo, dizendo a coisa certa para me levar à loucura e deixar-me furioso, excitado, possessivo...

De repente, ergue os braços, tapando-se.

– Eu disse-te para fazeres isso?

Baixa lentamente os braços, expondo de novo a sua pele.

– Queres ficar quanto tempo a olhar para elas? – questiona, recatadamente.

Volto a enfiar a mão nos calções dela e mergulho dois dedos bem dentro dela.

– Até te vires – respondo, agitando-a, e vendo as mamas dela a saltitar enquanto o corpo balança para a frente e para trás.

Cerra os olhos, gemendo.

– Gostas? – provoco.

– Sim.

– Diz-me.

– Gosto! – grita.

O mamilo dela espeta como um ponteiro e não consigo desviar os olhos dela enquanto a fodo e lhe beijo os lábios.

– Vá lá, Portas. Compra o meu silêncio – rujo enquanto rola de novo o rabo, roçando no meu membro enquanto a afago com os dedos. – Abre essas pernas e vem-te nos meus dedos e não conto a ninguém que és a merdas que escreve nas paredes.

Pousa a cabeça no meu ombro e estende uma mão para trás, agarrando-me a nuca enquanto fode a minha mão. Algo cresce lentamente no meu estômago e a fricção dela a esfregar-se no meu pénis cria uma necessidade em mim que se intensifica conforme avançamos. As mamas dela saltitam com força e observo-as, imaginando o meu pénis dentro dela, a fodê-la.

– Não dizes a ninguém, por favor? – implora, mexendo-se encostada a mim.

O sangue flui até ao meu membro e sinto esperma a pingar da ponta. *Foda-se, tenho de estar dentro dela.*

– Só mais um bocadinho, amor – incito. – Até onde estás disposta a ir a troco do meu silêncio. Hã?

– Ah – geme ela. – Até onde quiseses.

– Até onde eu quiser?

Assente freneticamente com a cabeça, gritando:

– Sim!

Move-se cada vez mais depressa, perseguindo o seu orgasmo, até que, por fim, lança a cabeça para trás e estaca, gemendo e tremendo enquanto se vem.

– Oh, meu Deus.

Pressiono os dedos ainda mais para dentro, massajando o ponto dela e sentindo as pequenas convulsões do seu corpo enquanto o orgasmo a percorre.

Respira sofregamente, o seu corpo está tenso e o meu pénis está rijo e pronto a avançar, doendo dentro dos meus *jeans*. A minha ideia não era fodê-la pela primeira vez numa biblioteca, mas também não estava a contar ficar assim tão excitado.

O orgasmo dela esmorece e ela relaxa, o seu peito a subir e descer cada vez mais devagar. Olho para o corpo dela e para o seu lindo rosto, e de repente sinto-me na merda e não sei como lidar com isso.

Culpa, pois ela ainda não sabe quem eu sou e acabei de me infiltrar ainda mais nela.

Saudades, pois sinto a falta dela. Sinto falta de conversar com ela na minha verdadeira pele.

Um desejo como nunca conheci, pois quando estamos assim é a única altura em que amansa e muda e dá-me um bocado de si, e é uma necessidade que está na minha cabeça, tanto quanto no meu corpo. Mantém-me alerta.

E algo mais a crescer que não quero que esteja presente. Algo que poderá tornar muito complicado deixá-la.

E levar a que seja impossível esquecê-la.

Observo o rosto dela, o seu corpo imóvel e o olhar baixado, e sou tomado por uma má sensação. Não está a olhar para mim.

Ao fim de uns momentos, endireita-se e afasta-se de mim, levantando-se e pegando na sua roupa. Hesito por um momento antes de me sentar, também, olhando-a cautelosamente. Veste-se e penteia o cabelo para trás, olhando para todo o lado menos para mim.

O momento perdeu-se.

Mas não desvio o olhar dela, não a deixando escapar.

Pega na mochila e, por fim, fita-me.

– Tu é que começaste – dispara, de novo de guardas levantadas –, por isso se estás

à espera de um broche...

– Então já sei onde ir buscá-lo – riposto, interrompendo-a. – Não és a minha estreia.

Sinto um calafrio sob a pele e agora estou irritado. Ela retesa os maxilares e soergue uma sobrancelha.

Consegue passar tão depressa de quente a frio.

Põe a mochila às costas e dá a volta, descendo as escadas. Ergo-me e avanço para o corrimão, observando-a a abandonar a biblioteca.

Muito bem. Ela quer o seu par atlético do baile para viver uma mentira para aprovação de todos? Entendo isso.

Mas não significa que domine todas as jogadas.

O jogo de Trey é no sábado, pelo que disponho de uns dias até lá. Se ela quer jogar, eu alinho.

CAPÍTULO 11

RYEN

Praticamente há dois dias que não falo com Masen. Desde a noite de quarta-feira na biblioteca e agora é sexta à tarde e hoje ele voltou a faltar à nossa primeira aula do dia. Como é que aparece e desaparece na escola assim na boa? Será que alguma vez entregou sequer um trabalho? Nunca o vi com livros e sinto-me tentada a ir ao Cove saber dele. Ainda lá estará?

Não sei que interesse tem isso para mim. Está sempre a implicar comigo, praticamente não sei nada sobre ele e é perigoso para mim. Não estou para estragar tudo agora que estamos quase no final do ano letivo. Cheguei até aqui e não quero dramas. Ele *deve* manter-se afastado.

Mas dou por mim à procura dele. Nas aulas. Na cantina. No parque de estacionamento. Mesmo quando vou para casa tenho a leve esperança de que me embosque no meu quarto como naquele primeiro dia na semana passada.

Quero voltar a estar sozinha com ele. Aqueles momentos fugazes – no carro, no laboratório, na biblioteca – são como as minhas cartas de Misha. Algo por ansiar por mais.

Na noite passada, não fiz nenhum *graffiti* após as aulas de natação, por um lado por quase ter sido apanhada na noite anterior com ele e era boa ideia manter-me quieta por uns dias, mas, por outro, por de repente não me apetecer.

Masen era agora a minha libertação.

E eu detestava isso.

Quando Misha desapareceu, e eu não sabia se ele recebia as minhas palavras, comecei a deixá-las na escola para que as pessoas as lessem. É estúpido e infantil, mas um dia, há uns meses, quando a situação se estava a revelar insuportável, receei desatar aos gritos. Por isso, nessa noite, antes de trancar a piscina, decidi de um momento para o outro e peguei no meu marcador. Escrevi num cacifo – uma mensagem especial para uma determinada pessoa.

Foi um acaso. Não voltaria a acontecer.

Mas na manhã seguinte quando o vi a lê-la repetidamente antes de por fim a anotar e colar no interior do seu cacifo, antes que o zelador a conseguisse limpar, tornou-se algo que eu queria fazer de novo. As mensagens tornaram-se mais frequentes, maiores e mais visíveis, mas nunca pessoais. Nunca com os nomes dos alunos.

Pelo menos até à semana passada, com a questão de Lyla a ser divulgada no

relvado da frente. Não fui eu e tratou-se de mais uma razão para parar. Há outros agora a seguirem-me e não quero que haja algo mais a descontrolar-se. Contrataram seguranças, pelo que seria apenas uma questão de tempo até ligarem as câmaras e alguém ser apanhado.

Em especial tendo em conta que eu usava tinta de *spray* lavável e marcadores em materiais, tipo metal, que podiam ser limpos, sem se estragarem, com acetona para as unhas. Mas o relvado teve de ser cortado, já que quem o fez usou *spray* de tinta permanente, de nada servindo a lavagem por pressão. Quanto tempo faltaria para se tornar efetivamente destrutivo?

Bem, a culpa não incidiria em mim. Não escrevi nada na noite passada e esta noite também não vou lá às escondidas. Vamos todos ao *drive-in* e a minha mãe vai colocar-me em recolher obrigatório.

Mas, o que irá acontecer se Masen já não andar por aí? E se eu entender que é demasiado arriscado andar a entrar às escondidas na escola à noite? Irei agir de outra forma?

Não. Os fracos têm vícios. Eu não preciso de Misha, Masen, nem de ninguém, para chegar ao fim do dia.

Mas ao sair do parque de estacionamento ao fim do dia de aulas, não tenho como não procurá-lo de novo. A sua constituição alta, os seus olhos verdes que me encontram sempre e fazem com que o meu corpo seja percorrido por uma corrente elétrica...

Fui má na outra noite. Outra vez.

No chão, na biblioteca, depois da conversa porca e dos insultos, dos toques e dos beijos... ele mostrou-se gentil e agarrou-me. Depois de me fazer vir, de ter sentido os olhos dele a comerem-me, não me pressionou a ir mais longe do que isso. E não tentou despir-me o resto da roupa ou pôr-se em cima de mim e levar-me a fazer algo para o qual poderia não estar preparada. Deixou-se simplesmente ficar ali, agarrado a mim.

E eu afastei-o e fugi.

Sinto-me atraída por Masen, excitada, e curiosa com ele, mas não é para sempre. Não quero ir ao baile de finalistas com Trey, mas quero ir ao baile, e Masen não me convidou. Nem sequer sei se cá estará daqui a uma semana.

Não vou arriscar Trey e os meus amigos por alguém que nunca me transmitiu sequer a impressão de efetivamente me querer.

Independentemente do quanto começo a gostar dele.

Lyla e Ten já estão no meu *jeep*, à espera, dado que íamos buscar comida depois das aulas. Ela está de pé sobre o pneu traseiro do lado do condutor, agarrada à barra de proteção e a gritar para alguém ao longe no parque de estacionamento, enquanto Ten está sentado na traseira.

Atiro o meu saco para o lado dele.

– Onde é que te meteste? – ouço uma voz perguntar.

Volto-me e vejo Trey parado diante de mim. Por norma, acharia a sua *T-shirt* azul-marinho e boné de baseball branco atraentes nele, mas agora vejo apenas braços despidos, desprovidos de tatuagens, e olhos azuis enfadonhos com lábios fastidiosos sem *piercings*.

Quero o meu delinquente.

Lyla salta de cima do pneu e põe-se ao meu lado, demasiado coscuvilheira para o seu próprio bem.

– Liguei, enviei mensagens e não gosto de ser ignorada – avisa.

Olho à minha volta, erguendo os braços para ver se tenho algo na minha roupa.

– Oh, desculpa. Devo ter perdido a plaquinha com o meu nome, tipo cão – digo-lhe. Sabes, aquelas onde diz que sou tua propriedade e que devo reportar a ti.

Ao lado, ouço o riso contido de Ten. Trey semicerra os olhos em duas fendas.

– Sabes – começa ele a dizer –, um pouco de reciprocidade da tua parte não seria despropositado. Em especial quando toda a escola te vê a ti e ao Laurent a pegar um com o outro.

Olho fixamente para ele, disfarçando as minhas emoções. Sim, tenho a certeza de que a escola tirou várias conclusões sobre Masen e eu, tendo em conta as nossas discussões e o facto de acharem que vandalizei a carrinha dele. Mas eu e Trey não somos namorados e nem por um segundo me passa pela cabeça que ele não anda por aí a divertir-se por sua conta. Não tenho obrigações para com ele, a não ser aparecer bonita para as fotos do baile de finalistas.

Um baile ao qual concordei ir quando Masen não era um fator a considerar.

– Não podes sentir-te inseguro – digo, tentando dar-lhe a volta. – És o Trey Burrowes e o Masen Laurent há de andar um dia a passear os teus cães.

Fita-me por uns momentos e depois resfolega, nitidamente a relaxar. Lyla ri-se para si mesma e eu descontraio.

– Foste buscar o teu vestido? – pergunta ele.

Mas Lyla dá-me uma cotovelada, respondendo-lhe:

– Vamos este fim de semana às compras.

– Ótimo. – Aproxima-se e agarra-me as ancas, encostando-se.

Não quero que me beije, pelo que viro logo a cara, mas os lábios dele acabam por ainda me roçar na testa.

Olho para cima e vejo Masen.

Está de costas para mim, a falar com J.D., mas tem a cabeça virada, vendo-me por cima do ombro. Lança uma espreitadela a Trey e depois olha de novo para mim, com os olhos estreitados. Sinto a respiração a falhar. Acabou de chegar? Ou já andava por aí sem que o visse?

– Vemo-nos logo à noite no *drive-in*. – O polegar de Trey roça a minha barriga e olha-me uma última vez antes de partir.

Sinto-me oprimida. Trey faz exigências, Lyla mete-se na minha vida e Masen... está por todo o lado. Sinto agora a presença dele no parque de estacionamento, à direita, como se o sol queimasse esse lado do meu corpo.

– O que se passa contigo? – repreende-me Lyla. – Se não comesas a ser mais simpática, ele arranja quem seja.

Viro os olhos na direção dela, sentindo-os em brasa.

– Simpática, como tu? – questiono. – Parece que a tua simpatia não te trouxe nada de bom. – E aponto para J.D., que se ri com Masen.

O namorado dela mal lhe falou nos últimos dias, provavelmente por saber que o que fora escrito no relvado na passada sexta-feira era verdade – todos o sabemos –, por muito que Lyla o negue.

Mas, então, faz-se luz e por fim registro que J.D. conversa com Masen. Desde quando é que se tornaram compinchas?

– Eu cá lido com o meu namorado – diz ela.

– E eu cá lido com o Trey. Obrigada.

Dou a volta e abro a porta, entrando no *jeep*. Lyla contorna a frente da viatura e entra para o lugar do passageiro, com a nossa pequena desavença ainda a pesar no ambiente. Quem me dera que ela fosse para casa. A cada dia que passa sinto-me mais subjugada com tudo aquilo que desejo dizer-lhe, porque sei que vai odiar-me. Quero confrontá-la, embora não saiba porquê. Já me custa suportá-la e há tantas outras tretas semelhantes de que podem acusar-me. Masen anda a fazê-lo desde que apareceu. Lyla e eu somos ambos hipócritas.

– Ei, olhem para a Katelyn – diz Ten, inclinando-se para cima e apontando pelo para-brisas.

Enfio a chave na ignição e paro, olhando. Katelyn está de novo a falar com Masen.

J.D. foi-se embora e ela está junto dele, a sorrir e a escrever algo num telemóvel. A seguir, entrega-lho e ele enfia-o no bolso, mirando-a com toda a sua atenção.

Como?

Sinto o coração a bater com força e cinjo os dedos sobre o volante, desejando agarrá-la pelo cabelo para a afastar dele. A sério? Porque olha para ela assim? Porque lhe passou o telemóvel para as mãos?

– Oh, céus – geme Lyla. – O que está ela a fazer?

– Ela é mesmo burra como uma porta. – Ten solta uma risadinha. – Daqui a cinco anos ela há de ter quatro filhos de pais diferentes. Esperem para ver.

Sinto a pulsação a bombar nos ouvidos enquanto se riem, mas pestanejo, baixando o olhar.

Porta.

Burra. Como. Uma. Porta.

Ergo os olhos, lançando um olhar fulminante a Masen Laurent. *Filho da puta! É isso que ele me tem chamado?*

Viro a cara para o lado, para não me verem a ferver. *Idiota.*

Katelyn afasta-se dele em passos leve, parecendo toda contente ao avançar na nossa direção.

– Deste-lhe mesmo o teu número de telefone? – pergunta Lyla, ajoelhando-se no assento, com uma mão na barra de segurança e a outra no para-brisas.

Katelyn morde o lábio inferior, tentando mostrar um ar envergonhado enquanto agarra a minha porta e se recosta para trás com um ar brincalhão.

– Bem, depois de ontem à noite achei que ele pudesse querer.

– Ontem à noite? – pressiona Ten.

– Sim, cruzei-me com ele no parque de estacionamento depois do treino da claqué – revela, corando ao baixar o tom de voz. – Ficámos acordados até tarde.

Insinua bem mais naquelas palavras, como se tivesse um segredo. Sinto uma série de nós no estômago.

– Como é que ele é? – questiona Lyla num tom sussurrado, de repente interessada.

– Como um animal. – Katelyn sorri. – Até me surpreende não me ter deixado marcas de chupões.

– Mmmm. – Ouço o arrulho suave de Lyla.

Santo Deus.

Katelyn afasta-se, sorridente, e esforço-me ao máximo para agir como se não estivesse aqui sentada a despedaçar-me. Quero acreditar que ela mente. Ele não se atiraria a ela. Não anda atrás de aventuras fugazes, certo? Desejou-me na biblioteca. A mim. Ele não se esqueceria. Não assim tão depressa.

Mas... Ele disse que sabia onde ir buscar o que queria.

Como um animal. As mordidas, a rudeza, o modo como os seus olhos e mãos e boca tomam o que querem... Ela descreveu-o na perfeição.

Engulo em seco com força. Sinto-me nauseada.

– Bem, acho que os mauzões têm muito que se lhe diga – reflete Lyla, observando Masen a entrar na sua carrinha. – E aquele *piercing*? Aposto que sabe bem. Em todo o lado.

Ten, atrás de mim, aperta-me o ombro e de repente volto à realidade, afrouxando o aperto dos dedos no volante. Os nós dos dedos estão brancos como neve.

– Vamos lá comer e assaltar as bebidas da minha mãe antes do *drive-in* – diz-me ele. – Logo, é a Lyla a conduzir, por isso vou beber até cair para o lado.

Pois, não me sinto com grande apetite.

Mas ver Masen partir do parque de estacionamento, provavelmente para comer sabe-se lá quem, sou bem capaz de alinhar numa bebida.

.

As sextas-feiras à noite no *drive-in* são apenas uma desculpa para todos os adolescentes com carro em Falcon's Well se juntarem no mesmo lugar. Em especial porque só voltou a abrir há umas semanas a tempo da primavera. O tempo está bom, há uma banca de venda de comida, os autorrádios passam música aos berros e duvido que sequer um quarto das pessoas hoje aqui presentes esteja a ver o filme.

Um daqueles estúpidos filmes *nouveau* de terror tipo *slasher* com muita dor realista e um final ambíguo, aposto.

Depois do jantar, fui a casa e troquei de roupa para uns calções de ganga e uma camisola de alças antes de Lyla e Ten passarem por lá para me irem buscar.

Trey chegou com J.D. quando estávamos mesmo a chegar, todos estacionados na fila da frente. Eles começaram a fazer as rondas, indo ter com várias pessoas para conversar e conviver, enquanto eu fui até à banca da comida. A minha mãe não nos deixa beber por causa das calorias, por isso é no cinema que tenho a minha oportunidade de beber uma *Coca-Cola*.

Entro na área da alimentação, vou para a fila, pego num copo e encho-o de gelo.

– Deixaste cair isto na outra noite – ouço uma voz suave dizer.

Levanto a cabeça num movimento brusco para ver Masen mesmo ao meu lado. Sinto o estômago às voltas.

Olho para baixo e vejo-o segurar o meu inalador, e depois olho rapidamente em volta, certificando-me de que não está ninguém a ver. Arranco-o da mão e enfio-o no bolso. *Merda*. Devo tê-lo deixado no chão da biblioteca depois de termos...

Viro-me novamente para a máquina dos refrigerantes, sem dizer nada, enquanto encho o copo com a minha bebida e tapo-a.

– Como tens passado? – pergunta.

Mas recuso-me a responder. Pego na minha bebida e avanço pela fila, agarrando uma palhinha e cerrando o maxilar de raiva. Imagens de Katelyn, seminua, com as pernas enroladas nele enquanto Masen está deitado em cima dela no banco traseiro da carrinha enchem-me a cabeça. Bato com a palhinha no balcão, tentando tirá-la do invólucro, mas ela dobra-se.

Atiro-a para o caixote do lixo e pego noutra. Como pode ele desprezá-la e escolhê-la em vez de mim? Como pôde beijá-la? Faz alguma diferença quem seja? Pensei que ele era diferente.

– Soubeste, não foi? – diz, seguindo-me enquanto escolho os doces. – Fico contente. Queria que soubesses.

Dobro-me e pego num saco de gomas Sour Patch Kids.

– Ninguém se importa com o que tu fazes, otário.

Dá mais um passo na minha direção.

– Tens namorado – diz ele, encolhendo os ombros. – A Katelyn tem um corpo do caçaças, é boa na cama...

Fecho o punho em volta do copo de papel, a tampa salta e a *Coca-Cola* transborda, derramando sobre a minha mão.

Porra.

Ri-se e apresso-me a pegar em guardanapos para me limpar.

Boa na cama? Só de pensar nele a apreciá-la – a tocá-la – faz-me querer enfiar-lhe um pato de borracha pelo nariz acima.

Parvalhão.

E não tenho namorado. Tenho par para o baile de finalistas.

Inclina-se na minha direção, com um tom de voz de quem se sente muito satisfeito consigo próprio.

– Estás com ciúmes.

Volto a pôr a tampa na bebida, deito os guardanapos sujos no lixo, e viro-me para ele, com os olhos a arder.

– Portas? – atiro, mudando completamente de assunto para evitar o que temos atualmente. – Burra como uma porta? Estás a gozar?

Ele desata a rir.

– Demoraste a chegar lá.

– Nunca mais me chames isso! – E então olho rapidamente para o lado, vendo duas raparigas da escola a lançar-nos olhares curiosos. Baixo a voz. – E não estou com ciúmes. Só não aprecio que me relates todas as tuas merdas nojentas.

Dá mais um passo na minha direção, pondo-nos peito a peito, com ambas as mãos no balcão ao meu lado, prendendo-me.

– Eu não gosto que ele te toque. – Faz-me uma careta.

Deve estar a referir-se a hoje, no parque de estacionamento, quando viu Trey dar-me um beijo na testa.

Estico o braço e pego num pacote de pipocas, virando-o para o lado e abanando-o para mostrar que está vazio.

– Toma. – Empurro o pacote para o peito dele. – Estás a ver o que está aqui dentro? É quanto me importa.

E empurro o braço dele, levando a minha bebida comigo.

– Ei. Está tudo bem? – alguém me pergunta.

Levanto a cabeça, vendo Ten quando me aproximo da caixa. Paro, vendo o olhar dele passar de Masen para mim enquanto segura a garrafa de água prateada dele, que sei estar cheia de rum e *Coca-Cola*.

Ignorando a pergunta dele, olho de lado para Masen. Ele atira o pacote de pipocas para o balcão e dirige-se a mim, sustentando o meu olhar enquanto me olha furiosamente. Sinto o calor que o corpo dele emana, mas mantenho a minha posição com firmeza, desafiando-o a sequer tentar iniciar outra discussão. É um idiota cujo único interesse na vida é tornar a minha vida miserável.

Mas ele não diz nada, e continua a andar até sair pela porta.

Depois de ter ido embora, Ten solta um longo suspiro e vira-se para mim.

– No caso de ainda estares a tentar perceber – comenta –, ele deseja-te, e muito.

Viro costas, incapaz de afastar a vontade de ir começar outra discussão com ele. Deseja-me e muito? Bem, certamente não parece estar a sofrer de desejo. De todo.

Pago a minha bebida e os doces e saio do balcão de alimentação com Ten. Dirige-se a um grupo de rapazes num descapotável, enquanto eu caminho por entre os carros na direção do *BMW* de Lyla lá à frente e tento não procurar Masen. O céu já está escuro, mas o ecrã emite imensa luz, e ouço os grilos a cantar na relva à distância. Vejo Trey junto ao carro dele, a namoriscar com uma rapariga qualquer.

Fantástico.

Continuo a andar, mas paro quando passo por uma grande carrinha preta. *A de Masen.*

Olho em volta, encontrando-o ao pé dos seus amigos novos, incluindo J.D., a falar e a rir. Há pessoas a vaguear por ali, concentradas nas suas conversas, e não está ninguém a olhar para mim. Fixo o olhar na carrinha, subitamente inspirada.

Segurando um sorriso, pouso a bebida e os *snacks* no chão, junto ao pneu, e abro a porta de trás do lado do condutor, subindo depressa para dentro da carrinha. Fecho a porta e reparo imediatamente como está escuro ali dentro. Não reparara nisso na tarde da lavagem de carros. Os vidros devem ser bastante fumados.

O couro preto dos assentos brilha, tal como a pintura do exterior, e tem um odor inebriante e rico, intoxicante, como ele. Molho os lábios, inclinando-me para a frente e abrindo a consola entre os assentos da frente, à procura de algo com que escrever.

Vasculho por entre trocos, uns quantos recibos e algumas ferramentas. Vejo uma caneta e tiro-a, apertando o topo para escrever na minha mão.

Preta.

Tudo aqui é preto, porra. Qualquer coisa que eu escreva não se vai ver. Volto a vasculhar a consola e os meus dedos fecham-se à volta de algo comprido com um punho. Tiro-o para fora, vendo que é uma espécie de canivete.

O meu coração começa a bater mais rápido. Ele é um idiota, mas não tenho bem a certeza de querer ser tão destrutiva. Começo a ouvir «Before He Cheats», de Carrie Underwood, na minha cabeça.

Puxo a lâmina pelo lado rombo com dois dedos, dando um salto quando se abre de repente com um estalido. O gume é assustador e intenso, e levanto-o, estudando-o e perguntando-me se quero realmente deixar-lhe o que será com certeza uma mensagem

muito cara.

E depois penso em Katelyn no colo dele toda escarrapachada neste mesmo assento, a montá-lo, e quero fazer muito mais do que cortar-lhe a carrinha.

Mas de súbito a porta abre-se e assusto-me, vendo Masen entrar e vir direito a mim, batendo a porta.

Arquejo de espanto, atirando o canivete para a frente, e viro-me, agarrando no puxador da outra porta.

Abre-se, mas Masen agarra a porta e volta a fechá-la, trancando-a.

A carrinha está novamente às escuras.

Os braços dele envolvem-me e arquejo quando me puxa para ele, segurando-me enquanto me torço de um lado para o outro.

– Larga-me! – grito, tentando libertar-me.

– Tiveste ciúmes? – rosna-me ao ouvido, e consigo ouvir o sorriso na voz dele. – Ficaste furiosa por seres tão facilmente substituída? É por isso que estás aqui, a tentar fazer qualquer coisa ao meu carro?

Sacudo-me, tentando torcer-me para sair dos braços dele.

– Ultrapassa isso – diz ele. – Afinal, uma rata é só uma rata, e se não a conseguir de ti, consigo de qualquer outra pessoa que não dê tanto trabalho.

Imbecil. É claro que não sou nada para ele. Nem me surpreendo com isso.

Debato-me para me libertar, mas cinge-me ainda mais, troçando de mim:

– Se não te incomoda, então não deverias querer fugir.

A minha respiração está pesada e começo a sentir um suor frio no pescoço. Paro de me debater e acalmo a respiração, forçando o meu tom de voz a ficar firme.

– Deixa-me ir embora, já.

Os braços dele relaxam e esgueiro-me para longe dele, tentando alcançar o puxador.

Mas ele estica a mão e agarra na porta, mantendo-a fechada.

– Não pensei em ti de todo quando estava com ela na cama ontem à noite – diz-me. – Ela era boa, excitou-me, gostou de ter as minhas mãos nela, e eu gostei da sensação... – A respiração dele sopra-me os cabelos, as palavras dele cruéis e implacáveis. – Não era mediana, nem maçadora ou emproada. *Ela* excitou-me.

O meu lábio inferior começa a tremer e fico com os olhos marejados de lágrimas. Mas reteso todos os músculos do meu corpo, tentando fazer com que ele não veja. *Emproada. Mediana.*

Maçadora.

– Diz-me que estás com ciúmes – exige ele.

– Se não me incomoda, porque teria ciúmes?

Inclina-se mais para mim e consigo sentir o corpo dele nas minhas costas e os lábios junto ao meu ouvido.

– Diz-me que não estás a tentar pensar no quanto eu adorei fodê-la. Diz-me algo verdadeiro e deixo-te ir embora.

Algo verdadeiro? Dizer-lhe o quê? O que quer ouvir? Que isto magoa? Que adorei beijá-lo da última vez que estivemos aqui e todas as outras vezes a seguir a essa? Que não quero que ninguém lhe toque? Que se lixe, não vou dizer nada disso.

– Não consegues, pois não? – Fala num tom baixo e quase triste. – Não consegues

falar comigo.

E depois observo através de olhos desfocados quando ele se inclina para a frente e exala no vidro à minha frente, embaciando-o para escrever uma palavra com o dedo.

MEDO.

Abano a cabeça.

Sozinha, Vazia, Fraude, Vergonha, Medo... O que está ele a fazer? O que significa aquilo? Cai-me uma lágrima e exalo um gemido, limpando a palavra do vidro.

– És um idiota. Afasta-te de mim.

Vou para abrir a porta, mas ele agarra a minha mão.

– Não dormi com ela.

Paro, virando a cabeça só um centímetro. O quê?

– Menti – revela. – Convidei-a ontem para ir comer a qualquer lado para te fazer ciúmes, e hoje, quando ela insinuou merdas que não aconteceram, deixei. Mas não lhe toquei.

O calor da respiração dele atinge-me o pescoço e consigo perceber que a cabeça dele está inclinada para o meu cabelo.

– Não quero magoar-te – sussurra, a voz cheia de emoção. – Não quero mais ninguém. Só penso em ti. – Para, com a voz trémula. – Penso em ti a toda a hora, Ryen.

Em mim.

– Desculpa – continua. – Tinha de te provocar. Queria que soubesses.

Viro a cabeça, olhando furiosamente para ele através das minhas lágrimas.

– Não lhe tocaste?

Abana a cabeça.

Balanço a mão para lhe bater, mas agarra-a e puxa-me para o colo dele, pegando no meu rosto com as mãos.

– Tinha todo o direito de o fazer – atira-me ele –, especialmente porque estás a deixar que o Cara de Cu se babe todo para cima de ti enquanto me deixas mais teso do que uma rocha durante uma semana.

Mordo o lábio inferior, tentando não chorar. Nunca choro em frente deles.

– *Tu* excitas-me. – Acaricia o meu rosto, afastando os meus cabelos dos olhos e uma lágrima da maçã do rosto. – Deus, tu excitas-me. Estás a deixar-me louco. Quero que desejes as minhas mãos em ti. Desejas?

Sustenho o olhar dele no meu, vendo o quanto implora. Vendo, pela primeira vez, o desejo. Está desesperado por me ouvir dizê-lo.

E sei, naquele preciso momento, que quero ser a única rapariga para quem ele olha assim.

– Não és uma seca – diz-me suavemente. – Não és mediana e não és empregada. Irritas-me como o caraças, mas *tu* excitas-me.

O rosto dele está envolto em sombras, mas consigo senti-lo em todo o lado. Encosta a testa dele à minha, o sussurro dele espesso e pesado, girando como um ciclone dentro de mim.

– Eles não percebem o que há entre nós. Eu sei que é disso que tens medo. Tu és perfeita. Eu nunca ando na linha. Tu és linda, e eu sou mau, certo?

Sinto a respiração dele nos meus lábios e levanto a mão e toco na dele que está no

meu rosto, deslizando os meus dedos gelados entre os dedos quentes dele.

– Eles nunca irão significar nada para nós, Ryen. Ninguém sabe como nos sentimos.

Sinto lágrimas a arder atrás dos olhos, e respiro fundo, cedendo. Passo a minha coxa por cima do colo dele e sento-me com uma perna de cada lado dele. Cerro o punho na *T-shirt* de Masen, os nossos lábios a centímetros um do outro.

– Se lhe tocaste – digo baixinho – não vai ser bonito de se ver.

Ele assente com a cabeça.

– Eu sei. Deixo a faca aqui para ti.

Rio-me e beijo-o, as mãos dele caem para as minhas ancas quando me encosto ainda mais a ele. Seguro-lhe a nuca quando intensifico o beijo, o calor da boca dele a afundar-se nas pontas de cada membro do meu corpo.

Mas afasto-me, virando a cabeça para o para-brisas. Merda. Há pessoas a passar de um lado para o outro e consigo ver dois tipos no carro à nossa frente, assim como um casal ao nosso lado.

Masen enterra os lábios no meu pescoço, beijando-me e mordendo-me.

– Os vidros são fumados – murmura entre dentes sobre a minha pele. – São fumados ao ponto da ilegalidade.

Viro-me novamente para ele e volto a mergulhar na boca dele, ouvindo a música e risos a poucos metros, a toda a volta, e não quero saber. Vislumbro alguém a passar pela carrinha e solto um gemido.

Ele passa da minha boca outra vez para o meu pescoço, ávido, e fecho os olhos, segurando-me a ele.

Voltando para cima, envolve de novo o meu rosto com as mãos, secando as minhas lágrimas com os polegares.

– Diz-me algo verdadeiro.

Molho os lábios, sedenta e querendo a boca dele de volta, mas os olhos dele seguram os meus. Não vai deixar-me escapar.

Aproximo-me e volto a encostar a minha testa à dele.

– Não gosto de queijo nas minhas sanduíches – admito, mordendo o lábio. – O meu livro preferido é *Ponte para Terabithia*. – A minha professora do quinto ano leu-nos o livro e marcou-me imenso. – Às vezes faço *bagels* de pimento *jalapeño*, porque a minha mãe disse-me um dia que eram os preferidos do meu pai. – Olho para ele vendo que os seus olhos ainda estão abertos e fixados em mim. – Ele foi-se embora quando eu tinha quatro anos, e nunca mais o vi. Mas não os faço quando ela está por perto.

Pressiono ainda mais os dentes contra o lábio, mas o polegar dele solta-mo, provavelmente vendo o quão nervosa estou.

– Não me dou bem com a minha irmã – admito – e já não me sinto próxima da minha mãe. Sei que muita da culpa é minha. A minha armadura ficou demasiado espessa e já não deixo que as pessoas entrem. – Paro e acrescento: – A maioria das pessoas.

Solto mais lágrimas e deixo escapar um soluço de choro. Ele beija-me e afasta-se o suficiente para roçar a minha boca com a dele.

– Não me farto de ti.

Sorrio um pouco.

– E às vezes – continuo a falar, agarrando os lábios dele noutro beijo. – Às vezes quero vomitar em cima da Lyla quando a vejo.

Ele solta uma fungadela, desatando a rir. Tem um sorriso largo no rosto enquanto o corpo dele todo abana. Volto a beijá-lo, os nossos lábios derretendo-se juntos.

– E na noite de sexta-feira passada – sussurro, mordiscando-lhe o lábio inferior enquanto me roço nele –, a seguir à lavagem de carros...

– Sim? – Baixa as mãos para as minhas ancas, soltando um grunhido quando eu me esfrego nele com mais força.

– Pensei em ti – sussurro-lhe ao ouvido. – Pensei em ti quando estava na cama naquela noite.

Sinto os dedos dele enterrarem-se nas minhas ancas e rosna enquanto me beija uma e outra vez, com a respiração pesada.

Os lábios dele descem o meu pescoço e quase nem reparo que a alça da minha camisola está a ser deslizada pelo meu braço enquanto o calor da boca dele me cobre o ombro.

Agarra-me a nuca, mantendo-me no lugar quando passa o nariz e boca de novo pelo meu pescoço, inalando-me.

– Sentes-me? – sussurra, pressionado as minhas ancas com força contra ele. Solto um pequeno gemido enquanto me esfrego na ereção dele entre as minhas pernas.

– Sim. – Mas é então que reparo que algo está solto e o ar acaricia a minha pele onde não o fazia antes. O meu sutiã. Ele desapertou-me o sutiã nas costas.

As alças caem-me pelos braços e o lado onde a minha camisola caiu expõe o meu seio agora desnudado. Levanto rapidamente os braços para me tapar.

– Masen, não.

Mas aproxima-se, beijando-me, e agarra-me o traseiro, encostando-me a ele.

– Não consigo parar.

– Mas as pessoas vão ver.

Olha-me nos olhos, mordendo-me levemente os lábios.

– Ninguém te vê, querida. Só eu. E quero beijar-te.

– Estás a beijar-me.

Mordisca-me o lábio, o sussurro dele espesso e quente.

– Quero beijar-te noutros sítios.

Ai, credo.

O meu peito colapsa e forma-se uma espiral de calor na minha barriga, fazendo o meu clitóris latejar e o meu corpo ansiar imenso por ele. Nunca estive tão excitada.

Olha-me fixamente enquanto puxa os meus braços para baixo com gentileza, e baixa a outra alça da minha camisola pelo meu ombro, fazendo com que ela e o sutiã caiam para a minha cintura.

– Masen – digo, nervosa, tentando levantar outra vez os braços.

Viro a cabeça e olho em volta, vendo dois tipos de pé mesmo ao lado da parte da frente da carrinha. Mas Masen pega-me nas mãos, afastando-as e abanando a cabeça com um ligeiro sorriso malandro no rosto.

Sinto o medo a percorrer-me o corpo, fazendo o meu coração bater violentamente, mas estou excitada também.

– Meu Deus, olha para ti – diz num sussurro arfante, os olhos dele reagindo como se tivessem um festim à sua frente quando recaem sobre o meu peito e barriga. – Tens um corpo do caraças.

Os meus braços ficam todos arrepiados e sinto os mamilos a contrair e a endurecer sob o seu olhar.

– Leva-me a qualquer lado – digo, encostando-me a ele – e deixo-te beijar-me onde quiseses.

– Parece tentador – diz ele. – Talvez para a próxima.

Agarrando-me pela cintura, chega-me ainda mais para ele, forçando-me para cima apoiada nos joelhos para que os meus seios fiquem à mesma altura da boca dele.

– Masen – digo a arfar quando ele prende o meu mamilo esquerdo entre os dentes, enviando choques pelo meu corpo até chegarem entre as minhas coxas. – Oh, meu Deus, não podemos.

Mas ele chupa o mamilo todo na boca dele e agarro-me aos ombros dele, fechando os olhos e não me importando minimamente que metade da nossa turma esteja mesmo ali ao lado.

– Sim – digo num pequeno gemido, sustendo a respiração e enrolando um braço no pescoço dele, puxando-o para mais perto de mim.

A língua dele, quente e molhada, sai e executa uma espiral em volta da pele irregular do meu mamilo, provocando-me, e os dedos dele enterram-se na minha pele quando continua o seu tormento, mordiscando-me o seio todo.

Gemo, fechando os olhos e deixando a cabeça cair para trás.

– Masen, vamos ser apanhados.

Mas a minha súplica é patética, e ele sabe-o. Masen chupa ainda com mais força, esticando-me a pele, e quero tanto esfregar-me no pénis dele, mas é-me difícil a partir desta posição.

A boca e os dentes dele exploram, puxando e chupando até eu ter a certeza de que estou ruborizada, e volto a inclinar-me para a frente, deixando a boca dele trilhar o meu pescoço de volta à minha boca.

Movo as ancas, esfregando-me nele enquanto beija e morde o meu maxilar. Quero sentir cada centímetro dele através dos *jeans*. Estou tão molhada.

Subitamente, afasta-se de mim e olho para vê-lo tirar a *T-shirt*. Vejo brevemente o resto das tatuagens que lhe sobem o braço até ao ombro, assim como as poucas que tem no peito e no estômago.

Volta a puxar-me para ele, encostando o peito dele ao meu.

– Quero sentir a tua pele na minha.

Apalpa-me um dos seios com uma mão enquanto enfia a outra pela parte de trás dos meus calções para me apertar o traseiro.

Olho para os olhos verdes dele, nós os dois com a respiração ofegante, mas vejo-o parar, como se de repente não estivesse certo de alguma coisa.

E, subitamente, não me preocupa ser apanhada. Preocupa-me que ele pare.

Não pares.

Os meus olhos ardem com as lágrimas e sinto-me tão cansada. Tão cansada de conter tudo o que sinto e quero dizer. Tão cansada de ser alguém que não sou e cometer erros com os quais não me diverti nada ao cometer.

Quero sentir isto. Quero perder-me com ele o tempo que conseguir.

– Masen? – Levo a mão ao rosto dele e encosto a minha cabeça à dele, falando em voz baixa. – Posso dizer-te algo verdadeiro?

Assente com a cabeça.

Ponho a mão entre nós e encosto-a ao pénis dele.

– Quero ser fodida.

Arregala os olhos, e mordo-lhe o lábio inferior.

Pois, ele não estava à espera disto.

Masen solta a respiração, parecendo chocado, mas não preciso de lhe dizer duas vezes. Envolvendo um braço na minha cintura, vira-me até ficar deitada de costas no assento, e eu solto um pequeno arquejo, sem ter a certeza se estou excitada ou nervosa. Ergue-se o mais que pode, e fica a pairar por cima de mim, olhando para o meu corpo. Mordo o lábio, tentando não sorrir como quero.

Levanto a mão, sustendo o olhar dele enquanto lhe desaperto o cinto, mas quando estou prestes a desabotoar as calças de ganga, ele trava-me.

– Eu disse que precisava de te beijar em todo o lado – lembra-me, mirando os meus calções. – Tira-os.

Lanço um olhar nervoso à janela por cima de mim, vendo alguém passar. Estou cada vez mais molhada entre as pernas e não consigo impedir a onda de calor que sinto sob a pele.

Meu Deus, isto é tão mau.

Engulo o nó que tenho na garganta, desabotoo os meus calções e deslizo-os pelo traseiro e pelas minhas pernas. Masen fita a minha tanga de renda vermelha e desliza lentamente um dedo pela minha coxa, debaixo da bainha das minhas calcinhas, e puxa-as para o lado, revelando o meu sexo.

Gemo ao sentir o olhar dele em mim. *Toca-me, por favor.*

– Está sempre assim depilada? – pergunta, ainda a olhar para mim.

– Queres que esteja?

Sorri e olha-me nos olhos.

Passo a mão pelo peito dele e enrolo-a na nuca. É estranho. Às vezes sinto que o conheço. Tipo, conheço-o mesmo. Relacionamo-nos tão facilmente, e mesmo quando estamos zangados continua a parecer familiar. E é então que me apercebo de que não sei nada sobre ele.

– De onde vens, Masen? – pergunto. – Onde estão os teus pais? Do que te escondes?

Olha fixamente para mim, mostrando uma expressão cautelosa. Depois, acaricia-me suavemente o rosto com os dedos, fazendo com que feche as pálpebras.

– Fecha os olhos. Não há nada para ver ali fora.

O quê?

Mas depois sinto a língua dele a percorrer a minha fenda, e começo a arfar, sentindo o corpo todo a retesar.

– Oh, meu Deus.

Lambe-me para cima e para baixo lentamente, arrastando a língua pelo meu sexo e sobre o meu clitóris, agarrando-se a ele, chupando-o com força para dentro da boca.

Arqueio o meu pescoço para cima, a ofegar enquanto o observo. Ele geme,

enrolando a língua à minha volta, e depois puxando o meu clitóris com os lábios e voltando à carga – a lamber, a chupar e a morder.

A pulsação entre as minhas pernas lateja e sinto calor na minha entrada à medida que fico cada vez mais molhada e pronta para ele.

Levanta um dos meus joelhos, abrindo-me, e começa a insistir com mais força e mais depressa, com mais avidez. A língua dele lambe, os dentes dele agarram e provocam, e depois cobre-me com a boca, chupando e trabalhando o meu clitóris até eu soltar um grito.

– Por favor – digo num gemido. – Ah...

Tapa-me a boca com a mão, ainda a comer-me, e olho de repente para cima, vendo Trey mesmo acima de mim.

Deixo de respirar por um segundo, de olhos arregalados. Está mesmo ao lado da porta atrás do lugar do pendura, a chamar por alguém.

Oh, merda.

– Porra, Trey – diz Masen, lançando-me um sorriso matreiro e batendo levemente com a língua enquanto me lambe. – A rata da tua miúda é tão apertadinha.

Afasto a mão que ele tem na minha boca.

– Cala-te! – sussurro.

Volta a lamber-me e a chupar-me.

– Obrigado por me emprestares, meu.

E é então que ele mergulha, enfiando finalmente a língua dentro de mim, penetrando-me.

Sustenho a respiração, gemendo baixinho, e volta a cobrir a minha boca enquanto move a língua dentro de mim e trabalha o meu clitóris com a outra mão.

Meneio as ancas, tentando encontrá-lo – tentando ir mais fundo – enquanto os meus seios abanam para a frente e para trás em pequenos movimentos. Agarro-lhe a nuca, segurando-o contra mim, sentindo um formigueiro onde está a língua dele a crescer e a crescer até cada músculo no meu corpo se contrair tanto que arde.

– Sim! – grito atrás da mão dele.

O meu orgasmo explode, espalhando-se pelo meu estômago e pelas minhas coxas, e atiro a cabeça para trás, olhando horrorizada para Trey e outro tipo qualquer ali mesmo acima de mim. Atiro as minhas mãos com força para cima da que Masen tem sobre a minha boca, gemendo para dentro delas e esperando que ninguém me consiga ouvir através das portas.

O meu peito sobe e desce, a sensação incrível avassalando-me o corpo, da cabeça até aos pés.

Masen baixa a mão, apalpando-me o seio antes de o largar. Levanta-se e inclina-se sobre mim, colocando uma mão na porta atrás de mim para se segurar enquanto desabotoa as calças de ganga. O meu coração volta a acelerar.

Os olhos intensos dele fitam-me, cheios de luxúria.

– Tira a tanga, ou eu arranco-te.

Olho para cima, nervosa, com receio de ser apanhada. E se a carrinha abana?

Leva a mão à bolsa atrás do assento dianteiro e retira um preservativo, abrindo-o com os dentes. Ele tem preservativos ali?

Semicerro os olhos, lançando-lhe um olhar furioso.

Ele olha para mim e limita-se a rir.

– Não te preocupes. És a única rapariga que tive aqui atrás.

Então, para quê os preservativos no banco traseiro da tua carrinha? Nunca se sabe?

Enfia a mão nas calças e tira o membro para fora, teso e pronto, e sustenho a respiração, observando enquanto ele põe o preservativo.

Ponho as mãos no peito dele, não estando certa se é por querer tocar-lhe ou por me sentir assustada. Só fiz isto uma vez, e já foi há dois anos. Foi um erro.

Mas é como se fosse de novo a primeira vez, e sinto-me nervosa.

Para, olhando para mim.

– Tira isso – sussurra, com uma súplica no olhar.

Molho os lábios, ofegante e com a pulsação acelerada.

Lentamente, baixo as mãos, com um tremor nervoso no corpo enquanto tiro as calcinhas e as deixo cair no chão. Desejo-o. Não há mal nenhum em deixá-lo sentir-me apenas por um pouco, certo? Farei com que pare e me leve para outro lado em breve.

– Só por um minuto, *okay?* – peço, voltando a erguer as mãos e acariciando-lhe o peito. – E depois temos de parar.

Vejo um sorriso formar-se no canto da boca dele quando me levanta o joelho, com o membro grosso entre as minhas pernas.

– Só por um minuto – promete. – E depois paramos.

Avançando as ancas devagar e com firmeza, agarra o pénis e começa a penetrar-me. Solto um gemido, sentindo-me a esticar quando ele se afunda em mim, penetrando cada vez mais fundo e enfiando-se todo até ao fim.

– Oh, foda-se – diz ele a arfar, com o rosto torcido de dor quando para. – Ryen...

Está ofegante, baixando o corpo, os meus mamilos a roçar o peito dele. Estremeço, saboreando a sensação da ponta dele a esfregar o meu âmago e, sem pensar, dobro os joelhos mais para cima e abro ainda mais as pernas.

Só por um minuto.

Beija-me, e mal tenho tempo para me ajustar a ele quando recua e volta a investir para dentro de mim, estendendo-me tão bem.

– Oh, meu Deus. – Ouvem-se os sons do filme ao longe e as vozes abafadas das pessoas não muito afastadas de nós.

Mas tudo o que vejo é ele. Os lábios dele a pairar sobre os meus, a respiração a aquecer-me a pele, o fornicar que está a ganhar força e velocidade à medida que se afunda entre as minhas coxas.

Olho para cima, vendo a mão dele ainda agarrada à porta, os músculos dos braços volumosos e contraídos.

– Olha para mim – sussurra-me ele.

Volto a baixar os olhos enquanto lambo o *piercing* e o ouço rosnar baixinho.

A carrinha range com os nossos movimentos e solto um gemido baixinho, enterrando os dedos nas ancas dele enquanto ele entra e sai de dentro mim.

– A carrinha vai abanar – digo, preocupada. – Temos de parar.

Mas limita-se a gemer, fodendo-me com mais força. Os meus seios abanam para a frente e para trás, e arquejo com o prazer que sinto com ele a preencher-me. Puxo-o para mais perto a cada investida, meneando as ancas para o foder também.

– Masen – imploro, lambendo e mordendo o pescoço dele e sentindo-me a aproximar-me de novo do clímax. – É tão bom.

Desliza uma mão para baixo do meu traseiro e vai ainda mais fundo, grunhindo enquanto me fode mais violentamente. Ouço um barulho debaixo de nós, da carrinha, e olho em volta, preocupada.

– Mais devagar! – imploro. – A carrinha...

Mas ele rosna e baixa-se, beijando e mordendo os meus lábios. Deixo as minhas mãos escorregarem pelas costas dele, agarrando-lhe o traseiro e mantendo-o perto, e ele penetra-me uma e outra vez.

– Sim, sim – gemo sem parar, sentindo outro orgasmo a crescer dentro de mim enquanto o provooco com pequenos beijos breves.

– Masen, já passou um minuto?

– Quase, querida. – Ouço o humor na voz dele.

O membro dele toca-me levemente bem no meu interior, e grito, libertando-me e vindo-me enquanto o meu sexo se aperta em volta dele, segurando-o com demasiada força.

– Oh, foda-se – geme ele, pondo uma mão sobre a minha boca e acelerando as investidas dentro de mim.

Empurra mais uma vez e para, com o corpo a tremer nas minhas mãos, ofegante e gemendo-me ao ouvido.

Acaricio-lhe as costas com a mão, sentindo o suor dele enquanto fecho os olhos. A minha cabeça está enevoada e sinto o interior da carrinha a andar à roda.

O meu orgasmo escorre por cada membro e sinto-me cansada e feliz e triste. Não quero que isto acabe.

Mas foda-se. Não devíamos tê-lo feito aqui.

Relaxa por cima de mim, com a mão ainda apoiada na porta e a cabeça pousada no meu ombro. Fico ali, quieta e calada.

Nem sequer quero olhar lá para fora para ver se alguém reparou. Achei mesmo que podíamos parar depois de começar?

Por fim, ele levanta a cabeça e olha para mim. Mostro-lhe um pequeno sorriso, desejando que estivéssemos estacionados algures na floresta. Num sítio onde pudéssemos ficar toda a noite e fazer isto mais vezes.

Ele tem as sobrancelhas franzidas e parece estar à procura das palavras.

– Ryen, eu...

– O quê?

Mas ele permanece calado.

Toco-lhe no rosto, mas ele abana a cabeça e desvia o olhar.

– Nada. Está tudo bem.

Bem? Sinto um arrepio gelado na pele.

O que é que está bem?

CAPÍTULO 12

RYEN

Sento-me no lugar do passageiro, puxando o cabelo sobre o ombro e ajeitando-o. Depois de termos acabado, Masen passou para a frente da carrinha e conduziu-nos para fora do *drive-in*, enquanto eu permanecia escondida na parte de trás para me vestir.

Mordo o canto da boca, começando a ficar preocupada. A carrinha estava sem dúvida a abanar.

Qualquer pessoa podia ter-me visto a entrar antes disso, e toda a gente conhece a carrinha dele. Já para não dizer que ele agora está calado, a conduzir sem olhar sequer para mim.

Típico de um gajo. Diz tudo o que é preciso para conseguir o que quer das raparigas, mas todos esses sentimentos fortes e sussurros quentes desvanecem quando alcança o objetivo, não é?

Quero lá saber.

Aperto o cinto de segurança. O *drive-in* fica atrás de nós e a estrada à nossa frente está escura e vazia.

– Deixei a bolsa no carro da Lyla – digo mais para comigo. – Vou ter de inventar uma explicação qualquer para me ter vindo embora e sobre como cheguei a casa.

– Bom, ainda bem que não te é difícil mentir.

Lanço-lhe um olhar gelado. Mas quando o vejo a brindar-me com um sorriso brincalhão, relaxo logo um pouco.

Talvez não precise de mentir de todo. Posso apenas dizer que deixei que Masen Laurent me levasse a casa. O que poderia acontecer?

Olho para o ecrã do rádio, vendo o nome da canção que está a tocar no *iPod*, e sorrio, aumentando o volume.

Masen olha para mim, provavelmente a questionar-se porque pareço tão feliz.

– O que foi?

Aponto para o rádio onde passa o tema «Without Me», de Eminem.

– Tenho um amigo. Ele odeia o meu gosto musical – digo-lhe. – Uma vez, mandei-lhe esta música. Isso levou a uma discussão eterna ainda por resolver.

– Um amigo?

Recosto-me no assento.

– Na escola primária, os nossos professores fizeram-nos amigos por

correspondência – explico. – No entanto, quando terminou o ano escolar, continuámos a escrever e nunca mais parámos. Mora em Thunder Bay, mas nunca nos conhecemos pessoalmente.

Masen olha para a estrada em frente, com o peito a subir e a descer de forma controlada. Ele não está com ciúmes, pois não? Misha e eu não somos assim.

– Contas-lhe tudo? – pergunta ele, ainda sem olhar para mim.

Semicerro os olhos na direção dele. Talvez desconfie que Misha é importante para mim.

Ou talvez se questione se o meu amigo por correspondência será mais importante do que ele.

A verdade é que Misha é insubstituível. Mas nem a ele conto tudo.

Viro a cabeça para olhar pela janela.

– Conto-lhe mais do que a qualquer outra pessoa.

– Mentas-lhe?

– Sim – respondo com honestidade. – Ele recebe a versão de mim que eu quero ser.

Por algum motivo, não sinto vergonha em admitir isso a Masen. Com a minha mãe, a minha irmã, os meus professores e os meus amigos, sinto que me julgam. Como se houvesse expectativas que devo cumprir.

Até com Misha me sinto culpada por nunca passar das palavras aos atos, e espero que ele nunca descubra o quão horrível consigo ser às vezes. Quero que pense o melhor de mim.

Mas com Masen, quase que sinto que nada do que eu pudesse fazer levaria a que ele me desejasse menos. Como se as minhas imperfeições o divertissem, os meus problemas complementassem os dele, como dois negativos que criam um positivo, e tudo isso.

– Vais escrever-lhe e contar-lhe sobre esta noite?

Viro-me para ele, com um leve sorriso estampado no rosto.

– Provavelmente. Importavas-te?

Abana a cabeça, olhando para a estrada.

– Não ficavas com ciúmes?

– Vais precisar dos teus amigos – responde ele.

Ergo uma sobrancelha. O que raio significa isso?

Masen entra na rampa de minha casa e percorre a pequena rotunda até à porta da frente, parando. Desaperto o cinto de segurança e olho para a mão direita dele pousada no colo. Nem há meia hora tinha aquela mão no meu traseiro.

Ninguém sabe como nos sentimos.

Fecho os olhos, sentindo-me sozinha. Porque é que está tão distante? Não sou assim tão burra que ache que agora somos um casal – nunca tenho expectativas pouco realistas no que diz respeito às pessoas – mas isto é confrangedor. A vibração que emite é horrível, como se esta noite tivesse sido um erro ou assim, e magoa-me um pouco.

Não que eu lhe vá admitir isso.

– Bom... – suspiro, abrindo a porta. – Acho que nos vemos por aí.

Desço da carrinha e bato a porta com força, dirigindo-me a minha casa. Ouço outra

porta a bater e viro-me para ver Masen a correr na minha direção.

Paro.

Ele toca-me no rosto, aproximando-se e olhando para mim.

– Como é que ele se chama?

– Quem?

Aproxima-se ainda mais, com os lábios a um par de centímetros dos meus.

– O teu amigo por correspondência.

A respiração dele persiste nos meus lábios e abro a boca só um bocadinho na expectativa. Oh, meu Deus, ele cheira tão bem.

– Misha – sussurro.

Ele beija-me, os lábios dele afundando-se nos meus quando fecho os olhos.

– O que é que disseste? – diz-me ele em tom de provocação, mordiscando-me os lábios. – Não te consegui ouvir.

– Misha – digo num arquejo, atirando-me a ele e roçando a língua dele com a minha. Encosto o meu corpo ao dele, sentindo a protuberância nos *jeans* dele a roçar em mim.

Por fim, afasta-se sem fôlego e outra vez excitado, tal como no *drive-in*.

– Obrigado. – Beija-me uma última vez na boca e vira-se, dirigindo-se para a carrinha.

Mas que raio?

Olho para ele, mais uma vez confusa, quando liga a ignição da carrinha e se afasta, vendo os faróis traseiros a brilhar no escuro à medida que avança para a rua.

Conheço-o muito pouco, mas, após cada encontro, sinto que o conheço menos.

*

Não vi Masen ao longo de todo o fim de semana. O sábado chegou e foi-se. Eu e as minhas amigas passámos o dia no campo de futebol americano, a orientar as *cheerleaders* caloiras para o próximo ano, e, domingo, passei-o fechada no meu quarto, a ouvir música, a fazer os trabalhos de casa e a escrever a Misha.

Três cartas.

Duas delas estavam cheias de tretas chatas e estúpidas, e a terceira – a carta sobre Masen – amarrotei e deitei fora. Não sei porquê. Nem sei porque é que a escrevi de todo.

Caminho pelo corredor da escola na segunda-feira de manhã, paro no meu cacifo e começo a inserir o código para o abrir, mas vejo qualquer coisa escrita a preto na porta e paro.

*

*Qualquer coisa para não precisar de ti,
Qualquer coisa para não ficar caidinho por ti,
Qualquer coisa para olhar para outra que não sejas tu,
Mas, querida, não há ninguém a não seres tu.*

*

Sorriso. *Masen*.

Pelo menos, espero que seja ele o culpado. Sinto o rosto a arder, odiando o quão feliz aquilo me deixou. Porque é que sabe tão bem saber que pensou em mim este fim de semana, quando se esgueirou para dentro da escola para escrever isto?

Tento forçar-me a não sorrir, mas o sorriso persiste enquanto abro o cacifo e encho a mochila, tirando o que preciso para esta manhã.

Caminho para a aula de Educação Visual e entro na sala, olhando de imediato para o lugar dele e ficando aliviada por vê-lo lá sentado. Não sei porquê, mas receio que cada momento possa ser a última vez que o vejo.

Ele está a falar com Manny, sentado ao lado dele, e, como sempre, não repara em mim ou finge não reparar.

Vou até à minha mesa e viro-me para pousar os materiais, mas alguém vem contra mim, fazendo-me inclinar para a frente.

– Desculpa – diz uma voz profunda, e sinto qualquer coisa a ser enfiada na minha mão.

Endireito-me e viro a cabeça, vendo Masen passar por mim e dirigir-se à frente da sala, lançando-me um sorriso matreiro ao deitar a chiclete para o caixote do lixo.

Fecho os dedos em volta do pequeno pedaço de papel e sento-me, agindo como se não se tivesse passado nada. Ele regressa e volta a sentar-se no lugar, retomando a conversa com Manny.

Ponho o papel no colo e olho para baixo, desdobrando-o e lendo-o.

*

Mal posso esperar por beijar-te.

*

Sinto arrepios na pele e enfio o papel no bolso, tentando fazer parecer que tretas românticas como aquela não são para mim. Não. De todo.

E nem voltei a reviver o *drive-in* na minha cabeça mil vezes este fim de semana nem nada, relembrando o quão fantásticos são os beijos dele.

Mas é então que olho para cima e vejo Trey a entrar na sala de aula.

Sinto um aperto no estômago. Estava ansiosa por estar perto de Masen, mas Trey está outra vez a estragar tudo. Devia limitar-me a dar-lhe o corte.

– Acho que gostas mesmo de arte – comento, quando ele se senta ao pé de mim. – As pessoas vão começar a falar.

– Elas perdoam-me quando lhes disser que só me sento aqui para olhar para dentro da tua camisola. – Pousa a mão atrás de mim na minha cadeira e baixa os olhos para a minha *T-shirt* larga. Não consegue ver por dentro da camisola, mas vê-se um pouco da minha barriga no fundo, mesmo acima das minhas calças de ganga justas. – É uma bela vista.

– Já, *okay*...

Mas paro, ouvindo um som de arranhar. Viro a cabeça e vejo Masen a girar um compasso, cujo pico afiado se crava na mesa de madeira e corta lentamente um círculo à medida que ele faz pressão. Percorro rapidamente o rosto dele com o olhar, vendo que está focado em frente, mas quando volto a olhar para baixo, reparo que o acabamento preto da mesa está agora estragado, revelando a madeira castanho-clara

por baixo.

Sinto um sorriso formar-se nos meus lábios. Ele não está contente.

Ainda bem. Se quer que eu arranje outro par para o baile de finalistas, então que ganhe tomates e me peça.

– Bom, então – continuo, insistindo e olhando para Trey mas falando alto o suficiente para Masen ouvir. – Devias ver o meu vestido para o baile. Vais adorar.

– Mal posso esperar. – Trey devolve-me o sorriso.

Abro o meu bloco de desenho e continuo a trabalhar no meu projeto enquanto a professora Till começa a deambular pela sala para ver os trabalhos dos alunos e como estes se estão a sair.

– Ei, Manny – ouço Trey a chamar num sussurro. – Não vais ter o teu cão de guarda em Educação Física hoje.

Franzo o sobrolho, agitada. Manny permanece quieto, encolhendo-se praticamente para fora de vista do outro lado de Masen.

– Estás a ver, Laurent? – diz Trey a Masen por cima da minha cabeça. – Não podes vigiá-lo a toda a hora.

Continuo a ouvir o arranhar do compasso e olho para cima, percorrendo a sala com o olhar. A professora Till tem de tirar Trey daqui. Um ataque de Masen não sairá impune se voltar a acontecer.

– Dar um soco vindo do nada a alguém é o tipo de merda que não fica sem resposta – ameaça Trey –, por isso, não vires as costas também. Da próxima vez não vou estar sozinho.

– Credo, estás-me a aborrecer – resmungo para Trey. – E se fosses para a aula de Química?

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Vejo-te ao almoço – digo, empurrando-o para que ele perceba a dica. – Agora tenho de trabalhar.

Ele ri-se como se estivesse a questionar-se que «trabalho» teria eu a fazer na aula de Educação Visual. Por fim, revira os olhos e dá-me um beijo na cara, levanta-se e sai da sala.

Estico a mão para baixo, fingindo que quero tirar alguma coisa da mochila enquanto sussurro para Masen.

– Diz-me que estás com ciúmes.

Digo-lhe as mesmas palavras que ele me disse no *drive-in*. Não quero ir ao baile com Trey. Nem sequer quero falar com Trey.

Mas Masen não me deu certezas nenhuma e não vou pôr entretanto a minha vida em pausa.

– Diz-me que sou tua – digo.

Ele deixa cair o compasso na mesa e olha para baixo, mantendo-se calado.

O meu maxilar treme-me e sinto as lágrimas a arder-me os olhos.

– Sinto que vais desaparecer a qualquer momento. Como se não fosses real.

– Vou contar-te tudo – sussurra ele de volta. – Prometo. Mas ainda não.

Seco o canto do olho com a mão e aclaro a garganta. Gosto de Masen. Muito. Mas ele não tem raízes aqui e, assim que o ano acabar, não haverá nada que o mantenha cá. Sinto-me nervosa.

Um ronco baixo apanha a minha atenção e viro a cabeça, apercebendo-me de que vem do estômago de Masen. Remexe-se no assento, parecendo um pouco embaraçado.

– Comeste alguma coisa hoje?

– Estou bem – diz. – Só não me apeteceu comida de bomba de gasolina outra vez.

Observo-o, atingida ao constatar a situação dele. Ele limita-se a ir para o Cove quando sai daqui? Está sempre sozinho? Quanto dinheiro terá ele para comer, comprar gasolina e lavar a roupa?

Sinto-me invadida pela tristeza. Não há ninguém que tome conta dele.

Deve sentir que o observo, pois aponta com o queixo para o meu desenho, mudando de assunto.

– O que é isso?

Engulo em seco, olhando para a minha terceira tentativa de desenho a carvão, que mais parece um borrão de um teste de Rorschach.

Sou péssima nisto.

– É a capa de um álbum – digo-lhe. – Aquele amigo de quem te falei? O Misha? Ele compõe música. Estava a fazer-lhe uma surpresa para a formatura.

Os olhos dele estreitam-se sobre o desenho e a respiração dele acelera, ficando mais sibilante.

– O que foi?

Ele vira o rosto, pestanejando rapidamente.

– Nada.

Solto um suspiro e viro-me para o meu trabalho. *Nada, nada, nada*. Posso mentir bastante, mas ao menos digo alguma coisa.

Tiro uma barra de granola da mochila e atiro-a para a frente dele antes de pedir licença para ir à casa de banho.

Mal passa das oito horas da manhã e já aturei rapazes suficientes por um dia.

.

Espremo o pacote para dentro da taça, volto a colocar a tampa de plástico e abano a salada lá dentro. O molho *César* mistura-se e cobre o conteúdo da embalagem, e agarro num garfo de plástico e numa garrafa de água, avançando pela fila do refeitório até à caixa.

– Estás a comer? – Lyla vem até ao pé de mim e debruça-se, tirando uma taça de fruta.

– Sim. – Dou o meu cartão de refeição à senhora da caixa e ela passa-o na máquina. – É da primavera. Mais vale comer. Não me consigo concentrar nas aulas hoje.

Ou pelo menos não na escola. A minha cabeça está sempre em Masen. Está aqui? Está perto? Vai-me empurrar para dentro de uma sala, tocar-me e beijar-me até me fazer desmaiar?

Por favor. Meu Deus. Sim?

– Sabes, deixa-me que te diga – diz Lyla, dando algum dinheiro à caixa – que teres saído do *drive-in* com o Masen na sexta-feira à noite foi muito mau.

Paro e viro-me para ela com o coração na garganta. Não me importa nada que saiba que saí com ele, mas saberá ela o que estivemos a fazer na carrinha no *drive-in*?

Ela sorri de forma sarcástica.

– Ele sai do *drive-in* a meio do filme e ninguém sabe onde tu estás? Não foi difícil juntar as peças, e aposto que o Trey também o fez.

Solto a respiração, relaxando um pouco. *Okay*, ela não sabe muito, então.

– Sabes que mais? – digo. – Na verdade, não me devias dizer nada. Não me viste sair com ele, não fazes ideia do que se passa entre nós, se é que se passa alguma coisa, e *tu* já deste mais boleias a tipos do que um autocarro. Quando fores perfeita, falamos. Percebeste?

Os olhos dela faíscam de raiva, lançando-me um olhar glacial enquanto abre a boca para voltar a falar.

Mas eu interrompo-a.

– Não tens mais nada a dizer – digo-lhe. – Tenho fome. Vamos comer.

Viro-me, mas vejo Trey e J.D. a aproximarem-se e paro.

Filho da...

– Queres divertir-te um bocadinho? – Trey aproxima-se, colocando as mãos nas minhas ancas.

O quê? Solto uma gargalhada, um pouco exasperada. Não consigo manter-me a par das intrigas neste momento.

Mas pestanejo, tentando focar-me outra vez e recuperar a minha sagacidade.

– Claro – concedo. – Perguntava-me quando é que começavas a ficar interessante.

J.D. ri-se, e Trey levanta uma sobrancelha, meio divertido e meio a parecer que me quer ensinar a manter a boca fechada.

– O Laurent não consegue tirar os olhos de ti – diz ele.

Roda a cabeça sobre o ombro e sigo o olhar dele, encontrando Masen sentado a uma mesa cheia dos piores delinquentes da escola. Encosta-se para trás, com as suas pernas compridas esticadas para a frente, e as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, rindo-se com o tipo com quem fala.

– E? – volto a olhar para Trey.

– E então acho que ele te deseja – responde. – Quero que uses isso a meu favor.

Trey inclina-se para a frente, segurando o lado oposto do meu rosto e sussurra-me ao ouvido.

– Faz com que ele vá a minha casa na semana que vem para a festa.

Franzo as sobrancelhas, lembrando-me vagamente de Trey ter mencionado que os pais iam para fora da cidade em breve. E ele quer que eu leve Masen. Para que possa fazer o quê? Bater-lhe depois de eu o ter atraído para uma armadilha como naquele filme dos anos oitenta?

Pois, não.

Trey afasta-se e obrigo a minha voz a tornar-se calma.

– Isso não me parece nada divertido para mim.

Trey semicerra os olhos, ficando claramente cada vez mais chateado com a minha falta de cooperação. Vira-se para Lyla, fazendo-lhe um sorriso *sexy*.

– Lyla, amor – diz ele, e vejo J.D. a ficar tenso. – Tens tomates, não tens?

Lyla devolve-lhe o sorriso com falsa modéstia e abano a cabeça.

Se eu não fizer o que ele quer, Lyla faz. Apanho o esgar de desdém de J.D. para Lyla e Trey e depois para mim antes de desviar o olhar.

Solto um suspiro.

– O Masen não é estúpido. Ele vai perceber logo se ela fizer isso.

Atiro a minha salada para as mãos de Lyla e passo pelos rapazes, dirigindo-me à mesa de Masen.

Aproximo-me e paro junto a ele. Todos os amigos dele param de conversar e observam-me, mas Masen nem sequer olha para mim de soslaio.

– Ei. – Ponho a mão na anca, sabendo que ele sabe que estou ali.

Forma-se um sorriso nos lábios de Masen, e os olhares ansiosos dos amigos passam dele para mim e de novo para ele.

– Princesa – diz ele. – O que posso fazer por ti?

Oh, por favor. Enfio-me entre ele e a mesa, saltando para cima dela e plantando as mãos atrás de mim, reclinando-me um pouco para trás, perfeitamente consciente que a minha camisola está a subir quando os olhos dele se fixam na minha barriga.

Ouvem-se umas risadas dos amigos dele e eu provoco-o com o olhar.

– O teu par para o baile está a olhar para aqui – diz ele.

– Foi ele quem me mandou – respondo. – Ele acha que tu deixas que eu te leve a uma das festas dele.

Ouçõ uns murmúrios em volta da mesa, enquanto Masen parece meramente divertido. Ambos sabemos o que Trey está a tramar, e consigo sentir os meus próprios amigos a observar-nos.

– Não queres que os teus amigos fiquem a pensar que és um cobardolas, pois não? – atiro a minha cartada.

O sorriso de Masen alarga-se ainda mais, e olha pelo canto do olho, provavelmente para ver se Trey está a prestar atenção.

Não que nenhum de nós se importe. Eu até gosto deste jogo. Ninguém acreditaria que estamos mesmo interessados um no outro. Posso gozar com eles desde que não estejamos a gozar um com o outro.

Olha para mim e enfia as mãos por baixo dos meus joelhos, puxando-me da mesa e baixando-me lentamente para o colo dele, com uma perna de cada lado. Ouvem-se risos baixinhos pela mesa e sinto um desejo súbito crescente entre as minhas pernas.

Encosto-me a ele, peito com peito, e sussurro-lhe ao ouvido.

– Não quero que vás – admito. – Ele não vai estar sozinho.

– O que é que isso te importa? – pergunta ele no seu tom de voz grave, mantendo-o neutro. – Continuas a ir com o Pénis-Machista ao baile de finalistas, certo?

– Mais alguém me convidou para o baile?

– Responderias que sim?

Esfrego o nariz na orelha dele, sentindo a sua pele macia.

– Convida-me e descobre.

– Trevarrow!

Salto para trás, quando ouço alguém a chamar o meu nome. Não preciso de me voltar para trás para saber que é a diretora da escola. Fantástico. Começo a tentar sair do colo dele, mas ele pressiona as mãos nas minhas coxas, mantendo-me ali.

– Masen – imploro. Ele vai meter-me em sarilhos. Em público.

– Sai do colo dele – ordena a diretora Burrowes. – Já!

Assento as mãos nos ombros de Masen, movimentando-me para me levantar, mas

ele volta a agarrar-me nas ancas, mantendo-me para baixo.

– Ela sai de cima da minha verga quando eu lhe disser para sair – diz ele à diretora. Fico de boca aberta e arregalo os olhos. *Mas que porra?*

A expressão no rosto de Burrowes torna-se furiosa e ouço várias gargalhadas e fungadelas de riso em volta da mesa atrás de mim.

– Perdão?! – exclama ela.

Mas Masen limita-se a inclinar-se na direção do meu ouvido.

– Vejo-te mais tarde.

E depois levanta-se, deixando-me escorregar com cuidado do colo dele e pondo-me de pé.

Não olha para ninguém e sai do refeitório com os tacões da diretora Burrowes a bater no chão atrás dele.

No entanto, duvido que ela seja capaz de o parar.

CAPÍTULO 13

MISHA

Vou parar ao inferno. Tenho quase a certeza de que vai ser ela a arrastar-me até lá.

Ryen tem um péssimo feitio, e é a única coisa sobre ela que eu não conhecia, mas que fiquei feliz por descobrir.

Excita-me.

Inclino o vaso e tiro a chave que está escondida por baixo. Destranco a porta da frente da casa dela, reponho a chave no sítio e entro quando o relógio de pé alto toca as cinco horas da manhã. Espero que ainda esteja toda a gente a dormir.

Digo-lhe amanhã. Levo-a a casa do meu pai – a minha casa – e mostro-lhe...

Não, devia escrever-lhe uma carta. Algo onde consiga expressar bem as minhas palavras.

Não.

Foda-se! Ela não vai aceitar. Não vai conseguir ultrapassar isto. Vai odiar-me e deixar de me falar, e a minha vida ficará vazia sem ela. Tenho de dizer-lhe, ou tenho de me ir embora.

E a possibilidade que eu faça isso mesmo, acobardar-me e fugir, é a única razão para não a reivindicar para mim. A única razão para não tirar as mãos de Trey de cima dela e deixar uma amolgadela na barriga dele.

Não quero tirar-lhe o baile de finalistas nem os amigos quando sei que não estarei cá para apanhar os cacos. Das duas uma: ou me vou embora ou ela faz-me ir.

Como se diz a uma amiga – a nossa melhor amiga – que temos estado mesmo aqui, debaixo do seu nariz, a manipulá-la como se fosse uma marioneta? Que ela não faz ideia de que o tipo que a fodeu na sexta-feira à noite é o rapaz com quem ela cresceu?

Tudo se descontrolou.

Fecho a porta, soltando a maçaneta com cuidado para não alertar ninguém que possa estar acordado que há alguém a invadir a casa.

Olhando pelo andar de baixo, não vejo nem ouço ninguém, por isso corro para o andar de cima, tendo cuidado para manter os meus passos leves e rápidos. Virando à direita, rodo a maçaneta do quarto de Ryen e abro a porta.

Mas ouço um arquejo e levanto a cabeça para vê-la a mexer-se na cama, a puxar o lençol sobre o peito enquanto se senta.

Semicerro os olhos, em choque por ela já estar acordada enquanto fecho e tranco a porta atrás de mim. O meu plano era apenas deitar-me ao lado dela, saboreando a

sensação do seu corpo por um bocadinho.

Os nossos dias podem estar a chegar ao fim.

– O que estás a fazer? – pergunta-me com um sussurro tipo grito. – Como é que entraste aqui?

– Da mesma maneira que entrei da última vez – respondo, dirigindo-me à cama. – Há uma chave sobresselente debaixo do vaso lá fora.

Ela revira os olhos, provavelmente por causa da estupidez da mãe.

Deixo o meu olhar cair sobre o corpo dela, reparando na sua perna despida arqueada para cima, mas quando volto a levantar o olhar, vejo-lhe a curva da anca, completamente nua, e o lado do tronco dela, visível na sua *T-shirt* curta.

Mas que raio...?

Esticando a mão, levanto o lençol, vendo que está nua da cintura para baixo. Nada de calções de pijama, nada de roupa interior...

Ela puxa o lençol para cima, cobrindo-se, com um tom rosado no rosto.

– Porque é que estás nua? – Endireito-me, sentindo a suspeita a rastejar pela minha pele.

Não espero que me responda. Avanço até ao armário e abro as portas para trás, perguntando-me quem é que ela tem ali, caramba! Era óbvio que estava acordada e assustada quando abri a porta.

– Não está aí ninguém – diz ela. – Estou sozinha.

Olho em volta do quarto, reparando que não há mais sítios onde alguém se possa esconder. Exceto...

Ajoelho-me e atiro a coberta para cima, espreitando debaixo da cama.

Nada.

Então, porque raio está ela nua?

Levanto-me, arqueando uma sobancelha enquanto ela se remexe, nervosa.

E é então que penso que sei o que se passa.

Pego no lençol, arranco-o dela, e o pequeno gemido que solta cai nas minhas orelhas moucas quando fixo os olhos numa pequena bala vibratória preta.

Sinto a minha pulsação acelerar e o meu pénis a inchar de imediato.

Ela põe as mãos atrás dela, segurando-se com os joelhos dobrados para cima, e morde o lábio, desviando o olhar embaraçado.

Não consigo resistir a mostrar um sorriso travesso. Inclino-me para baixo e faço um gancho com o dedo para pegar no fio, levantando-o, deixando o ovo preto a balouçar no ar.

– Com que então estavas a pensar a mim?

O rosto fresco e matinal de Ryen é desfigurado por uma pequena rosnadela.

– Não querias mais nada, otário.

O meu peito ribomba com uma gargalhada. Deixo cair o brinquedo sexual, deslizo a mão entre as pernas dela, desfazendo todas as minhas dúvidas e medos de há um minuto quando enfio a ponta do dedo no centro quente e molhado dela.

– Já te vieste?

Volta a fazer uma careta, ainda sem olhar para mim.

Encosto-me ao ouvido dela e sussurro:

– Fazes ideia do quão perfeita és?

Sustém a respiração e, finalmente, vira o rosto para mim. Deslizo a mão para cima no sexo dela, passando pela barriga macia e tonificada até mesmo abaixo da *T-shirt* curta, roçando levemente a parte inferior do seio dela.

– Mostra-me o que fazes com isto – imploro.

Os olhos dela encontram os meus num ápice, com preocupação e agitação estampados no rosto.

Passo levemente os dedos nos mamilos eretos dela.

– Vou adorar tudo o que fizeres. Juro.

Ela abana a cabeça.

Agarro o seio dela com mais força, fazendo com que um pequeno gemido lhe fique preso na garganta.

– Fá-lo agora – rosno num tom exigente.

A cabeça dela cai para trás e contorce-se um pouco, claramente excitada, e eu gemo no ouvido dela, sentindo o meu pénis completamente duro.

Ouçoo o ruído seco e metálico do vibrador e do controlo remoto e levanto-me, afastando-me, para poder observá-la. Fico à espera que se deite, enfie a bola entre as coxas e se comece a esfregar nela, mas não o faz.

Em vez disso, vira-se lentamente sobre a barriga e desliza o ovo entre ela e o lençol, até chegar ao sexo.

Sento-me na cadeira junto à mesa de cabeceira, sem pestanejar uma única vez. Não quero perder um segundo que seja.

Dobrando um joelho para se abrir mais, posiciona a bola mesmo onde precisa dela, e deixo o meu olhar percorrer-lhe o corpo. A *T-shirt* branca *sexy* que acaba a meio das costas, o traseiro perfeito, as pernas bronzeadas e sensuais, e é aí que o zumbido começa...

Solto um grunhido, sentindo o pénis apertado contra os meus *jeans*.

Ela vira a cabeça na minha direção, com o corpo apoiado nos cotovelos, e vejo as ancas dela a começar a menear na cama, o sexo a roçar na pequena bola vibratória debaixo dela. Mal consigo respirar, de tão fascinado que estou.

O traseiro dela mexe-se, oscilando em pequenos círculos enquanto ela se masturba, e ouço a respiração dela a ficar mais pesada. Quando olho para cima, encontro os olhos dela, um deles praticamente escondido pelos cabelos.

Está com um olhar intenso, como se tivesse sido tomada pela imaginação e fosse eu quem ela fode em vez do brinquedo.

– Fodes essa bolinha muitas vezes? – pergunto, com voz rouca.

Ela assente lentamente com a cabeça.

– Adoro ver esse rabo a mexer, querida.

– Estou a ver que sim. – O olhar divertido dela recai sobre a minha virilha, provavelmente reparando o quão teso estou.

Arqueia o pescoço para trás, passando uma mão pela coxa acima e sobre o traseiro, gemendo e grunhindo mais depressa à medida que se começa a esfregar com mais força. *Oh, foda-se*. O movimento *sexy* das ancas dela, a forma como o traseiro se mexe é a coisa mais sensual que já vi na vida.

O olhar quente dela volta a incidir em mim, atraindo-me até ela.

– Já fodi imenso nesta cama. Só que foi sempre sozinha.

Bem, está na hora de pôr um fim a isso.

– Oh – geme ela, com o rosto contorcido de prazer. Massaja o sexo com mais força ainda, enfiando-se ainda mais na cama e tentando estimular o clitóris até chegar ao orgasmo.

Inclino-me para a frente, com os cotovelos nos joelhos, hipnotizado.

– Estou tão molhada – diz ela num gemido. – Consigo senti-lo a escorrer pelo meu clitóris.

Cerro os punhos.

– Gosto quando me observas – murmura-me ela. – Dá-me vontade de te chupar a pila.

Arregalo os olhos e levanto-me, dirigindo-me a ela. Afago-lhe o queixo, baixo-me, forçando a cabeça dela para trás e os olhos a fixarem-se nos meus.

– És uma fedelha toda boa – rosno sobre os lábios dela. – Mas só para mim, percebeste?

Agarro-lhe o seio, apertando-o com força e fazendo-a gemer. Isto é meu.

Ela põe a língua de fora, lambendo-me a argola que tenho no lábio.

– Já te consigo sentir na minha garganta.

Gemo entre dentes, sentindo o sangue a escorrer-me para o pénis. Já chega.

Estico a mão para debaixo dela, puxo o vibrador e atiro-o para o chão.

– O que... – protesta, mas ajoelho-me na cama atrás dela, agarro-lhe as ancas e puxo-a para trás até ela ficar de gatas, dando-lhe uma bofetada nas nádegas.

Ela solta um guincho, seguido de um gemido, afastando mais os joelhos e arqueando as costas, dando-me as boas-vindas. Puxo a minha *T-shirt* pela cabeça e atiro-a para o chão. Levo a mão ao bolso das calças, tiro um preservativo e desaperto os *jeans*, e liberto o pénis das calças, embainhando-o.

Será que ela toma a pílula? Meu Deus, o que eu não daria para senti-la sem nada entre nós agora mesmo.

Enfio o preservativo e guio o pénis para dentro dela, penetrando-a de uma só vez e com força, enterrando-me até ao fundo dentro dela.

– Ohhhh – diz ela num gemido.

Fecho os olhos, sentindo o calor apertado dela a envolver-me e a infiltrar-se em todo o meu corpo.

Agarro nas ancas dela e penetro-a uma e outra vez, puxando o traseiro em forma de coração para mim com força e rapidez.

– Porra, que sensação tão boa estar dentro de ti.

Ela apoia-se nas mãos, com os cabelos compridos espalhados pelas costas e a abanar-se enquanto a fodo. Passo-lhe uma mão pela coluna e sinto o corpo dela a mover-se e a recuar para o meu pénis, ansiosa por me encontrar a meio do caminho de cada vez que a penetro.

Deslizo a mão pelo pescoço dela acima e enfio os dedos nos seus cabelos, apertando-os no meu punho. Puxo-a para trás, viro-lhe a cabeça e beijo-a, sentindo a língua dela a provocar-me quando se afasta e volta para mais.

Penetro-a com mais força ainda e a cabeceira da cama começa a bater na parede.

– Tens de ir mais devagar. – Inclina a cabeça para trás, fechando os olhos de prazer. – A minha mãe e a minha irmã vão ouvir.

– Que se foda – rosno-lhe ao ouvido. – Não vou voltar a conter-me.

Sexta-feira passada foi uma agonia e, apesar de ter adorado, foi uma tortura tentar conter-me para a carrinha não abanar e ninguém a ouvir gemer.

Penetro-a com força, o som da pele a bater na pele a ressoar pelo quarto enquanto solto grunhidos e contraio todos os músculos do meu corpo. Sei que estou a atingi-la bem fundo, pois os gemidos dela estão a tornar-se mais rápidos e agudos.

– Vou fazer uma coisa ligeiramente ilegal esta noite – digo-lhe, puxando-lhe o lóbulo da orelha com os dentes. – Alinhas?

– O que vais fazer? – pergunta-me enquanto exala.

– É uma surpresa. Não confias em mim?

Ela solta uma risada em tom de gozo.

– Porque haveria de confiar em ti? A única coisa que sei sobre ti é que tens um corpo todo bom e sabes como me fazer vir.

Não consigo evitar o prazer estúpido que me enche o peito. Não quero ser apenas uma foda para ela, mas fico contente por a agradar nesse aspeto. A minha cabeça e o meu corpo pertencem-lhe. Quando ela descobrir quem eu sou, irá lembrar-se do quão perfeitos somos juntos?

– Sabes mais que isso – sussurro-lhe. – Não vou deixar que te aconteça nada. És a minha tribo, Ryen.

Ela para e olha-me nos olhos.

– O que disseste?

Todo o meu corpo fica tenso.

Foda-se. *Tribo*. Ela escreveu isso numa carta.

Porque é que eu disse aquilo?

Desvio a conversa o mais depressa possível. Inclino-me para a frente e empurro-a contra o colchão penetrando-a cada vez mais e com mais força.

– Eu disse que não te punha em perigo. – Ponho o braço em volta dela e acaricio-lhe o rosto, virando-lhe a cabeça e beijando-a. – Vem comigo enquanto toda a gente estiver no jogo logo à noite.

Ela geme, fechando os olhos, e consigo senti-la a apertar-me o membro.

– Anda e mete-te em sarilhos comigo – digo.

– E conseguir um vislumbre de quem tu és? – atira-me ela, com a respiração acelerada.

– Talvez.

Ela acena com a cabeça, franzindo as sobrancelhas e parecendo que está prestes a vir-se.

– Okay.

Invisto para dentro dela, fodendo-a sem quartel, à medida que sinto choques elétricos no estômago que vão descendo até ao meu pénis.

– Sim, sim – diz ela sem fôlego, arqueando o traseiro para ir de encontro às minhas investidas.

Cubro a boca dela com a minha, afogando os nossos gemidos quando nos vimos os dois, o sexo dela a espremer-me como um torniquete. Dou-lhe mais algumas estocadas, desejando poder esvaziar-me dentro dela enquanto o prazer me percorre o corpo, e acabo por parar.

Porra, ela é perfeita.

Mordo-lhe os lábios com dentadas breves e suaves. Adoro os lábios dela, e o ligeiro suor que consigo provar na pele dela.

Ouço uma porta a fechar no corredor lá fora, e calculo que a família esteja a começar a acordar. Sinto as pálpebras subitamente pesadas, e respiro fundo, tentando acalmar-me.

É melhor que saia daqui.

Olhando para baixo, vejo o rosto dela encostado à cama, os olhos fechados, parecendo satisfeita. Enfio a mão entre ela e a cama e aperto-lhe o seio, dando-lhe um último beijo na face.

– Obrigado, Pompom. Vejo-te na escola.

Ela dá uma pequena rosnadela do fundo da garganta, mas os olhos continuam fechados, e rio para mim mesmo enquanto me limpo e me visto.

CAPÍTULO 14

RYEN

– Achas que alguém vai descobrir que arranjámos esta merda na pastelaria? – pergunta Lyla, segurando uma pilha de bolachas embrulhadas.

Tiro-lhe das mãos o saco de plástico transparente, amarrado com um laço vermelho, e volto a pousá-lo na mesa comprida de plástico.

– Não é merda. *Porque* é da pastelaria.

As aulas terminaram há quatro horas, mas o parque de estacionamento está cheio de carros quando nos posicionamos atrás da nossa mesa, dando as boas-vindas às pessoas antes de entrarem no campo de basebol. O sol já se pôs, e as luzes do campo estão acesas, iluminando a área à medida que a multidão vai entrando pelos portões.

Lyla e eu fomos escolhidas pela treinadora para trabalhar na venda de bolos desta noite, e foi-nos pedido que usássemos os uniformes da claqué. A angariação de fundos é um dos nossos muitos deveres, e como não estamos ocupadas a animar a multidão durante o jogo de basebol que está prestes a começar, tentamos angariar algum dinheiro para a equipa e ambientar algumas das miúdas novas que vêm para o próximo ano.

Tecnicamente, era suposto fazermos os bolos que estamos a vender – com a ajuda das mães da equipa – mas falhámos, não planeámos com tempo. É primavera, as aulas estão quase a acabar, e já estou assoberbada o suficiente. Por isso, fizemos um assalto à pastelaria Lieber’s durante as aulas de hoje e fomos dispensadas do último tempo para embalar tudo nos nossos próprios sacos com laços das cores da escola.

– Vamos lá, caloiras! – diz Lyla, batendo palmas. – Sorriam. É a vossa nova cena. Juro.

Rio para mim mesma. Não as invejo de todo. A vontade de pregar um sorriso que não sinto no rosto já se foi com o vento, praticamente.

Pego nas embalagens de bolachas e *brownies* para substituir o que já foi vendido. Ao olhar para cima, vejo Masen junto à carrinha dele com um grupo de rapazes da escola. Sinto o meu estômago a dar cambalhotas.

Está a olhar para mim com um ar divertido no rosto. Contei-lhe sobre a venda de bolos durante a aula de Educação Visual de hoje, por isso combinámos que nos encontrávamos depois para fazer o que quer que ele tenha planeado. Que Deus me ajude!

Depois de se esgueirar para o meu quarto esta manhã, de me ter apanhado com o

vibrador, e ter quase acordado a casa toda – porque ele tinha de ter sexo –, o resto do dia passou-se com relativa calma. Tudo era fácilmo em comparação com aquilo.

Resisto à tentação de tirar o laço preto enorme que tenho na cabeça que nos exigem usar como parte do uniforme. Consigo sentir o riso que contém ali onde se encontra.

Vejo-o e aos amigos aproximarem-se.

– Credo, é como se o canal Disney tivesse vomitado por cima desta mesa – diz ele a brincar, perscrutando com o olhar a variedade de sacos plásticos às pintinhas e a toalha de mesa florida.

Ponho as mãos nas ancas.

– Lindo laço. – Estica o queixo, olhando para o cocuruto da minha cabeça. – Se eu o puxar, há um fio que te faz falar e andar?

Um resfolegar transforma-se numa gargalhada e olho duramente para Ten, que está atrás de Lyla. Encolhe-se um pouco, com o corpo a tremer.

Ele olha para mim, vê o meu olhar duro, e tenta aguentar-se.

– Desculpa, *okay*? Teve piada.

Arqueio uma sobrancelha e volto a olhar para Masen. Ele inclina a cabeça para o lado, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo.

Agarro na gola do casaco de capuz preto dele e puxo-o para mim, encostando-me ao ouvido dele e cobrindo o meu sussurro com a mão.

– Deixaste pisaduras pelas minhas mamas todas esta manhã – digo-lhe –, e se não te portares bem, não tas deixo beijar mais tarde para as curares.

Ele sustém a respiração.

– Agora compra umas bolachas – ordeno, empurrando-o para trás.

A boca dele esboça um sorriso, mas levanto o queixo, vendo-o sacar da carteira.

Ele dá uma nota de cem dólares a Lyla, e eu pestanejo, tentando não parecer que me apanhou de surpresa. *Okay*, pelos vistos afinal não lhe falta dinheiro.

Onde é que arranjou tanta guita? Sinto uma sensação desconcertante na barriga.

– Quanto é que isto me rende? – pergunta a Lyla, mas mantendo os olhos em mim.

Ela pega na nota e olha para ela durante uns segundos. Mas depois pega numa embalagem de dez bolachas e atira-a para as mãos dele.

– Toma.

Contenho uma risada na garganta. Aquela pilha de biscoitos custa uns cinco dólares, mas não me importo que ela o esteja a enganar. Ele merece.

Ele olha para o pacote, sabendo claramente que está a ser enganado, mas mantém-se calado e atira-o para um amigo atrás dele. Voltando a enfiar a carteira no bolso, sustém o meu olhar por uns breves momentos antes de se ir embora, levando o bando com ele.

– Boa. – Lyla abana a nota de cem dólares à minha frente. – O que lhe disseste?

– Não me lembro.

Não receio o julgamento de Lyla sobre Masen, e parte de mim quer que as pessoas o vejam a tocar-me, mas, por alguma razão, Masen ainda parece um caso passageiro, e não quero tentar explicá-lo aos outros. Eu própria ainda tento perceber o que se passa.

E parte de mim gosta de andar às escondidas. Adoro ter esta coisa que me deixa feliz e que não tenho de partilhar com mais ninguém.

Tipo o que acontece com Misha.

Misha. Porque é que sinto que o estou a trair? Ele abandonou-me.

Após o hino nacional e o primeiro lançamento, Lyla, Ten e eu fechamos a banca, mandamos as outras miúdas para casa e arrumamos tudo. Lyla pega no resto dos *snacks*, dizendo que os vai dar à equipa de basebol quando o jogo acabar, e Ten segue em direção ao campo, provavelmente para se encontrar com J.D. e o resto dos nossos amigos.

Penduro a minha mochila ao ombro, pego na minha garrafa de água e dirijo-me ao parque de estacionamento em vez de ir ao campo de basebol.

– Onde vais? – pergunta Lyla, virando-se com a caixa de bolachas nos braços.

Aponto para a mochila.

– Vou deixar isto no meu carro.

Afasto-me, sem esperar por uma resposta, e vou direita ao meu *jeep*, vendo que a *Raptor* preta de Masen está estacionada do outro lado da fila.

Os olhos dele estão postos em mim enquanto se encosta à porta da carrinha e dois dos amigos estão de pé à frente dele, com as cabeças viradas para trás e também a observarem-me.

Atiro a mochila para a parte de trás do carro, levo a mão à cabeça, desaperto o laço e puxo o elástico que prendia a parte de cima do meu cabelo. Penteio as madeixas com os dedos e abano um pouco o cabelo, deixando-o solto, a cair-me pelas costas. Viro-me e encosto-me ao *jeep*, com os cotovelos apoiados na borda do carro, olhando diretamente para ele.

– Não sei, meu – pondera Finn Damaris, com um sorriso matreiro. – Parece que ela quer alguma coisa. O que achas?

– *Ya* – O que tem a crista, cujo nome não sei, acena com a cabeça e morde o lábio inferior, deixando o olhar percorrer-me o corpo. – Ela quer alguma coisa, sem dúvida.

Masen olha atrás deles, com um ar divertido.

– Ela é tão limpinha – comenta Finn, virando-se para o amigo. – Mas aposto que gosta de se sujar.

O «cristas» ri-se.

– Oh, sim.

Reviro os olhos, à espera. Aposto que estão a adorar. A rapariga emproada a brincar com um deles...

– Pirem-se – diz Masen. – Eu trato disto.

Dirijo-me até lá e encosto-me suavemente ao peito dele quando os amigos desaparecem, rindo à socapa.

– Então, onde vamos? – pergunto, pairando sobre os lábios dele.

Ele respira fundo e planta-me um pequeno beijo breve na face, endireitando-se.

– Vamos. Entra.

Cruzo os braços sobre o peito para me impedir de mostrar sinais de impaciência.

– Devia ter mudado de roupa.

Masen espreita pelo canto do olho, passando com a carrinha pelo meu bairro e avançando para o interior do campo.

– Porquê?

– Porque se formos vistos a fazer o que quer que seja que vamos fazer – explico –, não serei difícil de identificar num uniforme da claque de Falcon’s Well.

Ele sorri para si mesmo e volta a olhar para a estrada.

– Não serás vista.

Respiro fundo e estico o braço para ligar o rádio, tentando afogar a preocupação na minha cabeça enquanto passa «So Cold», dos Breaking Benjamin.

Tento agir como uma durona mas, sinceramente, sinto-me bastante nervosa.

Devia ter-lhe dito não esta manhã. Deixei de escrever nas paredes, e fazer alguma coisa mais ilegal seria arriscar demasiado. Tenho cartas de aceitação das universidades de Nova Iorque, Cornell e Dartmouth. Como se fosse comprometer isso simplesmente porque tenho uma paixoneta e fosse usar qualquer desculpa para estar com ele.

Na verdade, era difícil recusar-lhe qualquer coisa quando ele estava dentro de mim. Dir-lhe-ia que faria uma tatuagem com o nome dele no meu pescoço se ele quisesse.

Provavelmente, ele ia adorar. Olho para ele de lado, rindo-me por dentro com semelhante ideia. O cabelo castanho, fino e um pouco espetado, está puxado para a frente, e olho fixamente para a boca, lembrando-me do calor da argola de metal macia a roçar as dezenas de sítios que ele beijou no meu corpo.

Subitamente, quero saber tudo. Como ele era em miúdo. Quais são os seus tipos preferidos de música. Onde vai quando quer paz e sossego e com quem vai ter quando precisa de conversar com alguém.

Quem ama? Quem está lá para ele? Quem o conhece melhor?

Quem o conhece melhor do que eu? Não consigo evitar os ciúmes que sinto ao pensar nisso. Tem toda uma vida e história com pessoas que não eu.

Mordo o canto da boca, sentindo tantas coisas que sei que não devo dizer.

Mas quero.

– Gosto de ti – digo-lhe, olhando para baixo, falando baixinho.

Vejo-o virar a cabeça para mim, sem dizer nada.

– Disseste umas coisas bonitas na sexta-feira passada – continuo – e queria que soubesses, caso ainda não o saibas, que eu, tipo, gosto de ti. – Levanto o olhar, vendo que ele me fita com uma expressão que não consigo identificar. – Eu sei que consigo ser... eu. Não sou de ficar melosa, e não digo o que me vai na cabeça muitas vezes. É difícil para mim. – Faço uma pausa, sentindo-me um pouco mais resoluta. Quero que ele saiba. – Mas, sim, gosto de ti.

Sei que não é muito, mas é muito para mim, e espero que ele saiba disso. Admitir que gosto dele deixa-me vulnerável, e normalmente não é uma cartada que goste de desperdiçar. Nunca mais.

Porque, para ser honesta, não me limito a gostar dele. É mais do que isso. Penso nele.

Sinto falta dele quando não está por perto.

Ficaria magoada se ele tivesse de desaparecer tão subitamente quanto apareceu.

Ele permanece em silêncio, e o calor do embaraço cobre-me a pele. Fantástico. *Boa, Ryen. Talvez a única coisa que ele gostava em ti seria o facto de não seres uma lapa, e agora estás a agir como se estivesses apaixonada por ele.*

– Quando é que chegamos lá? – pergunto num tom seco quando tento mudar de assunto.

Observo enquanto ele encosta devagar à berma da estrada e estaciona junto a uma zona arborizada.

– Já chegámos – responde.

Espreito pela sebe, para ver melhor, e olho de um lado para o outro, absorvendo o bairro sossegado e espaçoso.

– Esta é a casa do Trey – afirmo, agora definitivamente com as defesas para cima.

Ele assente com a cabeça, tirando o cinto de segurança.

– Há uma coisa minha lá dentro. Uma relíquia de família. – Masen aponta para a casa de Trey à direita. – E preciso de a recuperar.

– De que estás a falar? Porque teria o Trey uma coisa tua?

Ele abana a cabeça.

– Não é o Trey.

– O quê?

Ele tira-me o telemóvel da mão e prime alguns botões no ecrã enquanto tento descobrir o que raio se passa. Há algo dele ali? Algo que ele quer de volta? Trey e a família toda estão no jogo de basebol, por isso não está ninguém em casa.

Vamos invadir a casa?

– Masen, eu não vou invadir a casa dele.

– Não tens de fazê-lo. – Devolve-me o telemóvel. – Gravei o meu número. De qualquer forma, já era tempo de o teres. Liga-me se alguém voltar a casa ou se vires algo estranho.

O quê?

Olho para ele, horrorizada, mas limita-se a sair da carrinha e a correr em direção à casa.

Desculpa?

Abro a porta, salto para fora, e bato-a com força atrás de mim, correndo atrás dele.

– Não acredito! – exclamo num sussurro tipo berro, apanhando-o a meio do relvado de Trey. – Não me dizes nada e agora estás a invadir uma propriedade privada e estás a envolver-me nisto? Posso meter-me em sarilhos, e sim, não tenciono ser hipócrita, já que sou a Punk e tudo mais, mas não quero fazer isto.

Ele para, e eu aperto o telemóvel na mão, mais ou menos com vontade de lho atirar à cara. É isto que o deixa excitado, porra? Ele tem amigos. Porque não lhes pediu a eles?

– Porque é que me pediste para fazer isto? – exijo saber.

– Porque é importante.

Ele lança-me um olhar furioso, mas não acho que esteja zangado.

Exalando, a expressão no rosto dele suaviza enquanto se aproxima de mim.

– Porque preciso do que está ali dentro, e porque... é em ti que confio. És quem eu quero aqui.

– Ah, obrigadinha.

– Estou a falar a sério, Ryen. Confia em mim, *okay*?

– Eu confio em pessoas que não me põem deliberadamente em perigo – atiro-lhe. – Pensei que íamos fazer qualquer coisa em Cove ou escalar uma torre de água ou assim.

Não invadir a casa da diretora da escola.

– Tu invades a escola da diretora – nota ele.

Franzo os lábios, cruzando os braços sobre o peito. *Idiota.*

Mira-me por um instante e depois baixa o olhar. Pegando-me na mão, põe as chaves na palma da minha mão.

– Tens razão. Vai e leva a carrinha para tua casa. Encontro-me lá contigo – diz-me, cedendo. – É só um quilómetro e meio. Posso ir a pé.

O quê? Não...

Mas ele vira-se e dirige-se a casa de Trey, sem me dar hipótese de protestar. Não quero meter-me em sarilhos, mas também não quero que ele se meta em problemas.

Algo que lhe pertence está dentro da casa. Assim sendo, não vamos tirar nada que lhes pertença. *Okay.*

Solto um suspiro e corro atrás dele.

Vai. Não penses.

Pergunto-me quantas pessoas que receberam sentenças de prisão disseram o mesmo quando cometeram os seus crimes.

Vejo-o avançar para a porta da frente, tirando algo do bolso, mas olho para a porta do cão na garagem e depois olho em volta. Qualquer pessoa podia passar por ali de carro, ou um vizinho podia, possivelmente, ver Masen à porta a tentar entrar.

– A porta do cão é melhor – digo-lhe, sabendo que os pais de Trey provavelmente levaram o *Husky* com eles ao jogo.

Ele faz um gesto brusco com a cabeça, mirando o buraco retangular na parede.

– Eu não passo ali.

Claro que não. O cão deles é grande, mas não tão grande.

Abano a cabeça, hesitando por um instante. Mas depois solto um suspiro e dirijo-me à porta.

Posso tentar convencer-me que conheço a casa, por já cá ter estado, e consigo passar pela porta e tentar encontrar muito mais depressa o que ele precisa. Mas a verdade é que quero saber o que procura e porquê. Até agora, parece um fantasma, e eu estou curiosa.

Agachando-me, enfio a mão pela porta do cão, à espera de ouvir patas a correr ou um latido. Mas tudo o que ouço são as folhas a restolhar com o vento.

Masen aparece atrás de mim, e eu enfio a cabeça no buraco, vendo apenas o interior da garagem escura como breu. Deslizando o meu braço lá para dentro, viro-me, manobrando os ombros pelo espaço apertado, e apoio as mãos no chão de cimento frio, oscilando o corpo através do pequeno buraco.

Inspiro o ar mofento e vislumbro o pequeno ponto verde de luz junto à porta da cozinha, adivinhando que será o botão para abrir.

Dando passos cautelosos no escuro, estico os braços e avanço em direção à porta, tentando evitar a mesa de bilhar, sofá e outros móveis que sei estarem no refúgio masculino convertido.

– Não acendas as luzes – alerta Masen.

– *Dah.* – O meu pé bate no degrau e estico a mão, premindo o botão para abrir a garagem. O motor começa a trabalhar e a porta da garagem começa a levantar. Masen debruça-se e enfia-se por baixo da porta, e carrego no botão outra vez para a baixar.

Rodo a maçaneta da porta da cozinha e abro-a, vendo imediatamente o luar a entrar pela enorme janela da cozinha. Masen vem para trás de mim, fechando a porta, e inalo, cheirando Trey. É engraçado como as pessoas cheiram às suas casas. Ou vice-versa.

Combinações de couro e mobiliário de madeira, *Febreeze*, detergente da roupa, os perfumes e águas de colónia diferentes que pais e irmãos usam, a comida que a família cozinha... tudo se junta para criar um odor único e solitário na casa de cada um.

Exceto Masen. Ele cheira ao couro da carrinha dele com um toque de sabonete. Mais nada.

– Vamos.

Ele guia-me pela casa, olhando em volta como se estivesse a tentar descobrir por onde ir, o que eu lhe podia dizer se soubesse o que procura. Mas ao chegar às escadas, sobe-as a correr, e eu sigo-o.

– Vais ao quarto do Trey? – pergunto.

– Se sim, eu encontro-o – atira-me. – Não preciso de saber que tu sabes onde é.

Sorrio para mim mesma.

– Não sei. Estava só a perguntar.

Abre uma porta e eu espreito para a escuridão, vendo paredes cor-de-rosa e pequenos balões de ar quente de brincar pendurados no teto.

Deve ser o quarto de Emma. A meia-irmã de Trey. Sei que a diretora Burrowes casou com o pai de Trey quando este tinha uns quatro anos. Apesar de a tratar por Gillian e não como mãe, ela praticamente criou-o e depois deu à luz uma filha uns anos mais nova que Trey.

Olho para Masen, perguntando-me porque ele não fecha a porta. O que ele precisa não pode estar ali de todo. Emma tem apenas seis anos de idade. Ela não roubou nada dele.

Mas ele fica ali especado, deixando o olhar vaguear pelo quarto. O peito dele move-se com a sua respiração acelerada.

– Masen? – chamo.

Mas ele não responde.

Toco-lhe no braço.

– Masen? – digo mais alto. – O que procuramos? Quero sair daqui.

Ele pestaneja, virando-se, quase como se estivesse zangado.

– Está bem, vamos.

Abandona o quarto, e eu volto a fechar a porta, apanhando um lampejo de movimento. As sombras das folhas do lado de fora do corredor dançam sobre o tapete, e o meu coração falha uma batida.

Avançando para a porta seguinte, Masen entra no quarto e para por um instante, olhando em volta. Dirigindo-se ao armário, abre uma gaveta e tira uma pequena lanterna do bolso. Acende a luzinha e começa a inspecionar a caixa das joias.

– Só podes estar a brincar?! – resmungo num murmúrio, aproximando-me dele. – A diretora roubou-te o teu colar de pérolas preferido?

– É uma longa história, querida. – Abre gaveta atrás de gaveta, olhando rapidamente para o conteúdo e afastando coisas de um lado para o outro, à procura de quê? Não sei.

– E estou fascinada – respondo. – Mas se roubares alguma coisa, deixo-te a sangrar.

– Segura aqui. – Atira-me a lanterna para as mãos. – Não vou tirar nada que já não seja meu.

– O que é teu? O que procuramos?

– Um relógio.

Um relógio?

– Porque teriam os Burrowes o teu relógio? – pergunto, confusa.

– Mais tarde – diz ele. – Agora, levanta a luz.

Franzo os lábios, ficando cada vez mais impaciente. Mas seguro a lanterna e ilumino as gavetas que ele remexe. Sigo-o quando passa para a cómoda, enfiando as mãos em camisolas e camisas, apalpando o interior.

– Então, queres tomar um duche esta noite? – Ele dá-me uma olhadela rápida.

Franzo o sobrolho. Está a namoriscar? A sério?

Ele ri-se.

– Eu não preciso de um, mas adorava limpar essa careta que tens no rosto, e aposto que me saberia bem sentir-te molhada.

Abano a cabeça, tentando não parecer divertida com a escolha terrível de *timing* para conversas indecentes.

Embora um duche quente com ele, a beijá-lo e a tocá-lo, soe mesmo bem.

– Despacha-te, mas é – sussurro, abanando as pernas, ansiosa.

Ele procura no resto do quarto – algumas caixas pequenas no armário e as gavetas ao lado da cama – enquanto eu seguro a lanterna, à espera que desista, para podermos sair daqui. Mas ele para brevemente, de pé aos pés da cama, a pensar.

E, então, antes que eu tenha hipótese de o pressionar outra vez para irmos embora, vira-se de repente e dirige-se ao quarto do outro lado do corredor.

O quarto de Trey. *Finalmente*. Estava à espera que ele procurasse ali primeiro. Não sei porque teria Trey alguma coisa que lhe pertencesse, mas seria muito mais provável ter sido ele a roubar algo a Masen do que os pais.

Dando uma vista de olhos ao quarto da diretora, certifico-me de que está tudo no seu devido lugar – armários e gavetas fechadas – e fecho a porta da divisão, despachando-me a correr para o outro lado do corredor e seguindo-o para o quarto de Trey.

Atrevo-me a dar uma olhadela. Devia sentir-me culpada por estar a vasculhar o quarto do tipo com quem vou ao baile de finalistas, mas deixo que o meu olhar recaia sobre a cama de casal, com um edredão azul-marinho e lençóis cinzentos e, em vez disso, sinto um arrepio a subir pelos meus braços.

Nem pensar que me quero deitar aqui com ele.

Vejo Masen abrir a gaveta da mesinha de cabeceira e pegar numa caixa de preservativos, mostrando-ma por cima do ombro.

– O que achas? – pergunta-me ele num tom provocador. – Está a armazenar para o baile?

Oh, que seja.

– Estás sempre a falar no baile, sabes? – vinco, aproximando-me dele e sussurrando-lhe ao ouvido. – Se estás tão preocupado com o que possa acontecer com

esses preservativos, talvez devesse fazer qualquer coisa quanto a isso.

Sinto o corpo dele a tremer com um riso baixinho enquanto atira a caixa de volta para a gaveta.

– Pede-me – sussurro, passando os lábios pelo lóbulo dele. – Pede-me e eu responderei que sim.

Ele encosta-se à minha boca, olhando para mim.

– Talvez amanhã.

Afasto-me, desagradada.

– Parvalhão.

Ele ri-se atrás de mim. Aponto a lanterna pelo quarto enquanto Masen se dirige à cômoda e abre a gaveta da esquerda, remexendo nas meias enquanto vasculha o interior.

Mas reparo em algo no escuro e franzo o sobrolho, aproximando-me e esticando a mão, tocando na dele.

– Esta gaveta devia ser mais funda – digo-lhe, batendo com os dedos numa prancha de madeira. Reparei na mão e no pulso dele na gaveta quando a profundidade lhe devia ter engolido metade do antebraço.

Ambos apalpamos o fundo da gaveta e Masen semicerra os olhos, encontrando algo e puxando.

Ele levanta um pedaço de madeira, as roupas caem para trás e vejo outro compartimento por baixo.

Masen põe lá a mão e tira o que parece ser um maço de postais. Vira-os e observa-os, mas depois volta a pôr a mão dentro da gaveta, enfiando os postais de volta no compartimento.

– O que foi? – tento saber, estendendo o braço e tentando tirar-lhe o maço.

– Não é nada. – Tenta voltar a colocar a prancha. – Não é o que eu estou à procura.

Mas forço a minha vontade e arranco-lhe o maço das mãos.

Fazendo-lhe uma careta a brincar, viro os postais e olho.

Sinto um aperto no peito. *Oh, meu Deus.*

Não são postais. São fotografias. Aparentemente, de dez por quinze centímetros, e olho fixamente para cada imagem, vendo as fotos uma atrás da outra, com o estômago às voltas.

Lindsey Beck, que andava no décimo segundo ano no ano passado.

Fara Corelli, no décimo segundo este ano na minha turma.

Abigail Dunst, outra aluna do décimo segundo.

Sylvie Lanquist, do décimo primeiro ano.

Georgia York. A irmã mais velha de J.D. Provavelmente, ele não faz ideia disto.

Rapariga atrás de rapariga, nua e numa variedade de poses diferentes. Algumas são *selfies*, outras são tiradas por outra pessoa, e numa delas, Trey tem uma rapariga escurrapachada no colo dele. Ele está com um sorriso nojento no rosto.

Enojada, cinjo os dedos em volta das fotografias.

Brandy Matthews está nua e de gatas, a câmara a apanhar o lado do rosto dela enquanto Trey, presumo eu, se ajoelha atrás dela e tira a foto.

Tenho o coração acelerado e sinto que me vai saltar para fora do peito. Passo para a foto seguinte e vejo Sylvie, de boca aberta e...

Baixo as mãos, desviando o olhar. *Que nojo.*

Meu Deus. O que se passa com ele? Quem tira fotos de tantas mulheres – raparigas – a praticar atos sexuais? Será que elas sabiam que ele andava a fazer isto com todas elas? E Sylvie é uma miúda tão doce. Quanto tempo andou ele a seduzi-la com palavras mansas até conseguir o que queria?

– Lamento, querida.

Solto uma risada de escárnio, atirando as fotos para a cómoda.

– Achas que eu não sei quem ele é?

– Bom, ainda vais com ele ao baile.

Lanço-lhe um olhar zangado, chateada por ele continuar a insistir no assunto.

Não. Não vou ao baile de finalistas com Trey. Já não. Se ele trata assim as raparigas que consegue despir, como tratará quem não consegue levar para a cama?

Mas não vou dizer isso a Masen. Ele só iria gabar-se.

Olho para baixo e vejo outra foto na mão dele e aproximo-me.

– O que é isso?

Ele fecha um pouco os olhos, abanando a cabeça como se eu precisasse de esquecer o assunto. Estico o braço de repente e tiro-lhe a foto das mãos, segurando-a à minha frente.

Lyla está nua e molhada, com o cabelo encharcado e colado às maçãs do rosto e pescoço, e está a posar encostada ao que parece ser a parede do chuveiro, com os braços por cima da cabeça e os seios à mostra. Os olhos dela provocam a câmara... ou quem está atrás dela.

Trey. Se não é ele atrás da câmara, ainda assim tem uma foto dela.

Mas não me vou enganar. Eles foderam. E aconteceu recentemente. Lyla está a usar a pulseira de bronze que comprou quando fomos às compras há três sábados.

Não me preocupo com ele, e até nem gosto dela, então porque é que sinto os olhos a arder e a minha garganta a doer com um grito lá preso?

Não tenho ciúmes por ele ter conseguido dela o que não estava a conseguir de mim, e não tenho ciúmes que se envolvam. Mas porque é que sentiram que o poderiam fazer nas minhas costas?

Sinto uma mão quente a tocar-me no rosto.

– Também sabes que ela é como ele – comenta Masen. – Isto não te surpreende.

Abano a cabeça, pestanejando através das lágrimas gordas que não consigo evitar que se formem nos meus olhos.

– Não – digo num sussurro débil, olhando para a foto.

Não, não estou surpreendida. Só me sinto uma merda, por algum motivo. Pensei que estive sempre a ganhar. Pensei que estava no topo. Mas, nas minhas costas, as pessoas que eu pensava dominar afinal estavam a dominar-me a mim. Afinal, pensam que sou estúpida. Alguém que acham fácil de humilhar.

Tal como antes.

Eu sabia que Trey não se estava a guardar para mim, por isso não quero saber. Mas pensei que tinha percebido Lyla. Pensei que tinha o respeito dela.

Que divertido deve ter sido para ela, estar ao meu lado e saber que está a ter um bocado do que ela pensa que eu possa querer.

Deixo cair lágrimas gordas e sinto um peso nos ombros. Não é Trey. Não é Lyla.

Sou eu. Não sei quem é suposto eu ser.

– Eu tornei-me nisto, sabes? – digo-lhe, com a voz a fraquejar e com uma dor a assentar atrás dos olhos –, porque era miúda e pensava que havia algo mais. Troquei amigos que pensei não serem bons o suficiente por amigos que são tudo menos bons o suficiente.

Pestanejo devagar e com força, sentindo as minhas pestanas molhadas nas maçãs do rosto.

– Até o Misha desistiu de mim.

Masen envolve suavemente o meu rosto nas mãos dele.

– Tenho a certeza de que o Misha tem um motivo – diz ele com tristeza. – Porque não há nada de errado contigo.

– Há tanto de errado comigo. – Um soluço choroso agita-me o peito e choro ainda com mais intensidade. – Não tenho amigos nenhuns, Masen.

Não tenho. Não mesmo. Consigo perceber as pessoas da escola. Tive o que merecia. Escolhi o fútil, agi de forma leviana, e não obtive nada duradouro em troca.

Não sei se Ten ficará ao meu lado, e agora Misha também já não está por aqui. Não sei o que fiz, mas teve de ser alguma coisa, pois quando se descobre que toda a gente nos odeia, não são eles. Somos nós.

– Tens um amigo – diz Masen, com um tom firme e seguro. – O resto daqueles otários são peso-morto. Ouviste? – Passa os polegares na minha face, secando-me as lágrimas. – És linda e inteligente, e tens este fogo em ti no qual estou viciado.

Sinto um calor encher-me o peito e levanto os meus olhos para os dele.

Inclina-se para a frente, encostando a testa dele na minha.

– És uma chata incrível, mas meu Deus, eu amo... – Ele para, e a minha respiração fica-me presa na garganta.

– Isso – termina ele. – Eu amo isso. Não me farto. Penso em ti a toda a hora.

Fungo, respirando fundo algumas vezes e limpando os olhos. O meu coração saltou ali uma batida. Quase parecia que ele ia dizer outra coisa.

– Vamos mas é embora daqui, *okay*? – Afasto-me, voltando a pousar a placa na gaveta e fechando-a. Eu sei que ele não encontrou o que precisa, mas tenho de sair daqui. Preciso de um duche depois daquelas fotos, ou quero fazer alguma coisa com Masen e esquecer que vim aqui.

Junto as fotos, saio do quarto e viro à esquerda para descer as escadas. Mas Masen agarra-me o braço, parando-me.

– O que vais fazer com essas fotos?

– Queimá-las – respondo. – Ele provavelmente imprimiu-as porque não queria que os pais as descobrissem no telemóvel dele, por isso não deve ter cópias. Não me espantaria nada que as mostrasse aos amigos.

Mas Masen abana a cabeça. Tirando-as da minha mão, faz inversão de marcha e abre a porta do quarto dos pais.

– O que estás a fazer? – pergunto num sussurro tipo berro.

Mas depois vejo-o a lançar a mão para a frente, fazendo as fotografias voar pelo quarto todo, caindo no chão e até na cama.

– Oh, meu Deus – engasgo-me a rir e cubro a boca com a mão.

– Os pais que tratem dele – diz Masen, pegando-me na mão e fechando a porta

atrás de nós.

Rio-me baixinho, mas rio-me mesmo assim. Não consigo parar. Os Burrowes vão saber que alguém esteve em casa deles esta noite, sem dúvida, mas a julgar pelas fotos, provavelmente vão pensar que foi uma rapariga ressentida furiosa com Trey.

Deixámos a casa, fazendo o mesmo caminho que fizemos ao entrar, e salto apressadamente para dentro da carrinha, olhando em volta para me certificar de que não há ninguém por perto.

A rua está às escuras e quieta, e Masen liga a ignição, tirando-nos dali.

– Lamento que não tenhas encontrado o que querias.

Ele sorri ao de leve.

– Eu encontrei o que queria.

Sinto uma agitação na barriga, e levanto a mão, passando os dedos pelas costas da mão dele, que está pousada na consola.

Ao fim de uns minutos, estaciona em frente a minha casa e põe a carrinha em ponto-morto, deixando o motor a trabalhar.

Endireito-me e inclino-me na direção dele, não querendo despedir-me.

Nunca quero deixá-lo, na verdade.

– Há uma casa na árvore no jardim das traseiras – digo, olhando para ele com um ar provocador. – Alinhas?

Ele sorri.

– Adoraria. Mas tenho de fazer uma coisa agora – diz-me ele, sussurrando-me ao ouvido.

Sinto-me desiludida, mas aguento-me e mostro uma expressão neutra no rosto, como sempre faço.

– Mas fazes-me um favor? – pede ele, beijando-me a face lenta e suavemente. – Certifica-te de que a chave está debaixo do vaso. E não te masturbas hoje. Deixa para amanhã quando eu puder ver.

Sinto o corpo a aquecer de excitação e sorriso. Se não estivesse tão escuro na carrinha, tenho a certeza de que ele conseguiria ver-me corar.

– Não te atrases – imploro. – Posso não ser capaz de esperar.

Ele beija-me, e eu fico ali um pouco antes de me afastar. Saio da carrinha, olho para trás para ele uma vez e destranco a porta, entrando em casa.

Mal a porta se fecha, ouço-o a arrancar.

É tão fácil perder-me com ele. Há uns minutos, estava a chorar, e agora nada disso parece importar. É claro que quero amigos. Quero saber que Ten vai ficar ao meu lado, e quero Misha de volta, mas...

Masen faz com que tudo pareça mais pequeno. Como se eu tivesse uma nova perspetiva. Ele está a tornar-se parte do meu coração e sinto-me bem quando está por perto.

Quase como se nenhum dos meus medos importasse desde que ele esteja presente.

Ele disse que me contava tudo amanhã, mas, sinceramente, parte de mim não tem a certeza se quer mesmo saber. É claro que quanto mais conheço dele mais sinto que é real e mais farei parte da vida dele, em vez de ser apenas ele a fazer parte da minha, mas gosto dele. Muito.

Subo as escadas e percorro o corredor, entrando no meu quarto. Acendo o

candeeiro, descalço os sapatos e caio na cama, deixando a cabeça pendurada nos pés da cama e olhando de pernas para o ar para todos os meus sarrabiscos feitos a giz na parede.

Os meus olhos estão pesados de exaustão, mas não me sinto cansada.

As palavras de Misha e as minhas misturam-se, indo ao encontro umas das outras ao longo da parede, e nem sequer me consigo lembrar de quais são as minhas e quais são as dele. Os pensamentos e as letras das músicas dele, os meus sonhos e devaneios, a raiva dele, a minha confusão sobre tudo na minha vida... Misha está em todo o lado, e sinto falta dele. Durante muito tempo, foi o meu salvador.

Mas Masen também me faz sentir corajosa.

Não preciso dele para preencher o vazio que Misha deixou, mas gosto como ele me incentiva e espera mais de mim. Lembra-me o que quero sentir todos os dias, seja com ele ou sozinha. Ensinou-me que quem sou quando estou com ele é uma sensação demasiado boa para ser sacrificada pela aprovação dos restantes. A forma como me visto, os tipos com quem falo, os jogos que jogo... é tudo plástico, e quando estou com ele, sou ouro.

O meu olhar incide sobre a lista de palavras que desenhei nas últimas semanas.

*

Sozinha

Vazia

Fraude

Vergonha

Medo

*

E, abaixo delas, acrescentei a frase que ele me disse na parte de trás da carrinha no *drive-in*.

*

Fecha os olhos, não há nada para ver ali fora.

*

Adorei aquela frase. Como se tudo o que precisássemos de saber, não conseguíssemos ver. Está tudo dentro de nós. Pestanejo diante da lista, voltando a lê-la uma e outra vez na minha cabeça.

*

Sozinha, Vazia, Fraude, Vergonha, Medo

Fecha os olhos, não há nada para ver ali fora.

*

Hmm. Volto a lê-las na minha cabeça e outra vez em voz alta.
Parece uma canção.

*Sozinha, Vazia, Fraude, Vergonha, Medo,
Fecha os olhos, não há nada para ver ali fora.*

*

Viro-me ao contrário e volto a estudar as palavras. É um pouco estranho a forma como se encaixam.

É claro que ele me entregou as palavras separadamente, e nunca indicou uma ligação entre elas, mas eu sabia que havia uma espécie de significado além do que ele me disse. A primeira palavra foi em Cove, e não era dirigida a mim. Tive a sensação de que as palavras vinham de um sítio específico.

Salto da cama, puxo a minha cadeira e sento-me à secretária, ligando o computador portátil. Escrevo as palavras no motor de busca, carrego em *Enter* e aguardo.

Imagens e vídeos do YouTube surgem imediatamente no ecrã e encosto-me na cadeira, olhando para os resultados para ver se é de uma canção e, caso seja, qual. Um dos vídeos do YouTube tem o título «Pearls», e clico nele.

O vídeo está cheio de grão e é escuro, mas consigo ver o palco e as luzes de uma sala de concertos pequena, e ouço uma multidão a gritar e a chamar.

E depois espreito mais de perto os tipos em palco, sem pestanejar e com o coração a acelerar. Uma banda com bateria e guitarras, e...

Masen?

Respiro mais fundo e mais depressa. *O quê?*

Toda a gente está posicionada, um tipo sentado atrás da bateria, dois outros a flanquear Masen com guitarras, e Masen com um ar naturalíssimo com a mão no bolso e sem instrumento. Fico com o sangue a ferver e dói-me o peito. Que merda é esta?

A canção começa, dura e muito alta, o baterista a fazer batidas firmes e a multidão a saltar para cima e para baixo enquanto Masen abana a cabeça. Olho para baixo, para a legenda do vídeo, e vejo o nome da banda.

Cipher Core. Ele tem uma banda?

A caça ao tesouro. *Oh, meu Deus.* Pensei que ele era apenas um convidado naquela noite. Um tipo qualquer a andar por ali, mas não. Era o evento da banda dele.

A minha mão abana enquanto movimento o cursor e clico na secção *Mostrar Mais*. As letras estão escritas ali, e vejo Masen fechar os olhos e segurar o microfone no suporte à medida que a voz suave e profunda começa a cantar as palavras que estou a ler.

*

*Uma imagem vale mil palavras,
Mas as minhas mil palavras cortam mais fundo.
O que não nos mata torna-nos mais fortes,
Que se foda, escondo-me e procuro.*

*

Trata os outros como queres ser tratado,

*Mas e se esta noite quiser ser queimado?
Disseste-me que mais vale prevenir que remediar,
E a irmãzinha ouviu, mas fui eu quem aprendeu.*

*

*Colhe, colhe, colhe, nem sequer sabes,
Tudo o que sofreste foi o que semeaste!
Necessita, medica, erradica, ressuscita.
Engole as tuas Pérolas, mas para mim era demasiado tarde.*

*

*Faz melhor, sê mais, demasiado, demais,
Estou prestes a engasgar-me, não consigo engolir.
Por isso pendura as pequenas Sabedorias e enrola-as ao meu pescoço,
Vou estrangular-me com as tuas Pérolas de Sabedoria e morrer num desastre.*

*

A letra não me é estranha. Repito-a na minha cabeça. *Colhe, colhe, colhe, nem sequer sabes...*

Misha e eu montámos esta letra. Todo o raio da música é de Misha. Lembro-me dela, e algo terrível e duro enrosca-se dentro de mim consoante paro de respirar e leio a pequena biografia no fundo.

*

Cipher Core é uma banda de rock americana sediada em Thunder Bay.

*

Uma banda em Thunder Bay. *Não...* Engulo em seco, sentindo a bílis ácida a subir-me pela garganta.

*

*Membros:
Dane Lewis – guitarra e coro
Lotus Maynard – baixo
Malcolm Weinburg – bateria
Misha Lare – voz principal, guitarra*

*

– Oh, meu Deus. – Colapso, afundando-me da cadeira até cair no chão, a chorar e a abanar a cabeça. – Oh, meu Deus – choro.

Passo os dedos pelo cabelo, segurando a cabeça e sentindo um peso cada vez maior no peito. Engulo respirações curtas e rasas. Não consigo respirar.

Masen é Misha.

– Mas que merda?! – grito.

O tempo todo. Este tempo todo senti a falta dele, preocupei-me com ele, perguntando-me onde estaria e porque não me escrevia, e ele esteve sempre à minha frente!

Grito, batendo com as mãos no chão com força e fechando os dedos no tapete.

Não consigo acreditar. Ele não me faria isto. Não me faria passar por parva nem brincaria assim comigo.

Levanto-me de repente, limpo o nariz às costas da mão e olho furiosamente para ele no ecrã. Termina a última nota, comprida e langorosa, para o microfone, e à distância na multidão consigo vê-lo baixar o queixo como se ainda estivesse perdido na canção depois de esta ter terminado. As pessoas aplaudem, os últimos acordes da guitarra ainda ressoam, e ouço umas quantas raparigas a chamar por ele.

A chamar por Misha.

Está tudo a tremer e o quarto anda à roda enquanto a minha cabeça não para.

Masen. O misterioso e calado Masen que ninguém conhece e que apareceu do nada. O tipo que sabia que eu gostava do *Crepúsculo*, onde eu morava, e exatamente o que tirar da minha mochila quando tive o meu ataque de asma sem ter de lhe dizer.

Oh, meu Deus, como é que eu não me apercebi? Fecho os olhos, com lágrimas de raiva a escorrer pelo rosto.

Misha, o meu melhor amigo que me levou para a cama e me fodeu com uma mentira.

Tens um amigo, disse ele antes.

– Não – sussurro para mim mesma, com a raiva a crescer quando fecho o portátil com força e saio do quarto para pegar nas chaves do carro da minha irmã.

Não tenho amigos.

CAPÍTULO 15

MISHA

Está tudo às escuras, nem uma única luz ilumina qualquer uma das janelas. Mas o meu pai tem de estar em casa. É bastante tarde.

Enfio a chave na fechadura, sempre nervoso à espera de descobrir que não funciona. É claro que o meu pai não teria nenhuma razão para me manter do lado de fora – afinal, nunca me disse para sair de casa – mas também não tenho a certeza se me quer aqui.

Entro, fecho a porta atrás de mim e volto a enfiar as chaves no bolso. Sinto um odor pungente nas narinas e estremeço, olhando em volta.

Sinto-me a trepidar. A casa está em pantanas. O meu pai sempre foi um maluco das limpezas, e com a minha irmã e eu a ajudar nas tarefas domésticas, mantínhamos a casa num brinco.

Mas olho em volta, vejo correio e jornais no chão, alguma roupa nas escadas, e cheiro uma mistura de comida podre e roupa suja.

Ao passar pela sala de estar, reparo numa luz vinda do salão e espreito lá para dentro, vejo a televisão ligada. O som está baixo e o meu pai encontra-se deitado na poltrona de pijama e robe. Vejo uma mesa cheia de chávenas de café, guardanapos e um prato de comida praticamente cheio junto à cadeira.

Vou até lá e olho para a forma adormecida dele, sentindo a culpa a pesar-me nos ombros. Dane tinha razão. O meu pai é um tipo ativo. Mesmo depois de Annie, ainda tomava conta das coisas por aqui. Mas consigo ver a tez amarelada no rosto dele e o quão amarrotadas estão as suas roupas, como se as tivesse usado por mais de um dia.

Sinto os olhos a arder e, de repente, quero Ryen.

Preciso dela. Estou assustado e não sei o que fazer neste momento.

Não consegui recuperar o que precisava de Falcon's Well, mas não tenho a certeza se ainda me importo com isso.

Mas também não quero ter de me ir embora já. Quero Ryen, mas também sinto que se saísse agora e deixasse o meu pai de vez, Annie teria partido para sempre. Qualquer semelhança com a vida que tínhamos antes seria uma memória.

Baixo-me para me sentar na otomana, observando-o. A cabeça dele está virada para o lado e espreito para um frasco de comprimidos na mesa.

Não preciso de olhar para saber que é *Xanax*. O meu pai tem-nos por perto há anos, algo para acalmar as coisas quando criar dois filhos sozinho se torna stressante.

No entanto, honestamente, penso que começou a tomá-los porque a minha mãe nos deixou. Ele amava-a e ela pirou-se. Nenhum bilhete, nenhuma chamada, nenhum contacto. Ela deixou os filhos e nunca mais olhou para trás.

Eu lidei com isso, o meu pai enterrou-se nos filhos, no trabalho e em passatempos para não pensar no assunto, e Annie esperou. Ela parecia sempre achar que a nossa mãe ia voltar e que acabaria por nos querer ver. Estaria pronta para ela.

Ainda sinto a minha irmã nesta casa. Como se fosse entrar pela porta, suada e sem fôlego por causa do exercício físico, e vociferando ordens, lembrando-me de que era a minha noite de fazer o jantar e dizendo ao nosso pai para pôr a roupa na máquina de secar.

– Sinto a falta dela, pai – digo em voz baixa e quieta, tomado pelo desespero. – Ela ligou-me naquela noite.

Olho para ele, desejando que estivesse acordado, mas também feliz por não estar. Ele sabia que ela me tinha ligado, provavelmente apenas um minuto antes de ter caído na estrada, mas não queria ouvir mais nada. Teria um acesso de raiva, pois sabia que a culpa era minha.

– Não atendi porque estava ocupado – continuo. – Pensei que fosse uma coisa pequena. Sabes como ela estava sempre em cima de mim por não ter lavado a louça ou por lhe ter roubado as batatas fritas? – Sorrio para mim mesmo com aquelas memórias. – Pensei que fosse algo sem importância, e ia ligar-lhe pouco depois, mas cometi um erro.

Expiro e fecho os olhos. Se tivesse atendido... podia ter chegado até ela a tempo. Podia ter chamado uma ambulância antes que fosse tarde demais.

– Quando devolvi a chamada ela não atendeu – digo, mais para mim, voltando a viver aquela noite na minha cabeça enquanto as lágrimas se acumulam. – Ainda acordo, completamente assustado, e durante um instante penso que não passou de um pesadelo. Agarro no telefone, com medo de ter perdido uma chamada dela.

Enterro a cabeça nas mãos.

Nas semanas que se seguiram à morte de Annie, o meu pai e eu ou discutíamos ou nos ignorávamos um ao outro. Ele culpava-me por não estar lá quando ela precisou de mim. Afinal, ela ligou-me, não a ele.

E eu também o culpei. Se ele ao menos tivesse parado de a pressionar e a tivesse convencido de que a nossa mãe nunca mais ia voltar, ela poderia não ter destruído o corpo para tentar ser a estudante perfeita, a atleta perfeita, a filha perfeita... E então o seu pobre corpo não teria cedido naquela estrada escura e vazia.

Se ele não tivesse engolido um *Xanax* quando era conveniente, então talvez Annie nunca tivesse tido a ideia de consumir anfetaminas para lhe dar o empurrão para fazer mais do que conseguia aguentar e ser perfeita.

Annie ia ser fantástica. Ela lutava pelo que queria da vida. Tanto talento desperdiçado.

– Às vezes também desejo que tivesse sido eu. – Levanto o olhar, vendo-o ainda a dormir.

Ele dissera-me aquilo uma noite quando nos pegámos, e eu fiquei magoado, apesar de ter agido como se não tivesse ficado. Eu sabia que ele não queria dizer aquilo, mas sei que seria mais feliz se tivesse com ele a filha com quem tinha uma relação melhor.

Comigo, o que tem ele?

Mas não o posso deixar. Annie está dentro dele, está nesta casa, e somos a família dela. Temos de permanecer assim.

– Nunca vamos ter uma relação como a que tinhas com ela, mas estou aqui.

Levanto-me, em silêncio começo a limpar a confusão que está em cima da mesa, dirigindo-me à cozinha para lavar a louça.

– Ei – chama Dane, e eu olho para cima, vendo-o a vir do portão do Cove e a dirigir-se a mim.

– Tenho estado a mandar-te mensagens – diz ele.

– Sim, eu vi. – Fecho a porta da carrinha com força e vou à caixa aberta para tirar alguns caixotes de lá.

Depois de ter limpadado a cozinha em casa, abri algumas janelas para arejar enquanto punha alguma roupa a lavar, via o correio, levava o lixo lá fora, e limpava o meu quarto. O que é bastante impressionante, pois nunca faço isso.

Cobri o meu pai com uma manta e espero que, amanhã, quando levar algumas compras de mercearia para casa, não se importe que eu esteja de volta.

Veremos.

– Tenho andado a trabalhar com os rapazes naquela canção que tu me deste. Estivemos acordados até às três da manhã, ontem à noite – conta-me. – Acho que temos ali qualquer coisa.

Assinto com a cabeça, pouco investido nisso neste momento. A minha cabeça está num milhão de outros sítios. Ainda não faço ideia de como vou confessar a verdade a Ryen.

Meu Deus, ela vai matar-me.

Dane caminha comigo enquanto me dirijo do parque de estacionamento para o portão de entrada.

– O que estás a fazer? – pergunta ele. – Vais voltar para casa?

– Volto em breve – digo. – Só tenho umas coisas para tratar aqui primeiro.

– Precisas de ajuda?

Viro o queixo sobre o ombro.

– Podes trazer mais caixas, se quiseres.

Ele corre para trás e traz o resto das caixas que tirei da minha garagem em casa e atravessamos o velho parque a pé.

Não trouxe muito comigo quando decidi esconder-me aqui, por isso não vou demorar muito tempo a empacotar as minhas coisas, mas não tenho pressa.

Não quero ir-me embora, realmente, mas não posso continuar aqui como Masen Laurent – um nome que escolhi do nada há um mês quando pedi ao meu primo para me ajudar a conseguir uma carta de condução falsa e para forjar alguns registos escolares. Apenas mantive as minhas iniciais.

Assim que as pessoas – duas pessoas em particular – descobrirem que sou Misha Lare, acabou-se.

E não consigo mentir-lhe mais. Nunca era suposto que isto chegasse tão longe.

Não tenho amigos. Ao ouvir as palavras dela e ver os olhos dela ontem à noite,

naquele momento em que ela desmoronou, odiei-me. O que vai ela pensar amanhã quando descobrir que o melhor amigo dela lhe deu uma facada nas costas e olhou para ela, olhos nos olhos, enquanto o fazia?

Dane e eu subimos as escadas do pavilhão e dirijo-me à parede oposta, ligando alguns interruptores. As luzes acendem-se, iluminando os corredores compridos enquanto caminhamos a direito, para o quarto que tenho estado a usar.

– Não sei como é que conseguiste dormir aqui – resmoneia. – Parece um filme de terror.

Solto uma risada fraquinha. É definitivamente assustador, mas...

– Na altura, não andava a pensar bem nas coisas.

Achei que por ser perto de Falcon's Well provavelmente não seria descoberto – ou assim pensei – e tenho boas memórias de vir aqui com Annie quando era miúdo.

Entro no quarto, com Dane atrás de mim, percorro a curta distância até à mesa de cabeceira e acendo a luz.

– Uau – diz Dane.

– O que foi? – Olho para cima e sigo o olhar dele, mas reparo logo no que se estava a referir, e paro de respirar por um instante.

O que...

– O que raio andaste a fazer aqui?

Rodo, vendo a enchente de papéis espalhados sobre quase todas as superfícies do quarto. Pósteres arrancados da parede, as minhas roupas espalhadas, uma mesa com algumas velas virada ao contrário, todos os meus objetos pessoais no chão.

Subitamente, sinto o pescoço a latejar como se a veia estivesse a tentar dar murros através da pele.

– Não fui eu que fiz isto.

Baixo-me e agarro num punhado de papéis do chão, vendo o meu nome no fundo de cada carta, umas quantas com um ano ou dois, e uma da escola primária. Consigo perceber porque assinei *Mish* durante um período idiota de tempo para não parecer tão feminino.

Estas eram todas as cartas que enviei a Ryen. Ela tinha-as. Como é que...

Sinto o meu estômago a apertar e estremeço, sabendo que não há outra maneira de estas cartas terem chegado aqui.

– O que diz isso?

Balanço, desequilibrado, mas olho para cima, seguindo o dedo dele. Na parede, escritas com uma lata de spray preto, veem-se letras enormes que nos fixam furiosamente.

*

Enganaste-me? Tem cuidado, espera e logo verás.

*

– Oh, merda. – Mal consigo mexer-me. É a letra de uma das minhas antigas canções que Ryen me ajudou a escrever.

Corro para a prateleira da minha mesa de cabeceira, vendo que os poucos objetos que lá estavam guardados foram retirados. Pego na capa onde guardava algumas das

cartas dela – as minhas favoritas que eu reli – mas assim que lhe deito a mão sinto a ausência de peso.

– Não, não, não, não... – Abro a capa e olho lá para dentro.

– O que foi?

– Foda-se! – Solto uma rosnadela. Desapareceram todas. Atiro a capa para longe. – Merda!

– O quê? Quem?

Céus. Levanto-me num ápice e esfrego o rosto com as mãos, para cima e para baixo. Ela sabe quem sou, encontrou as cartas e recuperou-as.

Viro-me e corro porta fora.

– Misha! – grita Dane.

Mas não paro. Corro para as escadas, subo ao andar principal e apresso-me lá para fora, correndo pelo parque a toda a velocidade.

Ela vai ouvir-me. Vai compreender. Nada disto era suposto acontecer.

Procuo as minhas chaves nos *jeans* e entro na carrinha, saindo do parque a toda a velocidade e entrando na via-rápida.

As cartas. Raios! Conhecendo o feitio de Ryen, a esta hora já devem estar desfeitas no fundo do triturador de lixo. *Foda-se!*

Seguro o volante com força, esfregando os olhos com a outra mão. A estrada está desfocada e tento acalmar a respiração.

Aquelas cartas são tudo. São ela e eu, miúdos a tentar descobrir-se e passando por todas as nossas dores de crescimento. Foi onde comecei a apaixonar-me por ela e a precisar dela. São o raio das minhas canções e parte de mim.

A nossa história está naquelas cartas. Todas as coisas bonitas que ela me disse para virar o meu mundo do avesso.

Sinto o estômago a revirar-se. Se estiverem destruídas, que Deus me ajude...

E se Ryen não me quiser ouvir, não sei o que fazer.

Dez minutos depois, estou finalmente a estacionar na rua em frente a casa dela. Desligo o motor da carrinha e salto para fora, correndo até à porta da frente.

A casa está às escuras e silenciosa, o que é de esperar à uma hora da manhã. Mas quando levanto o vaso, a chave não está lá. Cerro os punhos.

Dou a volta à casa, inspecionando as janelas para ver se sobem, mas é então que reparo num escadote encostado ao lado da casa e paro. Olhando para cima, não vejo luz nenhuma na janela de Ryen.

Que se foda. Se ela não estiver ali, espero.

Começo a subir o escadote.

Quando chego ao cimo, passo para o telhado e avanço até à janela dela. O quarto está escuro como breu, mas ouço música, «True Friends», dos Bring Me the Horizon, e não hesito. Levanto a janela, passo a perna e debruço-me, esgueirando-me lá para dentro.

E sinto-a de imediato.

Endireitando-me, ouço a inspiração dela e viro-me, vislumbrando a sua forma escura sentada com os joelhos dobrados no canto do quarto.

Levanta-se de repente e avança na minha direção.

– Sai.

Vejo os olhos vermelhos e húmidos, os calções de dormir amarrotados e o tecido cor-de-rosa da camisola de alças encharcado em lágrimas, e o cabelo dela todo emaranhado em volta do rosto. Parece que estar a chorar há horas.

Mas, ainda assim, aquele feitio dela continua lá.

Avanço um passo na direção dela.

– Onde estão as cartas?

– Vai-te foder! – berra. – Queimei as cartas!

Viro-me e bato com a mão na parede com força.

– Para! – sussurra ela. – A minha mãe ainda te ouviu!

– Quero lá saber – digo, virando-me de novo e entrando no espaço dela. – Pertences mais a mim do que alguma vez pertenceste a eles.

Ela abana a cabeça, com os olhos novamente marejados de lágrimas.

– Como pudeste fazer isto? Era suposto eu confiar em ti, e este tempo todo estavas mesmo aqui, a observar-me. Estragaste tudo!

– Não vim a Falcon's Well por ti – grito de volta, avançando para ela. – Mas acredita, não me arrependo. Que perda de tempo tu foste todos estes anos. Agora sei.

Ela chora em soluços.

– Sai.

Mas não posso ir embora.

Nunca pensei levar Ryen Trevarrow a chorar, mas ambas as vezes que o fiz foi nas últimas duas semanas.

Continuámos a escrever porque precisávamos um do outro, porque tornávamos a vida um do outro melhor. Mas mesmo depois de a conhecer durante anos, não foi preciso muito tempo para quebrar o que tínhamos.

Éramos perfeitos um para o outro.

Até nos encontrarmos.

Percebo agora, enquanto olho para os olhos zangados dela que possuem uma dor que tenta ocultar de mim, que há muito mais dela do que existia nas suas cartas. E tanto nas cartas dela que ela me deixou ver e a mais ninguém. Quero tudo isso.

– És tão egoísta – diz ela a chorar baixinho. – Tiras e tiras e tiras e nem sequer pensaste em mim, pois não? Nunca fui real para ti.

Vejo o desespero emergir nos olhos dela e sinto o ódio acumular-se sob a minha pele. Odeio que olhe para mim como se eu fosse um deles.

Avançando na direção dela, forço-a contra a parede e dispo a *T-shirt* pela cabeça, segurando-a na mão.

Ela fica a olhar para mim, confusa.

– O que raio estás a fazer?

– Olha. – Sustenho o olhar dela no meu, tentando fazer com que ela olhe para o meu corpo. Estávamos demasiado consumidos um no outro no *drive-in* e, esta manhã, na cama, eu estava atrás dela, por isso não conseguiu ver bem.

Acendo a lanterna do telemóvel e levanto-o, iluminando a minha pele.

Os olhos dela baixam, parecendo hesitante, mas, lentamente, percorre o meu corpo com um olhar. E sei exatamente o que ela vê.

Os olhos dela recaem sobre uma cassete na parte de cima do meu torso, com notas musicais a sair dela, e a etiqueta na cassete onde se lê *The Hand That Rules the*

World.³ Tratava-se de um jogo de palavras feito a partir de um poema que Ryen citou uma vez numa carta quando me encorajava a formar uma banda.

Vejo-a olhar para os pequenos pássaros pretos a levantar voo ao lado do meu estômago e por cima da minha anca. Há palavras a flutuar juntamente com os desenhos, lendo-se *And flights of angels sing thee to thy rest*.⁴ É de *Hamlet*, a peça de Shakespeare preferida de Ryen. Fiz a tatuagem depois da morte de Annie.

Ela pega no meu telemóvel e gira à minha volta devagar, iluminando o meu peito e costas, as Pérolas de Sabedoria pelo meu braço abaixo, outra carta sobre os nossos pais, o coração em decomposição no meu ombro, cosido a meio e voltando a ligar as palavras *You're My Tribes* – inspirada pelas palavras dela que até levaram a uma canção que escrevi. E ainda há as inúmeras outras pequenas citações e desenhos, as cenas de coisas sobre as quais falámos, sonhámos e rimos.

Não estou coberto de tatuagens, e não tenho mangas compridas, mas é muito para assimilar. E Ryen está na origem de quase todas elas.

Ela volta para a minha frente, com a respiração trémula e os olhos a brilhar com as lágrimas.

– Tu eras a única coisa que era real para mim – digo-lhe.

Ela olha para mim como se não fizesse ideia de como processar tudo isto. Quer dizer, o que esperava eu? Mesmo amanhã, quando queria ter-lhe contado tudo, como estava a planear fazê-lo? Haveria alguma maneira de ela descobrir isto de forma a compreender?

– Misha? – pergunta ela num murmúrio, e, de repente, olha-me de alto a baixo, como se me estivesse finalmente a ver.

Tiro-lhe o telemóvel da mão e enfio-o no bolso. Aproximando-me, levanto as mãos para lhe segurar o rosto, mas ela retrai-se.

Baixo-as imediatamente.

– Tens de me ouvir.

– Ryen? – chama alguém, batendo na porta.

É uma mulher. Provavelmente, a mãe dela.

– Livra-te dela – sussurro.

Ryen pestaneja, limpando os olhos.

– Si... sim? – gagueja, chamando. – Estou na cama.

– *Okay* – diz a mãe. – Pensei ter ouvido a televisão ou assim. É tarde. Precisas de dormir.

– Está bem, boa noite.

Volto a vestir a *T-shirt* e baixo a voz, ouvindo a porta do quarto da mãe fechar-se.

– Nunca foi minha intenção que isto chegasse tão longe – explico. – Tinha assuntos a tratar aqui, e queria... – A minha voz soçobra, à procura das palavras certas, pois estou com medo. – Parte de mim não conseguia resistir a estar tão perto de ti. Penso que parte de mim precisava de ti. Nunca pensei que voltaríamos a falar a seguir à caça ao tesouro. Eu não queria estragar o que tínhamos, mas depois vim aqui e...

Ela esfrega as mãos no rosto, começando a chorar outra vez, e consigo perceber que a estou a perder.

– Mas depois tu roubaste as minhas merdas – continuo a falar –, e vejo-te a assediar o Cortez. E depois tentas meter-te comigo no refeitório, e uma coisa leva à

outra, e estávamos constantemente a discutir. Era como... Era como se, mesmo se não tivéssemos sido amigos por correspondência, ainda nos tivéssemos encontrado, estás a ver?

– Porque não me disseste? – grita ela. – A qualquer altura, podias ter dito, «Ei, sou o Misha!» – Abana a cabeça, lançando-me um olhar glacial. – Eu beijei-te. Fui para a cama contigo! Todo este tempo tu sabias quem eu era e eu não fazia ideia. Humilhaste-me! Tens estado aqui à minha frente este tempo todo. Fazes ideia o quão sinistro isso é?

– Não tinha razões para to dizer! – rosno num quase sussurro. – Nem sequer sabia se ainda gostava de ti naquele primeiro dia! E sem dúvida não tinha razões nenhuma para confiar em ti. Eras uma fedelha emproada, e sabe-lo bem. Porque é que *tu* me mentiste? – Faço uma careta. – Porque é que eu pensei, durante sete anos, que tu eras forte e bondosa, porra? Alguém com tomates e que se defende sozinha?

Os ombros dela tremem, e Ryen solta pequenos arquejos ao sentir dificuldade em respirar. Olho rapidamente em volta, simultaneamente zangado e culpado. Ao ver o inalador na secretária dela, pego nele e dou-lho, mas ela dá uma sapatada na minha mão para o afastar.

– Menti sobre as pessoas da minha vida e sobre as partes de mim que finjo para os outros – explica-me. – Tudo o resto era verdade. Os filmes e a música, as minhas ideias e os meus sonhos, tudo o resto era verdade. O resto não era importante.

– Eu também confiei em ti – reparo. – Eu acreditei em ti.

– Sou tudo o que disse que era.

– Podes *dizer* o que quiseres – respondo. – Isso não faz com que seja verdade.

Ryen baixa a cabeça, e inspira de forma trémula pelo nariz, claramente tentando acalmar-se e recuperar o controlo sobre o corpo dela. O inalador cai ao chão. Quem me dera que ela pegasse naquela merda. Está a deixar-me nervoso.

– Quando te escrevia aquelas cartas era o meu verdadeiro eu – diz ela baixinho. – Eu era tudo o que queria ser.

E eu consigo perceber isso. Sem dúvida, há pequenas coisas que não lhe contei, pois queria ser livre com ela, como não conseguia ser em casa. Mas ela tem de saber que, mesmo que o que fiz tenha sido de doidos e apesar de as coisas terem descambiado, também me magoou ser enganado. Descobrir que a pessoa de quem se gosta e se pôs num pedestal é fútil e má para o resto do mundo.

– E quando tu me escrevias – pergunto-lhe –, dizendo-me para enfrentar o meu pai, para acreditar em mim, manter-me fiel a mim mesmo sem arrependimentos... Porque me dirias essas coisas quando tu mesma não as seguias?

Ela desvia o olhar, mas eu não recuo. Olho fixamente para ela, mantendo-a refém. *Para quê pregares-me todas as coisas que não tinhas coragem de fazer?*

– Hein? – insisto, baixando a cabeça para encontrar os olhos dela.

– Porque... – murmura, evitando o meu olhar. – Porque querem-se coisas boas para as pessoas que... – ela respira rapidamente, praticamente a sussurrar – se ama.

Sustenho a respiração. *Céus, o que é que ela me está a fazer?*

Daria tudo – tudo – para a ter nos meus braços neste momento.

Levanto a mão para lhe acariciar o rosto, a minha boca a um par de centímetros da dela.

– Ryen, por favor...

As lágrimas e soluços baixinhos recomeçam, e tento confortá-la, mas ela afasta-me.

– Oh, meu Deus – grita ela, levantando as mãos para me manter afastado. – Não consigo olhar para ti agora. Não consigo processar isto. Sinto-me enjoada.

– Ryen, por favor – imploro, sentindo a dor no meu peito espalhar-se. – Eu amo-te...

– Oh, Deus! – interrompe-me ela. – Sai daqui!

Estremeço, com os olhos marejados de lágrimas. Sinto que o meu coração se despedaça.

Vejo-a a enterrar a cabeça nas mãos e a ficar ali, destroçada.

Não há maneira de conseguir voltar atrás e mudar o que aconteceu. Embora ela possa ter sido péssima para os outros, sempre foi uma boa amiga para mim, e eu não posso dizer o mesmo. Ela exasperava-me e chateava-me, mas eu estraguei isto. Sou responsável.

Dobro-me e pego no inalador, colocando-o na secretária no caso de ela precisar dele.

E depois volto a sair pela janela e dirijo-me ao Cove. Não vou para casa. Não vou a lado nenhum até ela ser minha.

3 A Mão que Governa o Mundo. (*N. do T.*)

4 E bandos de anjos cantam para o teu descanso. (*N. do T.*)

5 És a Minha Tribo (*N. do T.*)

CAPÍTULO 16

RYEN

– Onde estavas hoje de manhã? – pergunta Ten, com um toque de preocupação na voz.
– A Lyla disse que faltaste ao treino.

Percorro o corredor da escola com ele ao meu lado, mal dispondo de tempo para ir ao meu cacifo e correr para o andar de cima para a aula de Educação Visual antes do primeiro tempo. Ele caminha junto a mim.

– Estava cansada. – Puxo a pala do boné um pouco mais para baixo para esconder a vermelhidão dos meus olhos.

– Adormeceste? – O tom dele é de confusão. – A treinadora vai obrigar-te a correr à volta do pavilhão por causa disso.

Tenho a certeza de que ele tem razão. Mas neste momento não consigo importar-me com isso.

Enquanto tomava duche, secava o cabelo com o secador e me maquilhava esta manhã, o meu cérebro continuava a vaguear para Misha, e comecei a chorar outra vez. Não conseguia manter o rímel no sítio, por isso desisti e peguei num boné.

Tenho os olhos a arder e as minhas pálpebras querem fechar-se para sempre. Pestanejo com força devido à fisgada de dor que se infiltra no meu crânio entre os olhos e agarro ainda mais a alça da pasta, esperando mais do que tudo que ele não esteja cá hoje. Se não consigo pensar nele sem chorar, certamente não vou conseguir olhar para ele.

Ao virar na direção do meu cacifo, vejo um grupo de alunos à minha frente, alguns deles parados para ler algo na parede e outros a tirar fotos. Olho para cima, reconhecendo de imediato a letra da música de Eminem.

Sinto a garganta a picar e desvio o olhar. Ele pode ir para o raio que o parta. Ele não gosta daquele *rapper* e, embora eu goste, citar as canções dele não vai fazer com que eu mude de ideias.

– Ora muito bem – diz Ten, com um ar pensativo. – Pensava que ele tinha sido apanhado, ou assim. Andava a cortar-se nas mensagens.

Caminho para o meu cacifo e começo a rodar a combinação. Ten segue-me, mexendo no telemóvel.

– «Love the Way You Lie», do Eminem – diz ele. – Ei, agora anda a falar na tua língua.

Forço um pequeno sorriso para que Ten veja. É a única pessoa na minha vida com

quem me é fácil estar, e não quero que saiba que se passa algo de errado. A nossa amizade não é complicada.

E, muito sinceramente, ele tem sido bom para mim. Posso não ter a certeza onde reside a lealdade dele, mas está aqui agora. Sinto-me grata por isso.

Esvazio a pasta, enfiando no cacifo os livros que levei para casa durante o fim de semana e retirando o que preciso para esta manhã. Não vi nem falei com Misha desde a nossa discussão, e ainda estou em choque. Sinto-me zangada, mas também triste. Seria de pensar que a realidade de Masen ser Misha já tivesse assentado e cristalizado em ódio.

Mas não. Sinto-me magoada.

– Estás bem? – pergunta Ten, aproximando-se e olhando-me no rosto. – Parece que estiveste acordada a noite toda, e *não* a dormir demais.

– Estou ótima.

Acabo de retirar as minhas coisas e fecho o cacifo. Ten e eu avançamos pelo corredor. Mas é então que olho para cima e vejo mais coisas escritas na parede.

*

Era tudo real.

*

Inspiro e prendo a respiração, sentindo o peito a tremer com um soluço. Está escrito a tinta preta, e letras grandes, rodeadas de riscos tortos pintados a azul – a minha cor favorita – e púrpura. Paro e fico a olhar para aquilo, sentindo um peso nos ombros.

Ele forçou a entrada na escola durante o fim de semana e fez isto.

– O que se passa contigo? – sussurra Ten, desta vez parecendo mais preocupado. – Diz-me a verdade.

Seco uma lágrima dos olhos antes que tenha hipótese de cair.

– Nada – digo, forçando a voz a permanecer firme. – É só a minha irmã que me tem andado a chatear por misturar outra vez a roupa branca com a colorida na máquina de lavar, por isso, sabes como é...

Ele ri-se, mas consigo perceber que não acredita na desculpa.

Viro rapidamente à direita para as escadas.

– Vejo-te ao almoço, *okay*?

– Ryen?

Mas continuo a caminhar, subindo as escadas a correr e parando brevemente quando vejo outra mensagem escrita na parede, lendo-a ao passar por ela.

*

Não queria mentir, mas queria cada beijo.

*

Maldito seja. Desato a correr.

Não devia ter vindo à escola hoje. Esperava que ele tivesse voltado a Thunder Bay, mas deve ter pintado aquelas mensagens ontem à noite. Há demasiadas pessoas na

escola durante o fim de semana e demasiadas hipóteses de o pessoal ou os empregados de limpeza terem retirado tudo isto das paredes até hoje de manhã se ele o tivesse feito mais cedo.

Não. Ele ainda estava em Falcon's Well ontem à noite.

Quero que se vá embora. Não consigo travar o meu coração e o que ele quer apesar da dor, mas tenho poder sobre o que fazer com esses sentimentos. Tudo o que lhe disse – sobre Misha e como não gostava da minha música e aquilo no *drive-in* e todas as coisas que ele queria saber se eram verdade – já ele sabia dessa merda toda das minhas cartas. Que giro, estar ali sentado e fazer-me as vontades para me ver nua.

Aproximo-me da porta e ponho-me em bicos de pés, espreitando pela janela. Ele está sentado no lugar dele, com um auricular na orelha enquanto faz girar uma caneta nos dedos e olha para um caderno.

Deixo-me cair para baixo.

Fantástico. Seria de pensar que ele ia recuar, pelo menos por um bocado. Não é como se precisasse de estar na escola, de qualquer forma. Misha escreveu-me no outono passado e disse-me que tinha créditos suficientes para se formar mais cedo, por isso, se não veio para cá por mim, então por que raio brinca aos estudantes quando não precisa de o fazer?

O que o traz realmente aqui?

Abro a porta para trás e dirijo-me até ao meu lugar, tentando não olhar para ele, mas sentindo já os seus olhos em mim.

Ele é tudo em que consigo pensar e a memória do laboratório de Física atinge-me de repente, a sensação das minhas pernas enroscadas no corpo dele e o *piercing* dele entre os meus lábios.

Ele não pode estar aqui. Eu não consigo fazer isto. Sinto lágrimas nos olhos.

Mas depois alguém está na fila e vira-se subitamente na minha direção, e algo molhado e cor de laranja vem contra mim, cobrindo as minhas mãos e *T-shirt*.

– *Aargh!* – rosno, inspecionando as minhas mãos e roupa.

Manny Cortez afasta-se rapidamente, levando a sua taça de barro acabada de pintar com ele.

– Lamento! – exclama, parecendo assustado.

– Bem vais lamentar – ameaço, apontando para trás dele. – O forno é para ali, idiota. Precisas de um mapa?

Ele estremece, baixando os olhos quando os outros em volta dele se começam a rir. Sinto o estômago embrulhado e cerro os dentes para travar o choro enquanto passo por ele, empurrando-o, e corro para o meu lugar no fundo da sala.

Ele afasta-se, correndo para a sala de apoio.

Deixo cair a pasta, sento-me no meu lugar e saco do meu bloco de desenho e lápis. Sinto a presença pesada de Misha ao meu lado.

– Pois, eu sei – disparo, sem olhar para ele. – Sou uma puta maldosa, certo?

– Não – diz ele baixinho, olhando em frente. – Apenas fraca e estúpida. E eu desfazia-te em frente a toda a escola se não tivesse tanta certeza de que já te sentes um monte de merda por dentro.

Quebro, com o queixo a temer.

– Muito bem, vamos começar! – diz a professora Till.

Mas o meu estômago está a tremer com os soluços que não consigo expelir. Ele tem razão. Isto é quem sou.

E ambos sabemos.

– Ryen, estás pronta para falar sobre o teu projeto e em que ponto vais? – pergunta a professora.

Mas limito-me a arrancar peles do polegar, com as mãos pousadas na secretária em frente a mim. Tudo o que está em cima da mesa começa a ficar desfocado.

Passei-me com Manny porque ele é um alvo fácil. Porque é mais fraco do que eu. Porque é a *única* coisa mais fraca do que eu. Todas as outras pessoas veem através de mim e Misha sente nojo de mim. Odeia-me.

– Ryen?

Quem eu sou e o facto de ninguém gostar de mim não é culpa de Misha. Eu fiz isto. Eu sou estúpida, fraca e um desperdício.

Sinto as lágrimas a formarem-se e engasgo-me num soluço de choro. Baixando a mão, pego na pasta e penduro-a no ombro à medida que atravesso a sala, evitando os olhares e murmúrios quando abandono a sala de aulas.

– Ryen?

Mas, mal chego ao corredor, deixo as lágrimas cair e corro para a casa de banho.

.

– Onde estiveste? – atira Lyla quando se junta a mim na fila para o almoço. – Faltaste ao treino da manhã e o Ten disse que te viu antes do primeiro tempo, mas depois ninguém te viu desde então. E andam por aí uns rumores a dizer que desataste a chorar na aula de Educação Visual?

O tom dela parece enojado, e nem sequer olho para ela quando pego numa salada e num pacote de molho. Não tenho fome, e sinto os membros cansados e pesados, mas já não me posso esconder mais na biblioteca. Sinto-me como se estivesse a perder tudo e preciso de resolver as coisas e ultrapassá-lo.

– O Trey meteu-se em apuros dos grandes este fim de semana – diz ela, como se fosse culpa minha.

Bem, até que é, embora ela não tenha como saber.

– Todos nós, incluindo a equipa toda – continua ela – fomos até à casa dele depois do jogo de sexta-feira à noite. A madrastra dele subiu ao primeiro andar, voltou a descer, e expulsou toda a gente.

A voz dela arranha-me os ouvidos.

Mas ela continua a insistir.

– Coisa que saberias se estivesse por perto.

– Não quero saber – digo com firmeza, virando-me para ela, incapaz de me controlar. – Percebeste? E estou farta que aches que deva. Agora deixa-me em paz.

Ela afasta-se, lançando-me um olhar como quem diz «mas que raio?» e semicerra os olhos, parecendo zangada.

– Queres que te deixe em paz? – pergunta. – Posso fazer isso. Podemos *todos* fazer isso, pois estamos fartos das tuas merdas. – Os olhos dela percorrem-me o corpo, inspecionando-me como se eu não passasse de um monte de porcaria. – Sempre a desaparecer, a tratar o Trey como merda... e não penses que ninguém reparou nos

olhinhos que tu e o Masen Laurent andam a trocar um com o outro. Se queres brincar com aquele pedaço de lixo, fá-lo discretamente, pois eu não vou agir como se gostasse disso.

Aperto a embalagem de salada na mão e dou um passo em frente, em direção a ela.
Putá.

Mas é então que um tipo se mete entre nós, o amigo de Misha com a crista, e tira uma uva de uma taça de fruta. Atira-a para a boca, olhando para Lyla.

– Olá, querida. Queres foder?

Ela faz uma careta e eu quase rio pelo nariz. Mas que raio?

Ela abre a boca, olhando para o tipo da crista, mas depois vira-se – provavelmente tendo perdido o fio à meada – e volta em passos pesados para de onde raio quer que tenha vindo.

O tipo da crista vira-se para mim, pisca-me o olho e vai-se embora.

O que raio foi aquilo?

Passo uma mão sobre os olhos, ajeito o boné de basebol e sinto uma vontade súbita de me enfiar num duche quente e ficar lá durante um ano.

Virando-me novamente para a fila do almoço, vejo Misha do outro lado e sobressalto-me, sentindo o coração aos pulos.

– Preciso de falar contigo – diz ele.

Contorno-o e continuo a avançar na fila.

– Não te quero aqui, Masen. – E depois paro, corrigindo-me. – Misha. Vai para casa. Volta para Thunder Bay.

– Não posso. – Ele vem atrás de mim, assentando as mãos no balcão, bloqueando-me os movimentos. – Não tenho vida lá se não estiveres nela. Fazes parte de tudo de bom que jamais fiz, Ryen. Por favor.

As pessoas avançam na fila e contornam-nos, continuando em direção à caixa. Quero empurrá-lo para longe de mim, mas já consigo sentir olhares sobre nós, e não quero fazer uma cena. Talvez esteja a ser paranoica, mas sei que não estou. Lyla anota tudo o que faço.

– Estás na música. – O tom grave da voz dele cai-me no ouvido. – Tornaste-me mais forte. Não farei nada com a minha vida se não estiveres nela. Desculpa. Nunca quis nada disto...

– Partiste-me o coração – interrompo-o, virando-me e olhando-o nos olhos. – Olho para ti e não vejo o Misha. – A tristeza arde-me nos olhos e não me importa que ele consiga ver. – Todos aqueles anos, todas as cartas, afastam-se cada vez mais da minha memória. Como se sexta-feira à noite tivesse enevoado tudo.

Misha estreita o olhar.

– Estragaste tudo – digo-lhe. – Toda a história. E, em breve, mal me lembrarei de ti ou de como éramos amigos.

Abandono a minha comida e empurro-lhe o braço, dirigindo-me para onde Ten está sentado.

Não sei se tudo o que disse a Misha naquele momento é verdade, mas a minha cabeça está permanentemente enevoada. Sinto os meus sentimentos turvos e talvez precise apenas de uma longa sesta, de umas longas voltas na piscina ou de uma longa viagem de carro para arejar a cabeça.

Tudo o que sei é que não consigo olhar para ele. Raios, acho que neste momento nem sequer consigo olhar para mim mesma.

Sento-me à mesa e roubo uma das batatas fritas de Ten, mordiscando-a só para ter algo que fazer.

– E os teus pais? – pergunta J.D. a Trey, obviamente a meio de uma conversa.

– Mais vale pedir perdão do que permissão, certo?

– De que estão a falar? – pergunto.

Trey olha para mim, e consigo sentir o gelo na linguagem corporal dele.

– Vou dar uma festa, lembra-te? – O tom dele é seco. – Os meus pais vão passar a noite fora da cidade, mas não disseram que não podia convidar pessoas para irem lá a casa. Calculo que já não possas ir.

Diz aquilo como se já soubesse a resposta, e ouço Lyla e Katelyn em risadinhas contidas.

Uma festa. Olho por cima do ombro, vendo Misha sentar-se com todos os amigos dele, e não me escapa o olhar glacial que me vota.

– Vai haver bebidas? – pergunto, virando-me de novo para a minha mesa.

– Claro que sim. Montes de bebidas. – Trey mostra um sorriso malicioso.

– Muito bem. Se calhar é disso mesmo que preciso.

Ele sorri, e Ten bate-me na pala do boné, na brincadeira.

– Agora sim!

.

Ten e eu atravessamos o relvado dos Burrowes, passando pelo caminho de acesso e pela rua que já estão à pinha. Visões da última vez que estive aqui aceleram o meu batimento cardíaco e sinto-me um pouco estranha quando entro na casa.

Porque é que Misha teve de revistar esta casa naquela noite? O que faz em Falcon's Well? Fiquei tão consumida com a revelação deste fim de semana e com lidar com os meus colapsos da treita que nem sequer pensei realmente no porquê de ele aqui estar. Estava demasiado ocupada a sentir-me traída.

O que é que ele disse? Algo sobre vir aqui à procura de alguma coisa e depois desatámos a gritar um com o outro e as coisas perderam o rumo, uma coisa levou à outra, *blá, blá, blá...*

Pois. Eu e Ten roubámos-lhe as coisas no Cove e fui eu quem o assediei no refeitório naquele primeiro dia, mas ainda assim ele estava aqui. Sabendo que eu também cá estava. E escondido à vista de todos. Ele devia ter confessado tudo quando o beijei na carrinha na lavagem de carros.

– Merda, olha só para a quantidade de gente que está aqui. – Ten ri-se quando entramos.

O espaço está cheio de colegas de turma, apinhados na sala de estar e pelas escadas acima, e olho para o fundo, para o pátio lá fora, e vejo a piscina e o terraço também a abarrotar. Há pessoas a dançar e a beber e ouve-se música aos berros a sair das colunas dispostas pela sala.

Muitas distrações.

Tenho o biquíni por baixo dos meus calções de ganga e *T-shirt*, embora não tencione realmente entrar na piscina. Mas Ten disse que talvez o fizesse, e não vou sair

do lado dele, portanto...

Estou a tentar não pensar no facto de Trey ser um pedaço de merda pervertido ou como Lyla ficaria encantada por me ver cair do meu pedestal esta noite. Se ficar com Ten, talvez beba um copo, dance e ria, e fique sedada o tempo suficiente para esquecer as últimas semanas por uns míseros cinco minutos. Preciso disto. Preciso de fazer algo para voltar a sentir-me normal.

– Duvido que ele consiga ir ao baile de finalistas, miúda – diz-me Ten. – Se os pais dele não o proibiram até agora, vão fazê-lo depois disto.

– Não estou preocupada. – Nem sequer sei se ainda vou, e não vou com Trey, sem dúvida.

Vamos até lá fora e servimo-nos de umas cervejas do barril, mas quando Ten levanta uma garrafa de *tequila*, eu volto a pô-la para baixo.

– Nada disso. – Abano a cabeça.

– Porquê?

– Estou de carro – lembro-lhe. – Tu, estás à vontade. Eu fico-me pela cerveja.

Encolhe os ombros e serve-se de uma pequena quantidade num copinho de plástico. Estremeço, sentindo o odor pungente. Já bebi *tequila* antes, mas aquela não está gelada. Como é que ele consegue fazer aquilo?

Lambe o sal da mão, bebe o *shot* e faz uma careta antes de enfiar o limão na boca.

Rio-me. Conheço-o há tempo suficiente para saber que normalmente gosta do álcool dele misturado com *Coca-Cola* ou sumo, ou algo assim.

– Vamos! – Puxa-me atrás dele. – Vamos dançar.

Sorrio, pegando na minha cerveja e sentindo-me já um pouco melhor enquanto me leva até onde está a música. Ouve-se «Dirty Little Secret» a tocar, e o calor da cerveja que me atinge o estômago infiltra-se nos meus membros, enquanto beberico a minha bebida e me junto aos outros, perdendo-me no barulho e na excitação.

Durante a hora seguinte, não fazemos nada a não ser dançar. Ele substitui o meu copo vazio por uma garrafa de água e outra cerveja, e certifico-me de que foi ele quem a serviu. A ligeira sensação agradável que senti com a primeira limou as arestas, mas penso que é mais a música e a energia de todos à nossa volta que é intoxicante.

Saltamos para cima e para baixo, rindo e dançando, e Ten sussurra-me ao ouvido.

– Sentes-te melhor agora?

Assinto com a cabeça, berrando por cima da música:

– Sim! Muito mais relaxada, na verdade.

– Pois, dizem que o álcool não é a resposta, mas é bom ser capaz de desligar o cérebro por um bocadinho.

Acabo a minha bebida e atiro o copo para o chão, pegando na garrafa de água para beber durante o resto da noite quando Ten se junta a mim no bar.

– Mais um? – pergunto, servindo-lhe um *shot*.

Sorri, bebendo-o de um só trago, desta vez sem o sal nem o limão.

Encosto-me a ele, cheirando-lhe a água de colónia estonteante. Sinto-me bem por estar aqui para ele, para variar.

Mantenho toda a gente – os meus amigos, a minha irmã, a minha mãe – à distância, pois comecei a acreditar que ninguém poderia realmente gostar de mim por mim. Foi por isso que tive de mudar. E qualquer atenção que a minha família ou Ten

me deram era simplesmente a fingir.

Daí amar tanto Misha. Não era distante. Era próximo e real, e a sensação era ótima.

Mas ainda há coisas boas à minha volta, apesar do que fiz para as manter à distância. Têm estado à minha volta o tempo todo.

Ten afasta-se e volta a pegar na garrafa, agarrando no saleiro e virando-se para olhar para mim. Observa-me de alto a baixo, torcendo os lábios para o lado.

– O que foi? – pergunto.

Ele aponta-me o queixo, com um sorriso nos lábios.

– Abre as pernas.

Hã?

– Anda lá – provoca-me, abanando o saleiro. – Quero saber a que sabes.

Rio-me, arregalando os olhos.

– Não, mas não mesmo.

– Por favooooor?

– Não! – exclamo, praticamente a rir-me na cara triste dele.

Não há como! *Não* vou fazer isto.

Nem pensar.

CAPÍTULO 17

MISHA

Malcolm dá a batida, sinto a bateria a vibrar debaixo dos meus pés, e Dane entra suavemente, tocando a transição enquanto eu conto o tempo na guitarra, apoiado por Lotus.

Berrando a letra, sinto-me atingido pela euforia ao fechar os olhos.

*

Marca-o, diz a cheerleader

Prometo que voltamos aqui.

Antes tenho merdas a fazer. Não esperarás muito.

*

Não consigo obrigá-la a ficar,

e não consigo vê-la partir.

Vou guardar o coração infernal dela,

e marcá-lo antes que enregele.

*

Malcolm está impecável, mantendo a energia lá em cima, e sinto o suor a escorrer pelas minhas costas enquanto saboreio a adrenalina de voltar a tocar. O Sticks, um dos pontos de encontro favoritos de Thunder Bay, tem estado fechado para remodelação há mais de um mês, mas os donos continuam a não se importar de nos deixar usar o espaço quando precisamos de ensaiar sem público.

A guitarra de Dane geme quando ele interrompe a nota e para de tocar.

– *Okay*, parem, parem, parem! – diz. – Acho que devíamos cortar na ponta, acrescentar um *riff*. – Aponta para Malcolm na bateria. – Apoia-me com algo criativo, antes de voltarmos a mergulhar nas vozes.

– Mantém a energia alta – digo.

Mas limita-se a torcer o nariz, tipo *dah*.

– Pois, eu sei do que gostas.

– *Okay*, conta – diz Lotus, mas levanto a mão, puxando a tira da guitarra por cima da cabeça.

– Estou com sede.

Saio do palco e vou até uma das mesas, dando um gole na garrafa de água.

Está uma miúda atrás do bar – uma das filhas do dono, acho – com o queixo apoiado na mão enquanto olha para mim. Deve ser da minha idade. Talvez um ano mais nova.

É parecida com Annie. Cabelos louros, nariz espetado, ombros estreitos... Mas Annie nunca me ouviu tocar. Não é que não me apoiasse. Estava era demasiado ocupada para se interessar. É claro que eu podia dizer o mesmo sobre mim e os *hobbies* dela. A única razão para ter assistido a tantos jogos de voleibol feminino foi por ela me pedir para ir. Precisava de pessoas que sentissem orgulho nela, e eu sabia porquê.

A rapariga sorri-me e eu devolvo o sorriso e apresso-me a desviar o olhar.

Em tempos, poderia ter feito o meu tipo. Gira, suave, doce. Mas a mera memória da respiração nervosa de Ryen sobre os meus lábios antes de me ter beijado pela primeira vez na carrinha desperta-me o corpo. Ela é um pequeno caos complicado e temperamental, mas excita-me.

Pego no telemóvel para ver se tenho alguma mensagem. Estou à espera de qualquer coisa. Uma tirada. Insultos. Uma mensagem mazinha, dizendo-me para me ir foder.

Mas nada. Sei que devia deixá-la em paz e dar-lhe espaço. Mas há tantas coisas a dizer ainda, tanto que ela não sabe, e preciso de lhe contar antes que me afaste de vez.

Talvez aceite encontrar-se comigo. Amanhã, em minha casa, e posso contar-lhe tudo. Não a quero encurralar, mas talvez me dê uma hipótese se me abrir com ela e esclarecer tudo.

Clico na *app* do Facebook, escrevo o nome dela e sigo até ao seu perfil, decidindo que lhe vou enviar uma mensagem e deixar a bola do lado dela. Tenho de tentar. Se não aceitar, então espero o tempo que tiver de esperar.

Mas, quando abro o perfil dela, vejo um vídeo onde está identificada, e hesito. Sem me dar tempo para pensar, clico no vídeo, reparando que foi publicado há poucos minutos.

Ryen está à beira de uma piscina, rodeada por gente a beber e a dançar, com uma das coxas virada para fora enquanto um tipo qualquer se ajoelha entre as pernas dela.

Mas que raio?

Olho enquanto ele se baixa, dando uma longa lambidela no interior da coxa, enquanto ela se desata a rir e toda a gente aplaude.

O parvalhão está de costas para a câmara, bebe um *shot* enquanto a multidão o incentiva e Ryen ri-se, enfiando meia rodela de limão na boca e convidando-o a chupá-la da boca dela.

A música está aos berros, e Ryen põe os braços em volta dele, as bocas de ambos tocando-se antes de ela se afastar e começar a abanar o corpo ao som da música.

– Filha da puta. – Cinjo o telemóvel na mão, percorrendo os comentários até perceber que a festa é em casa de Trey. Ela está em casa dele?

E também andam a partilhar este vídeo de um tipo qualquer a lambê-la.

– O que se passa? – pergunta Dane.

Pego nas minhas chaves que estão em cima da mesa e enfio o telemóvel no bolso. Por que diabo está ela numa festa em casa daquele parvalhão, e com quem é que anda

a curtir?

– Vamos – atiro aos rapazes.

– Onde?

– Explico na carrinha.

Percorro a sala de bilhar, ouvindo-os a pousar os instrumentos e a seguirem-me. Quando chego lá fora, subo para a cabina da carrinha. Dane entra para o lado do passageiro e Lotus e Malcolm saltam para a caixa aberta atrás de nós.

Ligo a ignição e sigo a toda a velocidade do Sticks para a via-rápida. Carrego no acelerador, determinado a fazer a viagem de cinquenta quilómetros em dez minutos. Ela está mesmo a beber em casa dele? Ela tem de saber o quão estúpido isso é.

Ela quer festa? Muito bem. Quer espaço? *Okay*. Mas aproximar-se daquele parvalhão ou ser o entretenimento de um merdinhas excitado qualquer que lhe quer tocar é provocar-me demasiado. Ryen não alinha em *body shots*, caramba. Está a tentar irritar-me, e está a conseguir.

E penso em Annie e no que fez a si própria, porque também não estava a pensar em condições.

Quando chegamos à casa de Trey Burrowes, estou mais acelerado do que alguma vez estive, mas sei que se entro lá armado em bom ela vai ripostar, e saio de lá sem ela.

Saímos da carrinha e consigo sentir as vibrações da música na rua. Ouve-se a canção «Bad Girlfriend» a tocar e olho em volta, vendo as casas a uma boa distância umas das outras, mas em algumas delas devem conseguir ouvir este barulho. Estou tentado a chamar a polícia, se é que já não foram chamados, só para acabar com a festa e mandar Ryen para casa. Mas não. Vou deixá-la escolher.

Enquanto nos dirigimos até à casa, um grupo de raparigas passa por nós a correr nas escadas, rindo e indo contra a parede enquanto tropeçam nos degraus.

– Boa – ri-se Lotus, fazendo de conta que vai atrás delas.

Mas agarro-lhe o rabo de cavalo preto e puxo-o de volta. Não estamos aqui para isso.

– Olá, meu. – J.D. vem ter connosco, dando-me um aperto de mão. – Ainda bem que apareceste. Vieste armar confusão?

Rio para mim mesmo, sabendo que ele sabe que preferia engolir agulhas em vez de estar nesta casa.

– Não estava nos meus planos. Viste a Ryen?

Abana a cabeça.

– Não nos últimos quinze minutos. – E depois semicerra os olhos na minha direção. – Vais dizer-me o que se está a passar entre vocês?

– Não.

Ele ri-se.

– *Okay*. – E contorna-me para entrar na sala de estar. – Vou estar por perto. Se precisares de mim.

Assinto com a cabeça e volto a olhar para a festa, percorrendo a multidão com o olhar à medida que entramos na sala.

– Ora muito bem – diz Trey, saindo do meio da multidão para se aproximar de mim. – Mas o que raio temos aqui?

Está rodeado por uns quantos amigos e eu reteso-me, mantendo uma expressão dura enquanto o miro.

– Queres meter-te em sarilhos? – diz. – Nós podemos meter-te em sarilhos.

Sinto os meus colegas de banda aproximarem-se e o olhar de Trey desvia-se para eles, apercebendo-se finalmente que não estou sozinho.

– Mas não na casa dos meus pais – clarifica, subitamente nervoso.

Basta.

– Onde está a Ryen? – exijo saber.

Ele ri-se.

– Procuraste num dos quartos lá em cima? Aquela provocadora hoje bebeu álcool, por isso pode estar finalmente a dá-la. Mal posso esperar pela minha vez.

Atiro-me a ele e agarro-o pela gola da *T-shirt*, fazendo com que ambos os nossos grupos se cheguem à frente.

Mas reparo em algo pelo canto do olho à minha esquerda, e olho para baixo, vendo uma pulseira que envolve o punho de Trey.

E na pulseira, seguro por duas tiras, está um relógio antigo *Jaeger-LeCoultre*.

Sinto o coração a bater nos ouvidos.

– Onde raio arranjaste esse relógio?

Franze as sobranceiras e eu sacudo-o, sentindo a bília a subir pela minha garganta. Ele não o recebeu dela. Ela não lho teria dado. *Não.*

– Misha! – alguém chama por mim. Mas ignoro-o.

Tudo o que vejo é Trey.

– Misha? – murmura alguém. – Quem é o Misha?

A música continua a tocar, mas olho fixamente para ele, sentindo cada vez mais gente a rodear-nos.

Empurro-o para trás, largando-o enquanto cerro os punhos. Ela deu-lho a *ele*?

– Vai-te embora – ordena Ryen, que aparece ao meu lado.

Viro rapidamente o olhar para ela e fito-a de cima, pairando sobre ela.

– Não fales e não te mexas – atiro num tom duro, observando as mamas dela, claras como a água no biquíni e blusa de ombro descaído que assenta nela como o raio de um pedaço de *Kleenex* triturado. – Estás pelo Facebook inteiro, a abanar o traseiro e a fazer *body shots*. Não estou nada contente.

Ela arregala os olhos, chocada e a ficar furiosa.

– Desculpa?! – grita ela enquanto um par de raparigas solta umas risadinhas.

Mas volto-me, avançando para Trey.

– Onde é que arranjaste esse relógio, porra?

– Qual é o teu problema? – rosna-me ele. – Vai-te foder!

Puxo o braço atrás e dou-lhe um soco na cara, atirando-o ao chão. O local explode quando os amigos dele e os meus amigos se atiram uns aos outros e os participantes da festa começam a gritar e a saltar para fora do caminho. Atiro-me ao chão e saco as chaves do bolso, desembainhando o canivete do meu porta-chaves e inclinando-me sobre Trey. Toda a gente por cima de mim se passa e agarro no pulso de Trey enquanto ele se retrai com a dor estampada no rosto.

– Sai de cima de mim! – Trey tenta libertar o braço.

Mas eu enfio a lâmina romba entre a tira do relógio e o pulso e puxo com força,

cortando-o do braço.

– Misha! – ouço Ryen gritar, e levanto-me enquanto toda a gente tropeça à minha volta.

– Toda a gente quieta! – ouve-se uma voz masculina profunda a gritar atrás de nós.
– Desliguem a música!

Olho para trás e vejo dois polícias de uniforme preto a entrar na casa, um deles com as mãos em concha em volta da boca e a gritar.

Merda. Parece que alguém se queixou do barulho. A multidão espalha-se, correndo pelas portas de vidro deslizantes ou para a cozinha, onde provavelmente existe uma porta das traseiras.

Atiro o relógio e o porta-chaves a Dane.

– Leva a minha carrinha. Pega nos rapazes e vai!

Ele agarra tudo e avisa Lotus e Malcolm enquanto os dois polícias se ocupam a tentar impedir os miúdos de fugir. Os meus amigos saem pelas traseiras e desaparecem, enquanto eu permaneço quieto, olhando para o lado e vendo Ryen, surpreendendo-me que ainda esteja aqui.

Tem as faces coradas, mas os olhos estão fixos e firmes em mim. Não parece inebriada.

O que me levou a permitir que Trey me provocasse assim? Ryen não faria nada tão irresponsável como ficar bêbeda e seguir alguém até ao andar de cima. Eu estava só à procura de uma razão para lhe bater.

E então olho para o tipo atrás dela e reparo que se trata de Ten. Levo um momento, mas acabo por fazer a ligação. Cabelos louros, camisola azul... É o tipo do vídeo.

Caramba. Então entro por aqui dentro para bater num tipo que provavelmente está mais atraído por mim do que por Ryen. Fantástico.

– Ei! – grita Trey, pondo-se de pé. – Ele roubou-me o relógio!

Fico ali parado, mas saco do telemóvel e envio uma mensagem a Dane a dizer que provavelmente serei preso. Ele sabe o que fazer.

A música para e um dos polícias aproxima-se, posicionando-se entre Trey e eu.

– O que estás aqui a fazer, meu rapaz?

– A divertir-me.

– Ele tem o meu relógio – diz Trey entre dentes.

Mas limito-me a encolher os ombros.

– Revistem-me. Não tenho nada.

Trey aproxima-se, invadindo o meu espaço e lançando-me um olhar furioso, mas o polícia empurra-o para trás.

– Já estás em apuros suficientes – diz-lhe. – Afasta-te.

Mas Trey é uma parede. Não se aproxima, mas não se mexe.

– Ele não foi convidado, começou uma luta e roubou-me o relógio – volta a dizer.

Os meus lábios formam um pequeno sorriso.

O polícia olha para mim.

– Como te chamas?

– Não sei.

– Onde moras?

– Esqueci-me – respondo, continuando a olhar fixamente para Trey.

Ouço a respiração pesada do polícia, que começa a ficar zangado. Não quero ser difícil, mas o Parvalhão não pode saber quem eu sou. Não quero Misha Lare no radar desta cidade. Para já, não.

– Põe as mãos atrás das costas – ordena.

Faço como indica e contorna-me para me algemar.

– Espere, não! – argumenta Ryen.

Mas olho para ela, suavizando a minha expressão.

– Está tudo bem. Não digas nada.

Não lhes digas quem sou.

– Muito bem, vou levar este para a esquadra – diz o agente ao outro polícia, que está ocupado com o *walkie-talkie*. – Esvazia isto aqui e liga ao senhor e à senhora Burrowes.

O outro agente anui e volta ao rádio dele.

O polícia guia-me para fora da casa e eu olho para Ryen. Há um milhão de coisas que quero dizer.

Já terminei aqui. Vou para casa.

Serei o que tu quiseres, incluindo sair daqui se é o que precisas.

Amo-te.

Mas limito-me a olhar para Ten e digo:

– Certifica-te de que ela chega bem a casa.

*

Uma hora mais tarde, estou sentado na esquadra da polícia, já sem algemas. Recosto-me numa das cadeiras contra a parede, com as pernas esticadas e cruzadas no tornozelo, e os braços cruzados sobre o peito. Uma agente da polícia fala ao telefone atrás do balcão, e bato com o dedo debaixo do braço, tocando mentalmente a música que estávamos a ensaiar no Sticks esta noite.

Ao menos recuperei o relógio. Consegui ambas as coisas que queria quando vim para aqui, por isso devia sentir-me feliz.

No entanto, infelizmente, essas coisas que pareciam tão importantes há três semanas parecem agora um pouco triviais.

– Porque é que ele tinha o teu relógio? – ouço alguém perguntar.

Faço um movimento brusco, espantado, e olho para cima. Ryen está encostada ao canto junto à minha cadeira, provavelmente acabada de chegar do corredor desde a entrada.

– Aquele era o relógio que procuravas, certo? – insiste.

– Como é que vieste para aqui? – Levanto-me. – Não conduziste, pois não?

– Estou sóbria – responde. – Agora, responde à pergunta. O que estás a fazer? O que se passa?

Volto a virar o rosto para a frente, inclinando-me para trás na cadeira.

Sei que tenho de parar de evitar a conversa e não tenho motivos para não lhe contar, mas por onde começo? Quero que compreenda, mas também quero saber se conseguimos voltar para onde estávamos nas nossas cartas e para onde estávamos quando eu era Masen. Quero sair daqui sem a pena dela.

– Queres que confie em ti – vinca ela –, mas continuas a esconder-me coisas.

Viro-me para ela, abrindo a boca para falar, mas nesse momento três tipos descem o corredor e entram na esquadra, parando quando me veem.

Mexo-me para me levantar, mas o meu primo empurra-me para baixo.

– Desculpa, meu – apresso-me a dizer, odiando que ele tenha sido obrigado a vir até aqui.

Mas Will limita-se a sorrir-me.

– Ser preso é um ritual de passagem para um rapaz de Thunder Bay – brinca ele, cheio de orgulho.

Reviro os olhos. Os dois amigos de Will, Michael Crist e Kai Mori, estão atrás dele, parecendo divertidos com a situação.

Não me espanta que saibam. Há uns anos, eram eles quem reinava na minha cidade natal quando eram heróis do basquetebol do secundário, e ainda não deixaram a ribalta desde então. Simplesmente, trocaram a notoriedade pela infâmia.

Will cruza os braços no peito, lançando-me um olhar condescendente.

– Devias ter sido capaz de te safar disto sozinho, sabes? – repreende-me. – Observa e aprende.

Vira-se, dirigindo-se os três até ao balcão, sem dúvida com os seus melhores sorrisos estampados no rosto.

Ryen mexe-se à minha direita, mas permanecemos calados.

– Olá, chamo-me William Grayson III – diz Will à agente da polícia. – Agente Webber, certo? – Ela olha de um para os outros dois, mantendo-se alerta.

– O meu avô é o senador Grayson – diz-lhe ele –, e espero mesmo que ele seja a sua pessoa favorita no planeta. Sempre apoiou os agentes da polícia.

Rio para mim mesmo da sua voz suave, que provavelmente está a funcionar. Kai encosta-se ao balcão, calado mas com um pequeno sorriso no rosto, enquanto Michael, o base principal da equipa de basquetebol Meridian City Storm, permanece de pé, direito e intimidante.

Ele estica o braço.

– E eu sou Michael Crist.

– Oh, sim. – O sorriso dela alarga-se. – O meu marido é um grande fã seu.

– Só o seu marido? – pergunta ele em tom de brincadeira.

Ela cora e eu sinto vontade de vomitar.

A agente dá então um aperto de mão a Will e a Kai, expirando longamente, com um ar subitamente mais feliz e relaxado.

– Bom, o que posso fazer por vocês, cavalheiros?

Will encosta-se ao balcão, aproximando-se mais.

– Misha Lare Grayson também é neto do senador Grayson e o nosso avô consideraria um favor pessoal se permitisse que a família lidasse com o Misha.

Consigo sentir Ryen a ficar tensa junto a mim, e retraio-me. *Merda*. Sim, esqueci-me que também não lhe tinha contado *aquela* pormenor em particular.

Will continua, virando a cabeça na minha direção, e a agente segue o olhar dele.

– Ele é uma espécie de ovelha negra... por certo que consegue perceber isso – explica-lhe ele, enquanto os olhos dela miram os meus braços tatuados. – Nós vamos levá-lo de volta a Thunder Bay, e ele não voltará a Falcon's Well. Palavra de honra. Vamos escoltar este merdinha de volta a casa agora mesmo.

Cerro os dentes. Os olhos de Will brilham de riso.

A agente observa-me com atenção.

– Bom, o outro jovem alega que ele roubou um relógio – explica ela –, no entanto, não o tem com ele, e não temos testemunhas. Íamos deixá-lo ir de qualquer maneira, mas ele não nos disse onde morava nem o nome dos pais.

Will assente com a cabeça, endireitando-se.

– Confie em nós. Vamos levá-lo para casa.

Olha para os três homens, vendo os seus fatos pretos perfeitos, unhas limpas, e nem uma tatuagem à vista, por isso é óbvio que se tratam de cavalheiros íntegros.

– Muito bem – acaba por ceder. – Levem-no para casa e mantenham-no longe de sarilhos.

Eles dão-lhe um aperto de mão e afastam-se do balcão, parecendo cheios de si à medida que se dirigem a mim.

Salto da cadeira e fico em pé em frente a Will, olhando-o nos olhos e tentando manter a voz baixa.

– Eu sou a ovelha negra? – pergunto com um tom desafiador. – Eu sou a ovelha negra? Fui eu quem acabou de passar dois anos e meio na prisão? Como é que ela não sabe quem tu és? Porque é que não arregaçaste as mangas e lhe mostraste as tuas tatuagens?

Will ajusta o colarinho e punhos, aprimorando-se.

– Já te disse, nunca deixes ninguém ver as tuas cartas todas. Não te disse isso? Sou um lobo em pele de cordeiro. Eles não fazem ideia do que sou capaz, até ser tarde demais.

O amigo, Kai, ri-se baixinho ao lado dele.

– Bem te disse para não fazeres uma tatuagem no pescoço – repreende-me Will. – Não te disse isso? Viste como a manipulámos? Devias ter sido capaz de te safar a ti próprio se tivesses juízo.

– Não está no meu pescoço – argumento. – Está só, tipo – gesticulo para o meu pescoço – um bocadinho para cima e...

– Olá. – Ouço uma voz calma e profunda e olho para o lado para ver Kai a olhar fixamente para Ryen.

Michael segue o exemplo dele e aproxima-se dela.

– Então, esta é a que estava numa festa, sem ti, a fazer *body shots*, hein?

Ela faz uma careta e eu respondo:

– O Dane precisa de manter a boca calada.

Mas Michael limita-se a brindar Ryen com um sorriso matreiro.

– Se fosse a minha miúda, o traseiro dela ficava vermelhinho durante uma semana.

– Pois, eu não ameaço a minha miúda fisicamente, *okay*?

– E olha só onde ela andava.

Will empurra Michael para trás.

– Não lhe dês ouvidos – diz ele a Ryen num tom conciliador. – Ele não toca na miúda dele com um dedo. Ela tem espadas.

Kai ri-se baixinho do outro lado, mas o rosto de Ryen está contorcido de nojo. Ela olha para mim.

– Quem são estes porcos?

Dirijo-me à porta da frente, sabendo que todos me seguirão.

– O Will é meu primo. Estes são os amigos dele. Chamei-o para não ter de ligar ao meu pai.

– E como está a minha bebé? – pergunta Will atrás de mim, referindo-se à carrinha dele. Emprestou-ma quando foi preso há uns anos. Tive-a comigo enquanto estive preso, mas desde que foi solto que não a veio buscar, por isso, pensei que se esquecera dela.

– Espero que não a queiras de volta – digo-lhe. – Tenho algumas boas memórias naquela carrinha.

Olho de relance para Ryen, vendo-a corar.

– Sim, eu também – responde Will. – Acho que posso deixar-te ficar com ela por mais um tempinho.

Ryen olha em frente, fletindo o maxilar.

– Vou pirar-me daqui.

Ela empurra as portas mas chamo-a.

– Não. Preciso de falar contigo!

Mas ela continua a avançar para o *jeep*, estacionado ao lado de um edifício à esquerda do parque de estacionamento. Corro atrás dela, esquecendo-me de Will e dos amigos.

– Para! – Agarro-lhe nos braços e puxo-a até ela parar junto ao lado do passageiro do carro dela. – O que queres que te diga, hein? Que estraguei tudo? Sei que o fiz. Lamento.

Estou farto do despeito dela, e de como não cede um milímetro. *Diz só que tens saudades minhas.*

Seguro-lhe o rosto com as mãos.

– Olha para mim.

Mas ela empurra-me as mãos para baixo.

– Odeio-te. Deixa-me.

– Porquê? – pergunto, irritado. – Para poderes voltar àquela festa? De volta ao teu par do baile de finalistas? Também o vais foder?

– Talvez! – grita ela. – Talvez desça tão baixo quanto tu e teremos mais uma coisa em comum. Talvez não te odeie tanto.

Cerro os dentes, olhando para ela.

– Tu não me odeias. Tu amas-me e eu amo-te.

Dá-me um estalo tão forte que a minha cabeça vira para o lado e o ardor espalha-se pela minha pele.

– Não digas isso – diz, quase a rosar. – Eu quero o Masen. Ele não me ama. Ele só é bom para mim. – O tom dela é provocador, ficando ofegante e sensual. – Muito bom.

Não me escapa o significado do que ela diz. Não passei de uma foda. Ela gostava de mim quando eu era apenas isso. Quando não era Misha.

– Ai, sim? – Volto a olhar para ela, alinhando na brincadeira. – É isso que queres? – Avanço, agarrando a parte de trás das coxas dela e levantando-a. – O teu segredinho sujo que te fode na parte de trás de uma carrinha, escondendo-te para que os teus amigos emproados e fúteis não saibam como te satisfaço?

A respiração dela fica mais acelerada e hesita apenas um momento antes de levantar os braços e me agarrar os ombros. Inclino-me para baixo, beijando-lhe o pescoço e apreciando quando o estica para trás, abrindo-o para mim.

Mas depois vejo algo pelo canto do olho e apercebo-me que os rapazes ainda estão ali.

Michael e Kai estão no banco da frente de um *SUV*, Michael, no lugar do condutor, debruçado por cima de Kai para ver da janela dele, enquanto Will está parado junto à porta de trás aberta, com um ar divertido.

– A sério? – passo-me.

Michael e Kai viram-se depressa e Will aclara a garganta.

– Muito bem, estamos a ir. – Sobe para o carro. – Não te metas em apuros e embrulha-o. Não há fúria maior que o avô Grayson lidar com uma gravidez na adolescência.

As unhas de Ryen enterram-se na minha pele e fecho os olhos, levantando a cabeça e espetando a boca na dela enquanto ouço o *SUV* a arrancar dali.

Beijo-lhe os lábios, inalando-a e perdendo-me imenso no quanto preciso dela. A língua de Ryen roça a minha e os dentes dela mordem e mordiscam-me, levando-me de tal forma à loucura que nem consigo pensar.

– Ryen – digo num arquejo, encostando o membro nela enquanto lhe aperto o traseiro com demasiada força. Preciso de estar mais perto.

– Não devíamos fazer isto – diz ela, ofegante, quando lhe puxo a blusa para baixo e lhe toco em todo o lado que não está coberto pela parte de cima do biquíni.

– Não faças de conta que me vais dizer não. – Abro a porta do lado do passageiro.
– Sei que gostas *deste* meu lado.

Olha em volta, provavelmente nervosa com a possibilidade de nos verem, mas o parque de estacionamento está deserto. Dispo a minha *T-shirt*, deixando-a cair no chão junto à blusa dela e começo a desapertar os botões dos calções dela, avançando para outro beijo para calar qualquer protesto que possa congeminar.

Os calções caem ao chão e ela geme na minha boca.

– Senta-te no meu colo – digo-lhe, sentando-me e puxando-a para dentro do carro.

Ela entra e eu fecho a porta, deixando as nossas roupas do lado de fora. Leva a mão ao pescoço e desaperta as tiras do biquíni, deixando-o cair, e eu agarro-o e atiro-o para o lado antes de fazer o mesmo com a parte de baixo, puxando os fios que lhe seguram os lados.

– Ai, céus – digo com um grunhido, beijando-a outra vez enquanto pego no traseiro com uma mão e mergulho a outra entre as pernas dela. Está tão macia e molhada.

Ryen põe a mão entre nós e desaperta-me o cinto, e eu faço o melhor que posso, despiendo os *jeans* e tirando o pénis para fora enquanto tento não quebrar o beijo.

– Dá-me – geme ela. – Quero-o.

– Eu sei.

Tiro um preservativo dos *jeans*, rasgo a embalagem e coloco-o, segurando no meu membro com firmeza enquanto a puxo para cima. Esfrego-o no sexo dela e posiciono-me debaixo dela. Ela geme, já a menear as ancas em pequenos movimentos sensuais.

Encontro a entrada quente dela, movimento as ancas para a frente e enfio a ponta, e

ela faz o resto. Baixando-se, escancara as pernas o mais que o assento permite, e puxa-a para mim, enterrando-me bem nela.

– Foda-se, sim! – exalo.

Ela rola as ancas com pouca profundidade e depressa, em pequenos movimentos em oito, e mantém-se perto de mim, esfregando as mamas no meu peito. Consigo saborear a boca dela, embora os nossos lábios não se toquem.

– Diz o meu nome – sussurro. – Quem é que te está a foder agora?

Ela continua o ritmo, o traseiro lindo dela a ondular para dentro e para fora e o carro a encher-se de calor húmido.

– Sou eu quem te está a foder a ti – corrige-me. – E não quero saber de quem é a pila.

– Tretas.

– Podia ser qualquer um neste *jeep* – diz ela, mordendo-me o lábio. – Talvez até alguém daquela festa. Se não tivesses aparecido, estava a montar um caralho qualquer na mesma esta noite.

Enfio os dedos nas nádegas dela.

– Ias ser má?

Ela mia, anuindo com a cabeça.

– Mostra-me quanto, querida. – Levanto uma mão, apalpando-lhe o seio. – Como é que ias comer um estranho qualquer mais tarde?

Intensifica o ritmo, encostando-se para trás, para que eu consiga ter uma bela vista daquele corpo fabuloso a montar o meu. As mamas dela abanam com o movimento e fecho os olhos, deixando a cabeça cair para trás enquanto massajo o clitóris dela com o polegar.

– Ias fazê-lo vir tão bem – provoco. – Com uma ratinha tão doce como esta.

Os gemidos dela tornam-se cada vez mais altos e rápidos, e abro os olhos, vendo-a a olhar para mim. Mas, de repente, aproxima-se outra vez, enrolando os braços dela em volta do meu pescoço, e cobrindo a minha boca com a dela, beijando-me profundamente e com força enquanto me monta até ao objetivo final.

Venho-me, envolto nos braços, pernas e boca dela, e sentido a pele suada e macia dela colada à minha. Ela grita, o sexo dela a apertar-me com força quando se vem, mexe as ancas para a frente, recebendo-me uma e outra vez até relaxar.

Abraço-a até acalmarmos os dois, o calor praticamente insuportável. Não faço ideia de quanto tempo terei até ela voltar a deixar-me tocá-la, por isso vou aproveitar.

Ela pode ser um pesadelo, mas isto é muito melhor que qualquer sonho.

A respiração dela acalma, mas continua pendurada no meu pescoço, parecendo ter adormecido.

– Quem me dera que nos tivéssemos conhecidos na primária – digo baixinho, sorrindo para mim mesmo. – Teríamos brincado bem juntos. No recreio, quero dizer.

Levanta a cabeça e consigo ver-lhe a dor no olhar.

Envolvo o rosto dela nas minhas mãos.

– Eu conheço-te – digo-lhe. – Conheço-te agora. Não ias querer isto de mais ninguém. Porque antes de mim, só tiveste sexo uma vez. Há dois anos.

Ela franze o sobrolho, e consigo ver que tem os olhos marejados de lágrimas. *Sim, eu lembro-me da carta, querida. Estavas um caco, sentindo-te envergonhada e*

magoada, e eu queria matar o tipo.

– Toda a gente te disse para o fazeres e tu fizeste – murmuro. – Ele nunca mais falou contigo e foi por isso que esperaste por mim.

– Eu não estava à tua espera.

– Esperaste até sentires que era certo – respondo um pouco torto, sem paciência para as merdas dela. – Fiquei com ciúmes quando me contaste sobre a tua primeira vez. Foi aí que me apercebi que me sentia possessivo em relação a ti. – Olho-a nos olhos, com toda a certeza do mundo. – Quero tudo o que há em ti, Ryen, e sei que também me queres.

O corpo dela estremece um pouco e inclino-me para a frente, beijando-lhe a face.

– Mas adoro a forma como mentes.

CAPÍTULO 18

RYEN

No dia seguinte, ele não está na nossa primeira aula.

Sei onde mora, o que me faz recordar o momento em que reparei que ele deixara de escrever tantos meses atrás. *Posso ir ver se ele está bem se estiver mesmo preocupada. Ele sabe onde me encontrar se me quiser ver.*

Mas espera... Sou eu quem não o quer ver. Disse-lhe para se ir embora, e se ele foi?

Sei que ele nunca quis que as coisas chegassem tão longe, e acredito que lamenta, mas não consigo perceber nada. Fingir que se é outra pessoa já é mau. Andar à espreita mesmo debaixo do meu nariz sem eu saber é terrível.

Mas dormir comigo? Como pôde fazê-lo? Era o Masen ou o Misha naquela carrinha no *drive-in*? Algum dia iria contar-me tudo?

Não devia ter cedido ontem à noite. As emoções estavam ao rubro, sentia saudades dele, e quando me abraçou eu só queria parar de lutar por cinco minutos. Queria sentir-me bem com ele outra vez e esquecer.

Mas agora, a luz do dia é tão brilhante que quero voltar a enfiar-me debaixo dos lençóis. Toda a gente o ouviu a repreender-me na festa ontem à noite. Agindo como se eu fosse propriedade dele.

Podem não saber o que se passou entre nós, mas sabem que aconteceu *alguma coisa* para o deixar tão zangado comigo. E sabem que tenho andado a mentir sobre o assunto.

Engulo em seco e dirijo-me para o meu cacifo no balneário, junto a Lyla e Katelyn enquanto elas se vestem para a aula de Educação Física.

– Ei – digo, tentando forçar um tom alegre.

Mas Lyla não responde. Pelo contrário, levanta o nariz, cheirando o ar e queixando-se a Katelyn junto dela.

– Credo, os empregados de limpeza limparam isto ontem à noite? Cheira-me a doninha fedorenta em todo o lado.

Katelyn ri-se e eu fico tensa.

– Acreditas que aquela cabra nem se quer se deu ao trabalho de aparecer no treino outra vez esta manhã? – diz Katelyn, num tom alto o suficiente para eu ouvir. – Mas não faz mal. O rabo gordo dela estava a ficar demasiado pesado para apanhar.

Sinto um calor líquido percorrer-me as veias e ouço o meu batimento cardíaco nos

ouvidos. Viro-me para elas enquanto se vestem.

– Se me queres dizer alguma coisa, diz na minha cara.

Mas ambas ignoram-me como se eu não tivesse dito nada.

– Então, o J.D. alugou uma limusina? – pergunta Katelyn a Lyla.

– Ah, sim. Uma grande o suficiente para todos nós – responde, e fecham ambas as portas dos cacifos com um estrondo, passando por mim a caminho do corredor. – Vai ser épico. Especialmente sem a Ryen lá para empestar o carro.

O riso de deleite delas arranha-me os ouvidos e sinto lágrimas a formarem-se nos meus olhos, mas fecho a porta do cacifo com força, recusando-me a ceder.

Durante toda a aula de Educação Física mantenho-me afastada delas, sentindo a bolha delas a crescer lentamente e a pressionar-me para longe. Elas são elas e eu sou eu. Aqui, separada, sozinha, e excluída. Estou fora da bolha.

Outra vez.

Como cheguei aqui? O que vou fazer?

Depois da aula, tomo um duche e visto-me rapidamente, dirigindo-me ao meu cacifo antes do almoço quando o que quero mesmo é ir-me embora.

É mais fácil, não é? Em vez de enfrentar pessoas de quem não gosto e estar onde já não sinto pertencer?

Já estive nesta situação antes. A incerteza, o autodesprezo, a impotência... é tudo tão familiar. Mas da última vez, peguei nesses sentimentos e virei-os para fora, fazendo com que outros sentissem o que eu estava a sentir. O que não vi foi que esses sentimentos estavam a vir de pessoas que me faziam o mesmo. Senti e receei exatamente o que queriam que sentisse e receasse.

Desta vez não vou responder da mesma maneira. Sou melhor que isto.

Vou ser melhor.

Avançando pela fila do almoço, tiro um sumo de laranja do frigorífico e dirijo-me à caixa, mas sinto-me subitamente presa por dois braços de ambos os lados, impedindo-me de me mexer. O meu coração palpita, pensando que é Misha, mas, quando me viro, vejo Trey atrás de mim.

– Sabes, se querias sujo, eu poderia ter feito isso – zomba, olhando para mim de cima. – Mas talvez tenha sido bom que o Laurent te tenha vergado. Não demora muito para que cabrinhas como tu se tornem putas, mal ganhem o gostinho.

A minha respiração torna-se pesada. Mas que diabo acabou ele de dizer?

Ele ri-se:

– Devias ter visto o comboinho que fizemos com uma rapariga na semana passada. Ela tinha tipos em filinha. Foi tão bom.

Empurro o braço dele e pago o meu sumo, levando a minha bebida e os meus livros até uma mesa vazia o mais longe possível dele. Sinto olhares em mim vindos de todo o lado, como se as pessoas se estivessem a rir. Há muito tempo que não me sento numa mesa sozinha.

Abro o sumo e o meu caderno e mergulho nos meus trabalhos de casa de matemática que tenho de entregar amanhã, usando-os como um escudo para não parecer tão patética.

– Ninguém te quer aqui – diz uma voz feminina, e levanto a cabeça para ver Lyla. – Nem consigo comer, só de olhar para ti.

E pega no pacote de sumo de laranja e despeja-o no meu colo. Começo a arfar, saltando da cadeira quando a bebida gelada escorre pelas minhas pernas despidas abaixo. Lanço-lhe um olhar furioso e atiro as duas mãos para a minha frente, empurrando-a com força para trás.

Ela tropeça, deixando cair o pacote de sumo, mas endireita-se, empurrando-me de volta.

– Oh! – alguém grita. – Porrada!

O refeitório entra em erupção, com cadeiras a serem arrastadas no linóleo e pessoas a mudar de lugar para verem melhor.

Lyla tenta agarrar-me os cabelos, mas inclino-me para trás e dou uma sapatada nos braços dela para a impedir. Tenho a camisola e os calções colados à pele, e raiva a faiscar em cada músculo. Apronta-se para me atacar e eu preparo-me para me atirar a ela, para voltar a empurrá-la, mas, de repente, está uma parede à minha frente.

Uma parede de *T-shirt* branca e tatuagens.

Misha.

Trey posiciona-se à frente de Lyla e inclina-se para o meu espaço e de Misha, com um olhar desafiador.

– Sai da frente – exige ele.

– Obrigá-me.

Trey solta uma fungadela, sabendo que Misha não está a brincar, mas claramente sem disposição para o desafiar aqui em frente a todos. Sobretudo depois de ter levado uma coça da última vez.

– Se a queres, vais ter de passar por mim – afirma Misha, e ponho-me ao lado dele, recusando esconder-me.

O sumo de laranja está colado às minhas pernas e entranha-se nas minhas sapatilhas, e sinto dificuldade em ignorar os murmúrios à minha volta. Misha está a defender-me em frente a todos e, contra a minha vontade, sinto o coração a aquecer.

– Depois da escola – diz Trey. – No *drive-in*.

– *Nah*, vou estar ocupado esta noite – responde Misha.

Trey ri-se, olhando para os amigos, todos eles provavelmente a pensar que Misha está demasiado assustado para aparecer.

– Então, e se resolvêssemos isto agora? – atira Misha calmamente, ao mesmo tempo que dá um soco na cara de Trey, surpreendendo-nos a todos.

Ouvem-se exclamações da multidão em volta e Trey cambaleia para trás, praguejando.

– Foda-se!

Misha atira-se, mas J.D. agarra-o por trás, segurando-o quando a diretora Burrowes se posiciona entre os rapazes.

– Parem! – grita ela para os dois. – Parem com isto imediatamente!

Misha luta contra a restrição de J.D., este último a ficar vermelho só de tentar mantê-lo quieto.

– *Okay*, acalma-te, meu. Acalma-te.

– Afastem este parvalhão de mim! – Trey gesticula na direção de Misha, berrando junto à madrastra.

– Voltas a meter-te com ela – rosna Misha –, e faço com que o que acaba de

acontecer pareça um sonho. – Para e dirige-se a Lyla. – E tu. Não voltes a falar com ela. Só queres que ela se sinta tão feia quanto tu és.

Ela arqueia uma sobrancelha, cruzando os braços sobre o peito. Ela sabe que é verdade, tal como era verdade para mim, mas não lhe vai dar crédito com uma resposta.

– Eu não me vou meter com ela – provoca Trey. – Parece que já lá estiveste.

Ouçoo umas risadinhas à minha volta e Misha solta-se de J.D., olhando com raiva para Trey, como se estivesse mortinho por se certificar de que ele nunca mais diz parvoíces. Mas, em vez disso, vira-se e dá-me a mão, levando-nos para fora do refeitório.

– Laurent! – chama a diretora.

Mas Misha ignora-a e puxa-me para dentro da casa de banho masculina, molhando alguns toalhetes de papel e torcendo-os.

Encosta-me ao lavatório e ajoelha-se, levantando-me o pé e pousando-o na coxa dele, limpando lentamente o sumo de laranja meio seco da minha perna.

Sinto uma pontada atrás dos olhos e observo-o, tomando conta de mim com cuidado e em silêncio.

Molha mais toalhetes de papel e passa para a outra perna, e depois começa a desapertar os atacadores das minhas sapatilhas.

– Ainda somos amigos? – pergunto, com a voz a fraquejar. – Porque preciso do Misha, não do Masen.

Eu estava errada ontem à noite. Tudo é Misha. Eles não são identidades separadas.

E eu preciso do meu amigo.

Segurando as minhas *All-Star*, levanta-se e pega-me na mão, ainda em silêncio enquanto me leva para fora da casa de banho.

– Onde vamos?

– Para longe daqui.

Não nos damos ao trabalho de olhar para trás e é provável que esteja em apuros amanhã, mas nada nem ninguém conseguiria arrastar-me para longe dele neste momento. Aperto a mão dele com mais força, preparada para o seguir para qualquer lado. Pelo menos hoje.

Ele conduz por bastante tempo, e não falamos. A música toca, a tarde está nublada e sinto as pálpebras pesadas, provavelmente porque a noite de quinta-feira foi a última vez que dormi bem.

Não sei se estou pronta para lhe perdoar, mas quero-o. Quando o cheiro, quando o vejo, quando o sinto... Ele nem sequer tem de me tocar. Só de estar perto dele sinto-me aliviada no momento. Talvez me sinta apenas vulnerável, mas neste momento não quero estar em mais lado nenhum.

Começa a chover levemente quando paramos num caminho de acesso que leva a uma casa rodeada de árvores.

Sinto um tremor na barriga.

– É a tua casa?

Estamos em Thunder Bay? Não pensei que me tivesse abstraído por tanto tempo.

Ele entra na garagem e desliga o motor.

– Já alguma vez estiveste aqui?

Assinto com a cabeça.

– Há umas semanas. Tu não me escrevias há tanto tempo que tive de me certificar que estavas bem...

– Não tens de explicar – interrompe-me. – Eu devia ter escrito. Tinhas todo o direito de estar preocupada.

– Porque deixaste de escrever?

Sorri suavemente, abrindo a porta e pegando nas minhas sapatilhas.

– Uma história para outro dia. Mas não teve nada que ver contigo – garante-me.

– O teu pai disse-me que estavas bem. – Saio da carrinha e contorno-a, seguindo-o para dentro de casa.

– O meu pai não fala de assuntos privados. Disseste-lhe quem eras?

– Ele saberia quem eu sou?

– Claro – responde, entrando no que parece ser uma lavandaria e atirando as minhas sapatilhas para dentro da máquina de lavar. – Ele viu as tuas cartas a chegar durante anos.

Sim, claro. Se eu lhe tivesse dito, talvez me tivesse convidado a entrar e eu teria visto uma fotografia de Misha. E então teria descoberto ainda mais cedo quem ele realmente era.

Misha aproxima-se de mim e levanta a bainha da minha blusa, mas eu aperto os braços contra o corpo, olhando para ele.

– Não está ninguém em casa – tranquiliza-me ele. – Vamos pôr a tua roupa a lavar. Podes tomar um duche e eu arranjo qualquer coisa para tu vestires.

Demoro apenas um instante para ponderar no assunto. Não sinto que tenha de me ir embora em breve e ainda sinto a pele pegajosa, apesar dos esforços de Misha para me limpar.

Assinto com a cabeça e dispo a roupa, entregando-lhe tudo, peça a peça. Põe os meus calções, blusa e roupa interior na máquina de lavar, acrescentando o detergente e ligando-a, e depois entrega-me uma *T-shirt* tirada da máquina de secar.

Vestindo-a, deixo que ele me dê a mão e me guie para o resto da casa.

Passamos por uma sala de estar enorme e eu olho em volta, boquiaberta.

– Oh, caramba – digo entre dentes.

– O que foi?

É hilariante, na verdade. Ele dá-se com os piores dos piores na escola, parece um delinquente, e toda a gente – incluindo Lyla, Trey, e até eu, um dia – presumiu que era um tipo pobre de uma casa de acolhimento ou que não passava de um bandido.

Se Lyla descobrir que ela mora numa casa maior do que a dela e a minha juntas e tem um Gauguin pendurado na parede, vai ser a primeira a bajulá-lo.

A casa está às escuras, mas ainda assim consigo perceber que é lindíssima. Vê-se madeira a brilhar por todo o lado, arte elegante e *bibelots* a decorar as divisões, e consigo cheirar o aroma rico de verniz de móveis. O que é que Misha disse nas cartas que o pai fazia? É antiquário?

E se é filho de um senador, então deve estar muito bem na vida.

– Gostas de manteiga de amendoim e compota? – pergunta-me, guiando-me pelas escadas até ao piso de cima. – É a única coisa que sei fazer sem queimar.

– Pode ser.

Leva-me até uma casa de banho espaçosa, muito escura e muito masculina, e abre a porta de vidro, ligando o chuveiro para mim.

– Demora o tempo que quiseses. – Beija-me a testa e tira uma toalha da prateleira, pousando-a no contador. – Vou preparar umas sanduíches para nós.

Olho para ele quando sai e, apesar da altura e músculos de um homem, finalmente vejo-o como o miúdo que imaginei há uns anos a quem me agarrei e amei tanto. O rapaz que imaginei como sendo bondoso, gentil e carinhoso.

Depois do duche, seco-me e volto a vestir a *T-shirt*, descobrindo uma escova no balcão, que passo pelo meu cabelo desgrenhado. Felizmente, o ataque de Lyla falhou a minha cabeça, por isso não tive de lavar o cabelo.

Ao chegar à entrada, ouço o zunido suave de música vinda do fundo do corredor e avanço silenciosamente, seguindo-a – mas com cuidado, no caso de ser o pai dele.

Encontro Misha no quarto dele. Andar de um lado para o outro, a apanhar umas quantas peças de roupa, e na cama vejo pratos com sanduíches de manteiga de amendoim e compota e cachos de uva, juntamente com pacotes de sumo.

Sustenho o riso. Acho que não como um almoço destes desde o quinto ano.

Ouve-se P!nk a tocar baixinho e sinto o meu peito a aquecer com o gesto. Ele sabe que eu também gosto dela.

Mas quando olho em volta pelo quarto dele vejo quatro caixas, tampas incluídas, empilhadas umas em cima das outras, encostadas à parede.

Avanço até lá.

– O que é isto? – pergunto, levantando a tampa.

– Oh, hã...

Mas arregalo os olhos, espantada, e deixo cair a tampa ao chão.

A caixa está cheia de envelopes pretos. Escritos a tinta prateada.

– Oh, meu Deus. – Pego nos envelopes, formando um leque com eles, vendo a minha letra em cada um deles.

Ele guardou-as.

Ele guardou-as?

Não sei porquê, mas acho que nunca pensei que as guardasse. Porque o faria? Pensando nisso, nem sequer me lembro o que diziam. Não podem ter sido tão interessantes se eu não me lembro.

As outras três caixas também devem estar cheias de cartas.

– Não acredito que te escrevi tanto – digo, um pouco horrorizada. – Deves ter-te entediado tanto comigo.

– Eu adorava-te.

Levanto o olhar, vendo-o a fitar o chão. Sinto uma dor a serpentear pelo meu peito.

– Adoro-te – corrige-se. – Li-as todas pelo menos duas vezes. As minhas preferidas, muito mais que isso.

As preferidas dele. E depois lembro-me. As cartas que encontrei no Cove. Quando ele ficou lá – longe de casa – levou essas com ele. O resto ficou aqui.

Sinto-me culpada, agora.

– Estão na minha secretária – confesso. – Menti. Não as queimei.

Ele anui levemente com a cabeça.

– Sim, não esperei que o tivesses feito. Também tenho as minhas, as que atiraste

por todo o lado no Cove. No caso de as quiseres de volta.

Mostro-lhe um pequeno sorriso, grata. Sim, quero-as de volta.

Volto a pôr a tampa, um pouco curiosa para abrir umas quantas cartas e reviver todas as coisas embaraçosas que partilhei com ele ao longo dos anos. O primeiro beijo de língua que dei, a música que sugeri que pensava ser tão épica mas que, percebo agora, é um pouco pirosa, e todas as discussões que tivemos.

Quando me recordo, percebo que fui muito dura com ele. Quer dizer, o facto de usar um telemóvel *Android* não faz dele um introvertido que nunca conseguirá arranjar um emprego ou uma carta de condução válida ao mesmo tempo. Não estava a falar a sério.

E tenho a certeza de que ele não estava a falar a sério quando me chamou uma cultista de Steve Jobs que venera tecnologia inferior porque sou uma cabeça de alho chocho demasiado viciada em *apps* para saber mais.

Pensando duas vezes, não. Gosto das tréguas que estamos a ter hoje. As cartas podem esperar.

Aproximo-me e sento-me na cama dele, levantando as pernas para me sentar à chinesa. Ele descalça-se e deita-se de lado na cama, apoiando a cabeça na mão.

Pego na sanduíche e tiro a crosta de cima enquanto ele come uma uva.

Olho fixamente para a comida. Tenho fome, mas também estou cansada e, de repente, sinto que não quero saber. Um de nós tem de começar a falar.

Ele quer algo de verdadeiro? Algo que não sabe?

– Eu não tinha muitos amigos na primária – digo, continuando a olhar para baixo.
– Tinha uma. Delilah.

Permanece calado, e sei que olha para mim.

– Ela tinha cabelo louro desgrenhado, mais curto à frente e mais comprido atrás, e vestia umas saias de bombazina desleixadas – continuo. – Pareciam ter trinta anos. Ela não era fixe e não se vestia bem. Estava sozinha muitas vezes, como eu, por isso brincávamos juntas no recreio, mas...

Estreito os olhos, tentando endurecê-los quando a imagem dela me vem à cabeça.

– Mas fartei-me de não andar com os miúdos mais populares – admito. – Via-os uns com os outros, a rir e rodeados por toda a gente, e sentia... inveja. Deixada de parte de algo melhor. Sentia que se estavam a rir de mim. – Molho os meus lábios secos, continuando a evitar o olhar dele. – Como se conseguisse sentir os olhos deles a rastejar sobre a minha pele. Tinham nojo de mim? Porque não gostavam de mim? Não me devia ter importado. Não devia ter pensado que os miúdos que me punham de lado valiam a pena, mas pensei.

Finalmente, ergo o olhar e encontro os olhos verdes dele a observar-me, sem pestanejar.

– E na minha cabeça – continuo –, a Delilah estava a puxar-me para baixo. Eu precisava de amigos melhores. Por isso, um dia, fugi. Quando chegou a altura do recreio, escondi-me num canto para que ela não me encontrasse, e observei-a. À espera que fosse brincar com outra pessoa qualquer para que eu pudesse fazer o mesmo e ela não me procurasse.

Engulo em seco, com a garganta a esticar-se dolorosamente.

– Mas ela não o fez – digo num sussurro, com os olhos marejados de lágrimas. –

Ela limitou-se a ficar encostada à parede, sozinha, incomodada e desconfortável. À minha espera. – O meu corpo estremece e começo a chorar. – Foi nesse dia que me tornei nisto. Quando comecei a acreditar que a adoração inconstante de cem pessoas valia mais do que o amor de uma única. E, durante uns tempos, soube bem. – As lágrimas escorrem pelo meu rosto. – Perdi-me na novidade daquilo tudo. Ser má, cair no insulto rápido, gozando com os outros e com os meus professores... Sentia-me respeitada. Adorada. A minha nova pele assentava-me na perfeição.

E foi então que mais imagens começaram a surgir, ainda muito vívidas depois deste tempo todo.

– Mas, meses mais tarde, quando via a Delilah a brincar sozinha, a ver pessoas rirem-se dela, sem ter onde pertencer... comecei a odiar a pele na qual me sentia tão confortável. A pele de uma cobarde falsa e superficial.

Limpo as lágrimas, tentando respirar fundo. Ele olha para mim, mas o calor da vergonha cobre-me o rosto, e estou preocupada. O que pensa de mim?

– E quando te comecei a escrever um ano depois – continuo –, precisava tanto de ti naquela altura. Precisava de alguém com quem pudesse ser a pessoa que queria ser. Podia voltar atrás. Podia ser a rapariga que era outra vez amiga da Delilah. A rapariga que se impunha aos miúdos maus e não precisava de um espírito animal, porque ela era o dela própria.

Fecho os olhos, desejando apenas esconder-me. Sinto a cama mexer-se debaixo de mim e depois as mãos dele a cobrirem-me o rosto.

Abano a cabeça, afastando-me um pouco.

– Não. Eu sou horrível.

– Andavas no quarto ano – diz ele, tentando tranquilizar-me. – As crianças são más e, naquela idade, toda a gente quer pertencer a algum lado. Achas que és a única que se sente uma merda? Que cometeu erros? – Empurra-me o rosto levemente com o dele, fazendo-me abrir os olhos e fitar os dele. – Somos todos feios, Ryen. A única diferença é que alguns escondem-no e outros assumem-no.

Arrasto a comida para o lado e subo para o colo dele, envolvendo-o com os braços e enfiando o rosto no pescoço dele, abraçando-o com força. Deixa-se cair suavemente na cama, deitando-se e levando-me com ele.

Porque é que não fizemos isto há séculos? Porque tinha tanto medo de o conhecer e mudar as coisas? Estivemos aqui um para o outro durante o funeral da avó dele, os acampamentos de verão longos praticamente sem comunicarmos um com o outro, e até um par de namoradas dele de quem nunca lhe disse ter muitos ciúmes.

O que me levou a pensar que todas as palavras, cartas e a amizade se desvaneceriam tão facilmente?

Os braços dele seguram-me com força enquanto deito a cabeça no peito dele, ouvindo o seu batimento cardíaco e o ligeiro bater da chuva na janela. Isto é novo para mim. Já me senti confortável em alguns lugares, mas penso que é a primeira vez que estou num lugar que nunca mais quero deixar. As minhas pálpebras fecham-se, chamadas pelo sono.

– Tenho uma pergunta – diz ele, fazendo-me mexer.

– Hmm?

– Quando escreves nas paredes da escola, assinas as mensagens com Punk.

Porquê?

Mantenho os olhos fechados, mas solto uma risadinha débil.

– Lembras-te da carta que escreveste sobre a tua primeira tatuagem e que o teu pai disse que parecias um *punk*?

– Sim?

– Então, era um tributo a ti – digo-lhe. – Uma aclamação aos rufias e violadores de regras.

– Mas, por que não usar o teu próprio nome?

Franzo as sobrancelhas.

– Porque não queria que me apanhassem. *Duh*.

– *Okay*... – diz ele. – Então, o que fazes é esconder-te nas sombras para partilhar palavras anonimamente, porque queres ser ouvida mas não gozada. É isso?

Abro os olhos, a pensar. É isso que faço?

– Queres ser amada sem arriscares as consequências, para conseguires a atenção de que precisas enquanto gozas o luxo de não ser responsabilizada por essas palavras.

Começo a encolher-me em mim mesma. Não gosto do que ele diz ou do facto de estar a dizê-lo, mas não posso negar que está correto.

Não quero ouvir o *feedback*, porque se soubessem que era eu, as reações seriam diferentes. Mas também não é exatamente justo atirar-lhes as coisas à cara e esconder-me debaixo dos narizes deles.

– Sozinha, Vazia, Fraude, Vergonha, Medo – murmura, abraçando-me ainda mais. – Ainda não percebeste? Não tens de ter medo ou de te sentir embaraçada. Ninguém é um melhor tu do que tu. Não podes ser substituída. Nem toda a gente verá isso, mas só tu é que tens de o ver.

Beija-me o cabelo, e ponho o braço em volta do tronco dele. *Ninguém é um melhor eu do que eu*.

Volto a fechar os olhos, ouvindo o que ele diz. Mudei, porque achei que o que trazia a jogo não valia a pena. Deixei que me fizessem acreditar nisso, mas quem fez deles a autoridade sobre o assunto? Posso já não ser adorada, mas se calhar também não serei tão infeliz.

E posso comer sozinha, mas isso não significa uma companhia tão terrível, pois não?

Sinto-o mexer debaixo de mim e depois um cobertor cobre as minhas pernas e corpo, fechando o nosso calor sob as cobertas. Caio lentamente no sono ao som da chuva e do batimento do coração de Misha.

.

Sinto uma carícia aveludada na pele e abro as pálpebras com dificuldade. O quarto está mais escuro, o sol já posto, mas o brilho suave do candeeiro na mesa de cabeceira ilumina a cama, e olho para a janela, vendo que já está escuro lá fora. A chuva cai com intensidade, ecoando pelo telhado, e ouvem-se trovões a ribombar lá fora.

Misha está em tronco nu, sentado no lado dele da cama junto a mim, com a cabeça perto do meu traseiro.

Que está despido, pois ele levantou-me a camisola.

– O que estás a fazer?

– Chiu, não te mexas – ordena-me, passando uma caneta sobre a minha pele. – És a superfície mais próxima que tenho para escrever.

Rio-me entre dentes, voltando a fechar os olhos. Espero bem que não esteja a usar um marcador. Isso levaria dias a sair.

O barulho pacífico da chuva lá fora embala-me para um estado relaxado e cruzo os braços sob a minha cabeça, sentindo a ponta de feltro a mover-se rapidamente sobre a minha pele, parando de vez em quando para pôr um ponto num «I» ou marcar um ponto final.

– Quem me dera que pudéssemos ficar aqui para sempre – reflito.

– Oh, não vais sair daqui tão cedo. O teu traseiro é muito bom de se ver.

Cruzo as pernas nos tornozelos, provocadora.

– É só isso que um rapaz de Thunder Bay consegue fazer com o traseiro de uma rapariga?

Dá-me uma palmada na nádega direita, e eu solto uma gargalhada.

Mas depois, após uma pausa, ele para de escrever.

– Já alguma vez... – pergunta, detendo-se a meio.

Levo um momento a ligar as coisas, mas depois compreendo o que pergunta.

– Anal? – clarifico. – Bem, considerando que só tive sexo uma vez antes de ti, tenho a certeza de que conheces a resposta a essa pergunta.

Não teria feito *isso* na primeira vez, certamente, não importa o quão ingénua fosse. E como eu e Misha não o fizemos, então é claro que a resposta é não.

– Então, somos virgens – diz ele, num tom que me diz que até está a apreciar a ideia.

– Sim, virgens – resmungo. – E planeio morrer virgem, pois não há maneira de enfiar *isso aí*.

Ele ri-se pelo nariz, soltando uma gargalhada.

Tapando o marcador, move-se para cima de mim, despindo-me a camisola. Arqueio o pescoço para trás, encontrando a boca dele e beijando-o. Os dentes dele mordiscam a minha pele, enviando um choque elétrico pela minha barriga abaixo diretamente até entre as minhas coxas.

Pelos vistos, a sesta ajudou. Desliza a mão debaixo do meu peito, apalpando-me o seio, e já estou excitada.

– Posso? – pergunta.

Olho para os lábios dele, inclinando-me para mais. *Sim, caramba.*

Solto um gemido, com os olhos praticamente a revirar para trás do meu crânio enquanto a boca dele percorre um caminho pelo meu pescoço, devorando-me com beijos quentes e exigentes. Pressiona as ancas contra mim e sinto-o a entesar entre as pernas.

– Fala comigo – sussurra ele. – Preciso das tuas palavras.

Falar? Agora?

A mão dele desliza pelas minhas costas nuas, acariciando-me o cabelo e fazendo-me cócegas na pele. Agarra-me no traseiro, massajando-o, e, sem pensar, dobro o joelho para o lado, abrindo-me para ele.

– Antes de te conhecer pessoalmente – digo contra os lábios dele –, tinha fantasias contigo.

– Mas não sabias qual era o meu aspeto.

– Sabia que eras o Misha – respondo. – Era o suficiente.

Ele geme, mordiscando-me a orelha e enfia a mão entre as minhas pernas, os dedos a escorregar para dentro de mim.

Fecho os olhos, ficando mais molhada com o prazer que a sensação de o ter dentro de mim provoca.

– Uma noite, estava a trovejar, como hoje – conto-lhe –, não havia luz, e durante a noite toda estive escuro e silencioso.

Os dedos dele saem de dentro de mim, girando sobre o meu clitóris, e estremeço. A minha respiração está ofegante e sou incapaz de parar as minhas ancas de se tentarem esfregar na cama e nos dedos dele.

– Voltei a ler as tuas cartas todas naquela noite – digo a arfar. – Adoro aquelas sobre quando tiveste o teu primeiro carro e como tu e os teus amigos foram presos por ter um barril de cerveja numa quinta qualquer. Parecias tão mau, tão divertido. – Inclino-me para trás, a ansiar de novo pela boca dele. – Mas a carta que gosto mais entre todas é aquela onde me contaste sobre a tua ex-namorada depois de terem acabado. Fiquei tão zangada contigo, primeiro. Tinhas uma namorada e não me contaste, mas... Acho que foi aí que percebi pela primeira vez...

– O quê? – diz ele ao exalar.

– Que te queria. Que eras meu.

– E era – assegura-me ele. – Não demorei muito tempo a perceber que não conseguia falar com mais ninguém como falo contigo.

E eu sentia o mesmo. Sempre senti. Não conseguia sair com ninguém sem o comparar a Misha. Ele tinha todo o direito de namorar, e tenho a certeza de que quem quer que ela fosse – ou elas, porque provavelmente houve mais – não era má pessoa, mas ainda assim sentia-me territorial em relação a ele. *Eu conheci-o primeiro. Ninguém o ia conhecer melhor que eu.* Sei que não tinha qualquer direito de sentir aquilo, razão pela qual nunca lhe contei. Até agora.

– Comecei a ter fantasias contigo naquela noite chuvosa. Foi a primeira vez que sonhei acordada contigo.

– O que fizeste? – Insere os dois dedos ainda mais fundo, esfregando aquele local e roçando-se em mim. – Querias ser ela?

Abano a cabeça.

– Queria que tu me visses. Quere que me visses e me quisesses tanto. Não apenas as minhas cartas, mas o meu corpo também.

– O que fizeste? – sussurra-me ao ouvido.

Solto um gemido, sentindo uma onda de prazer encher-me as coxas e o sexo, e encosto-me para trás na direção dele, querendo ser preenchida.

– Deitei-me na cama – conto – e não conseguia parar de pensar em ti. Estava tão escuro, e o ar condicionado não funcionava. Quanto mais pensava nisso, mais quente ficava... até...

– Até o quê? – Movimenta os dedos no meu sexo mais depressa, esfregando o membro no meu traseiro com mais força. – O que fizeste?

– Levantei a camisola...

– Sim?

– E imaginei que estavas de pé no canto do meu quarto, escondido nas sombras, a ver-me foder com os meus próprios dedos.

– Não pares.

– A minha pele estava encharcada em suor, porque estava tanto calor – gemo, levantando o braço atrás da minha cabeça para lhe agarrar a nuca – e enfiei a mão nas cuecas...

– Eu gostei do que estava a ver?

– Sim. Sempre fomos só amigos. Tão calmo, relaxado, e fofo, mas eu queria que tu me quisesses. Queria que me visses e precisasses de estar dentro de mim.

– Vieste-te? – rosna-me para o ouvido enquanto eu balanço contra ele. – Vieste-te, a pensar em mim a ver-te?

Assinto com a cabeça, completamente perdida na visão e nos dedos dele.

– Eu sabia que faria qualquer coisa que me pedisses. Deixava-te ter o que quisesses.

– Isso é verdade?

– Tudo.

Ele tira os dedos de dentro de mim e ouço-o a abrir o fecho das calças.

– E o que queres? – pergunta-me, com os dedos a deslizar de novo pelo meu traseiro.

Eu sei o que ele quer. Sinto o coração a palpitar com força e tremor de excitação.

Volto a inclinar a cabeça para trás, arfando sobre a boca dele.

– Quero-te em todo o lado.

Sinto o sorriso dele formar-se sobre os meus lábios mesmo antes de me beijar. Volta a passar os dedos entre as minhas coxas, massajando e fazendo-me ficar mais molhada de tão excitada.

– Em todo o lado? – sussurra.

Assinto com a cabeça. Sou dele. Por inteiro.

Quero-o por todo o lado.

A respiração dele treme sobre os meus lábios.

– Não faças isto por achares que eu quero – pede ele. – Só quero o que me quiseres dar. Preciso de saber que confias em mim outra vez.

Os cabelos escuros dele estão sobre a testa e os belos olhos dizem-me tudo o que preciso saber sem dizerem nada.

Ele magoou-me, e eu magoei-o, mas as merdas acontecem e o amor não muda. Ele faz-me mais feliz, faz-me mais forte, e sabe tudo e ainda me quer. Se ele pode dizer o mesmo, então conseguimos. A coisa verdadeira.

Somos nós juntos.

A minha mãe disse-me uma vez que «A vida são cinquenta viragens erradas numa estrada com buracos. Tudo o que se pode esperar é que se acabe num sítio bonito.»

– Confio em ti – digo, afundando-me na boca dele. – Quero-te.

Ele espalha a humidade entre as minhas pernas mais para cima e eu enfio a mão entre mim e a cama, massajando o clitóris enquanto ele se posiciona. Estou a latejar por todo o lado, e o meu coração bate com força no peito quando ele empurra a ponta e para. Arfo, sentindo um pequeno ardor.

Contraio-me em volta dele, com a respiração pesada e esfregando-me com mais

rapidez.

– Ryen – diz ele enquanto exala. – Queres que pare?

Abano a cabeça, sentindo-me tão preenchida e bem. Não estava à espera disso.

– Não. Quero mais.

– Oh, meu Deus.

Ele desliza para dentro de mim lentamente, até ao fim, e arqueio o meu traseiro para cima, dando-lhe uma posição melhor.

– Foda-se – rosna ele baixinho. – Que sensação tão boa. Preciso de...

Fecho os olhos, cada nervo meu vivo e pulsando de desejo. Encosta-se a mim, beijando-me enquanto se movimenta cada vez mais fundo, dentro e fora, dentro e fora.

– Ah – gemo para a boca dele.

– Estás bem.

– Não – suspiro. – Mais depressa.

Sorri, segurando-se numa mão e agarrando a minha coxa onde a minha perna e anca se encontram.

– Tens a certeza?

Respondo que sim, invadida por um prazer intenso e agarrando-me às almofadas enquanto arqueio o pescoço para trás para encontrar os lábios dele.

– Confio em ti – digo-lhe.

E morde-me o pescoço e começa a foder-me com mais força, sem se conter e sem que nenhum de nós se mantenha em silêncio.

Durante toda a noite.

CAPÍTULO 19

RYEN

O meu corpo parece que foi apanhado por um tornado. Os músculos dos meus braços estão doridos, dói-me o pescoço, tenho pisaduras nas ancas, e o meu traseiro...

Foi bom enquanto estava a acontecer ontem à noite, mas depois de acordar esta manhã com dores por todo o lado disse-lhe que não podíamos fazer aquilo outra vez.

Limitou-se a responder que o meu corpo não estava habituado e que devíamos fazê-lo mais vezes.

Caramba, as nossas professoras do quinto ano devem estar orgulhosas.

Estaciono no parque da escola e solto um gemido quando saio com cuidado do *jeep*. Passámos metade da noite acordados, e embora não me sinta minimamente cansada, estou um pouco arrependida por não ter ficado em casa e tomado um belo banho de imersão. É suposto dar aulas de natação esta noite e esqueci-me do Advil em casa.

Dirijo-me à parte de trás do carro e tiro o meu saco de desporto com o fato de banho e uma muda de roupa. Depois de ter acordado cedo esta manhã, Misha levou-me à escola para recolher o meu *jeep* e depois foi ao Cove fazer as malas enquanto eu fui para casa para tomar um duche e me arranjar.

Não tenho a certeza se ele vai estar na escola hoje, mas é então que sinto um par de mãos na minha cintura e arrepio-me toda quando ouço um sussurro ao ouvido vindo de trás.

– Estás dorida? – troça.

Arqueio uma sobrancelha e viro-me, vendo o sorriso matreiro dele.

– Estás a gozar?

– Mas até foi divertido.

Não consigo travar o sorriso e o rubor no rosto. *Sim, foi.*

Caminhamos para a escola e dirijo-me ao meu cacifo, reparando que ele se mantém ao meu lado.

– Estou bem, sabes? – digo-lhe. O dia de ontem, Trey, Lyla e o refeitório, parece que foi há séculos. Não tenho medo.

– Eu sei.

– Masen – chama alguém.

Viro-me para ver a professora Till, de Educação Visual, a segurar um papel cor-de-rosa. Ela entrega-lho, falando-lhe num tom doce.

– A diretora quer ver-te no gabinete dela. Queria que eu te desse isto no primeiro tempo, mas como te vi agora. Mais vale ir já.

Ele pega no papel e ela dá-lhe uma pancadinha no braço, afastando-se. Misha não o lê, limitando-se a amarrotá-lo no punho e atirá-lo para o chão.

– O que estás a fazer? – pergunto. – Se ela não conseguir contactar com os teus pais por causa das brigas, pode chamar a polícia. Queres ser descoberto?

– Penso que sabemos muito bem como isso vai correr para o meu lado – responde, com um ar convencido.

Reviro os olhos. Sim, *okay*, Ricaço.

Ao tirar o meu bloco de desenho, vejo o lenço de caxemira que continua pendurado no cacifo e apercebo-me de algo. Ele deu-me um lenço novo naquela primeira semana. Com perfume.

– De quem era o lenço que me tentaste dar naquela primeira semana?

Ele baixa o olhar, com um ar sombrio.

– Da Annie.

Annie? A irmã dele?

E depois arregalo os olhos e viro-me para ele, lembrando-me do que lhe disse.

– Oh, meu Deus – sai-me de pronto da boca. – Annie. Desculpa. Não quis dizer o que disse.

Fico envergonhada comigo mesma. Chamei-lhe uma vadia, pensando que se tratava de uma rapariga qualquer que deixara a roupa dela para trás na carrinha. *Merda*.

– Não faz mal. – Faz-me um meio-sorriso. – Eu sei que não sabias.

Argh. Sinto-me enjoada. Sou do pior.

– Bom, de qualquer maneira não ias poder dar-mo – repreendo-o. – Ela iria querê-lo de volta.

Ele fica calado, evitando o meu olhar.

Tinha-me esquecido completamente da irmã dele no meio de todo o drama. Ela anda no décimo primeiro ano. Onde estava ontem à noite? O pai dele deve ter chegado a casa durante a minha sesta, pois Misha teve de trancar a porta do quarto mais tarde para que ele não nos apanhasse em flagrante, mas nunca se falou de Annie.

– Laurent.

Viro-me e vejo a diretora Burrowes a descer o corredor. Os alunos contornam-na, dirigindo-se para a primeira aula do dia.

– Para o meu gabinete – ordena ela. – Já.

Ele vira-lhe as costas.

– Não, obrigado.

Fico ali parada, a observar. *Vai, Misha*. Ela não vai deixá-lo escapar impune, e isto só vai piorar as coisas.

– Já.

– Preferia não deixar a minha amiga sozinha com aquele merdas do seu filho a vaguear pelos corredores – diz ele num tom ríspido. – Não há leis sobre os predadores sexuais não poderem estar a uma certa distância de uma escola?

A expressão no rosto dela é de pura raiva.

– Se tiver de te pedir outra vez, chamo a polícia.

– Mi... Mason – corrijo. – Vai lá.

Burrowes põe uma mão nas costas dele e faz um gesto para indicar que ele se mexa.

Mas ele escapa ao toque dela, fazendo uma careta.

– Vá-se foder. – Olha para ela com um ar furioso e vira-se para mim. – Vou-me embora. Não tenho nada a fazer aqui. Vou estar no Cove depois das aulas.

– O quê?! – exclamo.

Ele beija-me a testa e lança mais um olhar gelado a Burrowes antes de avançar pelo corredor e sair pela porta principal. Olho em volta e vejo que há outros alunos a observar a interação.

Burrowes olha-me nos olhos por um instante, mas não vai atrás dele. Virando-se, volta a percorrer o corredor e desaparece no meio da multidão de corpos que se apressam a ir para as aulas.

Misha foi-se embora e fico um pouco chateada por ele preferir deixar a escola e a mim em vez de lidar com ela. Se ele se mudar de novo para Thunder Bay, raramente o verei. Pelo menos, até às férias de verão.

Mas o que raio se passa com ele?

E agora que finalmente acalmo para pensar no assunto, ele ainda não respondeu a todas as minhas perguntas.

O que o faz aqui? Porque tinha Trey o relógio dele? E porque dorme no Cove?

.

Toda a gente vai para a aula seguinte ou para o almoço, e eu fico junto ao bebedouro a encher a minha garrafa de água. Não me apetece enfrentar o refeitório hoje, mesmo tendo um pouco de fome.

Sei que devia ir. Devia sentar-me a uma mesa sem a proteção do meu telemóvel, trabalhos de casa ou um livro, e apenas estar ali. Se ouvir sussurros, que seja. Eles que falem.

Mas, por algum motivo, hoje não tenho coragem para isso. Talvez não os queira ver. Talvez não me apeteça ficar coberta de sumo quando tenho de estar aqui até ao início da noite.

Talvez me esteja a permitir acobardar um pouco, hoje.

O corredor esvazia-se lentamente, com sapatos a chiar pelo chão, e portas de cacifo a bater. O barulho dos tabuleiros a bater e o zunzum das conversas saem para o corredor, e ouço uma porta a abrir à minha esquerda. Quando olho, vejo Trey a sair da casa de banho. Está a segurar num fio preto com uma flâmula amarrada, e dirige-se ao caixote do lixo, puxando-o e rebentando-o, e depois atira-o para o caixote.

Aquilo pertence a Manny, creio. É um dos colares góticos que ele usa com o nome de uma banda qualquer, ou isso.

Trey levanta a cabeça e vê-me, e eu fecho a tampa da minha garrafa de água e avanço na direção dele, mantendo-me bastante à direita para subir ao andar de cima onde fica a biblioteca.

Mas ele corre para mim e detém-me, encurralando-me contra a parede.

Solto um longo suspiro, virando-me para ele, zangada.

– Onde está o teu guarda-costas? – pergunta, apoiando as mãos na parede, uma de

cada lado, e impedindo a minha fuga. – Ah, pois. Ouvi dizer que faltou às aulas. Vai voltar?

Empurro o braço dele, tentando escapar-me, mas volta a empurrar-me para trás, e deixo cair a garrafa.

– Afasta-te de mim – rosno-lhe.

– A culpa é toda tua – responde. – Não devias ser apanhada sozinha comigo. Tens andado a pedi-las.

Olho de um lado para o outro, à procura de um adulto. Mas o corredor está praticamente vazio.

– Sabes o que acho que vou fazer? – Mostra-me um sorriso doentio. – Uma noite destas, apanho-te no parque de estacionamento depois das tuas aulas de natação, e abro-te essas perninhas bonitas e fodo-te ali mesmo no chão. Gostavas que fizesse isso, querida?

– Não tenho medo de ti.

– Mas consegues correr mais depressa que eu? – Tem um brilho de diversão nos olhos. – O teu namorado já não está cá. Cada esquina que vires, cada noite em que vás dormir, vou estar lá, e vou descobrir exatamente o que tenho andado a perder.

Desencosta-se da parede e eu cerro os punhos, apercebendo-me de que estão gelados até ao osso.

– És como todas as putas desta escola. Todas o querem.

Respiro fundo enquanto o vejo atravessar o corredor até ao refeitório, tentando abrandar a minha pulsação.

Não me importa que ele pense que se pode safar. Vou falar com a minha mãe esta noite e reportar isto à diretora. Se ela não lidar com ele, então passamos por cima dela. Ele não volta a ameaçar-me.

Faço tenção de subir os degraus, mas vejo a porta da casa de banho dos rapazes de onde Trey saiu e lembro-me do colar preto.

Ele deve tê-lo tirado a Manny. Se Manny está ali dentro, porque ainda não saiu?

Olho em volta, não vendo ninguém no corredor, e apresso-me a ir até à porta da casa de banho, abrindo-a lentamente.

– Manny? – chamo.

Por que raio estou a fazer isto? Ele não vai querer ver-me. Tenho a certeza de que está bem.

– Manny, é a Ryen – digo.

Não ouço nada e, por um instante, penso que a casa de banho está vazia, mas depois ouço movimento e entro.

Passo pelos cubículos vazios, ao longo dos lavatórios até ao espaço escondido onde ficam os secadores das mãos.

Manny está de pé de costas para mim, com a mochila pendurada na mão direita e de cabeça caída.

Está a tremer.

– Manny?

Ele levanta a cabeça, mas não se vira.

– Sai – exige. – Afasta-te de mim, foda-se.

– Manny, o que aconteceu?

Dou um passo para o lado, tentando ver o rosto dele, mas depois reparo numa coisa e paro. Há sangue a escorrer da orelha dele pelo pescoço abaixo.

O buraco no lóbulo onde costumava haver um alargador preto está agora vazio, e ele sangra, embora pareça que tenha estancado.

Trey. Oh meu Deus, ele arrancou-o?

Dou um passo em direção a Manny, mas ele encolhe-se, afastando-se.

Claro. Porque haveria *ela* de ajudar? Ele acha-me tão perigosa quanto Trey.

Pensa que vou vitimizá-lo. E porque não? Fi-lo no passado.

O meu coração enche-se de sofrimento. Quantas vezes o fiz sentir sozinho?

Permaneço presa no mesmo sítio, não querendo assustá-lo, mas só quero ajudar.

– Não vai ser sempre assim.

– Sempre foi assim – responde ele.

Fico ali, a pensar nos tempos da escola primária. Manny e eu demo-nos bem até ao quarto ano quando eu... mudei. Mas, mesmo antes, ele estava sempre na periferia do que quer que estivesse a acontecer. Era baixo e magro, nunca o escolhiam para as atividades desportivas e metia-se muitas vezes em apuros por não entregar os trabalhos. Na altura, eu sabia que a vida dele em casa era um pouco stressante, mas os outros miúdos não compreendem essas coisas. Limitam-se a julgar.

– Quando eu era miúdo – continua ele –, costumava ser capaz de ir para casa e escapar a tudo. Mas agora estamos mais velhos. Temos o Facebook, e tudo o que dizem sobre mim durante o dia vejo *online* todas as noites.

Consigo sentir as lágrimas na voz dele e quero ir buscar-lhe uns guardanapos para limpar o sangue, mas também não quero que ele pare de falar.

– Um de vocês, idiotas, empurra o meu tabuleiro para cima da minha roupa e despeja a comida por cima de mim, e a primeira coisa que alguém faz é sacar do telemóvel. E depois tenho de viver tudo outra vez através de fotos no meu *feed* de notícias a todas as horas... até mesmo dias e semanas depois. Uma e outra vez. Já não consigo escapar. Nem quando saio da escola.

Nunca pensei nisso dessa forma. Quando éramos mais novos, as dinâmicas das amizades e de pertencer a algum lado só eram difíceis na escola. Quando íamos para casa, éramos livres, e a maioria de nós, com sorte, sentia-se segura ali. Agora, a única coisa que deixamos na escola é a escola. A pressão, os mexericos, os sentimentos maus, seguem-nos até casa *online*. Não há como fugir.

– É constante. A humilhação...

– Não vai ser sempre assim – repito, aproximando-me.

– A minha família vê, as minhas irmãs e os amigos delas. Envergonho-os. – Começa a tremer, outra vez a chorar. – É por isso que apanho umas pedradas.

Ele tira um pano e uma lata de *spray* da mochila e eu avanço, com um nó a formar-se na garganta.

– Apanho a maior pedrada que puder as vezes que puder – diz –, para conseguir aguentar a puta da dor de respirar e comer e olhar para pessoas como tu.

– Manny...

– Quando tudo é doloroso... – Deixa cair a mochila e vaporiza o pano. – Começas a perguntar-te «de que vale a pena?» Ninguém se importa, e comesas a importar-te cada vez menos. Só queres que a dor acabe.

Leva o pano ao nariz e atiro-me a ele, dando-lhe uma sapatada na mão para afastar o pano, e entretanto agarro na lata.

Ponho o braço em volta dele e puxo-o para mim, e começamos os dois a chorar.

– Está tudo bem. Está tudo bem – sussurro.

Deixo cair as coisas ao chão e abraço o corpo trémulo dele enquanto as lágrimas me escorrem pelo rosto. Mas que diabo? Como chegámos aqui? Ele não era assim em criança. Nenhum de nós era assim.

Começa a arfar e penso em todas as vezes que não pensei nele e em todas as coisas que não estava a ver. Todas as vezes que ignorei o que se passava devido ao medo de ficar sozinha, vazia e com vergonha de quem era.

Já fomos crianças, um dia, e gostávamos de nós mesmos. Éramos felizes. Como é que isso mudou?

Afasto-me e atiro as tralhas para o lixo, molhando uns toalhotes de papel para ele limpar o pescoço.

Entrego-lhos e apoio-me no balcão para tentar acalmar os soluços de choro que tenho no peito.

Isto é de loucos. Como pode fazer mal a si próprio? Tem de saber que as coisas melhoram. O mundo vai abrir-se e não nos sentiremos tão encurralados. Só temos de aguentar.

Mas olho para ele, tem o rosto coberto de lágrimas, olheiras profundas e olha para o vazio. Inconscientemente, limpa o sangue do pescoço, parecendo completamente vazio e como se estivesse farto de aguentar.

Seco as minhas lágrimas e tento dar firmeza ao meu tom.

– Não vai ser sempre assim. – Quero que ele saiba isso.

Mas limita-se a olhar para mim, como se estivesse por um fio.

– Quando é que melhora?

Sinto uma pontada no coração. Sim, quando? Quanto tempo vai ter ele de esperar?

Deveria haver sempre esperança – nós mudamos, o nosso ambiente muda, e as nossas comunidades mudam. As coisas vão melhorar.

Mas isso não significa que, entretanto, sejamos impotentes. Não consigo mudar a vida dele, mas posso fazer isto.

Apanho a mochila dele e levanto-me, entregando-lha. Pego-lhe na mão e conduzo-o para o corredor, vendo-o atirar o pano molhado para o lixo quando saímos.

Atravessamos o corredor para o refeitório e alívio a pressão da minha mão na dele no caso de me querer largar.

Mas não o faz. Avançamos de mãos dadas para a fila do almoço, já a ouvir o barulho ensurdecedor a desvanecer-se um pouco e os murmúrios a espalharem-se pela sala.

Dou-lhe um tabuleiro e pego num para mim.

– Porque estás a fazer isto? – pergunta-me em voz baixa. – Tu não gostas de mim.

– Eu sempre gostei de ti. – Olho para ele. – E preciso de um amigo.

O facto de eu ser uma cabra era óbvio para ele, mas não o era para mim. Nunca deixei de gostar de Manny.

Avançamos na fila e sinto as costas a arder. Espero que seja da minha paranoia, sentir todos aqueles olhares. Se não for, acho que atirei a luva ao chão. E sem Misha

aqui desta vez para me proteger. Aqui vamos nós.

– Como sempre na biblioteca. – Ele olha em volta, nervoso.

Pego numa gelatina.

– Come-se no refeitório.

– Está toda a gente a olhar para nós.

– É porque tens um traseiro mais jeitoso que o meu, mais nada.

Ele deixa escapar uma gargalhada, mas rapidamente a disfarça, provavelmente por não estar seguro de poder confiar em mim. Não o censuro.

Enchemos os nossos tabuleiros com batatas fritas, macarrão com queijo e *brownie*. Também pego num refrigerante, porque, foda-se, tenho fome e quero ingerir algumas calorias hoje.

Depois de pagarmos, dirijo-me a uma mesa redonda e olho rapidamente para trás, para me certificar de que ele me segue.

Ele olha rapidamente para a esquerda e para a direita, transportando o tabuleiro e a mochila, e provavelmente está nervoso como tudo. Afinal, não me consigo lembrar da última vez que o vi aqui, e toda a gente olha para nós.

Continuo a olhar para a frente e pouso o tabuleiro, sentando-me. Ele desliza rapidamente para uma cadeira do outro lado da mesa, e mesmo estando com a pele arrepiada e consciente de cada maldita pessoa aqui dentro, respiro fundo e mostro-lhe um sorriso reconfortante.

– Estás a ver? – gabo-me, abrindo a *Coca-Cola*. – Já está a melhorar.

Mas, de repente, algo cai à minha frente, espalhando a minha comida, e eu espanto-me, parando imediatamente quando sinto o macarrão e queijo a atingir-me o braço e o cabelo.

Mas que...?

– Uau! – Ouvem-se uivos por toda a sala, seguidos de gargalhadas, e sei que vêm da minha antiga mesa. As pessoas à nossa volta reparam e começam a rir, algumas a sacar do telemóvel para tirar uma foto.

Fico ali sentada, paralisada.

Olho para cima, vendo um pedaço de massa gorduroso e cheio de queijo pendurado no meu cabelo sobre a minha testa, e fixo o olhar em Manny quando ele se estica e pega na maçã vermelha que atiraram para o meu tabuleiro. Olha para mim, parecendo surpreendido, mas quando vê a massa, ronca de riso.

– Ei – exclamo, ríspida. Isto não tem piada!

Mas ele está a sorrir, de qualquer das maneiras, a tremer de riso.

Reviro os olhos, sentindo o meu estômago torcer-se num nó, mas pouso a bebida e tiro a massa do cabelo. Pego num guardanapo e começo a limpar o braço onde o queijo espesso está colado à minha pele.

– Ei – diz uma voz masculina.

Levanto a cabeça para ver J.D. a puxar uma cadeira e sentar-se. Pega na maçã na mão de Manny e atira-a para o outro lado do refeitório, de onde veio. Não olho para lá, mas ouço um barulho e guinchos.

– O que estás a fazer? – pergunto, vendo-o recostar-se na cadeira, relaxado.

Ele encolhe os ombros, pegando na minha *Coca-Cola* e tirando a tampa.

– Bem, quando a tua miúda vai para a cama com o teu melhor amigo, acho que

está na hora de arranjar uma miúda nova e um bom novo amigo.

– Seja como for, gostamos mais de ti – diz outra pessoa.

Viro-me para ver Ten sentar-se ao lado de Manny. Ele olha para o miúdo.

– Olá.

Manny está todo encolhido, parecendo estar subitamente com medo de olhar para quem quer que seja.

– Olá – diz entre dentes.

J.D. dá um gole no meu refrigerante.

– Quando é que soubeste? – pergunto-lhe. Tenho a certeza de que Misha não lhe contou.

– Pouco antes de ter escrito a mensagem no relvado, a denunciá-la.

Arregalo os olhos e Ten fica a olhar para ele, chocado.

– Foste tu? – pergunto.

Merda. Se ele sabia nessa altura, como é que conseguiu fazer-se de parvo e andar com eles este tempo todo?

– Acho que estava com medo ficar sozinho – explica. – Até ver o que fizeste há cinco segundos.

– Não és o Punk – sonda Ten, mais em tom de pergunta do que de afirmação.

J.D. abana a cabeça.

– Ah, não. Foi só dessa vez.

Por uns instantes, pergunto-me se deva dizer-lhes quem é o Punk, mas não. Hora errada, local errado, e ainda não tenho a certeza se o Punk já terminou a sua missão. Não quero revelar-me até estar pronta.

Acabo de me limpar e abro o meu pacote de batatas fritas, grata por toda a gente na sala parecer ter retomado as suas conversas. Sem dúvida, graças à chegada de J.D. e Ten.

Pelos vistos, o que sempre pensei é mesmo verdade. Há segurança nos números.

– Então, consegui uma limusina para o baile de finalistas – diz-me J.D., olhando em volta para todos. – Saída de grupo?

Ten assente com a cabeça, mas Manny e eu permanecemos calados. Confio em Ten, mas ainda não estou totalmente certa quanto a J.D. Tudo o que tenho reparado sobre ele nas últimas semanas diz-me que está a melhorar de dia para dia, mas agora estou paranoica. Não quero ser ludibriada a ir ao baile e ups... de repente, estou ensopada em sangue de animal como no filme *Carrie*.

– Isto não é uma brincadeira, pois não? – pergunto-lhe. – És porreiro?

Ele olha para mim com um ar pensativo.

– Se o Masen não for, eles vão ter de passar por mim para chegar a ti. – E depois olha para Manny. – A ti, também. E acreditem em mim. Ninguém gosta de passar por mim.

Não consigo evitar um sorriso. Ele é um futuro jogador de futebol americano universitário com mais de oitenta quilos, e apesar de ter sido sempre bastante inofensivo, as pessoas sabem que não devem meter-se com ele.

– Então, parece-me bem. Adoraria. – Viro-me para Manny. – E tu?

– Já tens um vestido? – pergunta Ten, metendo-se na conversa.

Manny franze o sobrolho e lança-lhe um olhar carrancudo.

– E tu, tens?

Ten sorri, e Manny parece relaxar um pouco.

Ele não responde, mas ligo-lhe mais tarde. Manny não confia em nós, e não quero pressioná-lo neste momento.

Toda a gente se ocupa a comer. J.D. rouba comida do tabuleiro de todos e eu saco do telemóvel para enviar uma mensagem a Misha. Espero que não se importe de ser convidado para o baile de finalistas.

Mas depois penso melhor e vou ao Google procurar o Facebook dele. Li tanto sobre a vida dele e agora gostaria de vê-la, creio. Aposto que a última coisa que ele quer é falar sobre o baile, mas gostava de resolver o assunto o mais depressa possível para que pelo menos pense nisso.

Mas quando escrevo Misha Lare Grayson no motor de busca e faço *scroll* para baixo para encontrar o que quero, vejo-me subitamente perdida em mais informação do que aquela com que consigo lidar.

Sinto um peso no estômago, e o meu coração acelera.

Oh meu Deus.

CAPÍTULO 20

RYEN

Vejo o Cove à minha frente, ameaçador, enorme e imponente sob as nuvens cinzentas. Estaciono junto à carrinha de Misha e saio do *jeep*, dirigindo-me à entrada.

Agora sei porque deixou de me escrever há três meses.

Nunca devia ter deixado passar tanto tempo. Foi completamente egoísta da minha parte ficar ali sentada à espera que se decidisse e me escrevesse de volta – presumindo que o problema dele era pequeno e insignificante – e que era mais importante proteger o *status quo* da nossa relação.

É óbvio que ele não teria parado de escrever por um motivo trivial. Comprometeu-se comigo ao longo de sete anos. O que me levou a pensar que se mostraria tão indiferente a largar-me tão de repente?

E agora sei porque tem estado aqui escondido, longe do pai, também. Tudo faz sentido.

Quase.

Entrando no parque, sinto a brisa fresca da chuvada de ontem acariciar-me os braços. O ar está espesso e pesado e as nuvens lá em cima ameaçam mais do mesmo. Abraço-me para me proteger do frio ligeiro.

Olhando em volta, passo pelas diversões e antigas cabinas de jogos, vendo o pavilhão mais à frente. Entro e dirijo-me às escadas escuras, vendo imediatamente uma luz ao fundo do corredor.

Este lugar dá-me arrepios. Ouvi dizer que havia alguém de Thunder Bay interessado em comprar a propriedade e com planos de arrasar o velho parque de diversões e transformá-lo num hotel com campo de golfe e uma marina e tudo isso, mas pode ter sido apenas um rumor.

Ficaria triste ao ver este sítio desaparecer, mas sim... Viro cada esquina à espera de ver os palhaços da morte a rir estridentemente por entre a decomposição.

Demasiados filmes de terror, creio.

O quarto de Misha está iluminado e vejo o candeeiro na mesa de cabeceira aceso, assim como algumas velas noutra mesa do outro lado da divisão. Está deitado na cama, com os pés no chão e os ouvidos cobertos por auscultadores enquanto bate na coxa com um lápis.

Há algumas caixas que parecem cheias com os seus pertences junto à porta, mas para além da cama, mesa, candeeiro, tudo o resto está embalado.

Sorrio levemente, incapaz de afastar os meus olhos dele. A forma como o pé dele bate ao ritmo do que está a ouvir nos auscultadores, a forma como a argola no lábio dele parece tão apetecível, e o cabelo castanho-escuro – praticamente preto – despenteado como se ele tivesse acabado de vir de lá de fora do vento.

Dói-me o coração, o meu estômago dá reviravoltas e os meus pulmões enchem-se de ar que me envia um arrepio pela espinha.

Amo-o.

Dando um passo em frente, subo para cima dele, colocando-me em cima da cintura com uma perna de cada lado e plantando as mãos de cada lado da cabeça dele. Com um movimento rápido, abre os olhos, suavizando o olhar, contente por me ver.

Misha tira os auscultadores.

– Estás bem?

Sei que estará provavelmente preocupado por me ter deixado na escola perto de Trey e Lyla sem ele. Assinto com a cabeça.

Sinto-me tentada a contar-lhe o meu dia. As ameaças de Trey, Manny na casa de banho, J.D. e Ten ao almoço. Mas nada de distrações.

– Porque não me contaste sobre a Annie? – pergunto.

A expressão dele torna-se sombria e senta-se lentamente. Saio de cima dele, escorregando para a cama e sentando-me ao seu lado.

– Ia fazê-lo – diz, evitando os meus olhos enquanto desliga o *iPod*. – Estava só à espera que acalmássemos.

Consigo perceber isso, mas não me refiro a quando veio para cá como Masen. Refiro-me às suas cartas.

– Ouvi falar no assunto e vi o nome *online* – digo-lhe –, mas... porque me disseste que o teu apelido era Lare?

Quando ouvi falar na rapariga de dezassete anos que morrera em Old Pointe Road de ataque cardíaco, li que o nome dela era Anastasia Grayson.

Annie, creio, é diminutivo de Anastasia, mas Misha nunca me revelou o seu verdadeiro apelido?

– Lare é o meu nome do meio – responde. – É um nome de família. Toda a gente em Thunder Bay conhece os Graysons, e o meu avô é uma pessoa importante. Há sempre muita pressão para ser e agir de certa maneira. Era tão exasperante quando era criança, e quando comecei a escrever-te encarei isso como uma oportunidade de ser um pouco livre. Nem sequer pensei que uma miúda da nossa idade não faria ideia de quem era o senador Grayson. – Ele dá uma gargalhada fraca. – Mas mudei o nome legalmente para Lare quando fiz dezoito anos. Assenta-me muito melhor.

Então, pelos vistos, eu não era a única a fingir ser outra pessoa.

– Ela era uma excelente aluna – explica –, uma atleta, e estava sempre perfeita. Perguntava-me como ela conseguia, como arranjava tempo e energia para ser tudo o que era, mas só mais tarde é que me apercebi do que fazia ao corpo. Havia sinais e nós não os vimos. Tirar dinheiro da minha carteira, os horários dela, o apetite cada vez menor...

Eu lera os pormenores quando a polícia divulgou o nome dela há meses. Ela estava a fazer *jogging*, era tarde e estava sozinha. O carro dela estava sem bateria, por isso especularam que estava a tentar correr para uma bomba de gasolina ou assim.

Colapsou com o telemóvel na mão, e quando a ajuda chegou já estava morta. Mais tarde, soube-se que andava a abusar de drogas há algum tempo.

Não acompanhei a história e não liguei muito na altura. Era uma rapariga que eu não conhecia. Mas ouvira o suficiente para saber dos pormenores, e sinto-me constrangida, pensando nas vezes que pensei sobre o assunto, sem me aperceber de quem era.

A irmã de Misha.

– Foi na noite em que nos conhecemos na caça ao tesouro – digo, lembrando-me da data no artigo do jornal.

Ele acena com a cabeça, abstraído, ainda a olhar para o vazio.

– Nós estávamos a falar lá dentro, e ela estava...

A morrer. Desvio o olhar.

– Não conseguia aguentar nada depois disso – explica Misha. – Parei de escrever, porque não conseguia falar sobre o assunto, mas também não conseguia falar sobre mais nada. Não podia continuar como antes e não conseguia enfrentar a realidade de ela ter partido. Sentia-me doente. – Finalmente, olha para mim. – Precisava de ti, mas já não sabia como falar contigo. Ou ninguém. Eu tinha mudado.

– Podes falar agora.

Sorri, puxando-me para o colo dele.

– Sim. Não sei se alguma vez poderia voltar a abdicar de ti.

Encosto a testa à dele, sem saber o que faria sem ele. Odeio que tenha deixado de me escrever. Odeio que tenha fingido ser Masen. Mas estou tão contente por estarmos aqui.

Só odeio mesmo que tenha sido a morte da irmã a trazê-lo aqui.

– Eu compreendo porque deixaste de escrever e porque te refugiaste aqui, mas... – Olho-o nos olhos. – Porque te matriculaste na escola? Se não foi por mim, para que foi?

Abana a cabeça, exalando.

– Nada.

– Misha.

– A sério, não foi nada – diz-me, interrompendo-me. – Pensei que tinha outro motivo para estar aqui, alguém que eu conhecesse outrora, mas não. Foi estúpido, e sinto-me estúpido. Não devia ter vindo. – E depois sorri, abraçando-me. – Mas não me arrependo de o ter feito.

Inclino a cabeça, exasperada. Está novamente a ser evasivo.

– Amo-te – diz ele. – É só isso que importa.

E parece tão calmo e feliz que não quero arruinar nada. Respiro fundo e relaxo encostada a ele.

– Posso ter o cachecol de volta?

– Sim.

– Amo-te – digo, com um formigueiro nos dedos quando o ritmo do meu coração acelera.

Os dedos dele agarram a minha cintura com força.

– Já não era sem tempo, caramba.

Solto uma risada, beijando-o. Há de sempre criticar-me em tom de brincadeira.

– E acho que está na hora de conhecer a tua mãe – afirma.

– *Ugh*, tem mesmo de ser? – Traço um trilho de beijos do rosto dele ao pescoço, mais interessada noutra coisa naquele momento.

– Achas que não vai gostar de mim?

Solto um suspiro, olhando outra vez para ele. A minha mãe é adorável, mas é rígida. Ao ver-me apaixonada e tonta e tudo, a primeira preocupação dela será certificar-se de que não desisto de ir para a faculdade para me casar.

– Bom, és neto de um senador – digo. – Podemos começar por aí?

Ele solta uma risada pelo nariz, abanando a cabeça. Pelos vistos, a resposta é não.

– Está bem – respondo. – Mas depois tenho um favor a pedir.

– Pede agora.

– Ei – evito dizer. – Digo-te na carrinha. É ligeiramente ilegal.

CAPÍTULO 21

RYEN

Pego no pequeno saco de desporto e ouço o barulho de latas lá dentro. Bem, acho que está melhor do que estava. Não quero alertar a minha família quando o levar para o andar de baixo, por isso embrulhei as latas em roupa, esperando abafar o som.

Esta noite é a minha última incursão, e Misha vai ajudar. Só que, desta vez, não sinto culpa nenhuma. Somos rebeldes com uma razão.

Okay, um pouco de razão, pelo menos.

Vejo-me ao espelho mais uma vez, pego no saco e ouço a campainha tocar, sorrindo. Ele chegou.

Saio do quarto e levanto a batinha do vestido para descer as escadas. A minha mãe e irmã estão acampadas na sala de estar, para uma noite de pipocas e filmes de terror, mas na verdade estão só à espera de ver Misha outra vez.

Quando o trouxe a minha casa na semana anterior, a minha mãe gostou logo dele. Muito. Especialmente com a nossa história. Ela sabe o quanto Misha significa para mim e foi incrível conhecê-lo finalmente.

A minha irmã ficou só irritada, acho eu. *Oh, olha. Ele não me largou. Ele gosta de mim. Ele ama-me. E é todo bom.*

Mas não me chateou tanto na semana passada e tentei fazer um esforço com ela. Afinal, a minha relação com a minha irmã é tanto culpa minha quanto dela. Ela pode ter sido uma peste em miúda, odiando ter sempre de me dar a mão, para eu não estar sozinha, mas quando crescemos fui eu quem se afastou. Agora estou a tentar ter tento na língua e não erguer um muro de cada vez que ela entra no meu espaço. Vai demorar algum tempo, mas acho que chegaremos lá.

Ela até me arranjou o cabelo para esta noite.

Chego ao fundo das escadas, vendo a minha mãe a dirigir-se para o *hall* de entrada. Pouso o saco e deixo-me ficar atrás dela quando abre a porta.

Misha está ali, alto e vestido com um fato preto, camisa branca e gravata preta. Tudo lhe assenta perfeitamente e até tem a gravata direita. O cabelo dele está penteado, e a única coisa que parece o mesmo é a argola de prata no lábio. O colarinho até lhe tapa a tinta que lhe sobe o pescoço.

Adoro o modo como por norma se veste e o aspeto que apresenta, mas há qualquer coisa nele de fato. Parece tão adulto. E todo bom.

E aprecio o esforço que faz para impressionar a minha mãe. Quando o trouxe a

casa pela primeira vez, pegou numa camisola com capuz que tinha na carrinha e vestiu-a antes de entrarmos, puxando as mangas para baixo para esconder as tatuagens. Estava preocupado que a minha mãe o julgasse antes de o conhecer.

Mas isso mudou quando ela lhe mostrou a pequena tatuagem em caracteres japoneses *Kanji* que fez no ombro quando andava na faculdade. No tempo em que *Kanji* era o máximo. Ele relaxou um pouco.

Os olhos dele prendem-se nos meus e percorrem o meu vestido, uma peça vermelha, sem mangas e com uma saia até ao chão, com uma gola alta e fitas fininhas com joias e pérolas nas minhas costas despidas. A minha irmã também me maquilhou e a minha mãe pôs música a tocar e fez morangos com cobertura de chocolate para nos divertirmos enquanto eu me arranjava. Originalmente, o plano era ir com Lyla e as raparigas ao salão de cabeleireiro, mas o dia de hoje foi perfeito. Fico contente por tê-lo passado com a minha família.

Levanto as mãos, fazendo uma pose e gozando:

– Então, estou gira?

Ele entra e avança até mim, inclinando-se para me beijar a face.

– Não é a palavra que eu usaria – sussurra-me.

– Estão os dois ótimos – contribui a minha mãe.

– Não estão a condizer – replica a minha irmã, insolente, e olho para a ver entrar no *hall*.

Está com os calções de dormir curtos, provavelmente para impressionar Misha, e fantasio despejar vinagre no elixir bucal dela.

A condizer? Tipo a gravata dele e o meu vestido?

Mas Misha olha para ela e leva a mão ao peito, fingindo sinceridade.

– Condizemos aqui.

Resfolego, começando a rir-me baixinho.

A minha irmã revira os olhos e a minha mãe abana a cabeça, sorrindo.

– Muito bem, vamos lá – digo.

Baixo-me para pegar no saco, que a minha mãe pensa conter uma muda de roupa para as festas a que não vamos mais tarde.

Mas ela grita:

– Fotos!

E eu paro.

Soltando um pequeno suspiro, desço o último degrau, e ele vira-me, encostando as minhas costas ao peito dele.

– Pose pirosa tradicional de baile de finalistas – explica.

– Oh, muito bem. Se tiver mesmo de ser.

A minha irmã cruza os braços sobre o peito, parecendo descontente quando vê a minha mãe tirar as fotografias. É claro que quero fotos. Não sou uma desmancha-prazeres. Mas tenho aquela primeira foto nossa na caça ao tesouro e sinto que Misha está apenas a fazer-me um favor, acompanhando-me e aos rapazes. Não o quero pressionar.

Mas, surpreendentemente, ele parece estar a gostar disto. Virando-me, abraça-me e olha-me nos olhos, com a minha mãe a tirar umas quantas fotos rápidas.

O meu coração já está a bater com força e olho para a boca dele, sentindo o corpo

a aquecer. O que queria mesmo era simplesmente passar esta noite sozinha com ele.

– *Ugh*, arranjem um quarto – queixa-se Carson e vira costas, voltando para a sala.

Continuo a olhar para Misha.

– Ryen, quero que estejas em casa às duas horas da manhã – diz a minha mãe.

– É um baile de finalistas – saliento. – É tipo uma coisa para durar a noite toda.

– Às duas – repete, olhando entre nós, o aviso dela bastante claro.

Mas, de qualquer forma, argumento.

– Sete.

– Três.

– Três, e o Misha pode voltar para o pequeno-almoço de manhã – insisto.

Ela anui facilmente com a cabeça.

– Muito bem. Mas comemos *beignets*. Nada de *bagels* de pimento *jalapeño*.

– Eu sei.

Pego no saco com cuidado, para impedir que as latas batam umas nas outras, e sussurro para Misha quando passo por ele:

– Esperemos que estejas aqui bastante cedo, já que não vou deixar que te vás embora.

Ele ri-se baixinho e abre a porta, conduzindo-me. Provavelmente, não quer arriscar a não ficar nas boas graças da minha mãe agora que se conhecem, mas sabe que não vai ser capaz de me dizer que não.

Descemos as escadas, e ele tira-me o saco da mão quando vejo a limusina no passeio. Dirigimo-nos até ela, paro e deixo-o abrir a porta.

– Ei! – ouvem-se vozes lá de dentro.

Vejo J.D., Ten e Manny sentados no interior, a petiscar e a beber refrigerantes, mas se bem conheço Ten há álcool algures por ali.

– Ei, porque é que vocês não entraram? – pergunto enquanto entro na limusina.

– Uma fotografia de baile de finalistas com quatro rapazes? – goza J.D. – Pensa só no que a Lyla publicaria no Facebook sobre isso.

Pois, certo.

Mas a porta fecha e vejo Misha debruçado a espreitar pela janela aberta.

– O que estás a fazer? – pergunto.

– Vejo-te no baile.

O quê?

Começa a afastar-se e enfio a cabeça pela janela.

– Misha!

Vira-se, a andar de costas, e reparo na carrinha atrás dele. Deve ter chegado de carro e os rapazes estacionaram a limusina depois.

– Não te preocupes – diz ele – e diverte-te. Estarei lá.

Fico a olhar para ele, completamente confusa. Também leva o saco com ele. Ele não vai fazer nada sem mim, ou vai?

Raios.

Encosto-me no assento, fazendo uma careta. Agora já não vou entrar no baile com quatro homens.

Sinto a limusina começar a andar e reparo que o interior também está silencioso. Levanto a cabeça e vejo Manny, Ten e J.D. a olhar fixamente para mim.

E é então que J.D. pergunta:

– Quem é o Misha?

O Baxter Hotel está todo decorado quando chegamos. Há luzes a brilhar nas árvores e lindas lanternas do virar do século tremeluzem com pequenas chamas, guiando-nos para o salão de baile. Sentem-se as vibrações da música acelerada no átrio e já consigo cheirar a comida.

Mandamos a limusina embora, esperando que Misha tenha o seu meio de transporte quando chegar, mas, quando entramos no baile, continuo sem o ver.

A sala está elegantemente decorada em tons de preto e verde – as cores da nossa escola – com balões, velas e toalhas de linho branco. Olho para o palco, onde uma banda toca uma *cover*.

– Consegues vê-lo? – berro para o ouvido de Ten.

Ele encolhe-se, desviando a atenção da conversa que mantém com Manny para me responder.

– Não procurei.

Okay. Relaxa. Acabámos de chegar.

Mas as coisas finalmente acalmaram entre Misha e eu, e estamos a divertir-nos. Só não quero que uma parvoíce dê cabo de tudo.

Confessei aos rapazes no carro, achando que não há mal nenhum em dizer-lhes o nome verdadeiro de Masen. Misha disse que não ia voltar à escola e tenho outra vez amigos verdadeiros. Sinto-me estranha a mentir.

– Queres beber alguma coisa? – pergunta Ten, apontando para o bolso no peito dele.

Respondo que não com um gesto.

– Queres dançar? – pergunta J.D. do meu outro lado.

Volto a olhar em volta, à procura de Misha.

– Sim – acabo por responder. Porque não? Ele disse para me divertir.

J.D. leva-me até à pista de dança enquanto Ten e Manny se sentam a uma mesa. Olho para eles, vendo Manny a olhar em volta, nervoso, como que à espera que algo de mau acontecesse. Mas... Ten agarra-o pela gravata, puxando-o para mais perto dele, para a poder endireitar.

Quase me rio. Manny parece ter sido apanhado de surpresa, mas os dois trocam um olhar, e fico um pouco curiosa.

Nah. Ten nunca namoraria com um gótico.

J.D. e eu juntamo-nos a toda a gente na pista de dança, mexendo-nos ao som da música enquanto outros riem e conversam. A energia e o ambiente estão incríveis. Está escuro e apinhado e parece o que Misha descreveu numa das suas cartas. Sobre apercebermo-nos de sermos um de muitos e não nos sentirmos tão sozinhos.

Quase me sinto invisível – sem estar em exibição – e até que gosto da sensação. A canção acaba e caio para cima de J.D., ofegante e a rir. A máquina de fumo e o calor de tanta gente apinhada pesa sobre mim, e tiro o meu inalador da bolsa que trago amarrada ao pulso. Olho em volta, hesitante. Normalmente, vou à casa de banho.

Que se lixe. Inalo, e vejo J.D. olhar duas vezes, mas apenas parece surpreso

quando inalo outra vez.

– Estás bem?

Assinto com a cabeça, levantando o polegar.

– Estou ótima.

Volto a enfiar o inalador na bolsa e deixo-o aproximar-se. Ele pouisa as mãos na minha cintura enquanto dançamos um *slow*.

– Não acredito no que estou a ver – diz alguém.

Viro-me e vejo Lyla e Katelyn, que nos lançam olhares furiosos enquanto toda a gente dança à nossa volta.

Os braços de Lyla estão cruzados sobre o vestido cor-de-rosa-vivo.

– É quase precioso demais para pôr por palavras – reflete ela.

Katelyn mostra um sorriso malicioso atrás dela, e eu inclino a cabeça para a frente, fingindo que ressono.

– Oh, desculpa. – Volto a levantar a cabeça, olhando para J.D. – Adormeci. O que aconteceu?

Ele ri-se.

No entanto, para ser sincera, mereço a animosidade de Lyla. Não fui uma boa amiga. Mas com ela não sei se alguém pode ser.

Reparo em Trey a cambalear atrás dela e vejo-o cair sobre Lyla, abraçando-a. Tem as pálpebras pesadas e mal se aguenta em pé.

– Ei, como vão as coisas? – diz numa voz arrastada, gesticulando entre J.D. e eu. – Tu também, hein? Rodas depressa, miúda. Gosto disso.

Oh, por favor. Viro-lhe as costas, mas não sem antes ver Lyla tentar afastá-lo.

– Oh, então? – diz ele atrás de mim. – Os amigos partilham, J.D. Dás uma volta com a minha e eu com a tua.

Trey agarra-me o braço, mas J.D. dá-lhe um empurrão.

– Afasta-te dela.

Trey volta à carga, mas reteso todos os músculos dentro de mim.

– Basta!

Mas, nesse momento, ouve-se uma voz, e eu paro.

– Obrigado a todos por nos deixarem participar – diz Misha, e eu pestanejo, apercebendo-me que a música parou.

Desvio o olhar de Trey, olho para o palco e vejo Misha ao microfone. Continua com o fato vestido, mas tem uma guitarra à frente, e cruzamos o olhar quando um pequeno sorriso dança nos olhos dele.

Dou um passo em frente, atraída por ele.

– Somos os Cipher Core, e esta é dedicada à *cheerleader* – diz ele.

Sinto o coração na garganta e reparo nos colegas de banda no palco, os mesmos que estavam com ele no vídeo do YouTube que vi.

– Ei, é o Masen – diz J.D., entre dentes. – Quer dizer, o Misha.

A bateria faz a contagem, começa a batida e as guitarras avançam, criando uma melodia rápida e forte, mas com alma. A voz de Misha flui, lenta e inquietante, mas logo acelera.

*Tudo vale quando todos sabem
Onde te escondes quando os altos deles são os teus baixos?
Tanto, tão difícil, tão demorado, tão cansado,
Eles que devorem até seres reduzida a nada.*

*

*Não lamente os teus pequenos lábios brilhantes,
O que saboreiam acaba por perder o seu sabor
Quero lambe-la, enquanto ainda sabes a ti.*

*

*Marca-o, diz a cheerleader
Prometo que voltamos aqui.
Antes tenho merdas a fazer. Não esperarás muito.*

*

*Não consigo obrigá-la a ficar,
e não consigo vê-la partir.
Vou guardar o coração infernal dela,
e marcá-lo antes que enregele.*

*

*Cinquenta e sete vezes que não liguei
Cinquenta e sete cartas que não enviei,
Cinquenta e sete pontos para respirar de novo, e então finjo, foda-se.*

*

*Cinquenta e sete dias para não precisar de ti
Cinquenta e sete vezes para desistir de ti
Cinquenta e sete passos para me afastar de ti
Cinquenta e sete noites de nada a não ser tu.*

*

Os olhos dele estão fechados e o rosto dele é tão belo. Sinto-me a derreter por dentro, pois é a canção mais perfeita que jamais ouvi, e quero que ele continue.

Quando é que escreveu aquilo? Quando estávamos zangados? Antes de nos encontrarmos?

Uma professora responsável sobe ao palco depois de a canção acabar e inclina a cabeça com um ar reprovador para a banda. Eles sorriem e arrumam os instrumentos, saindo dali depressa, pois embora tenham tido permissão para tocar uma canção, provavelmente não tinham permissão para dizer algumas das palavras que estavam naquela letra.

Rio-me quando Dane faz uma vénia dramática e a multidão aplaude. Nem sequer sei o que acabou de acontecer. As pessoas estavam a dançar? Onde estão Trey e Lyla?

Não sei e não quero saber.

Misha passa a guitarra dele a um dos rapazes, e eu avanço pela multidão, à espera que venha ter comigo. Salta de cima do palco quando a outra banda retoma o seu lugar e começa a tocar.

Chega ao pé de mim e abraça-me por baixo do traseiro e levanta-me do chão. Rio-me embora tenha lágrimas na face.

Toco no rosto dele, olhando para ele de cima.

– Não queria chorar.

– Muitas das tuas palavras estão naquela letra – revela-me. – Juntos, fazemos muito mais do que umas meras coisinhas, sabias?

– Boas e más.

Ele estica o pescoço para cima, roçando os meus lábios.

– E quero tudo isso.

Beijo-o, esquecendo todos os restantes. Então aquilo era 57. Ele enviara-me partes da canção durante o último ano, mas nunca ouvira tudo completo.

– Amo-te – sussurra. – E estou pronto para ir embora assim que também estejas, por isso mantém-me a par da situação.

– Estou pronta.

Sorri e pousa-me no chão.

– Vamos divertirmo-nos.

Pega-me na mão e atravessamos a multidão de dançarinos, encontrando J.D. ao passar pelas mesas da comida.

– Onde é que vocês vão? – pergunta.

Olho para Misha, e ele encolhe os ombros.

Está uma miúda cujo nome desconheço ao lado de J.D. Não quero afastá-lo dela ou das *after parties*, mas...

– Podes desaparecer connosco por uma hora?

Ele pensa no assunto e pousa o prato.

– Alinho.

– Lembra-te de que disseste isso – aviso.

Ele sussurra qualquer coisa à rapariga e corre atrás de nós enquanto Misha bate na mesa de Ten e Manny.

– Vamos.

Empilhamo-nos todos na carrinha de Misha e vejo o meu saco no chão do lado do passageiro ao entrar.

– Então, onde vamos? – pergunta Ten quando Misha liga a ignição e sai do parque de estacionamento.

– À escola.

Ponho o cinto de segurança e pouso o saco no meu colo, abrindo o fecho.

– Porquê?

Olho para Misha e tudo na expressão dele diz-me para continuar.

Saco de uma lata de tinta de *spray* lavável.

– Porque... estamos quase no final do ano e ainda tenho umas coisas a dizer.

Levanto a lata e olho para trás de mim, vendo os olhos de Ten praticamente a saírem-lhe da cabeça.

– O quê? – exclama.

– Tu? – J.D. olha para mim, chocado.

Olho Manny nos olhos e consigo ver a cabeça dele a trabalhar. Talvez se aperceba de que fui eu quem escreveu a mensagem no cacifo dele daquela primeira vez:

*
*Não estás sozinho. Tudo melhora.
És importante e insubstituível.
Aguenta.*
*

Conto-lhes tudo. Como começou e como o justifiquei, mas também lhes digo o que ainda tenho de fazer esta noite. Uma última vez para que faça diferença.

E como todos eles terão algo a dizer sobre o assunto, pensei que talvez quisessem participar. Especialmente tendo em conta que Ten indicou que gostaria de o fazer e J.D. já participou uma vez.

– Então, alinham? – pergunto.

– Claro que sim – responde J.D.

Olho para Manny, que permanece calado.

– Não tens de fazê-lo.

Não estou a pedir que nenhum deles se meta em sarilhos. Podem esperar na carrinha, ou podemos levá-los de volta ao baile agora mesmo.

Mas assente com a cabeça, indicando a lata na minha mão.

– Quero a tinta preta.

Muito bem. Enfio a mão no saco, distribuindo latas e lembrando que se devem ater a superfícies fáceis de limpar. Evitar telas, pósteres, obras de arte e uniformes ou roupas nos balneários.

Chegamos à escola e estacionamos no lado sul, esgueirando-nos pelo portão e correndo pelo terreno, até ao pavilhão da piscina.

Entrego a minha lata a Misha e tiro a minha chave da bolsa.

– Tens uma chave? – pergunta J.D., surpreso. – Não acredito que nunca pensaram em interrogar-te.

Sim, tenho uma chave. Muitas vezes sou a última pessoa a sair da piscina e este é o meu trabalho. Confiam em mim para trancar esta porta.

– Sou a Ryen Trevarrow – brinco. – Sou uma cabeça-tonta praticamente sem células cerebrais para respirar.

Ouvem-se risadinhas pelo grupo e destranco a porta, despachando toda a gente lá para dentro.

– Como é que sabes que ninguém vai ver isto amanhã e livrar-se da tinta antes de segunda-feira? – pergunta Misha.

É sábado à noite, por isso é possível.

Mas...

– Vão estar cá operários amanhã para reparar as fugas de água – explico. – Vão pedir aos professores para não entrarem no edifício por uma questão de segurança. – Olho em volta para todos eles. – Sabem o que fazer?

- Sim.
 - Completamente.
 - Estou a postos.
- Então, *okay*.
- Vamos a isso.

*

Na segunda-feira de manhã, Misha e eu entramos na escola, olhando em frente enquanto a tempestade se desenrola à nossa volta.

Uma boa parte de mim sabe que não devíamos tê-lo feito. Afinal, há outras maneiras, e melhores de lidar com os nossos problemas.

Mas o que Misha disse é verdade. Toda a gente é feia, certo? Alguns escondem-no e outros assumem-no.

Penso que me fartei de ver Trey a escondê-lo.

E de toda a gente que lhe permitiu que o mantivesse escondido.

Fiz uma coisa muito má.

– Oh, meu Deus – murmura ao meu lado, e olho para vê-lo ler algo que escrevi no sábado à noite.

– Ei, viste isto? – diz uma rapariga, espantada, perguntando à amiga enquanto olham boquiabertas para a parede em frente.

Olho pelo corredor, vendo várias mensagens escritas aqui e ali e pessoas agitadas, absorvendo tudo.

*

Não devias ser apanhada sozinha comigo. Tens andado a pedi-las.

*

Trey Burrowes

*

Consegues sequer encontrar a tua pila, paneleiro?

Trey Burrowes

*

Vou fodê-la e vou foder a mãe dela. Esperem para ver.

*

*Cada esquina que vires, cada noite em que vás dormir,
vou estar lá, e vou descobrir exatamente
o que tenho andado a perder.*

*

Não demora muito para que cabrinhas como tu se tornem putas, mal ganhem o gostinho.

*Devias ter visto o comboinho que fizemos com uma rapariga na semana passada. Ela
tinha tipos em filinha.
Foi tão bom. Cabeça para baixo, rabo para cima,
é assim que gostamos de foder.*

*

Trey, Trey e mais Trey.

Continuamos a andar, passando pelas citações que nós os quatro escrevemos nas paredes, cacifos e chão no sábado à noite, virando para outro corredor e vendo ainda mais.

Mas nem todas eram sobre Trey. Algumas eram atribuídas a Lyla, a Katelyn, a uns quantos amigos de Trey, e até a mim.

Porque é óbvio que é fácil dizer que se lamenta. A expiação começa quando se enfrenta a vergonha.

*

*Uma noite destas, apanho-te no parque de estacionamento,
e abro-te essas perninhas bonitas e fodo-te ali mesmo no chão. Gostavas que fizesse
isso, querida?
Trey Burrowes*

*

– Que nojo – diz uma rapariga do décimo primeiro ano, estremelecendo.
Outra rapariga saca de um lápis e escreve debaixo da mensagem *Todas o querem*.

*

Não, não queremos, escreve ela.

*

Os corredores são um redemoinho de atividade e tentámos manter as nossas publicações nos dois corredores principais, principalmente por toda a gente passar por eles ao entrar na escola.

Chamou a atenção a toda a gente. Algumas raparigas parecem zangadas e enojadas. Alguns rapazes estão surpreendidos.

– Todos os alunos devem dirigir-se ao auditório – ouve-se a voz da vice-diretora nos altifalantes. – Todos os alunos devem dirigir-se ao auditório.

Ten para-nos no corredor, parecendo nervoso, mas divertido.

– Parece que ganhámos a lotaria com esta.

– Sim. – Ofereço-lhe um meio-sorriso e observo mais estudantes a escrever debaixo das mensagens nas paredes. – Mas olha só para eles.

Diz o que pensas, e dás aos outros permissão para fazer o mesmo.

Viro-me para Misha, suspirando.

– Devias ir embora. Não precisas de estar aqui, e ela vai chamar-te ao gabinete se

te encontrar.

Desde que virou costas à diretora Burrowes há mais de uma semana, Misha não voltou à escola, mas penso que estava preocupado com o que se passaria hoje e queria estar aqui.

Ele abana a cabeça.

– Não quero saber.

– Bom, a polícia acaba de chegar – informa Ten.

– A polícia? – sussurro. – Não pensei que o que fizemos fosse assim tão mau.

– Não, não é por causa do vandalismo. É por causa do Trey. Uma data de miúdas, várias raparigas, estão no gabinete da diretora, a denunciá-lo. Acho que as frases mexeram com elas.

– Então, devias mesmo ir-te embora – digo a Misha.

Mas nesse preciso momento a diretora Burrowes aproxima-se de nós e o meu coração para por um instante.

– Laurent? Acompanha-me, já.

Ele fica a olhar para ela por um momento.

Mas eu intrometo-me.

– Porquê?

– Penso que ele sabe porquê.

Ele hesita por um instante e penso que vai discutir com ela como da última vez, mas não o faz. Dá um passo em frente.

– Não, não, não... – digo a correr. – Ele não fez nada.

– Não faz mal – tranquiliza-me ele entre dentes.

Mas a diretora Burrowes interrompe, olhando para mim.

– O registo diz que a Ryen foi a última pessoa, além do zelador, a assinar a folha e a deixar a escola na sexta-feira ao fim da tarde – diz-me ela. – Ora bem, isso não é invulgar, pois ficas sempre até mais tarde para dar aulas de natação, mas depois ocorreu-me que tens uma chave. E então lembrei-me da companhia com quem tens andado. – Olha de soslaio para Misha. – Roubaste a chave dela?

– Não! – respondo por ele.

– Sim – diz ele.

Ai, céus.

– Não faz mal – repete ele. – Eu fico bem.

Ela leva-o e ergo as mãos no ar, sentindo-me impotente. Porque que é que ele não foi embora como da última vez?

Não tem de me proteger, e sabe que não vou deixá-lo arcar com as culpas.

O que está ele a fazer?

CAPÍTULO 22

MISHA

– Senta-te.

Prefiro ficar de pé, mas acho que mais vale ficar confortável. Sento-me na cadeira em frente à dela.

– Depois das brigas e do teu comportamento nas últimas semanas, tenho andado a ligar para os números de telefone na tua ficha – diz-me ela, fechando a porta do gabinete. – Nenhum deles funciona ou são números errados. Queres dizer-me o que se passa?

Fixo o olhar nela quando se senta atrás da pequena secretária arrumada. Desapertando o *blazer*, chega a cadeira para a frente e abre um ficheiro, sem dúvida o meu. Está praticamente vazio.

Mas mantenho-me calado.

– Se estavas preocupado com algo que o Trey tenha feito, devias ter vindo falar comigo – diz. – E não invadir a escola e escrever acusações terríveis na parede.

Acusações? As fotos que encontrou no quarto dela não eram claras o suficiente?

– Onde está ele? – pergunto.

Ela endireita-se.

– Mandeí o meu enteado para casa durante o resto do dia, enquanto resolvemos esta confusão.

Apetece-me sorrir, mas não o faço. Limito-me a olhar para ela fixamente. Com a quantidade de estudantes perturbadas do lado de fora da porta dela neste preciso momento, quer-me parecer que a confusão vai levar algum tempo a resolver.

– Onde estão os teus pais? – pergunta ela.

– O meu pai vive em Thunder Bay.

– E a tua mãe.

– Partiu.

Ela solta um suspiro e entrelaça as mãos sobre a secretária. Sabe que não vai chegar a lado nenhum assim.

Pega no auscultador do telefone e encosta-o ao ouvido.

– Dá-me o número do teu pai.

Cerro os punhos, mas não me denuncio. *É agora.*

– 742-555-3644.

– Como se chama? – Marca o número. – O nome *verdadeiro*.

Ouço o telefone a chamar e sinto o coração a bater dolorosamente, mas aguento-me estoico.

– Matthew – respondo de forma seca. – Matthew Lare Grayson.

De repente, ela fica quieta e levanta os olhos rapidamente para mim. A respiração dela acelera e parece que viu um fantasma.

Bem, lembra-se do nome dele. Pelo menos isso.

Ouço a voz do meu pai do outro lado da linha.

– Estou sim?

E ela volta a olhar para baixo e vejo-a engolir em seco, pestanejando nervosamente.

– Matthew?

– Gillian?

Ela desliga o telefone como se este estivesse a esgaldar e cobre a boca com a mão. Quase que quero sorrir. Só para a torturar mais.

Ela levanta o olhar, fixando-o no meu, parecendo ter medo de mim.

– Misha?

Exato.

E é fantástico. Lembra-se do meu nome. Dois pontos para a mãe.

Agora sabe. O facto de eu ter vindo para esta escola e me ter sentado neste gabinete não teve nada que ver com Trey. Teve que ver com ela.

– O que queres? – pergunta, e parece uma acusação.

Rio para comigo.

– O que quero? – E, então, baixo os olhos, sussurrando para mim mesmo: – O que quero?

Levanto o queixo e inclino a cabeça para o lado, sentado à frente dela e fazendo com que ela se responsabilize.

– Acho que queria uma mãe. Queria uma família e queria que me visses tocar guitarra – digo-lhe. – Queria ver-te na manhã do dia de Natal a sorrir para mim e a sentir a minha falta e a abraçar a minha irmã quando ela estava triste ou a sentir-se só ou assustada. – Observo-a enquanto ela fica ali sentada, em silêncio, com os olhos a brilhar de lágrimas. – Queria que gostasses de nós. Queria que dissesse ao meu pai que ele era um bom tipo que merecia melhor que tu e que devia parar de esperar por ti, queria que *nos* dissesse para pararmos de esperar.

Cerro o maxilar, sentindo-me cada vez mais forte. Isto não é sobre mim. Estou farto de sair magoado e de fazer perguntas a mim mesmo quando sei que as respostas não serão boas o suficiente.

– Queria ver-te – continuo. – Queria descobrir quem és. Queria perceber porque é que a minha irmã morreu de um ataque cardíaco aos dezassete anos, por tomar drogas para ficar acordada para estudar e ser a filha, atleta e aluna perfeitas, para que voltasses para casa e sentisses orgulho nela e a quisesses!

Observo o rosto dela, vendo os olhos castanhos de Annie a fitar-me de volta, revelando dor e a ficarem vermelhos.

– Queria compreender porque não foste ao funeral da tua própria filha – acuso. – A tua bebé que estava tombada numa estrada escura, molhada, fria e sozinha enquanto os teus novos filhos – empurro uma moldura na secretária, fazendo-a tombar para a frente

–, na tua nova casa – mais uma moldura –, com o teu novo marido – a última moldura –, estavam seguros e quentinhos nas camas deles, mas não a Annie. Ela estava a morrer sozinha, nunca tendo sentido os braços da mãe em volta dela.

Ela dobra-se para a frente, soçobrando e voltando a cobrir a boca com as mãos. Isto não pode ser uma surpresa. Ela devia saber que ia acontecer um dia.

Quer dizer, eu sei que ela não me via desde que eu tinha dois anos, mas achei mesmo que me ia reconhecer. Naquele primeiro dia, quando a vi no refeitório, senti que ela se ia virar para mim. Como se me tivesse sentido, ou assim.

Mas não o fez. Não nesse momento, nem quando me chamou ao gabinete para um «Ei, como te sentes?»... e nem noutra vez qualquer depois disso.

Abandonou-nos e mudou-se para longe quando Annie não passava de uma bebé. Uns tempos depois, ouvi dizer que tinha ido para a faculdade e que começara a dar aulas, mas, sinceramente, não me doera praticamente nada.

Eu até conseguia perceber o facto de ser nova – vinte e dois anos com dois filhos –, já para não referir o facto de ao casar ter entrado para uma família implacável. Mas pensei que acabaria por encontrar o caminho de volta para nós.

E, mais tarde, quando eu e Annie descobrimos que ela estava apenas a uma cidade de distância, casada com um homem que já tinha um filho, e começara uma família com ele e ainda não tinha feito o mínimo esforço para nos procurar, a mim e a Annie, fiquei zangado.

Annie fez tudo na esperança de que a nossa mãe ouvisse falar nela ou visse a equipa dela no jornal e a viesse buscar.

– Agora... – digo, num tom calmo e sereno – não quero nada disso. Só quero a minha irmã de volta. – Inclino-me para a frente, com os cotovelos nos joelhos. – E quero que me digas uma coisa antes de me ir embora. Uma coisa que preciso de ouvir. Quero que me digas que nunca tencionaste procurar-nos.

Os olhos lacrimejantes dela erguem-se para mim.

Sim, eu podia ter-me convencido de que vim aqui para recuperar o álbum de fotografias das fotos da escola da minha irmã e os recortes de jornais que Annie disse ter enviado por correio para aqui, que eu encontrei no armário de arquivo dela, e o relógio do meu avô, mas, na verdade, parte de mim tinha uma centelha de esperança. Parte de mim pensava que ela ainda podia ser uma boa pessoa e ter uma explicação. Uma forma de me dizer por que razão – mesmo na morte – a mãe de Annie não a procurou.

– Quero que me digas que não te arrependes de ter ido embora e que não pensaste em nós um único dia desde que partiste – exijo. – Eras mais feliz sem nós e não nos querias.

– Misha...

– Di-lo – rosno. – Deixa-me sair daqui livre de ti. Dá-me isso.

Talvez ela sentisse a nossa falta e não quisesse perturbar as nossas vidas. Talvez sentisse a nossa falta e não quisesse perturbar a vida *dela*. Ou talvez essa parte da vida dela se tenha quebrado e terminado, e ela não quisesse voltar atrás. Talvez não se importasse.

Mas eu sei que *eu* não me posso importar mais com isto. Olho fixamente para ela e espero que me diga o que preciso de ouvir.

– Não ia procurar nenhum dos dois – sussurra ela, olhando para a secretária com as lágrimas a escorrer pelo rosto. – Não podia ficar. Não podia voltar. Não podia ser vossa mãe.

Bato com força na secretária e ela assusta-se.

– Não quero saber das tuas desculpas. Não vou sentir pena de ti. Agora di-lo. Diz que eras mais feliz sem nós e que não nos querias.

Ela volta a chorar, mas eu espero.

– Sou mais feliz desde que parti – diz, soluçando. – Nunca penso em ti, nem na Annie, e sinto-me mais feliz sem vocês. – Desaba como se as palavras fossem penosas de dizer.

A tristeza sobe-me pela garganta e sinto a ameaça das lágrimas. Mas levanto-me, endireito as costas, e olho de cima para ela.

– Obrigado – respondo.

Virando-me, dirijo-me até à porta, mas paro, falando com ela de costas voltadas.

– Quando a tua outra filha, Emma, fizer dezoito anos, vou apresentar-me a ela – afirmo. – Faz um favor a ti própria e não sejas uma idiota. Prepara-a antes que chegue a altura.

E abro a porta, saindo do gabinete.

Entro no corredor vazio e avanço até à entrada, a distância entre mim e a minha mãe a aumentar cada vez mais. A cada passo, sinto-me mais forte.

Não vou arrepender-me de ter ido embora, digo a mim mesmo. Não vou pensar em ti um único dia a partir de agora. Estou mais feliz sem ti e não preciso de ti.

Nunca mais vou procurar-te.

– Perguntaste-lhe porque se foi embora?

– Não. – Estou sentado encostado à parede do quarto de Annie, com Ryen apoiada em mim entre as minhas pernas.

– Não te sentes curioso em relação às razões dela? – insiste. – Como ela o justificaria?

– Costumava pensar nisso. Mas agora eu... não sei. – Não é que não me importe, mas... – Se alguém não nos quer, temos de parar de o querer. Costumava dizer isso a mim mesmo, e agora acredito – digo-lhe. – Não foi muito difícil, enfrentá-la e virar costas. Se ela quisesse explicar, tê-lo-ia feito. Se pudesse, teria feito isso. Não veio atrás de mim. Sabe onde me encontrar, se quiser.

Ryen acaricia o lenço azul de Annie.

– Então, era por isso que estavas em Falcon's Well.

– Sim. Ela tinha o relógio. Uma relíquia de família que lhe foi oferecida pelo meu avô paterno e pelo meu pai quando se casaram – digo, enfiando o nariz no cabelo dela. – Manda a tradição de família que vá para o filho primogénito. Ela levou-o com ela quando se foi embora, talvez por despeito pelo meu pai ou para o empenhar a troco do dinheiro que precisasse, mas acabou por dá-lo ao Trey.

– Deves tê-la odiado por isso.

– Já a odiava – respondo de pronto. – Mas doeu. Ela já nos tinha abandonado. Como pôde roubar mais uma coisa... em especial uma coisa que me pertencia por

direito?

Era egoísta e maldosa, e talvez não seja agora a mesma pessoa que era então, mas não vou ficar à espera dela como Annie. Abraço Ryen com mais força. Isto, aqui, é tudo. Mal posso esperar por viver todos os dias que vou viver com ela. Vamos divertir-nos à brava.

Em especial porque já não tenho de me preocupar com aquele sacana na escola com ela durante o resto do ano. Ela recebeu uma mensagem de Ten, informando que ouvira dizer que o superintendente da escola interviera e proibira Trey de pôr um pé sequer no recinto da escola até estar tudo esclarecido. E como há algumas alunas a apresentar queixa, pelas fotos e vários outros assédios, parece que os próximos meses da vida de Trey serão passados no tribunal.

Ryen levanta-se e puxa-me para cima, saindo os dois do quarto. Vim aqui para devolver o medalhão e o álbum de fotografias de Annie. Também havia cartas no envelope que tirei do gabinete da minha mãe. Annie não me disse que lhe escrevera, apenas que lhe enviara um álbum com as fotografias dela e outras coisas. No entanto, certificara-se de ter deixado de lado fotos minhas. Sabia que eu não teria gostado.

Talvez eu não devesse ter tirado o álbum e as cartas. Porém, quando a nossa mãe não apareceu no funeral, simplesmente não desejei que ela tivesse algo que pertencesse a Annie.

Mas Annie deu-lhas a ela... Era o desejo dela que a nossa mãe tivesse aquelas coisas.

Se ela quiser o envelope de volta, pode ficar com ele. Mas tem de vir pedi-lo.

Fecho a porta silenciosamente atrás de mim e sigo para o meu quarto, vendo Ryen a sentar-se na cama, a ler uma folha de papel.

– O que é isto? – pergunta ela.

Olho para o papel branco.

– É uma carta.

Ela dobra-a e pousa-a.

– Bem, eu não a li, nem nada, mas parece ser uma oferta para falar sobre um contrato discográfico. – Mostra um sorriso matreiro. – E há mais ali. – Aponta para a mesa de cabeceira. – Também não li aquelas, mas pergunto-me se poderão ser também cartas a demonstrar interesse. Aposto que alguns tipos bem relacionados viram os vídeos dos Cipher Core no YouTube e querem falar contigo.

Eles não querem os Cipher Core. Querem-me a mim, mas eu não quero deixar a minha banda.

Deixo-me cair na cama e puxo-a para mim, fazendo-lhe cócegas.

– As únicas coisas que quero fazer são coisas que não me afastem de ti. Percebeste?

Ela ri-se, encolhendo-se e tentando parar-me.

– Bem, a universidade não está muito longe! – diz ela entre risadinhas, batendo nas minhas mãos para as afastar. – Vou-me embora. E vi a página de Facebook da tua banda. Tem as datas da *tournee* deste verão publicadas.

– São bares manhosos e feiras e festivais. – Subo para cima de Ryen, posicionando uma perna de cada lado das ancas dela e esticando-lhe os braços para cima da cabeça.

– Mas isso parece fantástico.

Ponho a língua de fora e inclino-me para baixo, tentando tocar-lhe com ela no nariz.

– Tens cinco anos ou quê? – guincha, contorcendo o corpo e tentando empurrar-me para longe dela.

Avanço com rapidez, lambendo-lhe a ponta do nariz. Retrai-se e abana a cabeça rapidamente para que eu não lhe acerte uma segunda vez.

Rio-me, largando-lhe as mãos.

– Francamente, não sei porque é que o Dane ainda não tirou isso. Disse-lhe que não ia.

– Vais, sim.

Saio de cima dela.

– Ryen, eu...

– Para – diz ela. – Não é para sempre. Tens de ir. Segue isto e vê onde te leva.

Neste momento, não queria nada isto. A ideia de a deixar deixa-me completamente infeliz.

– Tu e eu tivemos uma relação à distância durante sete anos – continua. – Acho que passámos o teste do tempo e da distância. Nunca alguém esteve tão perto de significar tanto em pessoa quanto tu nas tuas cartas. E agora que nos encontrámos, e eu te amo – diz ela, subindo para o meu colo e enroscando as pernas à minha volta –, não tenho dúvidas quanto a isto. Tens de ir.

– Acabei de te ter.

– E não quero que te retraias por minha causa.

Deslizo as mãos pelo interior da camisola dela, saboreando a sua pele quente e macia.

– Vamos ter tudo o que queremos – diz-me ela, ditando as regras. – É a única forma que quero isto contigo. Se fores, e não gostares, volta para casa. Mas se gostares, estarei à espera quando acabares.

Consigo sentir os meus nervos a disparar e não sei como lidar com isto. Preferia não ter de pensar nisto hoje.

Gostaria eu de andar por aí num velho autocarro alugado e tocar alguma música este verão? Talvez. O plano era esse até fevereiro.

Mas agora tenho Ryen, e não consigo imaginar não a ver todos os dias. Não vejo motivo para perder um minuto sem ela. Não serei mais feliz por ter a música.

Mas ela tem razão. Ela vai para a faculdade, e embora eu também possa ir, não será na mesma universidade. Podia ir com ela, mas... Não posso segui-la. Um dia, vamos precisar do nosso próprio trabalho, uma forma de nos sentirmos realizados.

– Se não tentares – diz ela – vais questionar-te mais tarde se não o deverias ter feito. Não atires essa culpa para cima de mim.

Solto uma risadinha fraca. Credo, dá-me um soco nos tomates, não?

– Se eu fizer isto, tenho uma condição também – digo-lhe, olhando-a nos olhos. – Quero que escrevas uma carta.

Ela exhibe um sorriso gigante.

– Uma carta? Vou escrever-te mais do que uma quando não estiveres cá.

– Não é para mim. – Abano a cabeça. – Para a Delilah.

A expressão dela fica subitamente séria. Consigo perceber que a ideia de enfrentar

esse demônio a deixa nervosa.

– Ela saiu de Falcon’s Well no sexto ano. Não saberia como a encontrar agora.

– Aposto que está apenas à distância de uma busca no Google. – Coisa que ela sabe. Está só à procura de uma desculpa para não enfrentar o problema.

Vira o rosto, ganhando tempo, mas empurro levemente o queixo dela de volta para mim.

– E se ela nem sequer se lembrar de mim? – pergunta. – E se não significou nada para ela e achar que sou uma idiota por continuar a remoer no assunto?

Semicerro os olhos.

– Mais alguma desculpa ou já terminaste?

– *Okay* – dispara como uma criança. – Eu faço-o. Tens razão.

– Ótimo. – E viro-a de costas para a cama e volto a prendê-la no lugar. – Agora despe-te. Tenho de recuperar o tempo perdido quando me for embora.

– O quê? – argumenta ela quando lhe tiro a blusa. – Recupera-se o tempo perdido quando se volta!

– Pois. Também podemos fazer isso.

EPÍLOGO

RYEN

Cinco Anos Depois...

– Ryen! – ouço chamar o meu nome. – Ryen, vá lá!

Abano a cabeça, divertida, quando subo o passeio em frente ao prédio onde vivo. O porteiro do edifício Delcour já está preparado com a porta aberta para eu conseguir escapar.

– Não, Bill – digo ao repórter do jornal *Times* quando ele e alguns fotógrafos correm até mim, bloqueando-me o caminho.

Tento contorná-los, mas estão em todo o lado. Empurro-os para conseguir passar por eles.

– Uma nomeação para um Óscar para Melhor Canção Original? – Bill Winthrop segura um gravador à minha frente. – Deve estar contente. Tem de ter algo a dizer! Vá lá.

– Está na caverna da escrita – digo, dirigindo-me para a porta. – Já lhe disse isso antes.

Viro-me, mostrando-lhe um olhar entediado, assim como aos outros tipos que estão acampados aqui há séculos.

– A sério, vocês estão aqui há meses. Tirem uma noite de folga. Arranjem um encontro com alguém.

Alguns dos repórteres e fotógrafos riem-se e ouvem-se os disparos das câmaras deles à minha volta.

– Sim, há meses que ninguém o vê – diz Bill em jeito de censura. – Como sabemos que ainda está vivo?

Inclino a cabeça para o lado e coloco as mãos nas ancas, tornando a minha barriga de grávida agora visível ainda mais saliente. – Obviamente, Misha está bem o suficiente para fazer isto, certo?

Ouço mais risos.

– Vocês sabem que o Misha gosta da privacidade dele – afirmo.

– Ele vai estar na cerimónia?

– Não, se o puder evitar. – E viro-me, entrando no edifício.

– É impossível! – ouço o berro frustrado de Bill e nem sequer me dou ao trabalho de esconder o meu sorriso.

– Também te amo! – digo por cima do ombro.

A sério, aquele deve ser o trabalho mais entediante de todos. Ficar à espera de ver se Misha sai para ir tomar café ou comprar um novo par de sapatos. Não vai durar para sempre, mas o meu marido preferiria evitar as atenções a todo o custo. No entanto, creio que isso só o torna mais atraente e misterioso. Acho mesmo que até criaram uma *app*, *Descubra Misha Lare*, como se fosse a porra do *Pokémon Go*, ou assim.

Porém, consigo compreender o desejo por ele. Acabou por se juntar a mim na Universidade de Cornell depois da *tournee* de verão, dizendo que as oportunidades dele podiam esperar. Tínhamos uma vida e ele recusava-se a fazer mais qualquer coisa sem mim ao seu lado. Ele esperaria.

Fiquei preocupada que ele pudesse perder uma grande oportunidade qualquer, mas Misha sabe quem é e o que quer.

E tinha razão. Não demorou muito tempo depois da faculdade para voltar a reunir os Cipher Core, com todos os membros originais, e começaram a açambarcar prémios e datas de *tourneés*.

Tem sido uma viagem dos diabos, e está só a começar.

Atravesso o átrio, vendo Rika a passar pela receção.

– Ei, como estás? – pergunta ela, carregando um saco de desporto.

Olho para os *leggings* dela, botas de cano alto pretas, e camisola comprida, e aqui estou eu, gorda como um planeta. Quando é que ela vai engravidar?

A mulher de Michael Crist – também de Thunder Bay – e eu tornámo-nos muito amigas, e como a mãe dela e o pai de Misha estão subitamente *bastante* próximos, é provável que acabemos por pertencer à mesma família.

Não me posso queixar. Todo o grupo de amigos deles é interessante, para ser comedida, mas são leais.

Lanço-lhe um olhar apologetico, gesticulando para os repórteres atrás de mim.

– Peço desculpa por tudo isto.

Mas ela limita-se a ignorar.

– Já aconteceu ao Michael, quando chega aos *play-offs*, mas não nesta escala. – Ela ri-se. – Na verdade, acho que está com inveja. Mas, ei, um jogador de basquete é um jogador de basquete. Uma estrela do *rock* é uma estrela do *rock*.

– Nem me lembres.

Ajeita o saco no ombro e continua a andar.

– Bom, vou ao *dojo* e depois a Thunder Bay para o fim de semana. Vemo-nos na segunda-feira, e diz ao meu futuro meio-irmão que disse olá – brinca.

– Assim farei. – E dirijo-me aos elevadores.

Subo até ao vigésimo primeiro andar, onde há duas *penthouses*, havendo apenas um andar acima de nós, o dos Crists. Adoro a vista e fico contente por Misha gostar de estar na cidade. Passamos tempo com o pai dele em Thunder Bay com frequência, mas a vida noturna, espetáculos e concertos são demasiado cativantes para estarmos longe deles. Gostamos da agitação que há aqui.

Uma vez lá dentro, sinto o cheiro de bifes a fritar, e o meu estômago ronca de imediato. Temos um ginásio no edifício, mas gosto das aulas no *dojo* de Rika, motivo pelo qual enfrentei os repórteres hoje, mas agora sinto-me faminta. E preciso de um banho.

Sinto braços envolverem-me por trás, segurando a minha barriga, e encosto-me, sentindo-me imediatamente relaxada. O cheiro intoxicante dele rodeia-me e preciso de contacto.

– Ajuda-me a tirar estas roupas – imploro.

Ele despe-me a camisola e ajuda-me a tirar o sutiã de desporto. Só estou grávida de seis meses – o nosso filho vai nascer em março – mas exagero no papel de donzela indefesa. Quanto mais me toca, mais feliz fico. E Misha não parece incomodado.

Depois de tirar as sapatilhas, meias e calças de fato de treino, viro-me, soltando o cabelo do meu rabo de cavalo.

Ele está incrível. Gosto desta prisão domiciliária que ele se autoimpôs. Tudo o que ele faz é andar pelo apartamento o dia todo, seminu, vestindo apenas as calças do pijama, a ouvir música e a deixar letras em sítios aleatórios. Estão escritas pelo frigorífico todo, em guardanapos, em *post-its* colados às paredes – o que começou a fazer quando se passou com os marcadores na tinta fresca do quarto.

Diz que faz tudo parte do seu processo criativo.

Que seja. Pelos vistos, funciona.

– Anda. – Ele puxa-me. – Preparei-te um banho de imersão.

Sigo-o até à casa de banho, vendo-o despir-se e entrar na banheira, e depois estica a mão, convidando-me a entrar.

Entro e sento-me do outro lado da enorme banheira, sorrindo com gratidão quando começa a massajar a minha perna.

– Os repórteres são loucos – digo-lhe. – Toda a gente quer um pedaço sobre ti.

– Bom, este pedaço quer-te a ti. – E pega-me no pé, empurrando-o suavemente para o meio das pernas dele.

Subo lentamente para cima dele, com uma perna de cada lado, mas incapaz de ficar peito a peito devido à minha barriga.

Ele pega no pequeno jarro prateado que tenho junto à banheira e começa a verter água no meu cabelo. Arqueio o pescoço para trás, sentindo o manto de calor a cobrir o meu cabelo e costas, fazendo-me gemer.

Beija-me o pescoço.

– Posso dizer-te uma coisa? – pergunta ele baixinho.

Olho para cima, encontrando os olhos dele, e assinto com a cabeça.

Ele alisa o meu cabelo para trás, olhando para mim com amor.

– Amo-te muito, e quando nos casámos tinha a esperança de que ficássemos juntos para sempre – afirma –, mas aquela coisa dos espelhos – diz, apontando para trás de mim para o *design* de parede que acabei de instalar – está a chatear-me profundamente. Perco o equilíbrio de cada vez que entro aqui.

Viro-me e sorrio, olhando para a variedade de espelhos instalados nas paredes, que refletem os espelhos na parede oposta.

Virando-me novamente para ele, levanto o queixo, acenando com a cabeça.

– Tu habituas-te.

– Dizes sempre isso – queixa-se. – Aguentei a lareira gótica no nosso celeiro convertido em Thunder Bay, as mesas feitas de apoios de máquinas de costura, o facto de ter de atravessar um guarda-roupa para entrar na suíte principal, mas estes espelhos...

Ele para a meio e beijo-lhe a face.

– É uma peça de conversação.

Ele lança-me um olhar pouco divertido.

Estremeço de tanto rir.

– Se te divorciares de mim, não faremos sexo.

Ele esboça um sorriso.

– Pois, calculei que não.

Que bebé! Ele sabia quando casou comigo que eu gostava de ser criativa. Mesmo não sendo muito boa nisso.

Estico a mão e giro a torneira, ligando o chuveiro sobre nós. A água cai atrás de mim, mas gera uma sensação agradável.

– Precisas de aparecer – digo.

Odeio pressioná-lo, e por norma não o faço, mas às vezes penso que ele não vive suficientemente a vida que tem.

– O Will está farto de ligar – faço notar – e até me chateou hoje no trabalho. Ele diz que tens de aproveitar o sucesso enquanto podes.

– E estou a fazê-lo – mantém, e aperta-me com mais força. – Tudo o que quero é fazer música contigo, e quero que as pessoas a ouçam e a adorem, mas não preciso de ser maior do que isto. Não preciso do falatório. Sou feliz.

Acaricio-lhe o rosto.

– A maioria das pessoas não têm a hipótese de ser um deus – digo. – Não sentes que estás a perder algo? Afinal, não vais viver para sempre.

– Não, mas a minha música pode.

Tem sempre a resposta perfeita para tudo. Tem razão. Não está a perder nada. Seria ele mais feliz sacrificando o tempo que temos juntos para o dar a outros? Não.

– E tu e eu nas letras – termina ele. – É isso que é importante e não vou tolerar nenhuma distração. Só tenho uma oportunidade de fazer isto bem e é o que estou a fazer.

Puxo-o até mim, beijando-o. Amo-o tanto.

Mas as palavras dele fazem-me lembrar o nosso *rapper* preferido, e afasto-me, incapaz de resistir a provocá-lo.

– Ei, «apenas uma oportunidade», tal como o Eminem em «Lose Yourself».

E começo a cantar a canção, berrando a letra a plenos pulmões.

Empurra a minha cabeça para trás, mergulhando-me no chuveiro enquanto eu guincho de riso.

Ei, o que é que eu disse?

*

FIM

Obrigada por ler e pelas críticas.
O vosso *feedback* é o melhor presente
que podem dar a um autor.

Na página seguinte poderão ler a carta de Ryen a Delilah.

Querida Delilah,

O meu nome é Ryen Trevarrow. Éramos amigas no quarto ano.

Não sei se te lembras de mim, sequer, mas eu lembro-me de ti. Na verdade, penso em ti muitas vezes. E se te lembrares de mim, então, por favor, continua a ler, pois há tantas coisas que gostaria de dizer.

Não tens obrigação nenhuma de ler, mas ficar-te-ia grata.

Por esta altura, tenho a certeza de que a tua vida – assim como a minha – mudou consideravelmente. As tuas memórias de mim – se as tens – podem variar entre o ressentimento e o tão ambíguo que mal entro no teu radar. Talvez não penses em mim há anos.

Mas, caso penses... Eu precisava de fazer isto. Talvez por ti, mas principalmente por mim. Sinto muita culpa, e mereço-a, mas há coisas que precisam de ser ditas, e já é mais do que tempo para o fazer.

A imagem continua na minha mente, sabes? Tu, encostada ao muro do recreio, sozinha por eu já não querer ser tua amiga. Não posso sequer imaginar o que estarias a pensar naquele dia e em todos os que se seguiram, mas espero que saibas que o que eu fiz e o que todas as outras pessoas disseram ou te fizeram passar nunca foi culpa tua. Foi minha, e tu estavas ali, simplesmente.

Gostaria de partilhar um segredo contigo. Nem ao meu melhor amigo, Misha, contei por ser tão embaraçoso.

Quando tinha nove anos, tinha uma rotina todos os domingos à noite. Por volta das seis horas, depois do jantar, começava a reunir todos os meus produtos de higiene: champô, amaciador, sabonete, esponja, corta-unhas, lima das unhas... Alinhava tudo no peitoril da janela por cima da banheira e durante a hora seguinte tomava um banho.

Sim. Ficava na casa de banho, a limpar, a esfregar e a certificar-me de que cada pedaço de cabelo cheirava *durante uma hora* a um riacho com aroma a lírios num prado da montanha. Depois, emergia finalmente e começava o processo de hidratação e limpeza das unhas.

Que cena, certo? Mas espera, há mais.

Depois, gastava dez minutos a passar o fio dentário e a lavar os dentes, ainda mais tempo a escolher a minha roupa, que obviamente tinha de ser passada a ferro e disposta para segunda-feira de manhã. Era uma nova semana, e era um novo eu. Ia ter mais amigos. Ia estar com as raparigas populares. As pessoas iam gostar de mim.

Pois na minha cabeça de nove anos de idade, o banho lavava mais que a sujidade diária. Lavava o meu velho eu, e de alguma forma, por eu polir a minha aparência, a minha personalidade também seria diferente como que por magia.

Isto passou-se durante um ano, praticamente. Mais de cinquenta domingos de grandes esperanças, e mais de cinquenta segundas-feiras a terminar sem uma maldita

coisa diferente da semana anterior. Não havia quantidade de água e sabonete, unhas perfeitas, ou cabelos bonitos que pudessem mudar o que eu odiava em mim no meu interior.

Que eu era tímida. Que eu era inibida e nunca quebrava as regras. Que me sentia tão desconfortável em grupos grandes e não conseguia falar facilmente com as pessoas. Que as minhas escolhas musicais e de filmes não eram como as dos miúdos médios.

Eu não pertencia a lado nenhum, pura e simplesmente.

Não tinha nada em comum com os miúdos que me rodeavam e, ao estar limitada ao meu pequeno ambiente, não conseguia encontrar ninguém com quem tivesse coisas em comum. Sentia constantemente que não encaixava. Como se tivesse entrado às escondidas numa festa e as pessoas esperassem apenas que eu percebesse a dica e me fosse embora.

Isso foi até te conhecer. Começámos a andar juntas e falávamos sobre tudo. Todos os dias, no recreio, caminhávamos pelo perímetro do campo e conversávamos sobre as coisas que tínhamos em comum. Tu eras bondosa e engraçada, ouvias-me e não me fazias sentir pressionada nem estranha. Estava feliz por ter finalmente uma amiga.

Até me começar a perguntar porque não tinha mais.

Nós continuávamos a andar e a falar, mas, mais cedo ou mais tarde, os meus olhos começavam a vaguear para onde estava toda a gente a brincar e a rir, e começava a sentir-me outra vez posta de parte. O que os tornava tão especiais para estarem rodeados de pessoas? Porque pareciam sempre mais felizes e parte de algo melhor? Como é que não conseguia fazer o que faziam e comportar-me como eles?

Cheguei à conclusão de que precisava de me ver como sendo melhor antes de ser melhor. E por melhor, quero dizer popular. Ao posicionar-me num pedestal com qualquer comportamento feio que conseguisse, acreditava que me estava a elevar. E, de certa forma, acho que estava. Ao ser má, conseguia aqueles amigos que pensava querer.

Mas não há nada que possa dizer que justifique o que te fiz. Sei disso. Até uma criança sabe como ser simpática. Mas queria que soubesses que lamento. Eu estava errada e arrependo-me. Foi a primeira de uma longa série de ações que me tornaram uma rapariga muito infeliz, e agora vejo o quão valiosa uma boa amiga é verdadeiramente e o quão pouco aqueles miúdos populares significam neste mundo tão vasto.

Não posso mudar o passado, mas farei melhor no futuro.

Desculpa se te incomodei. Se estás a ler isto e te perguntas porque é que fiquei a pensar numa coisa que provavelmente foi tão insignificante, talvez estejas rodeada por uma vida fantástica e toneladas de felicidade, e eu nem sequer uma memória sou.

Mas se te magoei, lamento. Quero que o saibas.

Foste uma boa amiga e merecias melhor. Obrigada por teres estado lá para mim quando precisei de ti. Quem me dera ter feito o mesmo.

Com amor,
Ryen

NOTA DA AUTORA

Se está a ler isto espero que isso signifique que acabou de ler o livro. E se for esse o caso, então fico muito contente.

Punk 57 foi um livro diferente de escrever, e difícil. Nós, leitoras de romances, podemos ser muito duras com as nossas heroínas. Muitas vezes revemo-nos naqueles papéis e comparamos as decisões delas com as decisões que tomaríamos no seu lugar. Tendemos a julgá-las mais severamente do que aos heróis, pois esperamos que correspondam às expectativas que impomos a nós próprias. É por isso que muitas heroínas são frequentemente inocentes, tímidas e bondosas com bons corações. Ver estas mulheres encontrar o poder delas é uma viagem divertida. São fáceis de amar.

Ryen, por outro lado, não foi. Em especial nos primeiros capítulos.

Ao saber disto, é óbvio que estava bastante assustada. Esperava apenas que se mantivesse ao lado dela o tempo suficiente para ver como ela mudou e acabar por ter orgulho nela.

A necessidade por reconhecimento, adoração e inclusão de Ryen ecoa em todas nós. Vemo-lo sempre. Não existe uma criança que queira ser diferente. Querem pertencer, desejam a aprovação dos outros e, na maioria das vezes, ainda não são mentalmente fortes para estarem sozinhas. Porém, à medida que envelhecemos, a maioria de nós desenvolve essa capacidade. Aprendemos que não há nada melhor que amar-se a si mesmo verdadeiramente, mesmo que tal signifique que os outros à sua volta não o façam. Descobrimos alegremente que simplesmente já não queremos saber.

E a sensação é ótima.

Mas a maioria de nós já fez coisas – coisas injustas – em nome de se preservar a si própria. Essa era a história que queria contar. Ryen odiava quem ela era, tentando ser diferente e tentando encontrar uma forma de as pessoas a verem, finalmente, só para depois descobrir que se odiava ainda mais. Mentir a si mesma nunca a faz avançar.

Obrigada por ler e obrigada por (espero eu) ter acabado a história. E a quem quer que esteja por aí que possa ter-se identificado com o que as personagens passaram – lembre-se, simplesmente: tudo melhora, você é importante e insubstituível.

Agente. Vai encontrar a sua tribo.

*

Penelope Douglas

LETRA DE PUNK 57

*Tudo vale quando todos sabem
Onde te escondes quando os altos deles são os teus baixos?
Tanto, tão difícil, tão demorado, tão cansado,
Eles que devorem até seres reduzida a nada.*

*

*Não lamente os teus pequenos lábios brilhantes,
O que saboreiam acaba por perder o seu sabor
Quero lambe-la, enquanto ainda sabes a ti.*

*

*Marca-o, diz a cheerleader
Prometo que voltamos aqui.
Antes tenho merdas a fazer. Não esperarás muito.*

*

*Não consigo obrigá-la a ficar,
e não consigo vê-la partir.
Vou guardar o coração infernal dela,
e marcá-lo antes que enregele.*

*

*Cinquenta e sete vezes que não liguei
Cinquenta e sete cartas que não enviei,
Cinquenta e sete pontos para respirar de novo, e então finjo, foda-se.*

*

*Cinquenta e sete dias para não precisar de ti
Cinquenta e sete vezes para desistir de ti
Cinquenta e sete passos para me afastar de ti
Cinquenta e sete noites de nada a não ser tu.*

*

*Não passo do marginal para passar tempo
A tua caixa de ressonância, a tua emoção secreta.
Algo me diz que estás prestes a desabar,*

Pois preciso de ser mais para ti que apenas tempo a gastar.

•

Marca-o, diz a cheerleader

Prometo que voltamos aqui.

Antes tenho merdas a fazer. Não esperarás muito.

•

Não consigo obrigá-la a ficar,

e não consigo vê-la partir.

Vou guardar o coração infernal dela,

e marcá-lo antes que enregele.

LETRA DE PEARLS

*Uma imagem vale mil palavras,
Mas as minhas mil palavras cortam mais fundo.
O que não nos mata torna-nos mais fortes,
Que se foda, escondo-me e procuro.*

*

*Trata os outros como queres ser tratado,
Mas e se esta noite quiser ser queimado?
Disseste-me que mais vale prevenir que remediar,
E a irmãzinha ouviu, mas fui eu quem aprendeu.*

*

*Colhe, colhe, colhe, nem sequer sabes,
Tudo o que sofreste foi o que semeaste!
Necessita, medica, erradica, ressuscita.
Engole as tuas Pérolas, mas para mim era demasiado tarde.*

*

*Faz melhor, sê mais, demasiado, demais,
Estou prestes a engasgar-me, não consigo engolir.
Por isso pendura as pequenas Sabedorias e enrola-as ao meu
pescoço,
Vou estrangular-me com as tuas Pérolas de Sabedoria e morrer
um desastre.*

*

*Disseste-nos para nos prepararmos agora e brincar mais tarde,
Mas o que há aqui é melhor do que há lá fora.
Peguei num guarda-chuva para me proteger da chuva,
Mas o relâmpago caiu e tu não te importaste.*

*

*Colhe, colhe, colhe, nem sequer sabes,
Tudo o que sofreste foi o que semeaste!
Necessita, medica, erradica, ressuscita.
Engole as tuas Pérolas, mas para mim era demasiado tarde.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, aos leitores – tantos têm estado aqui, a partilhar o vosso entusiasmo e mostrando o vosso apoio, todos os dias, e sinto-me tão grata pela vossa confiança constante. Obrigada. Sei que as minhas aventuras nem sempre são fáceis, mas adoro-as, e fico contente por muitos outros também gostarem.

À minha família – o meu marido e filha aguentam com o meu horário de loucos, com os meus papéis de rebuçados e quando fico a olhar para o vazio sempre que penso numa conversa, numa reviravolta no enredo ou numa cena que acaba de surgir na minha mente à mesa de jantar. Vocês aguentam mesmo com muito, por isso, obrigada por ainda assim me amarem.

A Jane Dystel, a minha agente na Dystel and Goderich Literary Management – não há hipótese nenhuma de eu alguma vez te deixar, por isso vais ter de levar comigo.

À House of PenDragon – vocês são o meu lugar feliz. Bem, vocês e o *Pinterest*. Obrigada por serem o sistema de apoio que preciso e por serem sempre positivos.

A Vibeke Courtney – a minha editora independente que passa os meus movimentos a pente fino. Obrigada por me ensinares a escrever e dizeres as coisas como elas são.

A Kivrin Wilson – vivam as raparigas caladas! Temos as mentes mais barulhentas.

A Ing Cruz no blogue «As the Pages Turn Book» – o teu apoio é feito de coração, e não sei como te agradecer. Obrigada pelos lançamentos-relâmpago, as *tournées* de blogues, e por estares ao meu lado desde o início.

A Milasy Mugnolo – que lê, dando-me sempre aquele voto de confiança que preciso, e se certifica de que tenho ao menos uma pessoa com quem falar numa sessão de autógrafos.

A Lisa Pantano Kane – desafia-me com as perguntas difíceis.

A Lee Tenaglia – que cria belas obras de arte para os livros e cujos quadros no *Pinterest* são a minha droga! Obrigada! A sério, tens de abrir um negócio. Devíamos falar.

A todos os *bloggers* – há demasiados para nomear, mas sei quem vocês são. Vejo as publicações e as identificações e todo o vosso trabalho árduo. Passam os vossos tempos livres a ler, a rever e a promover, e fazem-no sem remuneração. Vocês são a força de vida do mundo dos livros, e quem sabe o que faríamos sem vocês. Obrigada pelo vosso esforço incansável. Fazem-no por paixão, o que torna tudo ainda mais incrível.

A Samantha Young, que me apanhou de surpresa com um *tweet* sobre ter lido *Falling Away* quando eu nem sequer sabia que ela sabia quem eu era.

A Jay Crownover, que veio ter comigo numa sessão de autógrafos, se apresentou, e disse que adorava os meus livros (limitei-me a olhar para ela).

A Abbi Glines, que deu aos seus leitores uma lista de livros que lera e adorara, e um deles era meu.

A Tabatha Vargo e Komal Petersen, que foram as primeiras autoras a enviar-me uma mensagem depois do lançamento do meu primeiro livro para me dizerem o quanto adoraram *Bully*.

A Tijan, Vi Keeland, Helena Hunting, Penelope Ward e Penny Reid, por estarem lá quando precisei de vocês.

A Eden Butler e N. Michaels, que estão prontas para ler os meus livros num ápice e dar-me *feedback*.

A Natasha Preston, que me apoia.

A Amy Harmon, pelo encorajamento, positividade, apoio e coragem para quebrar o molde.

E a B.B. Reid, por ler, partilhar as senhoras comigo e dar-me um tutorial sobre o *Caliber* à meia-noite e meia. Serei mais simpática quando começares a partilhar o teu chocolate.

É uma validação, ser reconhecido pelos nossos pares. A positividade é contagiosa, por isso, obrigada aos meus colegas autores por espalharem tanto amor.

A cada autor e aspirante a autor – obrigada pelas histórias que partilharam, muitas das quais me fizeram uma leitora feliz na busca por um escape maravilhoso e uma melhor escritora, tentando corresponder aos vossos padrões. Escrevam e criem, e nunca parem. A vossa voz é importante, e desde que venha do coração está correta e é boa.